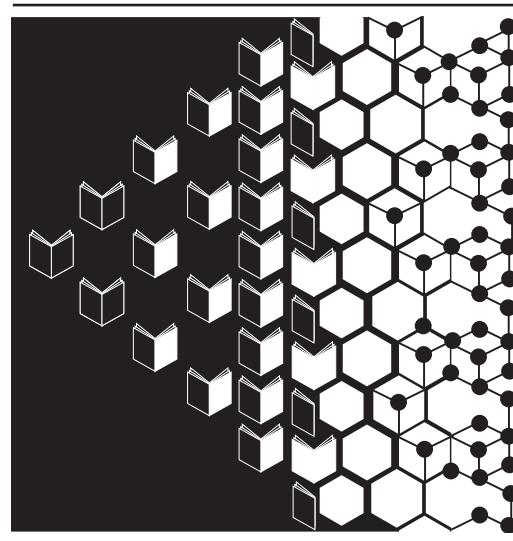


Aléxia Brasil

Cordel:
memória e comunicação em rede



Programa de Estudos Pós-graduados
em Comunicação e Semiótica



PUC/SP
São Paulo
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Aléxia Brasil

Cordel:
memória e comunicação em rede

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título
de Doutor em Comunicação e Semiótica sob a
orientação do Prof. Dr. Rogério da Costa Santos

Programa de Estudos Pós-graduados
em Comunicação e Semiótica



PUC/SP
São Paulo
2006

Banca Examinadora

Agradeço:

À árvore institucional que abrigou a tese:
UFC
CAPES
PUC
MAUC
IEB

Aos que iluminaram a pesquisa:
Rogério da Costa
Gilmar de Carvalho
Jorge Vieira
Edilene Matos
Silvio Ferraz
Jerusa Pires Ferreira
José Fernando
Roberto Benjamin
Pedro Eymar
Flávio
Margarida Oliva
Liberal
Lemenhe
Ricardo Bezerra e Beth
Renato Pequeno
José Maria

Aos que compartilharam memórias:
José Lourenço, Cícero, José Airton, Jussiê, Francorli, João Pedro
J. Borges, Dila, Marcelo Soares, Olegário Filho, Neva
Maria de Icapuí

Aos que somaram ajuda e amizade:
Adriana, Larissa e Ana Cecília
Weberson
Rodrigo, Renan e Vitor
Fadon
Andréia, Lucila, Arenas e Márcio
Juliana, José e Cleide
Cris, Patricia, Michelle e Nancy
Drica, Ricardo e Hernane
Gabi

À rede de afeto e cuidado, que me sustenta, me constrange e me ensina:
Paula e Alcino
Ana, Leo e Mel e Lorão e Mônica e João
Adriana, Tibico e Pedro
Vanessa, Filipe
Joana, Arthur e Tuca e Paulinha
João, Regina e Vivi
André, Georgeana e Andrezinho
João, Mirtinha e Thaís e Sarah
Paulo, Paula e Maria Clara e Pedro
Esther e Pedro
Zeneide, Didi, Dweyne, Filipe, Petinha e Sérgio

Ao meu par:
Daniel.

RESUMO

Há pouco mais de cem anos eram impressos os primeiros “folhetos de feira” no Brasil. Entre a tradição e a invenção se estendeu por partes do país uma rede de divulgadores do que veio a ser chamado cordel. A rede de cordéis, índice de memória e criação coletivas, se estendeu também no tempo. Sua oficina conheceu outras tecnologias de comunicação até a rede de computadores interconectados.

O objetivo desta pesquisa é entender o cordel como uma solução de comunicação em rede e de memória compartilhada. Uma rede de produção que se dissemina através de poetas, cantadores, gráficos, editores, agentes, leitores e ouvintes. Papéis que podem ser permutados e sobrepostos em uma rede de trocas materiais e de informações. Saberes que circulam e permanecem através das práticas de cultura oral e até das constantes atualizações das tecnologias de comunicação. Os aspectos relacionados se imbricam e se revelam em uma rede de idéias. As idéias circulam embaladas em um material precário. Se idéias permanecem é pela recorrência operada pelas escolhas da capilaridade mais fina e numerosa da rede, em um processo de memória social.

São distintas as linhas de investigação que tecem a pesquisa. A linha que concerne ao cordel e interroga-se sobre seu imaginário, sobre a forma de cartografar sua produção e observar suas práticas. A linha que inclui o cordel mas também corresponde ao acompanhamento e atualização das formas de comunicação em rede e suas mediações tecnológicas. Ainda, linhas mais gerais, referem-se aos problemas da comunicação, da representação do conhecimento e sua relação com os suportes da memória.

Dentre as áreas teóricas e autores destacamos, sobre o cordel, Câmara Cascudo, Rute Terra, Geneviéve Bolleme e os estudos da cultura oral de Paul Zumthor, Jerusa Pires Ferreira, Gilmar de Carvalho. Da teoria das redes e teoria geral dos sistemas: Michel Serres, Pierre Rosentiehl e Jorge Vieira. Em metodologia de estudos de redes, redes de comunicação e cultura digital: Barry Wellman, Wasserman e Faust, e Rogério da Costa.

Um coletivo de folhetos de cordel, catalogados durante a pesquisa, dá suporte à tese da rede de cordéis. Através de índices gravados na quarta capa são desenhados os mapas da rede de trocas. Dos temas, narrativas e imagens, fixados em folheto, se esboça a hipótese da rede de idéias. A estruturação da base de dados é em si uma experiência de estabelecer conexões mais que classificações excludentes. Para além desta experiência, entende-se como as idéias do cordel sobrevivem através das atualizações tecnológicas e conectam pessoas.

ABSTRACT

The first fair pamphlets were printed in Brazil just over one hundred years ago. Between tradition and invention a wider network was spread around the country and was called “cordel”. A cordel network, index of memory and collective creation has also expanded in time. Its production knew other communication technologies until the interconnected computer network.

This research objective is to understand cordel as a shared memory and network communication solution. A production network which spreads throughout poets, singers, graphics men, editors, agents, readers and listeners. Roles that can be exchanged and superimposed in a material and information exchange network. Knowledge that circulates and stays through oral cultural practices and also by constant development in communication technology. These related aspects overlap and are revealed in a network of ideas. The ideas circulate in precarious materials. If the ideas stay is throughout the recurrence operated by the numerous and finest capillarity network choices in a social memory process.

The investigation lines that weave the research are distinct: the line that concerns cordel and questions about its imaginary, about the way to map its production and observe its practice; the line that includes cordel but also corresponds to following and bringing up-to-date different natures of communication networks and their technological mediations. There are still other more general lines that refer to communication problems which go from the representation of knowledge to their relation to supports of memory.

On the subject of cordel , among the theoretical areas and authors, we point out, Camara Cascudo, Rute Terra, Genevieve Bolleme and the oral culture studies of Paul Zumthor, Jerusa Pires Ferreira, Gilmar de Carvalho; from network theory and general system theory: Michel Serres, Pierre Rosentiehl e Jorge Vieira; from studies related to network investigation methodology, communication networks and digital culture: Barry Wellman, Wasserman and Faust, and Rogério da Costa.

Cordel pamphlets catalogued along this research, give support to the thesis of a cordel network. Exchange network maps are drawn through indexes recorded on the fourth cover. An idea network hypothesis is sketched from themes, narratives and images settled in fair pamphlets. Structuring the data base is itself an experience of establishing connections more than making an excluding classification. Over this experience, we understand how ideas expressed in cordel survive technology updates and connect people.

Introdução	8
<hr/>	
I. A vida do cordel ou a rede da memória	11
<i>reconhecimento:</i>	
Mais uma do cordel	12
Designado, classificado, encadernado, digitalizado	18
O encontro do folheto com o livro	23
<i>conhecimento:</i>	
ABC do cordel	26
Uma rede pra pegar a rede	30
Marco da pesquisa	34
Redes sociais, tecnológicas e de idéias	39
<hr/>	
II. Trocas, território e tempo	
<i>cordelistas e folheteiros:</i>	
Rede social e rede de trocas	42
Papel na letra e na posse	45
Papéis em nomes e números	51
autor, cantador e poeta	53
editores e casas editoras	55
agentes e revendedores	56
Relação entre pares	58
Os índices da rede nos folhetos	60
Grandes estrelas, redes mínimas	72
O impreciso o incontável o ignorado	87
<i>rede de transporte e comunicação em rede</i>	
Conexão	90
Todas as cidades	92
Dos grafos aos mapas	94
Muito pasto e pouco rastro	97
Juízo para os anos 10 e 20: trem e tipografia	98
Juízo para os anos 30 e 40: migração e romaria	102
Juízo para os anos 50 e 60: rádio, televisão e rodovia	105
Juízo para os anos 60 e 70: mercado, museu e livraria	107
Juízo para os anos 80 e 90: offset e inkjet	111
Redes de cooperação	117
O fio da confiança	121
<hr/>	
III. Idéias na rede e rede de idéias:	
Capital Cultural, memória, autonomia	128
Idéias conforme seus sinais	132
Insistência das idéias	135
Cartografia de idéias	136
Qualidade das idéias	148
Cordel, rede e comunicação	153
<hr/>	
Considerações Finais:	
Idéias para mais cem anos de cordel	157
Acervo vivo de D. Maria	161
<hr/>	
Referências Bibliográficas	163

C

omecei a me interessar pelo cordel pelas suas imagens. Estampas da capa, zincotipia e xilografia, composições com os tipos, elementos decorativos, as soluções rebuscadas e versões econômicas.

Depois foi imagem, texto e som, na experiência do Cordel Digital¹. Dos rastros da voz no texto impresso, o roteiro não linear que já estava lá. Texto-imagem, som-texto, imagem em movimento. Pra fazer um cordel digital, fui observar suas práticas, sua rede.

E a rede foi o que me pegou dessa vez.

A pesquisa do cordel foi acolhida no Laboratório de Inteligência Coletiva². As reflexões giravam em torno das formas de organização que emergem com o contato remoto potencializado pelas tecnologias digitais, com ou sem fio. Eu pensava em folhetos de feira, do espalhamento das narrativas, e das suas estratégias de permanência. Afinal, o mote comum eram as tecnologias que conectam pessoas.

Sistemas de cooperação existem tanto na oficina quanto na disseminação do cordel. Sua memória partilhada se faz reinventar e se adapta por ação das escolhas coletivas. De muitos para muitos, sem coordenação única, embora o sistema tenha permitido o aparecimento de centralizações, mesmo que temporárias.

As imagens da rede não estavam estampadas em cada folheto, mas se desenhavam entre os folhetos, entre editoras, entre pessoas, entre cidades, entre idéias.

1. *Cordel Digital*: Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica defendida na PUC/ SP, sob a orientação do prof. Dr. Rogério da Costa Santos. Fevereiro de 2002.

2. LINC- Laboratório de Inteligência Coletiva PUC-SP.

As cartografias só serão reveladas tomados os folhetos em conjunto. Algo de informação escapa ao folheto, e a lógica do sistema vai se desenhar a partir de percepções de linhas mais sutis que as conexões amarradas nos papéis.

O trabalho a ser enfrentado não era pequeno e seria necessário estruturar uma base de dados para dar conta de tanta informação. O que me moveu não foi a pretensão de um desenho definitivo da rede de distribuição de folhetos de cordel no país no último século, mas a esperança, de estar investigando algo essencial para o entendimento de algo mais amplo, que é a cultura. Não a cultura *do cordel*, mas que passa *pelo cordel*.

A tese conta de caminhos por labirintos, e foi um custo colocar em linha de texto, o que é rede.

O capítulo I possui dois tempos. O primeiro, correspondente aos três primeiros tópicos, é um reconhecimento dos estudos sobre a literatura de folhetos, e estudos mais gerais aos quais as pesquisas sobre o cordel se filiaram, sobretudo nos últimos 50 anos. Os três tópicos seguintes correspondem ao segundo momento, e fazem conhecer a proposta da tese em tratar o cordel como um sistema em rede.

Quando o capítulo I segue o desenrolar histórico é *a vida do cordel*. Quando desfia as linhas teóricas é *a rede da memória*. Por fim, diz do fio que há de se seguir. Cada um de seus aspectos, social, tecnológico e sígnico, vai se desenhar de forma diferente. Os aspectos são separados nos capítulos que seguem, mas se sabem fortemente imbricados.

O capítulo II trata da rede de trocas no território e no tempo. A princípio, se fala de um conjunto que embora grande, se destaca do todo: folheteiros e cordelistas. Serão os grandes editores e seus agentes, suas decisões locais desenhando compondo configurações gerais. No segundo momento, o capítulo II trata das condições de ambiente. No que concerne aos fatos, foi privilegiado tudo que se referisse as redes de comunicações e de transportes. As linhas de conexão são as que contam, não as fronteiras. Da superfície da terra varada de caminhos, volta-se aos papéis tomados no capítulo II, para especular sobre modos gerais de movimento no plano. Acompanha-se a formação da rede mais de uma vez. Entre as duas séries há uma alternância figura/fundo. Fosse uma escritora mais hábil, teria disposto cada fase das duas séries paralelamente. Ocorreram inevitáveis repetições. Perceba-se que quando uma ilustração ou narrativa for chamada duas vezes, em uma o protagonista é a expressão da vontade, noutra a condição de ambiente.

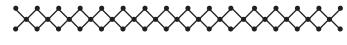
O último capítulo trata de uma rede idéias. Sobre ele basta dizer que não fossem as idéias o que circula na rede, não nos interessaria esta pesquisa. Melhor, idéias não são o que circulam na rede, mas são a própria rede.

Este volume comporta além da tese *Cordel: memória e comunicação em rede*, relatórios gerados a partir da base de dados Baú-folhetos³, estruturada e alimentada para dar suporte à pesquisa. Esta base compila pouco mais de mil folhetos catalogados: Entre exemplares raros e antigos, consultados em instituições que cuidam da memória; entre um grande número de folhetos, romances e almanaque recolhidos por outros pesquisadores, que emprestaram suas coleções para esta pesquisa; entre um bocado de impressos que venho juntando desde 2000; até a coleção, gasta e lida, de uma ouvinte de histórias, que me permitiu fotografar seu pequeno acervo.

3. IMPORTANTE: Os folhetos reproduzidos no corpo da tese apresentam, entre parêntesis, o seu código de identificação nas fichas de Baú-folhetos. O código é formado pelas iniciais do nome das coleções mais número de cadastro.

Por exemplo: (GC 0060) é da coleção Gilmar de Carvalho e corresponde ao romance “Pavão Misterioso”.

CAPÍTULO I



A vida do cordel

ou

a rede da memória



Mais uma do cordel

Como de histórias se faz folheto, e de folhetos se faz história.

A história do cordel é contada cada vez que algum estudo social, de folclore, de literatura ou da história das práticas toca a produção popular de folhetos. A história do cordel remete à história da colonização portuguesa e passa pela história dos ciclos econômicos e das migrações, dos transportes e da integração nacional, da conquista de máquinas de impressão e da história dos meios de comunicação no Brasil. A história do cordel é tecida de histórias de vida de gente, poetas, editores, agentes, leitores, ouvintes, seus acordos e suas intrigas. Mais que tudo, a história do cordel é parte da história da disseminação de narrativas, do processo de esquecimento e escolha coletiva e da permanência de idéias em forma de memória social.

Um bom começo seria contar a história do cordel, se houvesse uma apenas. Mas são inúmeras histórias de tantas fontes que é cada história um pouco de quem a conta. Por isso conta-se algo diferente a cada vez.

Dizem que o que hoje chamamos cordel começou sem ter ainda esse nome. Tinham outros nomes em outras línguas, histórias antepassadas. Começou aqui por influência de romances trazidos de Portugal, como *A Princesa Magalona* e *a História da Donzela Teodora*, depois já impressos no Brasil, com a instalação da Impressão Régia a partir de 1815. Os pequenos livros traziam enredos cujas origens, orais ou manuscritas, se perdem nas antigas civilizações entre histórias de cavalaria e de mil e uma noites.

Outros dizem que por esse tempo a poesia já corria solta no sertão: O cantor de sertão – face cultural da economia sertaneja – e as pelejas entre cantadores, animavam as festas bem antes da impressão de folhetos. Só por volta de fins do século XIX que pas-

sam a se materializar narrativas adaptadas ou nascentes no Brasil, na forma das pequenas brochuras. Aqui, devido a condições de ambiente, conservam rima e voz na convivência com texto impresso.

Trazida de muitas origens, adaptada ou recriada no novo solo, seria estranho atribuir a geração de uma literatura dita popular, a um único punho. No entanto, o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1868-1918) é reconhecido como pioneiro na impressão de folhetos de própria autoria ou transcritos em versos de sua criação, isso por volta de 1889. Nascido no Sertão da Paraíba, terra de cantadores, quando menino deve ter escutado muita cantoria. Feito homem, estréia um novo papel, o de “poeta de gabinete”. Por outro lado, já se disse que é bastante provável que algum folheto tenha sido impresso nas oficinas gráficas dos jornais antes do aparecimento dos romances de Leandro Gomes de Barros. Ariano Suassuna não crê que Leandro seja o primeiro. Escreve que Câmara Cascudo disse que quem começou isso tudo foi Silvino Piruá de Lima (1848-1913), o discípulo de Romano da Mãe-d’água e irmão de leite de Josué Romano. Mas disso, ele também duvida.

Apesar de Leandro Gomes de Barros mesmo gabar-se de ser “o primeiro sem segundo” (cf. Terra, 1983:49). Importa menos saber se foi ele o pioneiro, de fato, e mais que não foi o último. Leandro tornou-se conhecido por seus mais de cem romances, seus versos contagiaram muitos que passaram a compor e a publicar folhetos, primeiro nas tipografias dos jornais, depois também pela mão de poetas-editores. Poucas décadas passaram do primeiro folheto (de sabe-se lá quem) e já se encontravam poetas e editores produzindo centenas de títulos, mais um bocado de ambulantes e agentes a distribuí-los nos mercados das cidades, e um incontável número de gente a comprá-los.

Até 1930, Rute Terra somou 20 tipografias que imprimiram folhetos no Brasil, entre aquelas de editores poetas e jornais (Terra, 1983:24). Francisco das Chagas Batista (1882-1930) e João Martins de Athayde (1880-1959) foram dois desses poetas de gabinete que logo tornaram-se também donos de oficina tipográfica. O próprio Leandro chegou a comprar um prelo, mas ocupado com a escrita e as viagens, não teve na empresa o mesmo sucesso que suas publicações alcançaram. Chagas Batista levou o prelo de Leandro, e montou, em 1913 a Livraria Popular Editora, na capital da Paraíba. Em 1921, Athayde, que tinha sua própria tipografia em Recife desde 1909, comprou da viúva de Leandro, os direitos de reprodução de seus folhetos.

A primeira metade do século viu nascer e morrer a Guajarina (1914-1949), tipo-

grafia de Francisco Rodrigues Lopes (1883-1947). Situada em Belém no Pará, foi grande distribuidora da obra de Leandro Gomes de Barros e incentivou o aparecimento de poetas no norte do país. No mesmo ano de 1949, João Martins de Athayde fecha sua casa editora e vende ao alagoano José Bernardo da Silva (1901-1979) suas máquinas, clichês e direito de reprodução de títulos— os seus e os de Leandro Gomes de Barros. A partir de então, a Tipografia São Francisco, de José Bernardo passa a ser um dos grandes difusores de folhetos, pela compra avulsa, na carona dos movimentos de romaria à Juazeiro do Norte ou para qualquer cidade do país onde houvesse um agente disposto a revendê-los.

Ainda no meio do século, escreve Câmara Cascudo: “Cada ano mais de mil folhetos são impressos no interior do Brasil e espalhados como fôlhas por todo o território, em mais de 200.000 exemplares” (1953: 11). A medida de reprodução do folheto era o milheiro, e alguns títulos sempre pediam reedições. Pela quantidade, folhetos de feira que tinham como destino leitores de poucas letras, acabaram por chamar a atenção de alguns literatos. Pelo reconhecimento das qualidades que as publicações brasileiras guardavam em semelhança com folhetos portugueses, passaram a chamá-los, a partir dos anos 60, “folhetos de cordel” ou “Literatura de Cordel”.

A partir de 1975 a Tipografia São Francisco passa a estampar “Literatura de Cordel José Bernardo da Silva Ltda”, em suas quartas capas. Por essa época já disputa mercado com a Casa dos Horóscopos, também em Juazeiro do Norte; com A “Estrella” da Poesia na Paraíba e, no sudeste do país, com a Luzeiro de São Paulo. Isso para falar apenas das grandes editoras. Destas, a Luzeiro (antiga Prelúdio) aumenta o tamanho do folheto e estampa ilustrações coloridas nas capas. Aumenta também as tiragens e a velocidade de produção, com uma impressão menos artesanal. Em ritmo de indústria, divulga contar com uma rede de cerca de 1000 distribuidores no país. Distribuidores anônimos, no lugar dos agentes.

Até hoje pouco se consegue explicar sobre o fluxo de atenção capitalizado pelo cordel. Na medida em que ganha espaço nas livrarias, parece perdê-lo nas praças. Na peleja pela atenção, o poeta-editor conta ter enfrentado a disseminação dos aparelhos de TV. Antagonistas de outra ordem também são citados, como a inflação, o aumento no preço do papel. Talvez, nenhum deles seja mais invencível que o tempo. Os grandes poetas editores envelheceram. Com a morte de José Bernardo, em 1979, começa a desfazer-se a estrutura da sua empresa familiar. A rede de agentes, baseada em uma relação de confiança pessoal, resiste enquanto duram os nós.

Resistência é a palavra invocada pelos continuadores do cordel. Dos anos oitenta até hoje, grande parte das tipografias tradicionais de cordel fechadas, poetas, doravante cordelistas, se arranjam como podem. Muitos publicam de modo independente. A tipografia de José Bernardo, hoje Lira Nordestina, resiste bravamente, lutando com o cata-cata de tipos móveis. As vezes soluções mistas tentam acompanhar a pressa do presente com algum traço de tradição. É a solução de Abraão Batista, em Juazeiro do Norte, Dila e J. Borges, em Pernambuco: a xilogravura é digitalizada, para ser transferida à chapa metálica, usada na indústria gráfica, do ofsete. O prelo de matriz plana, nesses tempos de suporte eletrônico, não demora a ser também peça de resistência.

Outro caminho seguiu João José da Silva, que depois de fechada sua Luzeiro do Norte, em 1964, voltou a editar seus folhetos, em 1996. Agora compostos no computador e impressos em jato de tinta, “com a orientação de pessoas amigas e auxílio dos filhos”, conforme declarado no folheto¹. As soluções gráficas, ensaiadas no novo meio, vão encontrar pela mão de Marcelo Soares (filho de José Soares – o Poeta Reporter) uma boa forma.

Forma e função. Marcelo, que guarda a memória do pai e o aprendizado na oficina gráfica da Casa da Criança de Olinda, comprehende o tanto de comum que há entre a imprensa manual e a sua impressora a laser, em termos de qualidade gráfica e autonomia.

Novas folhetarias surgem também no modelo das grandes editoras, como a Tupy-nanquim, em Fortaleza e a Coqueiro, em Recife. Folhetos são reproduzidos em ofsete, que hoje se vale da tecnologia digital na produção de filmes para suas matrizes. Seus folhetos, contudo, não se assemelham aos da Luzeiro de São Paulo, pioneira do ofsete no ramo, mas repetem a forma consagrada na indústria de Athayde, no papel fosco, no formato e na economia de cores.

Virado o milênio, cordel estendido, linguagem disseminada, poetas gravando CDs, outros publicando na rede mundial de computadores. Imagens com a aspereza do corte da madeira animam livros, a campanha publicitária, o filme. Questões de identidade continuarão a ser problema dos pesquisadores. E a história continua.

Narrativas históricas são formas de conhecer. Entre as estratégias mais tradicionais tratam de procurar origens, ordenar processos em datas, identificar lugares e nomear gente. Para contar uma história do cordel, citamos até agora apenas uns poucos nomes: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde, José

1.Com a morte de João José da Silva, em 1998, os folhetos continuam sendo publicados por seus herdeiros.

Bernardo da Silva, João José da Silva, Francisco Rodrigues Lopes, José Francisco Borges, Marcelo Soares. E de poucos, poucos fatos: mudanças, abertura e fechamento das oficinas gráficas. Ficaram implícitos os movimentos repetidos e todo trabalho feito nos espaços entre nascimentos e mortes.

Faltou falar da vida de muita gente. Joaquim Batista de Sena, Antônio Américo, Apolônio Alves dos Santos, Manoel Caboclo da Silva, Gonçalo Ferreira, Manoel Camilo dos Santos, Rodolfo Coelho Cavalcante, João Ferreira Lima, Jonas Alves Crispim, José Alves Pontes, todos editores-poetas.

Resta contar dos poetas de bancada, poetas andantes, poetas que fazem capas, gráficos que fazem poesia, agentes que tornam-se editores, editores que agenciam, os filhos que ajudam ou não ajudam, e as mulheres que, de primeiro, faziam o comércio na residência e acabamentos, mas aqui ali, aparece uma para fazer poesia.

Sempre haverá pra contar uma das incontáveis histórias dos leitores². Do folheto partilhado, das leituras coletivas, dos ouvintes, da vontade de ler, da carta do abc, da vontade de escrever. Do verso sabido de cor, enganando a leitura.

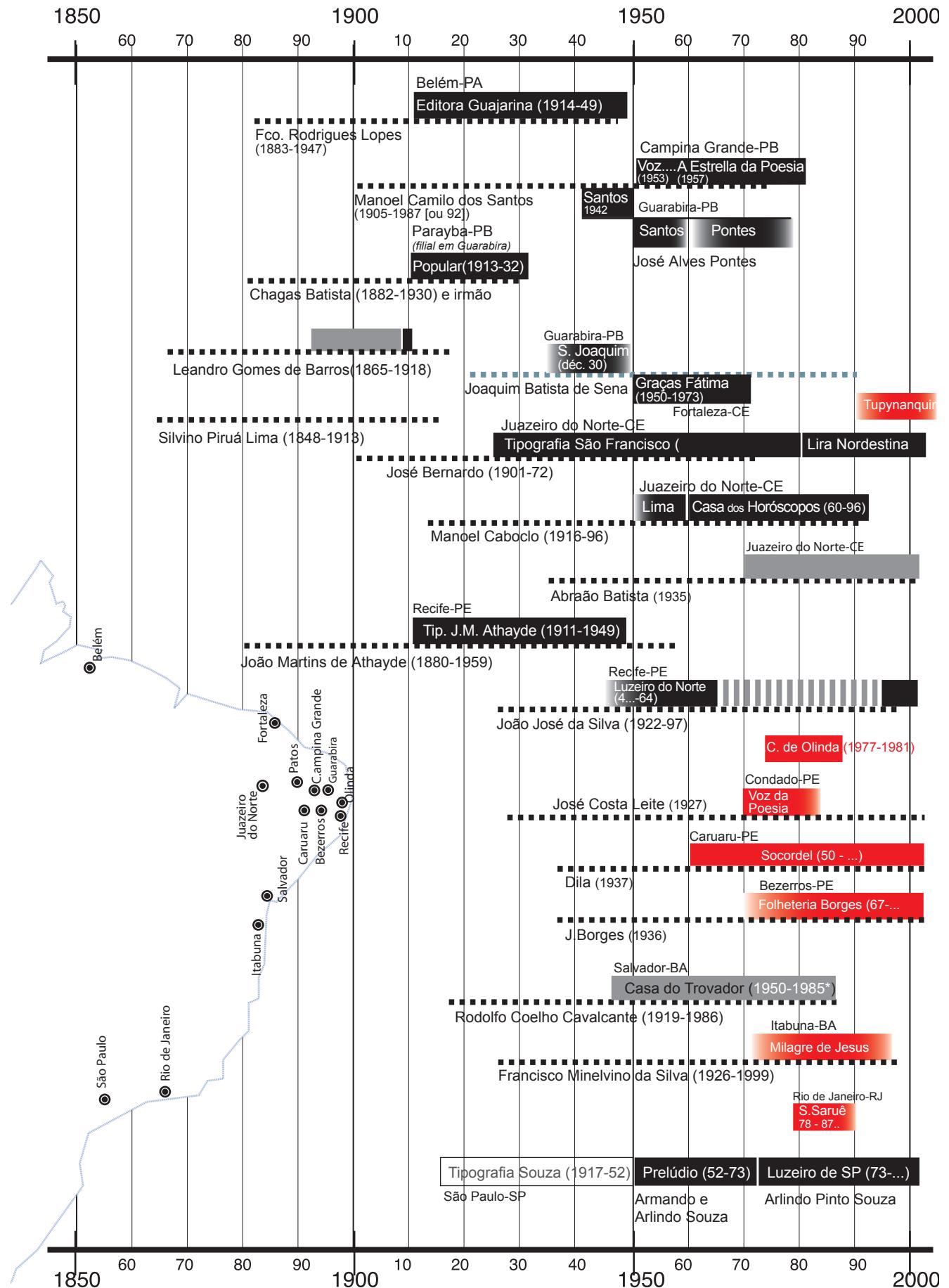
Para esta pesquisa, ainda uma história do cordel precisa ser escrita. Uma história que não é obra de nomes notórios nem de feitos inéditos. Talvez não propriamente uma história, mas um entendimento de uma lógica do cordel que se revela na totalidade das práticas que o constituem: da produção ao consumo. A hipótese é que o cordel pode ser entendido como um processo coletivo de seleção da memória, e sua lógica é uma lógica de rede.

Nos estudos sobre o cordel cada procura traz marcas da época em que foi feito. A época de estabelecer território quando a produção era não vista, ou era vista como subliteratura. A procura das linhas que levam e provam as origens européias, para descortinar um cenário mais móvel que juízos entre erudito e popular. Depois, a relação do cordel com a cultura de massa, dados os números e os motivos. Passado tanto tempo, o cordel não permanece o mesmo, seria de admirar que assim fosse, dada a profusão de inovações na área das tecnologias da informação que nos surpreendem em progressiva aceleração.

A procura da rede de cordéis é contaminada de tempo presente. Para investigar esta hipótese vamos passar pela história do cordel, a fim de estabelecer parâmetros para os cortes temporais na pretendida rede e, assim, observar seu movimento. Todavia é preciso se armar de outros métodos para tornar visíveis as relações entre os que fazem a rede.

2. Sobre cordel e leitura coletiva ver: GALVÃO, 2001.

Produção: grandes editoras de folhetos no último século. Fontes diversas.



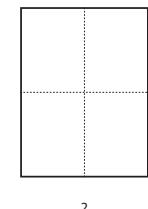
Designado, classificado, encadernado, digitalizado

O saber sobre o cordel.

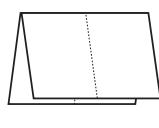
Seus antepassados estrangeiros eram chamados: *pliegos sueltos*, *chapbooks*, *literature de colportage*, ou *cordel*. Seus parentes mais próximos, e patrícios, eram cantoria, peleja desafio. Pouco importava nome e sobrenome quando começou a correr solto, distribuindo histórias de amor e valentia, notícias e ocorridos escabrosos, gritados nas feiras, nos mercados depois lidos nas casas. Chamavam-lhe livro de feira, romance, folheto, livro, livrinho. Isso foi na primeira metade deste século.

A herança do nome cordel foi tardia. Não veio com a língua trazida pelos colonos para se misturar com línguas daqui. Foi fruto de outras associações, quando estudiosos pesquisadores passaram a observar nesta produção o tanto que ela guardava dos romances de cavalaria ibéricos. Guardava mas não deixava quieto. As histórias e nomes facilmente se misturaram, resultando em uma profusão de folhetos que versavam sobre os mais variados assuntos. Tinham conservado métricas, que seus antepassados não mais repetiam, mas propunham suas versões e invenções. Foram cativados por sua memória moveida que tantos passaram a catar folhetos, descrever, formar conceitos, fazer bibliotecas criar índices e classificar, e, antes de tudo, tentar designar.

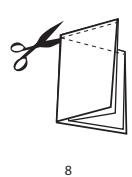
Logo a primeira vista, o que foi embalado em uma denominação comum, *cordel*, não era matéria homogênea. Primeiro tratou-se de dividir os livrinhos de poesia popular em verso, em dois grandes grupos: os *Folhetos*, de até 16 páginas e os *Romances*, com 32 ou 48 páginas em diante.



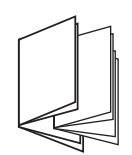
2



4



8



16

De uma folha ordinária, dobrada in-quarto e encadernada, resultam 8 páginas. Esse é o tamanho mínimo, variando a partir daí, sempre em múltiplos de 8 de forma a conciliar o fôlego da poesia com o aproveitamento do papel. Em caso de um rápido noticioso, a capa pode ser impressa na mesma folha, o que dá um folhetinho de 4 páginas. Até que os poetas e editores se adaptassem aos tamanhos mais ou menos constantes, encontram-se poesias curtas impressas junto a outras mais extensas, impressos com duas histórias ou romances fragmentados em vários volumes. A diferença de volume pode ser tomada como indicativo de conteúdo, as histórias herdadas da tradição eram mais extensas

que as inspiradas em algum acontecido. Mas a variação temática encontrada é muito mais ampla que uma divisão entre Folhetos e Romances. Também não coincidem sempre com os tamanhos supostos. Alguns poemas de circunstâncias tornam-se extensos, assim como folhetos podem trazer uma pequena narrativa mais aparentada dos romances. Depois de identificar o todo, eles passaram ao meticoloso trabalho de dividí-lo internamente em subgrupos, ciclos ou temas.

Nomear e classificar também são estratégias de se conhecer aquilo que parece menos compreendido quando não se tem ainda nome ou partes definidas. O recolhimento, as classificações propostas, as formas de identificar, os catálogos sempre desatualizados, a luta com títulos que variam para uma mesma história, ou se assemelham para narrativas diferentes, a autoria imprecisa, tudo isso faz parte da história de quem procura guardar, em caixas de papel com PH neutro, os textos distribuídos em folhetos feitos de papel barato.

Câmara Cascudo estabeleceu quadros gerais do que seria a *Literatura Oral*, a *Literatura Popular* e a *Literatura Tradicional*³. Da primeira diz que “seus elementos de formação constituem multidão, vindos dos horizontes mais distantes e das fontes mais variadas”(1953, 10-11). São os contos orais, anedotas, adivinhas. A segunda corresponderia aos folhetos de autoria indentificada ou não. Por fim, a *Tradicional* se refere às reimpressões brasileiras de romances de origem francesa, espanhola, italiana e portuguesa. São os romances: “Donzela Teodora”, “Imperatriz Porcina”, “Roberto do Diabo”, “Princesa Magalona”, “João de Calais” e “História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França”.

Embora bem fixados os limites da *Literatura Tradicional* de Cascudo podem-se considerar que esta se mistura com a *Literatura Popular*, uma vez que os romances importados da tradição derivam em outros, repetindo personagens e se replicam em novas narrativas com estruturas semelhantes. Hoje, mesmo o conceito de *Literatura Oral* se estendeu e abrange os folhetos de cordel, dadas suas marcas de oralidade. O que tiramos daí é que as designações e classificações se prestam ao entendimento ou ao argumento. Não se conservam se esvaziadas de seus conteúdos.

Ariano Suassuna, Liedo Maranhão, Cavalcanti Proença, criaram cada um suas tábuas classificatórias. Dentro dos limites da materialidade, folhetos impressos são guardados em uma caixa “ou” em outra, e difícilmente numa “e” noutra. Misturados como

3. Em *Cinco Livros do Povo* (Cascudo,1953: 10-13). Ver também, de Câmara Cascudo, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o verbete *Literatura Oral*.

são, separá-los dá muito trabalho. Com cuidado, se debruçam os pesquisadores sobre as coleções de textos recolhidos, desenhando cada um seus mapas de temas ou ciclos, repetindo traços de uma classificação já vigente, modificando seus limites de acordo com o material observado. A classificação também tem propósito de orientar a leitura, indicando caminhos e estabelecendo conjuntos temáticos. Se pensadas como palavras-chave, não excludentes, podem abrir portas para outras leituras, ao invés de encerrá-las.

Efêmeros, os folhetos, têm seus conteúdos extraídos e fixados em forma de livro. Operada a escolha, pode-se guardar em um só volume a obra de um poeta ou de vários, reunidos para caracterizar um tema, um local ou uma época. Antes, folhetos foram transcritos e ditos foram anotados da forma que parece mais apropriada a cada época. Os Fundos Villa Lobos guardam transcrições manuscritas e dactiloscritas de poesia popular. Recolhidas pelo maestro e entregues a Mário de Andrade, foram premiadas algumas folhas com anotações marginais do escritor (cf. Matos, 2002). Eram para virar um livro, que Mário de Andrade não chegou a terminar.

Em coletâneas, acompanhadas ou não de estudos e biografias, os folhetos ganham peso de livro. Entre as décadas de 1960 a 70, a Fundação Casa de Rui Barbosa publicou uma série composta de *Catálogo, Antologia e Estudos da “Literatura Popular em Verso”*. Depois da morte de Cavalcanti Proença, prossegue na publicação de antologias de poetas. Homero Senna, no volume dedicado a Leandro Gomes de Barros, justifica a edição em *fac-símile* porque “o tratamento do texto dos folhetos da literatura de cordel envolve problemas lingüísticos e filológicos, que hoje (...) poucos especialistas patrícios teriam disposição de enfrentar” (Literatura, 1976: VIII).

Advertências sobre o problema da catalogação de folhetos que mudam de títulos, comentários sobre a impossibilidade de uma ordenação cronológica, dada a falta de datas de publicação em parte dos folhetos, falam dos impasses daqueles que se dedicaram a sistematizar uma literatura que acontecia fora dos moldes. Talvez porque não fosse totalmente literatura, talvez porque não fosse apenas literatura.

Enquanto isso, tornam-se conhecidas, também por aqui, as idéias do formalista russo Vladimir Propp sobre os contos maravilhosos. Atento que estava com o crescente interesse pela recolha de contos orais, desde o século XIX, ele inventou uma fórmula para entendê-las. Ao invés de dividir as narrativas pelo que elas apresentavam de diferença,

Propp defendia a divisão interna da narrativa em *funções*. As *funções*, ou ações dos personagens, se repetiam de conto pra conto. Nomeados por suas ações, heróis, doadores e antagonistas, repetiam-se através das narrativas, com isso, mostrava o que elas continham entre si, de semelhança.

Nos anos 60 foi a vez de Marshall McLuhan destacar o homem tipográfico, aldeia global, extensões do homem, meio como mensagem. Entre adesões e críticas, houve quem se ocupasse em investigar mais profundamente as diferenças entre a tribo e o homem tipográfico. Walter Ong em “Orality and Literacy” (1982) contribui no entendimento de importantes aspectos de culturas não letradas, enfatizando a diferença entre oralidade e escritura. Em “Oral/escrito”, Barthes e Marty (1987) procuram desmontar algumas distinções e por em dúvida, ainda que de modo especulativo, pressupostos de ordem seqüencial entre as tecnologias da palavra. Enfim, sugerem que a oposição entre pensamento mítico (oral) e pensamento racional (escrito), são mais sutis do que costumam ser tratadas. O livro e o artigo são quase homônimos, mas em Ong, separa as duas palavras o aditivo, “e”; enquanto Barthes e Marty, sinalizam uma relação: oral/escrito. Outra relação é lembrada pelo relato de Lévi-Strauss no início do artigo (Barthes e Marty, 1987: 32). O “traçar linhas” como relação de poder é visto por Jacques Derrida com mais detalhe. Na *Gramatologia*, Derrida se vale das anotações do antropólogo para fazer a crítica à idéia que a fala estaria mais próxima ao pensamento que a escrita. Também pouco confere importância a idéia que a primeira antecede a segunda, ordem que atribui-se propriamente à escritura fonética. As questões colocadas por Derrida (1999: 125-172) entre fala, escritura, linguagem, signo, logos, revelam um jogo de espelhos muito mais variável que oposições dicotônicas. Como não denominar escrituras “pontilhados” e “zigue-zagues” sobre as cabaças, feitos pelos índios, relatados em Tristes Trópicos?

Todas estas discussões resultam num maior reconhecimento para os estudos da cultura oral que hoje, tempo de oralidade mediada, pouco se importam com uma “oralidade pura”. Os estudos ainda ganham a contribuição de Mikhail Bakhtin e Paul Zumthor. Bakhtin transborda a área da Crítica Literária. Com a leitura de Rabelais⁴, se recupera o laço da literatura com as narrativas orais da idade média e com isso, o híbrido, a abundância, a praça, o coletivo. Origem e originalidade já não tem tanta importância. Melhor tecer a trama entre as narrativas, perceber as ressonâncias.

4. Em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais (Bakhtin, 1987).

Transbordando a trilha dos estudos medievais, Paul Zumthor vem pra ressaltar a voz concreta, o corpo. Zumthor chama atenção para as práticas da performance: a fala, a cantiga e até a leitura coletiva. No momento da performance, se estabelece uma rede única entre presentes e com o ambiente. Diferente da fala cotidiana que tende a se dissipar, a voz poética, memória e profecia, costura o tempo e “assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver” (Zumthor, 1993: 139). Abre-se uma porta para um mundo sem fim onde os textos jamais morrem, porque não possuem uma só origem, e jamais encontram uma leitura definitiva.

Paul Zumthor esteve no Brasil em 1977. A primeira visita, para Jeruza Pires Ferreira, marcou o medievalista. A partir de então, contou ele com o “laboratório vivo” de nossa literatura de cordel⁵. Zumthor não foi o único a perceber que, de alguma forma, havia escapado para este lado do Atlântico um passado que a Terra Nova não conheceu. Melhor: que o cordel daqui não era uma herança arcaica preservada rigidamente, mas memória viva, se bulindo, se misturando e gerando novas idéias. Não raro, aparece uma nova referência do cordel em algum estudo, como o de Fentress e Wickham⁶, que a propósito da memória social de grupos camponeses (franceses, italianos, e do nordeste brasileiro), cita títulos como: “*A morte de Lampião*” e “*Como Lampião encontrou Kung Fu no Juazeiro do Norte*” (Fentress e Wickham. s.d.: 130-131).

Designadas por um só nome, as narrativas passam pelas tábuas de classificação, depois são subdivididas em partes ou funções que se ligam umas às outras entre os textos. Recordam redes de memórias orais de um lado e do outro migram para outros meios tecnológicos.

Hoje, os estudos da oralidade contam não apenas com novas teorias, mas com novas tecnologias de captura. Novas tecnologias, velhos problemas. O caderno de notas, a máquina fotográfica, o gravador, a filmadora e suas atualizações digitais, as teorias, as tábuas de classificação, os métodos de identificação, as formas de reprodução, as edições, os comentários e notas aderidas ao conteúdo. Nada disso reporta objetivamente ao que se vê, ouve, sente, mas é entrevista, conversa, troca de sensações. O que se guarda e se reproduz são os registros de encontros.

5. Cf. Posfácio de Jeruza Pires Ferreira em “Introdução a Poesia Oral” (Zumthor, 1997).

6. Publicado originalmente em 1992, com título: *Social Memory*.

O encontro do folheto com o livro

Encontro, peleja ou desafio, chamam-se embates entre poetas onde cada um desafia seu saber.

O que é disputa é também reconhecimento.

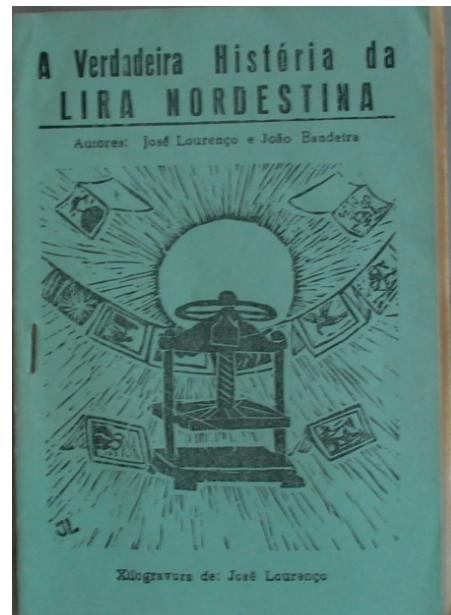
No dia 29 de janeiro de 1929, quase no fim da sua segunda viagem etnográfica, Mário de Andrade escreve que conheceu a tipografia Popular Editora, de F. C. Baptista Irmão. “Publica folhetos, ‘foiêtés’ como falam meus cantadores, com versos populares” (Andrade, 1983: 309). O encontro do turista aprendiz com o poeta de gabinete, na Paraíba, foi lembrado por Rute Terra em “Memórias de Lutas”(1983). Ao que parece, o encontro não ficou só no primeiro contato: Francisco da Chagas Batista, em 10 de setembro de 1929, assinou dedicatória em um volume de seu *Cantadores e Poetas Populares* para Mário de Andrade (cf. Terra, 1983: 44). Batista acompanhava os estudos sobre folclore, e resolveu escrever o seu livro sobre o assunto, publicando notícias biográficas de cantadores. Desculpa-se por não fazer um estudo mais demorado, uma classificação, porém justifica que suas notas “se não têm nenhum valor literário pelo menos, exprimem a verdade dos factos.” (Batista, 1929:2).

Em 1954, Orígenes Lessa visita pela primeira vez o poeta Manoel Camilo dos Santos em sua casa editora, em Campina Grande. Quando lhe pergunta de como ele entrou para a profissão, Manoel Camilo admira-se: “Ué! Não leu a ‘Autobiografia do Poeta’? Tá lá.” (Lessa, 1984: 55). Trata-se de um folheto autobiográfico, melhor, um romance de 32 páginas, ilustrado com foto do autor. O cantador, o poeta, o gravador, têm autoridade para contar a própria história. Meios também eles têm, sem dúvida: vivência, máquinas de impressão, sistema de distribuição. Falta o público leitor, que de primeiro estava mais interessado era no interrogatório de Antônio Silvino, conselhos de padre Cícero, no encontro de Romano Teixeira com Inácio da Catingueira e desencontros de amores de Natanael e Cecília.

A importância dos editores para o grupo de poetas e operários gráficos é cantada em folhetos biográficos, a maior parte homenagens póstumas. Assim, a sua notoriedade alcança o leitor. As biografias em cordel tornam-se importantes fontes de informação sobre a produção dos folhetos uma vez que casa e oficina se misturam, como se mistura a vida de cada um deles com a história do cordel. Além do já citado “Autobiografia do Poeta” de Manoel Camilo dos Santos; temos, sobre Atahyde, “Vida, profissão e morte de



Romance: *Autobiografia do poeta.*
s.d. Manoel Camilo dos Santos (0090)



Folheto: *A Verdadeira História da Lira Nordestina.*
José Lourenço e João Bandeira. 2003. (NC 0112)

João Martins de Atahyde” de Minelvino Francisco da Silva; e a história da Tipografia São Francisco pode ser acompanhada por “Resumo Biográfico de José Bernardo da Silva” de Expedito Sebastião da Silva . A continuação está na “A Verdadeira História da Lira Nordestina” de José Lourenço e João Bandeira, de 2003.

Mais recentemente, no embalo do interesse que o cordel desperta, folhetos falam de suas próprias práticas. Em seu folheto *O Que é Literatura de Cordel?*, João José dos Santos–Mestre Azulão Pequeno– comenta sobre as práticas de memória da pesquisa :

*Lá você encontra tudo
em relação ao cordel
Escrito e microfilmado
exposto em grande painel
gravação em microfone
levado para à Sorbone
pelo professor Cantel.*

Não sei se o mestre esteve com Raymond Cantel quando o pesquisador francês andou por aqui, recolhendo folhetos, por volta dos anos setenta. Pouco importa. Nem toda peleja escrita conta de um encontro que ocorreu de fato. A de João Athayde com Leandro Gomes de Barros, por exemplo, quem escreveu foi, provavelmente Athayde, para colocar-se lado a lado com Leandro. A peleja pode ser uma disputa ou um reconhecimento. A escrita da história do cordel é um encontro entre poetas e pesquisadores. Folheto reconhecido pelo livro. Livro reconhecido pelo folheto.

Quando resolveu escrever seus versos, Manuel Camilo dos Santos diz que vendeu a viola e comprou quatro livros: um de Geografia, um de Ciências Físicas e Naturais, uma Língua Materna e uma Bíblia. Está no livro, não na *Autobiografia do Poeta* (cf. LESSA, 1984: 55). Para esta pesquisa também foram consultados livros, inclusive atlas geográfico, histórias do Brasil, mas sobretudo, são observados muitos romances e folhetos e até alguns almanaque. Dos folhetos para os livros, dos livros para os folhetos. É preciso se preparar para peleja e, se possível, construir um marco.

A B C do Cordel

Os folhetos de cordel se dividem em:

- a) romances, b) tipografados, c) feitos por poetas anônimos,*
- e) os citados por Câmara Cascudo em “Cinco Livros do Povo”,*
- f) os que mudam de título, e) os sem data,*
- g) os que estão muito estragados,*
- h) os ilustrados por xilogravura,*
- i) todos os catalogados.*

Na convivência com o cordel, se descobre no folheto uma testemunha impressa da história. Depois de designados, classificados e encadernados, os frágeis livrinhos ainda podem ser digitalizados. Para dar cabo da escrita de uma tese sobre a rede de cordéis, me vi escaneando e catalogando folhetos e romances. Não sem pensar em tudo que o processo implicava em termos de tecnologias da informação e da memória. Não sem achar graça do ofício de funcionária da biblioteca chinesa de Borges, lembrada por Foucault⁷. Considerando limites e vantagens, e sem pretender criar um vocabulário analítico, a estruturação da base de informações tem sido fundamental para dar conta de tantas informações. A aposta se inclui menos entre as tentativas de prolongar a vida dos seus conteúdos, forma ou aparência e mais como uma estratégia de amparar a investigação sobre a rede.

A intenção seria catalogar pelo menos um milheiro de impressos desse período. Mil é o número que persegue a oficina do cordel. Corresponde a tiragem inicial da maior parte dos títulos. Caso se dê a aceitação do coletivo, repete-se a tiragem. Se os acervos fossem ideais, seriam 100 folhetos por década. Se fosse para ler um por noite chegaríamos perto da marca de Sharazad.

7. No prefácio de *As Palavras e as Coisas*, antes de falar sobre as classificações, o Michel Foucault (2002) conta de uma certa Biblioteca Chinesa onde a divisão dos animais obedece a uma catalogação impossível em que cada ítem seria pertencente a uma tábua classificatória de lógica diferente. Criação de Jorge Luís Borges, a biblioteca é descrita em um conto que fala da possibilidade de criação de um vocabulário analítico.

Contando com o número expressivo de edições não datadas e a ausência de folhetos das primeiras décadas, não é possível apostar em uma total regularidade da amostra. Dos cem anos de folhetos de cordel, muito pouco se pode recuperar dos primeiros 30 anos. A partir dessa data o número de folhetos reunidos em instituições e coleções particulares é crescente, como foi crescente o interesse no assunto. Posso adiantar que para o mapeamento da rede social do cordel o número de folhetos necessários pode ser bem menor. Talvez os poucos folhetos acessíveis das três primeiras décadas, sejam compatíveis com o tamanho da rede naqueles tempos. Depois de uma análise de uma parte da amostra pretendida, ficará mais claro o porquê. Para aproximar a rede de idéias, dada a profusão da produção, é que se buscou a cifra 1001. Quem já se perdeu em mil e uma noites, sabe que a cifra quer dizer mais que a soma de dez centenas e uma unidade, quer dizer muitas, incontáveis, infinitas.

Desde a primeira versão, a ficha guarda informações mínimas de cada folheto. Duas coisas foram consideradas importantes: poder ver o impresso, poder fazer buscas por itens, tais como título, autor, editora, cidade, data. As imagens da capa, quarta capa, página inicial e final, continham a maior parte destas informações. Por isso, neste momento, não foi considerada a digitalização do conteúdo (texto).

Por princípio não foram estabelecidas listas prévias. Isto é, a lista de nomes dos poetas, por exemplo, é alimentada pela catalogação, nomes que embora conhecidos pelos livros, podem não constar por não terem sido catalogados folhetos cuja autoria tenha sido declarada. Outro princípio é reproduzir a informação do folheto. Não corrigir ou completar com informações dos livros. O campo “margem” está disponível para anotações de comentários e referências bibliográficas sobre determinado folheto, título ou autor.

O objeto de catalogação é o folheto. Cada folheto, independente de ser a mesma história, tem informações diferentes. Apenas quando se tratar de uma mesma edição é que será tomado como o mesmo. Assim se fizermos uma busca pelo nome, poderemos encontrar vários exemplares de editoras e épocas diferentes de um mesmo título. Por um mesmo título, entenda-se que nem sempre ele é exatamente o mesmo, letra a letra, mas sempre é possível identificar um nome chave que se repete.

A Fundação Casa de Rui Barbosa se valeu de um código formado pelas iniciais da primeira estrofe do texto para identificação dos folhetos de seu acervo. Para esta pesquisa, que não visa apurar um texto único para cada história, nem restituir autoria ou proprieda-

de, mas se interessa pelas derivações e caminhos das idéias, esta precisão não foi considerada. Se for o caso, a possibilidade de leitura da primeira e última página, é suficiente para identificar se dois folhetos de título semelhante são ou não a mesma história.

A base composta pode ser vista em forma de lista ou ficha por ficha. As fichas aparecem na ordem que foram catalogadas, ou podem obedecer a uma ordem pedida, alfabética por título, por autor, ou cronológica. Pode-se ainda fazer buscas preenchendo informações de mais de um campo. Elas não estão em caixas diferentes, mas é como se estivessem todos os folhetos em um mesmo baú que pode ser reordenado de acordo com a solicitação. A formação da base de dados embora vá sustentar a pesquisa não encerra a pesquisa.

A base principal e tem o nome de Baú Folhetos. Ela é preenchida pela catalogação direta dos documentos primários que são os romances e folhetos. A base de dados Baú Folhetos gerou duas bases relacionais: Baú Editoras e Baú Agentes. Estas não são preenchidas diretamente, mas decorrem da reorganização dos dados obtidos na primeira, através de campos partilhados. Sobre a utilidade das bases relacionais, demoraremos mais adiante, no segundo capítulo, quando se tratarão dos papéis na rede. O que pode ser adiantado é que o objetivo das bases relacionais é dispor um mesmo conjunto de informações de modos diferentes. Ainda por qualquer um dos baús é possível gerar relatórios parciais, como pode ser visto no volume anexo a esta tese.

A idéia da base de dados é coerente com a idéia de uma forma afluente de produção, ou inteligência. Os resultados surgem da observação dos folhetos em conjunto. Mas, para fazer com que esta ferramenta lógica permita perceber conexões para além das classificações, são necessários alguns cuidados.

Primeiro deve-se cuidar para que a fidelidade aos documentos não resulte em um mapa do tamanho do território. Se os editores gostam de mudar um pouco o nome da editora, é preciso deixar indicado quais nomes se referem a um mesmo grupo. Da editora de Olegário Ferreira, de Caruaru, podem ser encontrados folhetos assinados como de *Tipografia e Folhetaria Olegário, Olegário Papelaria e Jardim da Poesia*. A partir da morte do seu proprietário, a São Francisco assina, também, *Literatura de Cordel José Bernardo da Silva*, e depois dos anos 80 muda o nome para *Lira Nordestina*. Existem casos como a *Voz da Poesia*, nome que foi usado por Manoel Camilo dos Santos e por Costa Leite. Manoel Camilo também usou o nome *Santos*, em Guarabira, antes de A “Estrella” da Poesia. *Folhetaria Santos* era nome usado por Apolônio Alves dos Santos, no Rio de

Janeiro, e existiu uma *Livraria e Tipografia Santos*, em Salvador, que imprimiu, exporá-dicamente, romances de cordel.

Isso para não falar nos nomes de autores mudados, que este assunto fica para quando se abordar a tomada de papéis na rede. Para o problema das identidades, veremos que elas se estabelecem no preenchimento de vários campos. No caso das pessoas, não apenas o nome, mas no documento cadastrado, que papel ela opera. No caso das editoras, o encontro de nome, cidade, editor, desenha um estado temporário.

Vamos ter que conviver com estes problemas e lidar com eles com os suportes de que dispomos. É preciso fazer um fichário para anotar as idéias sobre a memória, cartografar as referências e criar índices para que elas possam ser recuperadas. Recordar a imperfeição dos arquivos (Colombo, 1991) e do *Mal de arquivo* (Derrida, 2001). Lembrar a “Memória” em *Ficções*, a nômade e a da pedra (Flusser, 1988). Sobretudo, no caminho, não esquecer *Escritura e nomadismo* (Zumthor, 2005). É preciso fazer cópias para que tudo não se perca, e espalhar.

* * *

Uma vez que as narrativas em verso já são duplamente estratégias de memória oral a escrita representa uma dobra nesse processo. A impressão resulta não só na divulgação mas também multiplica os suportes da memória. A adição da imagem favorece a memória visual, a associação. As coleções, os acervos, pretendem conservar pelo cuidado e preservação, aquilo que estaria mais vulnerável à entropia se entregue ao tempo. As digitalizações dos acervos têm a potência de guardar e dispor índices e informações daquilo que se pretende conservar. Correspondem a dobra mais recente, sistema cultural e teatro da memória. No teatro da memória ou nos fichários, acervos, bibliotecas, se dispõem as informações de forma ordenada. Em Derrida: *ArKhê*, o *começo* e o *comando*. Arqueológico, arquivo, arquitetura. Entre as metáforas espaciais da memória, Fausto Colombo lembra o labirinto. A imagem de um labirinto, como planta baixa, é inacessível ao visitante. Só Dédalo a conhece. O visitante nunca sabe o que vai encontrar depois de cada encruzilhada. Rosentiehl vê nos labirintos, redes redobradas (1988: 255-263). Penso se algo do desenho de Dédalo resiste no ofício das rendeiras que contam as tramas, puxam uns fios, preenchem outros.

Uma rede para pegar a rede

O que é a memória? Caçamo-la com um questionário ou devemos usar uma rede para borboletas? (FENTRESS, J. e WICKHAM, C. s.d.: 14).

A nossa época será marcada pelo ‘fenômeno rede’. Como todos os fenômenos morfológicos profundos, de caráter universal, o fenômeno rede pertence não só à ciência mas também à vida social” (ROSENSTIEHL, 1988:228).

De fios e nós se fazem redes. Tem rede de tucum, rede de travessa, rede de algodão com varanda rendada. Tem a renda de bilro, o labirinto, o filé. Tem o fuxico, trama em que os pontos são pequenas trouxas, feitas de retalhos, no dicionário: remendo mal feito. Fuxicar é cerzir sem cuidado, ou fazer intrigas. Falar dos outros é enredar, como é enredo a sucessão de acontecimentos que faz a trama. Tramar é preparar uma rede para se pegar alguém ou algo, como faz a teia da aranha antes que qualquer homem use de fios e nós para pegar, prender, pender-se.

A rede-de-dormir, foi assim chamada por semelhança à rede-de-pescar, pelo escrivão da armada em abril de 1500. Para o índio era *ini* a trama de cordas que servia para deitar-se (Cascudo, 1959: 63). Câmara Cascudo adverte os etnógrafos da impossibilidade de se estabelecer origens dos utensílios. Não adianta tentar uma busca da primeira rede, apenas vamos ficar com a idéia que todas as redes se assemelham por serem feitas de fios e nós, e uma vez que nós são feitos de fios, para fazer rede é necessário o fio e o gesto que faz o enlace do nó. Ou redes são, simplesmente, linhas e o encontro de linhas que determinam pontos.

Por analogia, acabam por ganhar nome de rede uma série de sistemas formados por nós e suas ligações, nem sempre materiais. Redes elétricas, viárias, de comunicação, de computadores. A disseminação planetária desta última, inoculou as palavras *net* e *web* nos vocabulários das outras línguas e contribuiu para relevância do fenômeno rede, que se coloca cada vez mais ao lado da árvore como imagem de tudo que se queira.

Para contrapor a árvore-raiz, modelo do mundo e do livro, Guattari e Deleuze apresentam o rizoma (Deleuze, Guattari, 1995: 11-37). Seus princípios são relacionados em um escrito dos anos oitenta, hoje tido como profético para os seguidores da tecnocultura. Os princípios são: conexão e heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania. Embora os princípios nos caiam tão bem em tempos de rede planetária, não se referem restritamente aos novos meios. Percebemos configurações

rizomáticas, como em teia ou rede, em culturas tão antigas quanto sub-equipadas.

Árvore e rede não são exatamente imagens antagônicas. A árvore é um tipo particular de rede. Uma rede mínima, ou extremamente econômica, onde existe apenas um caminho entre dois pontos conectados quaisquer. O princípio da conexão e heterogeneidade diz que: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (:15). Se em um rizoma qualquer ponto se conectasse a outro seria uma rede máxima, de densidade total. O princípio garante a ruptura a-significante: qualquer ligação pode ser quebrada sem desconectar qualquer parte da rede. Um rizoma total significaria uma não hierarquia entre as conexões ou pontos, a não ocorrência de centros, uma homogeneidade que acaba por ser também a-significante.

Portanto, árvore e rizoma são redes que tendem a extremos: mínimo e máximo. A homogeneidade de distribuição entre nós, poderia caracterizar uma malha. A configuração radial, por sua vez, é uma árvore com centralização absoluta, uma estrela. Um ciclo é também um caso particular onde todos os pontos são conectados a outros dois da rede. As redes comportam estes casos e podem também apresentar graus diversos de densidade, podendo revelar subgrupos mais coesos em contraste com longos caminhos de nós conectados fracamente. Os padrões podem aparecer inseridos em redes não regulares.

Para Rosentiehl o objeto rede estará entre as abstrações que marcaram o espírito humano nas últimas décadas (1988:229). Nas abstrações o objeto de reflexão é isolado de características que fazem parte de sua realidade concreta para simplificar sua avaliação ou permitir sua comunicação.

Para representar uma rede, ou guardar sua informação podem ser usados conjuntos de pares ordenados, matrizes ou grafos⁸. Em um grafo se despoja o objeto de características visíveis ou sabidas, reduzindo-o a um ponto. A abstração exigida tem como fim revelar o conjunto das relações invisíveis que ocorrem entre as partes. Para isso a concentração dos corpos em pontos e a extensão dos laços em traços. Às relações podem ser atribuídos valor, sinal, direção. No processo, elas não têm sentido em si, mas em conjunto. No fim, o que se revela é a estrutura, a cardinalidade de relações existentes. O conjunto das relações deverá atribuir aos elementos características não reveladas se tomadas isoladamente ou em outra circunstância. Um primeiro grupo de informações que se lê em um

8. “Um Grafo $G = (X, E)$ é um objeto abstrato constituído por um conjunto X de pontos (sem propriedades) e por um conjunto E de linhas entre esses pontos (sendo a única propriedade de uma linha a de ser incidente em dois pontos, distintos ou coincidentes).” (ROSENSTIEHL, 1988: 196).

grafo ou matriz diz respeito aos tipos de relações que formam a rede. As relações podem ser direcionais, quando apresentam fonte e destino, ou não-direcionais quando são sempre mútuas. Estas ainda podem ser tomadas como dicotômicas, se podem ser respondidas com “sim” ou “não”, ou valoradas, quando quantificáveis ou ainda sinalizadas, quando tratarem de relações contrárias⁹.

Dadas as relações de um mesmo tipo tomadas para um grupo, pode-se investigar sobre a estrutura da rede, ou o número de relações em determinado corte de tempo. O número de relações de cada nó é chamado de grau quando as relações são não-direcionais, ou grau de emissão e grau de recepção quando as relações são direcionais. Aferir graus de emissão ou recepção é uma das formas de apontar centralidades na rede. A comparação entre os números de relações existentes e o número de relações possíveis, dada a quantidade de elementos que formam a rede confere sua densidade. A coesão indica a densidade das relações mútuas.

A distância em grafos se mede pelo número de conexões intermediárias entre dois elementos. Se há mais de um caminho entre eles a distância geodésica, ou distância é o menor caminho. Existem medidas como a excentricidade, tomada para cada nó em relação a todos os outros nós. A excentricidade é a maior distância entre o nó e qualquer outro da rede. Existem medidas de distância relacionadas à rede, como o diâmetro que é a maior distância em um grafo, considerados todos os nós. O diâmetro pode ser uma forma de se estabelecer a extensão da rede.

* * *

Nos anos 70, armados de teoria das redes e de sua metodologia de análise, cientistas sociais propõem um novo paradigma: a análise estrutural. Analistas estruturais observam os arranjos ordenados de relações entre membros de um sistema social. Daí, fazem mapas de estruturas, descobrem seus padrões e procuram os efeitos destes padrões nos comportamentos de membros individuais destas estruturas – sejam eles pessoas, grupos ou organizações (cf. Wellman em Wellman e Berkowitz, 1991: 3).

Além da tradição americana, a análise estrutural tem relação com o funcionalismo inglês, na antropologia, influência de Georg Simmel, sociólogo e filósofo alemão (1858-1918), e da psicometria de Jacob Levy Moreno (1889-1974). Pelo menos quatro décadas antes que analistas estruturais apostassem nas representações de grafos e matrizes, Jacob Moreno valia-se de representações semelhantes aos grafos na anotação da malha

9. Sobre os tipos de ligação em redes ver “Notação de dados para redes Sociais” em Wasserman e Faust, 1999.

de afinidades de indivíduos em um grupo. A sociometria de Moreno, mais conhecida na psicologia-social, foi estendida pelos analistas estruturais ao estudo de redes sociais formadas por relações diversas entre o que eles chamam “atores” que podem ser indivíduos, grupos, países.

Berry Wellman defende que a diferença entre análise estrutural e as outras pesquisas, especialmente em ciências sociais, não está exatamente nos métodos usados, mas na forma particular de propor e responder questões (1991: 40). Analistas estruturais ocupam-se mais da relação entre unidades que atributos internos (ou essências) das unidades. A “unidade” pode ser ela mesma uma rede, e a estrutura é tratada como uma rede de redes que pode ser subdividida em subgrupos discretos (1991: 20).

A demarcação do campo de estudo ainda enfrenta problemas como a confusão de termos entre analistas estruturais e o estruturalismo. De fato, o próprio Wellman considera que a análise estrutural poderia ser incluída em uma larga concepção de estruturalismo, por não se ater a características inerentes dos indivíduos e sim às suas interrelações. Todavia não se trata de uma extensão de alguma forma *do estruturalismo*, pois, na sua argumentação, não opera no campo simbólico mas baseia-se em observações de relações sociais concretas entre indivíduos específicos (1991: 4-5).

Esta confusão pode representar um perigo no caso específico de sua aplicação para a rede de cordéis. Isto porque uma análise estrutural pode ser confundida com estudos morfológicos, como os propostos por Wladimir Propp, já muito aplicados para as narrativas do universo do cordel. Esta não será a abordagem que se seguirá.

Também, mesmo que a análise estrutural tenha emprestado a esta pesquisa alguns conceitos e pistas metodológicas, não se procederá sua aplicação direta. Como veremos com mais detalhe no próximo capítulo nossa rede não deve ser tratada como uma rede social, em sentido restrito, mas como uma rede de trocas que têm aspectos sociais relevantes.

Não é demais dizer, embora possa parecer evidente, que é uma rede de comunicação. Em comunicação se encontram concatenados aspectos sociais, tecnológicos e sígnicos. Estes aspectos se movem e promovem mudanças e é certo que nestes últimos cem anos a rede de distribuição e o conteúdo da informação têm se transformado.

Marco da Pesquisa

*O marco é uma construção imaginária do poeta em desafio.
Uma fortaleza, de onde ele pretende responder ao combate.
Lugar virtual e mágico, construído com palavras.*

Cordel não é um nome que emergiu do uso, mas surgiu do encontro da pesquisa com a poesia. Para o pesquisador no poeta, remete a origem Portuguesa; para o poeta no pesquisador evoca a leve imagem de folhetos pendurados¹⁰. Se a produção chegou ganhar nome próprio é menos porque encarnou matéria, e mais porque ganhou número a ponto de solicitar uma identificação geral.

Com “Literatura de Cordel” se escapou do desconforto que costumava gerar “Literatura Popular”. Geneviève Bollème discutiu amplamente as implicações de cada uma dessas palavras, e sobretudo, da junção delas. Não são poucas. Em “O homem em estado de número” (Bollème, 1988:15) apresenta o arsenal de idéias políticas que desencadeia a palavra *povo*, e o caráter dominante de sua declinação em *popular* (13-35). Do que supõem uma literatura, como aferição de qualidade particular dentro da escritura, e do paradoxo que se forma se considerado *popular* como feito por muitos. Se popular significa feito para muitos, outra armadilha: o perigo de cristalização do reconhecimento, em descompasso com a idéia inicial de literatura como diferença dentro da escrita (1-6).

O que era dito *popular*, também chamou-se *de massa* devido ao alto grau de emissão que algumas editoras atingiram, beirando uma indústria do cordel. Massa chama outra cadeia de associações que passam pelas teses funcionalistas, pela aldeia global, até a teoria crítica. Desta discussão, que já foi animada, vamos ficar com a idéia de *Massa e Poder* (Cannetti, 1983), que amplia as possibilidades de se perceber a massa, não apenas pelo viés da manipulação, mas também dos movimentos emergentes. Em estado de massa, a propagação dos ânimos se dá por percepção e o seu contágio encontra resistência nos diferentes graus de disponibilidade de adesão dos seus componentes. O balanço é entre vontade individual e vontade coletiva, e a permeabilidade é função da percepção.

Que dizer de movimentos que emergem sem que os envolvidos estejam reunidos em um mesmo lugar? Para que isso seja possível é preciso que por algum canal possam perceber as escolhas dos seus pares. Essa questão vem à tona com a tomada de consciê-

10. Os relatos dizem que, na maior parte das vezes, os folhetos eram expostos em esteiras no chão ou na própria mala do folheteteiro.

cia dos meios de comunicação permeáveis e em rede. As mediações tecnológicas que antes favoreciam a configuração radial de distribuição, agora suportam uma rede de trocas. Atentos a estas transformações um grupo pioneiro de pesquisadores conectam palavras para descrever o que seriam “coletivos inteligentes” (smart-mobs- Howard Rheingold) ou “inteligência coletiva” (collective intelligence- Pierre Lévy) entre outros como “cérebro global”, “inteligência conectiva”, “redes inteligentes” (cf. Costa, 2004). A palavra inteligência surge com uma recorrência, não por acaso. Muitos destes pesquisadores são oriundos dos departamentos de Tecnologia, porém na contra-mão dos que investem na Inteligência Artificial¹¹, apostam na inteligência das pessoas, potencializada se conectadas remotamente, em rede.

Mas antes de nos perder nessa nova teia de palavras, vamos lembrar que estamos falando do cordel, ou seja de uma produção que atravessou o último século. Antes que fosse possível essa reunião sincrônica de apartados, outros canais foram criados para formações coletivas. Ainda que só possam ser percebidas suas ações ao longo de um tempo maior, estes canais constituíram suas redes de comunicação. Catalogado como Literatura Popular, comparado com Meio de Comunicação de Massa, poderia o cordel ser entendido como inteligência coletiva ou uma rede inteligente?

O cordel pode ser dito coletivo, no sentido do que agrupa muitos, e mais ainda no sentido do que pertence a muitos. O que é de muitos, independente desses muitos serem iguais ou tomados como indiscerníveis. O que é de muitos porque é obra de cada um. Muitas mãos, habilidades distintas. Muitas vozes, não uníssonas. No entanto, uma produção coerente, a ponto de ser percebida e batizada com um único nome. Propagada por imitação e invenção, sem uma coordenação única. Apurada e escolhida pela coletividade. Por isso não cabe tanto perguntar de quantos para quantos, nem dividir emissores e receptores. Os papéis são cambiáveis e acumuláveis. Os papéis dependem de vontades, de tendências, de condições do ambiente e de respostas dos pares.

Poderia dizer até uma literatura coletiva. Mas o que se produz coletivamente é mais que uma literatura. Seria uma inteligência, pois envolve saber tecnológico, social e idéias. Vamos preferir outra palavra: memória. À luz da Teoria Geral dos Sistemas, memória é autonomia. Um sistema, no nosso caso, um coletivo, a partir de seus estoques, elabora respostas às solicitações do ambiente e, em permanecendo, novas memórias são

11. Pesquisas que visam conferir capacidade a sistemas digitais de aprender com a experiência, inferir a partir de dados incompletos, tomar decisão em situação de incerteza.

produzidas. O repertório da memória, torna mais rica a diversidade de soluções dadas as solicitações do ambiente, sempre em mudança. Neste entendimento, preservação e atualização não são vontades antagônicas, mas são estratégias combinadas para permanência dos indivíduos e grupos.

Interessa notar que autonomia, assim como patrimônio e capital, também são termos que puxam cada um, séries de idéias de uma mesma área. Todavia Patrimônio Imaterial e Capital Cultural são expressões do gosto de grupos distintos, mesmo seus significados não podem ser ditos exatamente sinônimos. Se são chamados estes dois conceitos aqui, não é apenas para apontar o ponto comum dos termos serem ligados a bens, sejam herdados sejam acumulados ou postos em circulação. Nem para restringir suas diferenças aos preconceitos que cada palavra acumula. Do que se diz de cada um deles, vê-se o que se pode ganhar com o cruzamento dos conceitos.

O Patrimônio Imaterial cuida de todos os saberes, línguas, festas, manifestações, criadas coletivamente e transmitidas oralmente (cf. Mühlhaus, 2004: 63). Sua raiz está no projeto de Mário de Andrade para o IPHAN, que na década de 30 do século passado chamava atenção para o patrimônio cultural intangível “para além da pedra e cal”. No sentido econômico, patrimônio remeteria à conservação. Idéia que não cessa de causar polêmica, e cada vez que alguma manifestação é indicada ao tombamento – como Patrimônio Imaterial (IPHAN) ou Patrimônio Cultural da Humanidade (Unesco)¹²– há quem tema o seu engessamento. No entanto trata-se de um instrumento de proteção de práticas que podem desaparecer em condições desfavoráveis de ambiente. Por um lado, se práticas tendem a desaparecer, elas não teriam sido selecionadas pelo coletivo (suposto inteligente), para permanecer; por outro a existência de grupos que se ocupam de sua conservação é uma especialização do sistema, permitida pelo coletivo. Há que se cuidar da diversidade das idéias.

O Capital Cultural forma uma tríade com Capital Tecnológico e Capital Social, para a proposta Ciência da Inteligência Coletiva. O Capital Cultural, nesta tábua, não difere muito do conceito de Patrimônio Imaterial. O Capital Tecnológico diz respeito às tecnologias que potencializam a conexão e permitem a circulação do primeiro. Enquanto o Capital Social trata da “capacidade de inter-relação das pessoas e na consequente circulação de idéias que daí decorre”(Costa, 2004). Uma vez que idéias conectam pessoas,

12. IPHAN- sigla do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Unesco- sigla de Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

estão todos os capitais implicados uns nos outros.

Em outra tábua, Capital Social é “capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos” (Araújo, 2003: 10). Daí ser um índice utilizado na avaliação de projetos de desenvolvimento, juntamente com Capital Natural, Capital Financeiro e Capital Humano, pelo Banco Mundial. Na tentativa de medi-lo são aplicados questionários que visam quantificar o respeito às instituições, as participações em atividades comunitárias, as noções de reciprocidade e o engajamento voluntário. A idéia de Capital Social, irá interessar, mas não com o objetivo de avaliar um coletivo. Avaliação implica em um olhar de fora. Como já foi colocado, pretende-se falar de encontros, de participação. O que interessa no conceito é que entre as habilidades que um indivíduo pode ter, o Capital Social foca a capacidade de estabelecer laços, e que esta capacidade é, por definição, partilhada.

Entre as idéias que convivem com Patrimônio Imaterial e a tríade Capital Cultural, Tecnológico e Social, a diferença mais sensível é que, enquanto o primeiro se ocupa da preservação, o segundo grupo apostava na inovação. Não são idéias inconciliáveis, trata-se apenas de um contraste para perceber melhor a tendência de cada um dos conceitos. Pode-se até tentar misturá-los e ver o que se ganha com meios-tons.

Se o Capital Social olhar para o Patrimônio Imaterial irá observar habilidades várias como músicas, danças, festejos, assim como artes e ofícios transmitidos oralmente. As comemorações, memórias celebradas coletivamente, crenças partilhadas, contribuem para o reconhecimento de valores comuns e reconhecimento mútuo no coletivo, o que pode significar conectividade. O reconhecimento de “mestres” que não necessitam de aferição nem diploma e a passagem das memórias de práticas, ensinadas pela observação, pela convivência, também constituem Capital Social. Afinal, a transmissão dos saberes se dá sobre a base da confiança e quem ensina a fazer renda, aprende a criar laços.

Se o Patrimônio Imaterial, por exemplo, resolver atentar para o aspecto do Capital Social inerente às práticas que pretende preservar, talvez vislumbre formas de incentivo que passem pelo reforço dos laços, reconhecimento de competências, e propicie a disseminação das idéias que fazem o bem imaterial que a coletividade escolheu cuidar. É preciso entender também que uma instituição que cuida da memória é mais um nó na rede, e se assumir uma posição centralizadora, poderá enfraquecer a rede como um todo.

Quanto às diferenças, a inovação é tão importante para um coletivo quanto a preservação de seus estoques de saber. Assim, como o acolhimento é o grau-zero do Capital

Social (cf.Costa, 2004)– lembrando o exemplo da relação mestre-aprendiz– a experimentação de novas idéias e tecnologias alimenta o Capital Cultural. Se o Patrimônio Imaterial fosse tomado como Capital Cultural, a resistência às inovações seria menor. Todavia é bom ressaltar que experimentar inovações não significa adesão impensada e sim ação coletiva de escolha. Mudanças abruptas podem causar problemas de coerência e identidade que são valores importantes para o reconhecimento, portanto, para o Capital Social. Aí entra a importância do coletivo na experimentação das inovações e na partilha das experiências em rede.

Os conceitos envolvem questões que não se respondem facilmente. Contudo alguns coletivos inteligentes têm encontrado caminhos práticos para estes problemas. A rede de cordéis pode ser um destes coletivos. Observá-la em suas dimensões social, tecnológica e sínica, nos trará mais elementos na compreensão do problema.

Outro caminho é não perder o caráter sistêmico da questão: capital, patrimônio, memória, referem-se a autonomia. Autonomia ou memória, assim como coletivo, é uma palavra que conecta mais coisas. Nesse momento, antes da peleja, é preciso fazer alianças.

O plano do marco ficou guardado em papel e tinta, memórias de romances e folhetos, algum lunário para ajudar. O trabalho se constrói a partir de coletivos de informações, a princípio não organizadas, não selecionadas a partir de qualquer critério, ou não conformadas em uma ordem prévia. Das perguntas feitas ao coletivo, se observam padrões. A base do marco será uma base de dados. A estrutura do marco é uma rede de relações. A argamassa, a matéria, o que dá liga, são idéias compartilhadas.

Redes sociais tecnológicas e de idéias

O cordel pode ser dito coletivo, no sentido do que agrupa muitos, e mais ainda no sentido do que pertence a muitos. O que é de muitos, independente desses muitos serem iguais ou tomados como indiscerníveis. O que é de muitos porque é obra de cada um. Muitas mãos, habilidades distintas. Muitas vozes, não uníssonas. No entanto, uma produção coerente, a ponto de ser percebida e batizada com um único nome. Propagada por imitação e invenção, sem uma coordenação única. Apurada e escolhida pela coletividade. Por isso não cabe tanto perguntar de quantos para quantos, nem dividir emissores e receptores. Os papéis são cambiáveis e acumuláveis. Os papéis dependem de vontades, de tendências, de condições do ambiente e de respostas dos pares.

Para verificação da rede pretende-se contar com informações de um coletivo de folhetos. Os índices gravados devem revelar uma rede de muitas dimensões. As seqüências de pontos representam vida de gente e contam da sua produção e dos seus sonhos. Existe gente que escreve para outros publicarem. Alguns chegam a montar uma casa editora. Existem editores que trocam o nome de suas editoras. Existem editoras cujos títulos e máquinas mudam de proprietário. Também existem agentes-editores e editores-agentes. Ocorrem acordos e sociedades são desfeitas. Não será fácil a determinação dos nós da rede. Séries históricas contribuirão no entendimento da dinâmica de papéis e das formas de reconhecimento que sustentam a rede social do cordel.

Da leitura das biografias se acompanha a perigrinação que precede a instalação da tipografia, e até da agência de folhetos. Não se pode ignorar por completo que editores montam suas oficinas tipográficas em uma cidade por algum motivo. Dos grafos volta-se aos mapas para se confrontar a estrutura percebida na rede social com as condições de ambiente e as tecnologias disponíveis em cada época. No encontro dos grafos com os mapas, verifica-se a coincidência das cidades apuradas pela base de dados com a ocorrência de vias férreas, com os caminhos de água, com as rotas econômicas e movimentos migratórios.

O que se distribui pela rede, seja ela social ou tecnológica, não é qualquer mercadoria. O que se vende em praças e feiras, o que se leva pra casa, são idéias embaladas em folhetos. Importa sua qualidade, importa de que tratam, importa se são escolhidas ou não para serem reeditadas. No fim, a rede será uma rede de idéias e a partilha das idéias irá prover o ambiente de um meio onde a comunicação irá fluir. A intuição diz que para esta

rede a memória irá garantir a conectividade. A permanência será a questão escolhida para guiar o mapa das idéias. A memória será entendida como conexão no tempo.

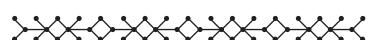
Destas questões saem as linhas que seguem: o aspecto social, as trocas materiais e suportes tecnológicos da comunicação, e por fim, a rede de idéias. No percurso, os fios se cruzam determinando os pontos que serão tratados. Cruzarão, inevitavelmente, narrativas próprias e emprestadas. Relatos de como se procedeu a pesquisa, de como foi estruturada a base de dados, dos impasses e descaminhos, das leituras teóricas que nos guiaram, das pessoas e dos encontros, e de como, entre uma ficha e outra, se é capturado na leitura de um folheto.

Por falar em folheto, este capítulo podia terminar como um deles, anunciando os títulos que hão de vir: Não deixem de ler *cordelistas e folheteiros, rede de transporte e comunicação em rede, o fio da confiança e rede de idéias*.

CAPÍTULO II



Trocas, território e tempo



Rede social e rede de trocas

Maria herdou títulos de Bernardo que comprou de Athayde, que comprou da viúva de Leandro que não comprou nem herdou de ninguém. Leandro Gomes de Barros publicou seu primeiro folheto por volta de 1889. Em 2006, A Lira Nordestina, que das mãos de Maria de Jesus da Silva Diniz passou por venda ao governo do Estado do Ceará e, desde 1988, é parte da Universidade Regional do Cariri, reedita os clássicos do cordel, entre eles, *A donzela Teodora* de Leandro. A linha sucessória cruza o século, costura pontos da Paraíba, a capital pernambucana e a região do Cariri cearense. Além desse tempo e além desse espaço, outras vidas se embaralham em fios e fios de histórias.

Coisas materiais, matriz, máquina, papel, Leandro não herdou. Mas é certo que uma incontável herança de vozes do sertão da Paraíba passou por ele. Como passou também por Agostinho Nunes da Costa (1797-1858), Nicandro Nunes da Costa (1829-1918), Bernardo Nogueira (1832-1895), Francisco Romano ou Romano da Mãe D'Água (1840-1891), Germano da Lagoa (1842-1904), Manuel Cabeceira (1845-1914) e Silvino Piruá Lima (1848-1913). Isso pra ficar com com alguns nomes lembrados por Francisco das Chagas Batista¹. Isso sem contar, João de Calaes, Ferrabrás, Carlos Magno e outras histórias impressas, de donzelas escravas, que disso já se falou muito. De Leandro, muitos herdaram, ou imitaram, o ofício de imprimir estórias antes cantadas, e contar em versos outras vindas em prosa.

1. Da relação de poetas em *Cantadores e Poetas Populares* (1929). Chagas Batista completa a lista com Leandro Gomes de Barros (1868-1918) e outros poetas: Joaquim Francisco Santanna (1877-1917), Antônio Baptista Guedes (1880-1918), João Melchíades da Silva (1869) José Galdino da Silva Duda (1866), Antônio Ferreira da Cruz (1876), Romano Elias da Paz (1903), os quatro últimos ainda vivos, na época da publicação.

Leandro que se inventou poeta de gabinete, no início do século XX já apontava uma lista de outros nomes em sete endereços de agências entre a Paraíba e Pernambuco, sobrando ainda duas agências para os estados do Norte, uma em Rio Branco, outra em Manaus. Entre os agentes, Chagas Baptista e Irmão o representam na capital, então chamada Parahyba. O irmão era Pedro Baptista que casou-se com a filha de Leandro, veio a publicar seus títulos, até que a viúva os vendeu para João Martins de Athayde em 1921. Francisco das Chagas Baptista, de quem Leandro era amigo, foi também poeta e editor. É aquele que foi visitado por Mário de Andrade em 1927 e sempre lembrado na leitura do *Turista Aprendiz*. Em 1911, sua Popular Editora enumerava três agências: Parahyba do Norte, Recife e Lisboa.

Como Chagas Batista, outros revesaram ou acumularam os papéis de editor e agente ou revendedor. Embora não figure seu nome nas listas de João Martins de Atahyde, conta-se que José Bernardo foi ambulante e vendia seus folhetos, antes de comprar suas matrizes e direitos de reprodução, em 1949. João José da Silva, na mesma época em que era editor da Luzeiro do Norte de Recife, aparece como agente nas listas da Tipografia São Francisco, de José Bernardo. Por sua vez, foram agentes da Luzeiro do Norte: Rodolfo Coelho Cavalcante (em Salvador-BA), Joaquim Batista de Sena (Fortaleza-CE), Manoel Caboclo (Juazeiro do Norte- CE), José Alves Pontes (Guarabira-PB). Todos também editores de romances e folhetos.

Ainda outras relações podem se estabelecer entre os fazedores da rede de cordéis. O trabalho aprendido, contratado, partilhado. Antes de ser agente da Luzeiro do Norte (Recife -PE) e da Bom Jesus (Patos- PB), antes mesmo de ter seu próprio prelo, Manoel Caboclo trabalhara na Tipografia São Francisco (Juazeiro do Norte-CE). Começou em 1938, quando tinha 22 anos.

Por essa época, João Ferreira Lima, de Caruaru, não dava conta do sucesso editorial de seu almanaque², tamanha tiragem. Foi recorrer a maquinaria de José Bernardo para dividir a produção. Deve ter sido desse encontro que começaram os dez anos de sociedade com Manuel Caboclo na confecção dos *Juízos do ano* (cf. Carvalho em Silva, M. C. 2000:15). No início dos anos 60 a sociedade se desfaz deixando avisos de rompimento publicados nas capas e quartas capas. Na década de 60, Caboclo montou oficina em sua casa. Era o início da Folhetaria e Casa dos Horóscopos.

2. *Almanaque do juízo do ano* é uma publicação anual que compila as previsões metereológicas junto com outros conhecimentos extraídos do Lunário Perpétuo. “Lunário Perpétuo; Foi durante dois séculos o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador de ciências complicadas de astrologia, dando informações sobre horóscopos, rudimentos de física, remédios etupefacientes e velhíssimos.” (em Dicionário do Folclore, Câmara Cascudo, 1979: 524).

Os herdeiros de Bernardo compartilham agentes com Manoel Caboclo, como José Flor, em Fortaleza e Antônio Alves da Silva, em Teresina. Mas, na rede de distribuição, não há índices de conexão entre a São Francisco e a Casa dos Horóscopos. Pode não haver interesse para um ou outro em estabelecer laços de troca com aqueles que pretendem, na rede, papéis semelhantes. Se estes semelhantes habitam a mesma cidade, então, não há porque um agenciar o outro. A um produtor irá interessar mais conectar agentes distribuidores do que seus pares. Alguns agentes tendem a durar na rede. Alguns chegam a conectar mais de uma casa editora. Outros a representá-las em mais de uma cidade.

Além dos agentes interessa aos editores manter laços com autores, imprimir novas histórias. Mais ainda, interessa aos autores a relação com editores, para verem publicados seus escritos. Às vezes, para tanto, vendem ou trocam seus direitos de publicação. Manoel Camilo dos Santos, depois de instalar sua casa editora em Campina Grande, conseguiu comprar de volta os direitos de suas primeiras composições, vendidas ao dono da Luzeiro do Norte de Recife, João José da Silva. Camilo, em tempos bons da sua casa editora, comprou, dos herdeiros, os direitos da obra do poeta João Melquíades, em 1955. Melquíades disputava a autoria do *Pavão Misterioso* com José Camelo de Melo. O romance era publicado em 1959, tanto pela A “Estrella” da Poesia, em Campina Grande, como pela São Francisco, em Juazeiro do Norte. Nenhuma dessas edições fazem referência ao nome de autor. Logo, o romance seria publicado por outras tantas editoras que surgiram a partir dos anos oitenta. Uma vez dando crédito a um poeta, outra vez fazendo justiça a outro.

Em trocas e encontros que não se permitem serem alinhados em um único sentido, se vislumbra uma rede. Embora se estabeleça entre pessoas, não se pode dizer que é uma rede apenas de laços sociais. O que passa de mão em mão nessa corrente de trocas sucessivas é o direito de publicação, papel passado em cartório. Mas, o que corre na rede não é papel de documento, é folheto impresso pra lá e papel moeda pra cá. Por outro lado não é uma rede estritamente comercial, pois o que se estabelece pelas disputas, avisos e protestos estampados nas quartas capas, também é papel, mas em outro sentido. São papéis sociais.

Este capítulo, através de índices gravados nos folhetos, discute se o sistema de distribuição do cordel pode ser chamado de rede. Ou ainda, de que tipos de rede este sistema se vale. O acúmulo de funções, ou o incremento de competência, como sinais de permeabilidade do sistema. Como a rede se espalha no território e como o ambiente e o coletivo vão interferir nas tomadas de papel na rede.

Papel na letra e na posse

Um velho árabe contou
um formidável trancoso
Zé Pontual escreveu
João José achou jeitoso
publicou embora o povo
ache o caso duvidoso

Lágrimas de um Jumento Apaixonado, José Pedro Pontual

Tudo começa com “um velho árabe”. O artigo é indefinido e não há nome próprio. Alguém, antigo e vindo de lugar remoto, contou uma estória de Trancoso³, um conto de fadas. Zé Pontual escreveu. Porque escreveu, nos deixou saber seu nome: José Pedro Pontual. Nem sempre se chega a saber o nome, as vezes um acróstico na última estrofe deixa uma pista, as vezes nem isso. Notório, no mais das vezes, é o nome do editor. João José é João José da Silva, também poeta, foi editor da Luzeiro do Norte de Recife. Na última página do folheto, o anúncio: “Procurem: *A virgem sentenciada* de João José da Silva”, não deixa dúvidas. Seu reconhecimento entre os pares e a posse ou o acesso à máquina impressora confere poder de escolha do que deve ganhar número— ser publicado. Para permanecer no tempo através de reedições, ainda se tem que ganhar o gosto do público.

A quarta-capa de *Lágrimas de um Jumento Apaixonado* está em branco. Não traz qualquer informação sobre a editora, sua cidade, seus agentes. Contudo, a primeira estrofe pode ser lida como uma síntese dos papéis nas redes de propagação do cordel: o que conta, o que escreve, o que publica e a quem se destina, melhor, quem aprova.

No mínimo a relação se dá entre dois papéis. O velho árabe lembra que os papéis são: narrador e comunidade. Antes que uma relação assimétrica— emissor receptor— temos uma relação de reconhecimento mútuo. Apenas se dá voz àquele que bem repercutte os valores partilhados pelo coletivo. Paul Zumthor (1993:63) identifica o portador da voz que mantém o laço social. Homens, bem mais raramente mulheres, cuja voz poética é “ao mesmo tempo, profecia e memória”(:139). De cuja voz, em presença, liga antes e depois, estabelece nexo, conexão e sentido entre acontecimentos.

3. O professor Gonçalo Fernandes Trancoso, foi autor da primeira coleção de estórias populares em Portugal, daí que se tornaram conhecidas como *estórias de Trancoso* os contos tradicionais “o documentário mais rico de nossa literatura oral”conforme Cascudo (1968:103).

Raras mulheres deixaram nome entre autores, embora tantas repetiram histórias de pavões e dragões, na hora de ninar. Confirmamos a observação de Zumthor, em *Terra de Sol* de Gustavo Barroso, publicado pela primeia vez em 1912. No tópico dos “divertimentos” Barroso imprimiu os nomes de umas poucas mulheres, já famosas no início do século XX, como Maria Tebana, Salvina e Xica Barrosa, entre tantos debatedores guardados pela tradição oral: Bem-te-vi e Madapolão, cego Chico Sales com o Neco Martins, Romano da Mãe d’Água com Inácio da Catingueira (cf. Barroso, 2003: 244).

Nem todos os desafios publicados nos livros e folhetos de fato ocorreram, ou se ocorridos, não é certo que tenham sido fielmente reportados. Há essa idéia de uma voz não isolada que deve se sustentar no desafio. Como numa teima que põe a prova uma idéia pelo cansaço, a peleja soma resistência a talento e presteza. É chamada debate e é chamada encontro, deixando espaço entre divergências e convergências.

Só pra lembrar que o narrador pode ser dois de uma só vez. Todavia, não se tratam de duas formas distintas de pensamento. Em “Um gosto de disputa. Um combate imaginário”, Jerusa explica: “as falas não se contraporem dialogicamente mas, ao contrário, servirem para reforçar o universo monológico, criando uma espécie de fala para si mesmo, apesar da aparência de disputa”(Pires Ferreira, 2003:146). Não há confrontos na lógica dos discursos, mas um mesma lógica se apresenta numa alternância de vozes.

Entre tantos encontros, ainda um estava marcado para acontecer na virada do século XIX, já entrando pelo XX. O encontro da cantoria com a tipografia resultou na emergência de uma literatura de folhetos. O ambiente matriz, favoreceu a migração do verso falado para o texto impresso. Também levou narrativas já conhecidas em prosa, uma passagem para o papel em versos, para em seguida voltar à voz. A permanência de características orais denunciam a presença das práticas de leitura coletiva e cantoria.

Os pequenos impressos com seus romances e versões rimadas de noticiosos, também memória e profecia, pegam carona nas gráficas dos jornais, de cuja atividade no Nordeste se tem notícia desde fins do século XIX. A imprensa que acompanha a conquista política nas capitais e o crescimento econômico de outras cidades. As coisas se cobrem de letras, o jornal, as placas, os rótulos. Nas cidades, não há mais pessoa ou grupo que possa se dizer totalmente livre da escrita.

Nem tudo é favorecimento. Há na disseminação dessa literatura um tanto de teimosia. Da teimosia de se domar a máquina de impressão surgem os editores de folhetos, romances e almanaque. E o papel do narrador se desdobra nas possibilidades de escrita e edição.

Da teimosia de não ficar num canto só, se espalham os folhetos nas malas dos viajantes, pelos ambulantes, nas feiras, semeando vontade de ler. Daí que surgem papéis que Zé Pontual esqueceu, ou que não cabiam na estrofe de seis versos: vendedor, revendedor, agente, folheteiros.

Pra aprender a ler, também se precisa de um bocado de teimosia. No correr do século e espalhamento dos folhetos pelo Brasil, se pode falar em graduações entre oralidade e escritura, sem abandono de uma cultura, nem passagem definitiva para outra. A escuta do texto lido difere da fala solta. O reconhecimento de imagens estampadas já é um tipo de leitura. O público a quem se destina a produção de folhetos é leitor e auditor.

Dos que compartilham a audição coletiva, muitos não foram contemplados com uma educação formal. Destes, alguns irão buscar nas cartas de ABC a competência de leitor. Dono da voz e da atenção da comunidade, talvez não demore a compor, e o faça com facilidade se engajando na máquina da rima, tornando-se poeta de bancada, ou poeta de gabinete.

Descoberto poeta, talvez consiga também imprimir folhetos valendo-se da ociosidade ocasional das gráficas de jornais. Talvez o conhecimento dos modos de transformar originais manuscritos em folhetos em série, o tornem editor. De si e de outros poetas. Para dar conta da produção resolve investir em prelo e tipos, monta sua pequena oficina de folhetos, primeiro em casa, depois em baixo ou do lado da casa.

Quem não mora na capital, onde se pode aproveitar dos clichês de anúncio de cinema, ou encomendar um desenho ou foto para ser reproduzido por zinctipia, terá que se valer da madeira, do trabalho dos santeiros. Para dar conta da urgência de um impresso, irá perceber que a xilografia não é tão difícil. Basta cavar a casca da cajá com paciência, ou cortar a preferida umburana. E, na prática, descobrir que o riscado fica branco e que tudo fica inverso, na impressão. Ou se não desenvolve a arte, logo se junta a ele um filho, sobrinho, afilhado ou amigo, hábil em cortar imagens, rótulos e matrizes para as capas.

Pra quem já é bom de verso e improviso, não custa desenvolver outras manhas da fala: a conversa e a negociação. Por isso, ou por se localizar em um lugar de passagem de muitos ouvintes/leitores, tudo o induz a ser também agente de outros editores. Pode ser que sua oficina cresça e ele tenha empregados, gráficos. Entre eles, um rapazote, que mal saiba reconhecer as letras nos tipos, chegado para varrer picotes de papel, poderá se tornar o próximo editor de folhetos.

A história do ouvinte que se fez leitor que se tornou escritor que montou tipografia

e acabou como grande editor e agente, não é tradução de nenhuma biografia de cordelista em particular. Mas, há recorrência de histórias que coincidem com partes dela. Não necessariamente as seqüências dos eventos na vida se dão completas, nem obrigatoriamente se dão nessa ordem. Se for para comparar com o número de poetas existentes, poucos foram os que chegaram a grandes editores, menos ainda os que realizaram o sonho da casa tipográfica própria. Alguns tornam-se também agentes de outras editoras.

Nem todos os agentes são poetas. Muitos poetas vendem seus folhetos, mas raros em endereço fixo, senão a própria residência. Muitos poetas venderam seus direitos de publicação, e nesse comércio, a propriedade se confunde com a autoria. Muitas outras coisas se confudem, e os papéis são raramente vestidos, um a cada vez, de modo definitivo. Dá muito trabalho catalogar romances e folhetos valendo-se de papéis emprestados do mundo dos livros. Enquanto os estudiosos no assunto irão se preocupar com quem é o autor, no comércio importa mais quem é o proprietário.

Mais que a autoria, a propriedade reconhecida pode fazer diferença no bolso. De Rodolfo conta-se que pagou sua casa com as reedições de um só título: *A mulher que virou cachorra porque bateu na mãe*, “recorde de vendagem dos mais de 2000 títulos de sua autoria, com 445.000 exemplares, circulados em vinte e oito edições, a partir de 1952” (Matos, 1986: 63). Em pura fabulação, José Pedro Pontual escreve entre os versos finais de seu *Lágrimas de um jumento apaixonado*:

Dois mil bilhões de retratos
no mundo se espalharam
até filme do jumento
com a jumenta tiraram
houve até folheteiros
que com o livro enricaram

Do velho árabe que contou o *trancoso*, a essa altura, ninguém mais se lembra.

Nem é de se lembrar, que no mais das vezes a invocação seja de um velho árabe, Apolo ou musas, é um recurso de se começar uma história pegando emprestado uma fonte de reconhecido prestígio ou saber. “Apolo disse em Paraíba...” é o primeiro verso de *Pilão Deitado*, a vida do cangaceiro contada por Dila. “Um cientista me disse...” começa o folheto *Descrição das Mulheres Conforme seus Sinais*, de Leandro Gomes de Barros. Da mesma forma, poderia começar uma discussão sobre os papéis na rede de cordéis, lembrando o que escreveu sobre o assunto alguma reconhecida autoridade: Câmara Cascudo, Rute Terra, Orígenes Lessa, Sebastião Nunes Batista.

Sebastião Nunes Batista escreve um artigo no volume que compila “Estudos” da coleção *Literatura Popular em Verso*, da Fundação Casa de Rui Barbosa (1973), cuja motivação era restituir a autoria de alguns títulos publicados anteriormente no volume “Antologia”, da mesma série (1964). De fato, muitos dos folhetos têm autoria disputada, alguns casos tornaram-se notórios como o já bastante comentado de João Melquíades da Silva e José Camelo de Melo, pelo *Pavão Misterioso*⁴. Fora as dúvidas de autoria entre poetas, os casos de autoria atribuída ao editor são ainda mais numerosos. O questão sobre a autoria interessa mais que a sua determinação caso a caso.

Aquele que foi matriz para muitas imitações, Leandro Gomes de Barros, foi um que adaptou muitas histórias para o verso. Foi o caso de *A Donzela Teodora*, já bem conhecido em prosa, que se tornou um romance clássico também em verso. Os estudos morfológicos irão mostrar o tanto de matéria comum que as narrativas reproduzem. Em casos, como as histórias de cavalaria, Jeruza Pires Ferreira fala tanto de um texto matriz, na influência *Carolíngaea*, como de matrizes não escritas ou virtuais somam muitas e nenhuma em particular, da matéria *Arturiana* (cf. Pires Ferreira, 1993).

No comércio de folhetos de autoria imprecisa o que prevalece é a assinatura do proprietário. É ele, autor ou não, que na maior parte das vezes irá tentar garantir a exclusividade de uma versão da história, que pode ter outras tantas versões anteriores sabidas de cor. É ele que vai negociar as criações do poeta sem recurso, que, se a sorte ajudar, poderá comprá-las de volta um dia. É ele que, por fim, vai vender ou deixar de herança direitos de reprodução, junto com suas máquinas e matrizes. É ele o nó mais estável da rede.

O editor proprietário é quem vai estampar listas dos títulos que comercializa e listas de agentes nas respectivas cidades onde os títulos poderão ser encontrados. Entre estes agentes, não raro se encontram nomes de outros editores, mostrando que a relação entre os pares não se reduz à concorrência comercial, mas pode assumir formas de colaboração. Se a coesão na rede é função da reciprocidade das relações, podemos atribuí-la aos que acumularam edição e agenciamento, promovendo relações de mão dupla entre pontos da rede.

4. Nunes Batista argumenta que o autor seria José Camelo, e acrescentando estrofes dele, como: *Quem quiser ficar ciente/ Da história do Pavão/ Leia agora este romance/e preste bem atenção./ Que verá que esta história/é minha e de outro não.*

Dos agentes que não se tornam editores, sabe-se pouco mais que os endereços. Seus nomes tornam-se conhecidos apenas pela repetição nas quartas capas. Pouco se conta da história dessa gente, exceto se algum foi ou se tornou também poeta ou editor. No entanto, se a coesão na rede é função do tempo, os agentes que não acumularam outras funções foram os responsáveis por ela na rede de distribuição do cordel. No modelo das simbiose, onde a moeda de troca é a capacidade que um tem e que o outro não tem, relações por funções complementares tendem a ser mais duradouras. É assim que nas listas de agentes se encontram nomes que cruzaram décadas na representação de uma ou mais casas editoras, como o agente de Teresina, Antônio Alves da Silva.

O mais importante é que os agentes contribuem na seleção da memória. Da relação de pedidos dos agentes se produzem as reedições. Em contato mais freqüente com compradores sabem entender suas preferências e intuir que novos títulos têm maior condição de saída. Seu Antônio conta que interferiu no título do folheto *Lampião e Lampião*, como chamou o autor e editor João José da Silva, de Recife. O agente sugeriu que mudasse para *Lampião e o falso Lampião*, pois o título original não era entendido pelos possíveis compradores do folheto (cf. Carvalho, 2001: 205). Seu Antônio se mostrou não apenas um agente revendedor, mas também um ponto sensível à atenção da audiência, capaz de retornar uma informação ao editor.

Produção e recepção embutidos um no outro – a produção sob comando, de Jackobson, que nos chega por *Cavalaria em Cordel* (Pires Ferreira, 1993: XV). Campo movediço para se estabelecer fronteiras precisas entre papéis. No mais das vezes vence o comércio, a compra. Tanto na eleição do que deve ficar, como na nomeação dos que serão lembrados junto com o título do romance ou folheto.

Papéis em nomes e números

Conto – de computus – computus de computare – computar contar reduzir a soma, pois o cômputo outra coisa não é, na vida prática. (Cascudo, 1972: 516. verbete “literatura oral”)

Há no Nordeste cerca de 1500 trovadores. Mais de 100 poetas populares exercem suas atividades profissionais no ramo de folhetos. Uns 50 dos 1500 são mais populares entre milhares de leitores. Cinco trovadores, apenas, possuem tipografia. Cerca de dois milhões de nordestinos lêem folhetos populares em versos. Há folheto que soma 200.000 exemplares em edições seguidas. Calculadamente 3000 pais de família vendem folhetos nas feiras. (Cavalcante, R. *apud* Maranhão, L., 1981:17)

Em seu jornal *O Trovador* ano IX no. 60 - dezembro de 1957, Rodolfo Coelho Cavalcante publicou uma espécie de senso em forma de artigo chamado “Nossa estatística”. Contados, estimados ou calculados, os números de Rodolfo são convincentes. Tomados os papéis, podemos dizer que embora possam ser muitos os narradores potenciais, a audiência tende a ser mais numerosa. Entre os ouvintes e os contadores de histórias, a possibilidade do anonimato é certa para o primeiro grupo. Dos cantadores, alguns se tornarão reconhecidos na época. Aqueles que deixaram seus nomes escritos terão a chance de serem lembrados por mais tempo. Nas biografias, se repetem os relatos do ouvinte que aprende a ler, vira escritor, torna-se editor. A dinâmica dos papéis envolve o acúmulo e a troca. É preciso entender o que implica cada posição na rede para compreender a rede social.

Conforme foi explicado no capítulo anterior, para lidar com os folhetos foi estruturada uma base de dados. Para o preenchimento dos campos, foi preciso isolar alguns papéis. Da repetição de um mesmo nome em campos distintos, percebem-se as possibilidades de conjunções entre funções. O preenchimento dos campos foi determinado a partir dos impressos catalogados. Os campos onde entram nomes de gente são: editor, autor, agentes e autor-imagem. Estes são preenchidos com informações anotadas nos folhetos, como pode-se ver na página seguinte.

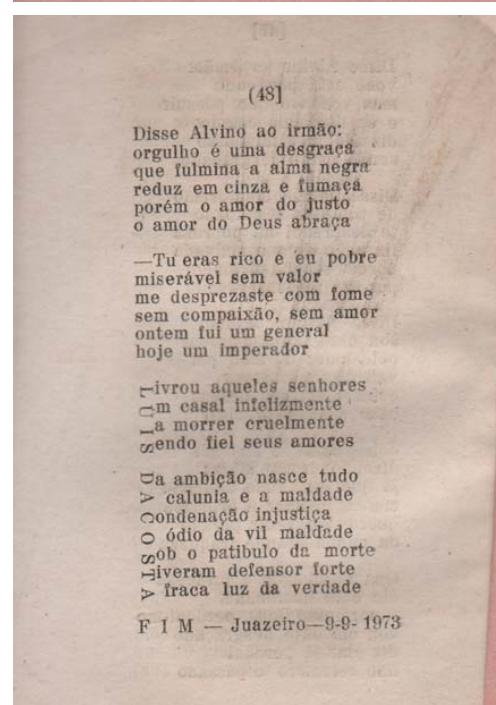
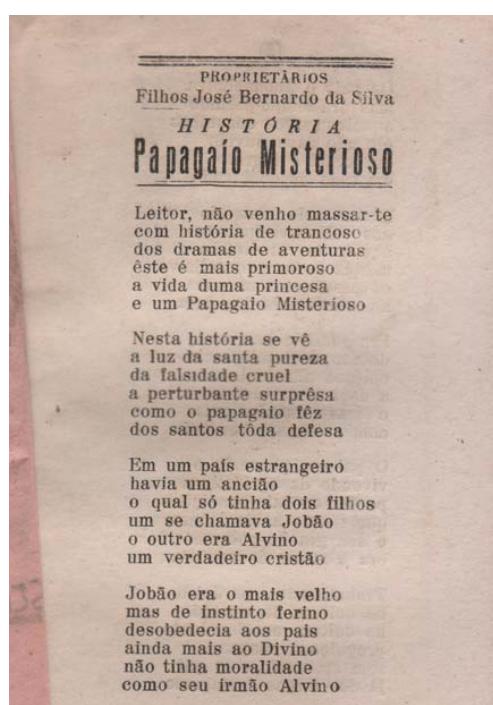
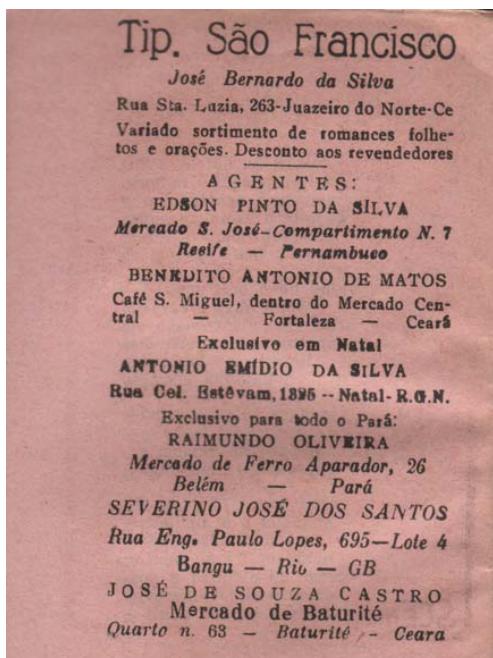
Bau-editoras::editor	autorpoeta	autorimagem	fAgentes		
AUTOR	Erotildes Miranda dos Santos	não identificado			
AUTOR	Erotildes Miranda dos Santos	não identificado			
AUTOR	Erotildes Miranda dos Santos	não identificado			
José Bernardo da Silva	Erotildes Miranda dos Santos	-			
-	Erotildes Miranda dos Santos	Sinésio Alves			
herdeiros de José Bernardo da Silva	Erotildes Miranda dos Santos	Stênio Diniz	Edson Pinto da	Benedito Antônio de	Antônio Alves da
Maria de Jesus Silva Diniz	Erotildes Miranda dos Santos	Francorli	Edson Pinto da	Antônio Alves da	Manoel Pinto da

O campo EDITOR está vinculado a base relacional *Bau-editoras*.

O campo AGENTES comporta até 17 entradas (aqui se mostram apenas 3). Seu preenchimento alimenta a base relacional *Bau-agentes*.

Exemplo: Na busca por folhetos de Erotildes Miranda na base *Bau-folhetos*, podemos verificar os papéis envolvidos na confecção e distribuição de diferentes folhetos do mesmo autor:

Romance: *História do Papagaio Misterioso*
1973 (GC 0210)
quarta-capa, capa,
primeira e última
páginas.



Os campos foram preenchidos, com informações tiradas do impresso. Dos nomes que aparecem anotados nos folhetos foram tirados os papéis que fazem a rede. Em um folheto, quando um mesmo nome ocupa campos distintos se observa o acúmulo de funções. Ver abaixo exemplo de ficha:

1 FOLHETOS

G.C. 0210

titulo: **HISTÓRIA DO PAPAGAIO MISTERIOSO**

autor: Luís da Costa
editor: herdeiros de José Bernardo da Silva
editora: Tip. São Francisco / Lit. de Cordel José Bernardo da Silva
cidade: Juazeiro do Norte
estado: CE

quantos: 1
edição: 1973
década: XX-70

achar +1 todos

texto capa

Autor e cantador e poeta

Cada uma das designações, cantador, poeta, autor, carrega suas ressalvas. *Vaqueiros e cantadores*, chamou Câmara Cascudo. *Cantadores e poetas populares*, completou Chagas Batista. Só *cantador* bastaria, não fosse a imprensa trazer outras categorias. Cantador nem sempre é autor, ou o autor, do que canta, embora o seja em parte no momento em que se apresenta. Também nem todo autor é cantador, aliás muitos dos famosos escritores de cordel não o foram. Para o caso desta pesquisa que persegue os rastros de papel impresso, cantador não é o melhor nome.

Poeta é nome mais usado por estudiosos, ou um nome que alguns dos produtores de folhetos e romances chegam a tomar. Há uma discussão entre os fazedores da rede sobre as competências. Gilmar de Carvalho confirma que José Bernardo da Silva não se considerava poeta⁵. Não basta que existam folhetos assinados por ele, é preciso que estes sejam reconhecidos pela comunidade, o que mostra uma diferença entre a tomada de funções e o reconhecimento dos papéis. O Padre Cícero haveria dito a João de Cristo Rei: “Você agora vai ser poeta” (Carvalho, 1987:39). Designio, benção, dom, valor. Poeta talvez não represente bem todos os nomes que aparecem da coleta de impressos, que inclui folhetos de propaganda, ou obra única de alguém que escreveu por aventura, e até escritos em prosa, como são alguns almanaque que se juntaram para compor a história das oficinas tipográficas.

Acabou-se optando por *autor*, que é o nome que mais aparece escrito nos folhetos e romances. Também por causa dos folhetos em prosa cadastrados. Com todas as ressalvas que se possa fazer ainda sobre esse tipo de autoria “o poeta se descobriu assumindo esta posição de porta-voz e **autor** de um texto que antes tinha sido elaborado coletivamente” (Carvalho, 1987:38-39). Do caráter coletivo da produção do cordel já se tratou diversas vezes e será recordado sempre que se faça necessário. No momento trata-se de ir em busca dos nomes que compõem a coletividade, até para, em números, confirmá-la.

Para anotação, a pesquisa considera ser o autor aquele que versou a história, escreveu e, na prática, o que deixou seu nome estampado no folheto. Por isso, na base de dados, um mesmo título pode ser considerado sem autor em uma edição, e com o nome do poeta ou nome do editor em outra, conforme tenha sido declarado em folheto. Qualquer informação divergente ou complementar a que se tenha acesso por outras fontes que não

5. Em defesa de José Bernardo, Minelvino escreve em quarta capa de folheto: “Muitos diziam que José Bernardo não era trovador, porém eu tive o prazer e a felicidade de conhecer pessoalmente, tenho livros escritos outros oferecidos por ele. Esse professor anônimo já com quase setenta anos de idade e desde moço só fazendo livros espalhando por todo Brasil.”

o próprio folheto (livros, entrevistas), é anotada no campo das observações. Na quantidade, espera-se que as informações anotadas a partir dos folhetos se corrijam.

Em números: Em 900 folhetos, já aparecem mais de 210 autores diferentes. Pelo menos 40 folhetos aparecem com autor não identificado. Uma média simples estaria longe de representar bem os números cadastrados, pois há uma diferença em quantidade de publicações entre autores-editores e os outros autores. Grande parte dos autores listados, cerca de 120 nomes, aparecem com um título apenas. Os nomes que acumulam mais títulos são, nessa ordem: João Martins de Athayde (83), Abraão Batista (74), Dila (41), seguidos de José Bernardo da Silva (24), Manoel Caboclo (23), João José da Silva (21), Leandro Gomes de Barros (19), Rodolfo Coelho Cavalcante (17), José Pacheco (15), Manoel Camilo dos Santos (12), Gonçalo Ferreira (12), Joaquim Batista de Sena (10), Azulão (10) Delarmé (9), Olegário Fernandes (9), Expedito F. da Silva (9), Francisco Zênio (9), João Bandeira Caldas (8), João Pedro (8) e Apolônio Alves (8).

Desta lista de 21 nomes, 14 são editores. Muitos dos títulos atribuídos a Athayde, são de Leandro Gomes de Barros. Alguns ainda podem ser de Delarmé⁶. José Pacheco tem além de muitos folhetos, alguns que mereceram constantes reedições, como “A chegada de Lampião no inferno”. Abraão, Dila, Rodolfo e Leandro, editaram, principalmente, a própria obra. Deles, apenas Dila com máquina própria.

Ainda pode-se comparar esta contagem com o Catálogo da Fundação Casa de Rui Barbosa (1961). Nele, os autores com maior quantidade de títulos são: **João Martins de Ataíde, Rodolfo Coelho Cavalcante, José Bernardo da Silva**, Cuíca de Santo Amaro, João de Cristo Rei, Antônio Batista, **Manuel Camilo dos Santos, José Pacheco**, Minelvino Francisco da Silva, Moisés Matias de Moura, **João José Silva**, Aristeu Guerra Moreira, Manuel d’Almeida Filho, José Martins dos Santos, Firmino Teixeira do Amaral.

Muitos nomes coicidem (aqueles em negrito), e que notadamente correspondem aos nomes daqueles também editores, exceto José Pacheco. Existem diferenças tanto no intervalo da coleta, como em seu critério. Enquanto a da FCRB se propõe a enumerar títulos sem repetições, esta pesquisa considera várias edições de um mesmo título como exemplares distintos. Tampouco houve uma seleção de títulos, e foram considerados almanaques e formas que fogem do que seria a literatura de folhetos, se tomada em sentido restrito. Algumas experiências em prosa, outras com predomínio de imagens, contribuiram para desenho de um quadro geral.

6. Delarmé teria trabalhado para o editor por oito anos (cf. Slater: 1984: 280). Outra relação de Delarmé é com José Bernardo. Seu nome aparece em duas listas de agentes da Tipografia São Francisco no ano de 1957.

Editores e casas editoras

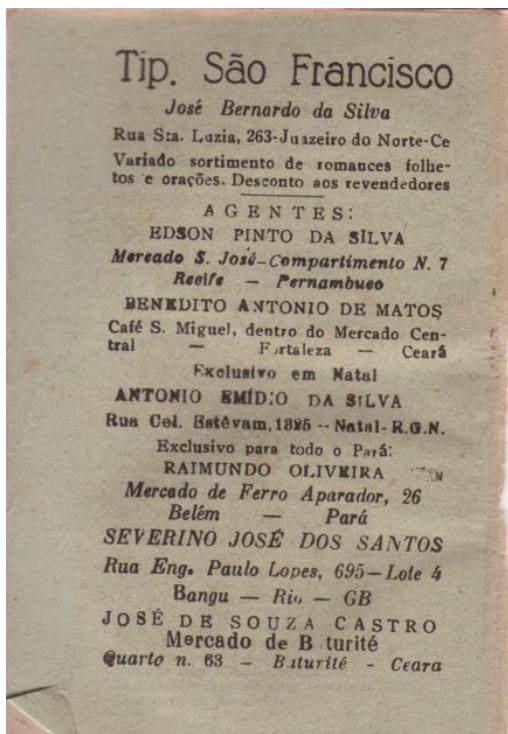
A partir do preenchimento dos campos das fichas, foi possível identificar cerca de 50 editoras. Não é possível fazer uma relação biunívoca entre casas editoras e editores proprietários. Alguns editores possuíram mais de uma tipografia ao longo do tempo. Algumas editoras passaram por mais de uma mão. Algumas tipografias não conferem tanta importância à identificação do editor. Nem sempre se preservou a relação pessoal estabelecida entre casa editora e editor proprietário, característica do auge da produção.

Nestes mais de cem anos de folhetos impressos, fazendo buscas em intervalos de tempo, pode-se identificar alguns conjuntos de editores que convivem e disputam mercado, sem que seja necessário que se relacionem diretamente.

No início eles eram Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros; até a metade do século João Martins de Athayde em Recife e Francisco Lopes em Belém. Entre os anos 50 e 60, os três grandes editores eram José Bernardo da Silva, João José da Silva e Manuel Camilo dos Santos. A partir dos anos 70, as emissões se concentram entre a Tipografia São Francisco, por essa época dos herdeiros de José Bernardo, e a Luzeiro de São Paulo (antiga Prelúdio). Até o fim dos anos 80, a São Francisco irá tomar outro rumo, outro nome. A Luzeiro, em São Paulo, prossegue sua indústria. Muitas casas editoras surgem, algumas ligadas fortemente ao autor-proprietário (como Dila, J. Borges) outras, fruto de associações de cordelistas ou ligadas a instituições. Algumas destas, como A Casa da Criança de Olinda e a Casa de Cultura São Saruê, se pretendem mais plurais. Não se concentram em torno de nomes tão centralizadores como foram as anteriores.

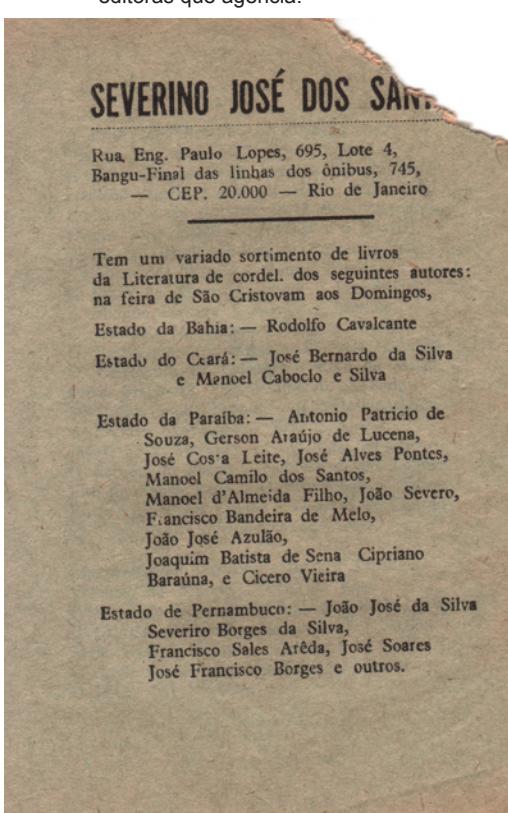
Virado o milênio, na Lira Nordestina, que decende da empresa familiar que foi a São Francisco, fala-se em associação, cooperativa. Casas editoras mais recentes, como a Tupynanquim de Klévisson Viana em Fortaleza e a Coqueiro de Recife, procuram guardar práticas tradicionais (como a impressão das listas de agentes), conjugadas com a indústria do ofsete.

Este é um esquema bem geral e privilegia as grandes casas editoras. Entre os que cruzam grupos e papéis, ficou de fora muita produção significativa. Rodolfo Coelho Cavalcante e Minelvino, na Bahia; Joaquim Batista de Sena em Fortaleza; Costa Leite, que se notabilizou também por suas gravuras; como Borges em Bezerros e Abraão Batista em Juazeiro. Deste último, a vasta produção cobre mais de 30 anos de publicações, presença forte tanto na lista dos autores como na dos editores; do grupo que passou a produzir no Rio de Janeiro, Mestre Azulão, Apolônio Alves e Gonçalo Ferreira da Silva.



No romance: *História do cachorro dos mortos*, 1973 (0241), a Tipografia São Francisco relaciona seus agentes. Entre eles: Severino José da Silva, no rio de Janeiro.

Severino José dos Santos é agente do Rio de Janeiro. Nesta quarta capa inverte a lógica das listas e faz imprimir as casas editoras que agencia:



ROBERTO CARLOS No Ano -1- da Criança Brasileira, sd. (0185)

Embora existiram editores que não escreveram histórias de cordel, de um modo geral, se confirma a tendência em se acumular o papel de editor e autor. Alguns chegam a editar exclusivamente ou preferencialmente a própria obra.

O universo é muito pequeno para se tentar relacionar estatísticas a estes comportamentos. Cada editor escreve uma história de forma particular, das combinações de pedaços comuns. Alguns deixaram seus retratos estampados nas quartas capas, outros preferiram escrever recados, avisos e reclamações, muitos deixaram as listas de agentes. Entre os agentes, alguns eram também editores.

Agentes e revendedores

Os folhetos e romances que trazem informações sobre agentes o fazem em forma de listas dos seus nomes e endereços. No mais das vezes se imprimem as listas de agentes de um editor. Muito raramente se encontra em um documento uma lista de editoras agenciadas por alguém. Na base desta pesquisa apenas um folheto propôs esta inversão⁷.

Do cadastramento dos folhetos foi constituída uma base relacional de agentes que totalizou 134 fichas de agências. Nestas fichas não há campo para anotar a desconhecida história dos agentes. Mudanças se deduzem pela troca dos endereços, que se traduzem em acúmulo de fichas com um mesmo nome de agente. Com isso, pode-se acompanhar também os períodos de atuação e o leque de editoras agenciadas.

7. A inversão no modo como dados se apresentam será útil no desenho dos grafos da rede de distribuição.

Entre os agentes são também editores: Chagas Baptista, João José da Silva, Rodolfo Coelho Cavalcante, Manoel Caboclo, Joaquim Baptista de Sena, José Alves Pontes, José Costa Leite, Manoel Caboclo, Gonçalo Ferreira, J. Barros, Olegário Fernandes, Antônio Américo e João Severo. Os dois últimos aparecem mais como agentes do que como editores.

Um agente pode não corresponder a um só destino. Acontece de um agente mudar-se ou ampliar seu raio de ação, somando até três cidades próximas. No Maranhão, Lino Ferreira Neto foi agente da Graças Fátima, da Luzeiro do Norte e também da Tipografia São Francisco. Seu endereço aparece entre 1947 e 1957 em São Luís; está em Bacabal entre 1964 e 1966; e em 1974 monta sua banca, Trovas do Norte, no mercado público de Santa Inês. Na década de 70, João Severo da Silva agenciou a Tipografia São Francisco em Natal no Rio Grande do Norte e em Bayeux e João Pessoa na Paraíba. Curioso é que a composição dos agentes pode ajudar a estimar, pelo menos a década de um folheto sem data, pela coincidência de nomes e endereços a partir de um folheto datado.

Uma agência não é por obrigação destino final de um folheto. Os revendedores, vendedores de feira, ambulantes, dão conta de estender, anonimamente, a rede. E sabe-se lá onde vai parar cada folheto levado no bolso. O agente é mais meio que fim. É também destino certo. Do cadastramento dos agentes pode-se identificar uma lista de cidades que foram atravessadas pela rede de distribuição do cordel: Rio Branco e Xapuri (Acre); Porto Velho (Rondônia); Manaus (Amazonas); Belém e Santarém (Pará); São Luís, Amarante, Icatu, Grajaú, Santa Inês e Bacabal (Maranhão); Água Branca, Teresina e Parnaíba (Piauí); Fortaleza, Juazeiro do Norte, Baturité, Ipú e Sobral (Ceará); Natal e Montanhas (Rio Grande do Norte); Recife, Caruaru e Bezerros (Pernambuco); Parahyba, depois (João Pessoa), Alagoa Grande, Bayeux, Campina Grande, Guarabira, Itabaiana, Sapé, Patos e Pombal (Paraíba), Aracaju e Poço Verde (Sergipe); Maceió e Arapiraca (Alagoas); Salvador (Bahia); Itapeci e Boa Vista (Goiás); Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) São Paulo e Embu (São Paulo), Belo Horizonte (Minas Gerais) e Brasília, Distrito Federal.

Estas cidades não aparecem nas listas simultaneamente, mas alternam-se em conexão com as principais editoras, formando configurações de rede que variaram nestes últimos cem anos.

Relação entre pares *atribuição dos papéis pelo coletivo*

Em “O homem em estado de número”, Geneviève Bollème conta as formas de povo para os Gregos (1988:18). *Laos* é povo em armas; *dèmos*, a população de uma terra habitada; *ecclèsia*, o povo reunido por convocação para deliberar em comum; *sullogos*, povo como reunião incidental, colóquio, palestra ou reunião de bandos; *homados* é povo como reunião confusa ou tumultuosa, multidão; *oclos*, por fim, são ajuntamentos do povo, ou multidão que pelo tumulto, causa embaraço, importuna. O que está em jogo não é a quantidade de pessoas, não é a composição— classe ou tipo— de gente, mas a forma como se organizam. E a forma é função do propósito.

Um ajuntamento de gente em volta de um cantador é uma reunião quase incidental, no sentido que não se pode determinar previamente o tamanho e a duração do encontro, nem quem irá parar para ouvir e quem seguirá. O grupo que escuta não se comporta de modo homogêneo. Alguns ficam mais próximos, outros reparam de mais longe. Alguns riem, outros fingem não prestar atenção. Mas não é por acidente, e sim fruto de plano, se instalar em um bom ponto para se fazer escutado.

Se Rodolfo Coelho Cavalcante começou vendendo folhetos quase por acaso, logo desenhou para si um destino. Nas suas andanças, nos anos 30, escreveu seu primeiro cordel em Fortaleza e teve banca de folhetos em Teresina. Em 1945, se estabeleceu na capital baiana com sua agência, Casa do Trovador. Ele, alagoano, encontrou em Salvador o lugar de onde ia ser escutado.

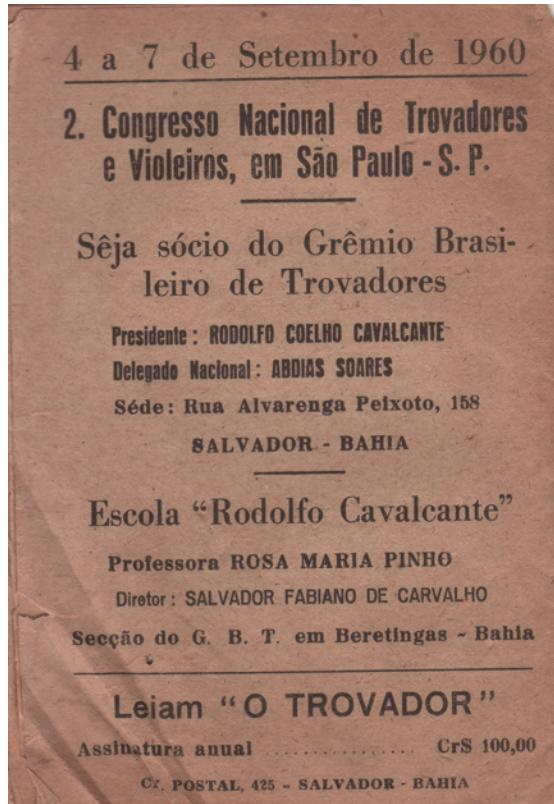
Um dia Rodolfo viu uma reunião diferente das que aconteciam nas feiras: era um encontro de escritores (1950 em Salvador). Almejou, desde então, algo parecido para o cordel. Em 1955 organizou, em Salvador, o Primeiro Congresso de Trovadores e Violeiros. O que se podia ganhar em conjunto, Rodolfo vislumbrava. Reconhecimento.

Reconhecimento das autoridades ou de outras camadas das literaturas, pois o reconhecimento do público era garantido. Ocasião para discutir problemas comuns. Entre os problemas, perseguições que sofrem os vendedores ambulantes. Maus encontros com a polícia fazem parte da biografia de muitos na história do cordel.

Da reunião quase incidental, para a Reunião com data, hora, deliberações, pautas, atribuição de cargos, hierarquia. “A organização exigida pelo número é a cidade, aquilo que convém a ela, aos que a habitam, aquilo que têm ao seu favor, aquilo que é *politikos*, às vezes se traduz por popular” (Bollème, 1988:18).



Na quarta capa do folheto *Os Clamores das enchentes do Ceará e o Arrombamento de Orós* (0219) o anúncio do **Segundo Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros** também foi organizado por Rodolfo Cavalcante (e a distância) aconteceu em São Paulo em 1960.



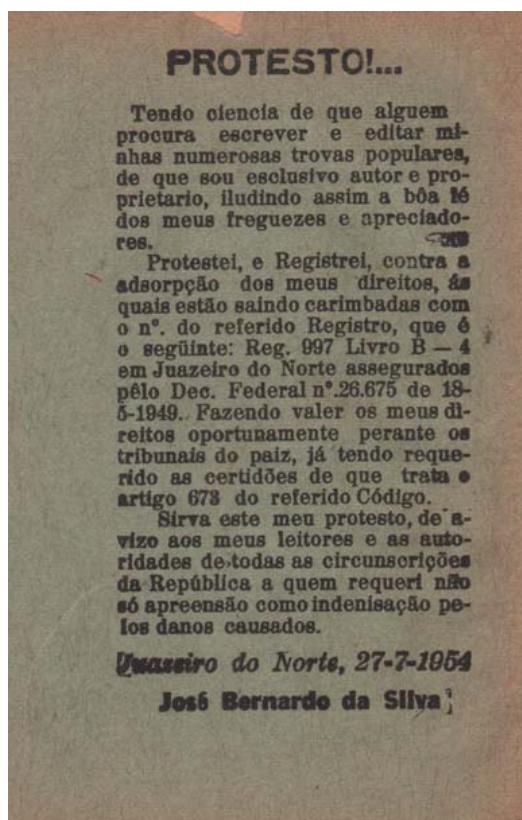
Não é possível conformar estritamente a produção e distribuição nos modelos gre-gos recordados por Bollème. Apenas se pretende chamar atenção para a relação entre organização e propósito. Ou, para ficar com os parâmetros sistemicos evolutivos (Vieira, 2005:345-348), observar que: da composição se estabelece uma estrutura pelas relações estabelecidas; nas estruturas podem ser percebidas nucleações: integralidade; a integralidade é índice de especialização de funções.

Outras formas de organização já haviam permitido o movimento do cordel, e não se conformavam em uma hierarquia única. Nem dependiam de uma coordenação centralizada, ou de reuniões presenciais. Dada a dimensão geográfica alcançada, as organizações emergem das diversas decisões tomadas localmente, mas conectadas de forma a serem percebidas como um coletivo. Fios de relações se espalharam e promoveram outra sorte de reconhecimento. Os papéis que ganharam nomes e que se contaram em números, se confirmaram na relação entre os pares. Estatutos que não foram escritos, nem estabelecidos em encontros de trovadores, mas acordados através de pelejas dispersas. Confiaça negociada, constrangimentos e constante reconfiguração. Esta estrutura invisível deixou índices gravados nos folhetos.

Os índices da rede nos folhetos

Relação entre editores e agentes

A prática de relacionar os agentes se dá desde os folhetos de Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, na primeira década do século XX. Também declararam seus revendedores, Athayde em Recife e a Guajarina em Belém, folhetarias anteriores a de José Bernardo da Silva. Mas este, pouco eloquente que foi para deixar avisos ou protestos, não descuidou de apontar os membros de sua rede de distribuição. Por isso, ele será o melhor guia para acompanhamento das mudanças da lista de agentes no passar do tempo.



A declaração das peças do veículo, 1957 (0245)



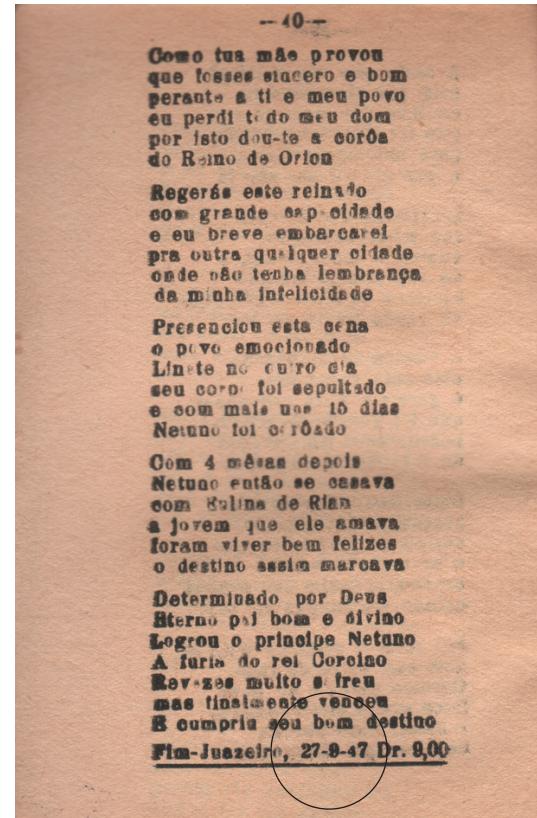
Nas listas, alguns agentes permanecem os mesmos anos à fio. Mesmo após a morte de José Bernardo, persistem alguns nomes nos exemplares que assinam filhos, depois filhas, e por fim apenas: Maria de Jesus da Silva Diniz. Nesta época, já Lira Nordestina, não mais São Francisco.

A Tipografia do clã de José Bernardo foi uma das casas editoras de maior alcance no Brasil, chegando a somar oito agências simultâneas. Embora a Luzeiro do Norte, em Recife, e a Guajarina, em Belém, tenham alcançado números superiores, nenhuma delas os manteve por tanto tempo. Bem situado, num foco da perigrinação, Bernardo não apostou apenas no seu ponto de venda, nem na benção que disse ter recebido do Padre Cícero.

Seu outro trunfo era o repertório de títulos que acumulava, patrimônio que havia sido de Leandro e depois de Athayde. Pelo número escasso de “avisos” ou “protestos” é de se perguntar se depois de um tempo deixou ele de se indignar com possíveis edições dos títulos de sua propriedade por outras editoras. Se se importava, não reclamava diretamente aos seus leitores, como fazia na década de 50.

Pode-se acompanhar as mudanças nas listas de agentes de José Bernardo e seus herdeiros em pelo menos cinco décadas. Do início das atividades até o fim dos anos 40, apenas dois impressos foram localizados, sendo um deles um Lunário (sem indicação de agentes). O outro, de 1947, antes da compra da obra de Athayde, onde aparecem 7 agentes.

Publicação da década de 40



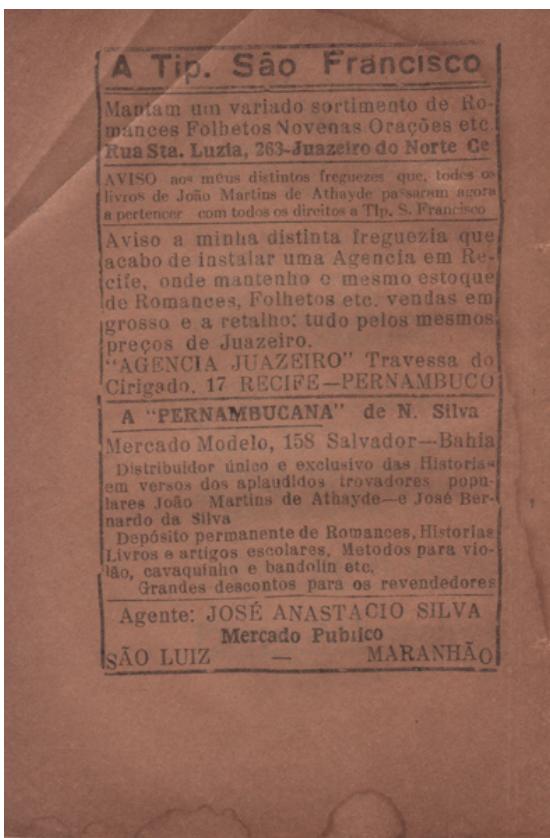
O Engeitado de Orion, 1947
M0012 MAUC-UFC

Agentes:

1. Alfredo Casado de Lima em Recife
2. Nigro A. Silva em Salvador
3. Antônio Alves da Silva em Teresina*
4. Lino Ferreira Neto em São Luís
5. Cicero Lino dos Santos em Manaus
6. Pedro Tavares Campos em Belém
7. Antônio Emídio em Natal

* Antônio Alves só se estabelece em Teresina em 1952, mas, vendia ambulante desde 1946, desde então já se demorava em Teresina 2 ou 3 dias.

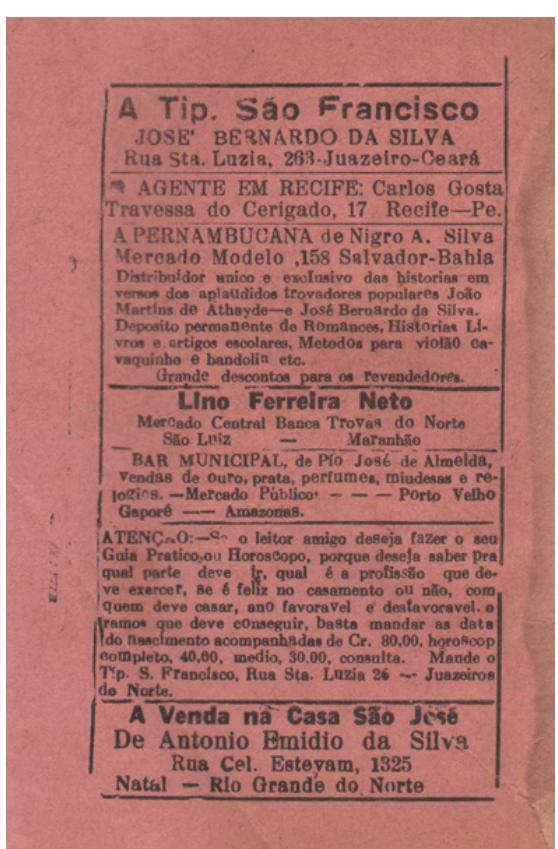
Na próxima página os impressos da década de 50 enumeram, no máximo 5 agentes.



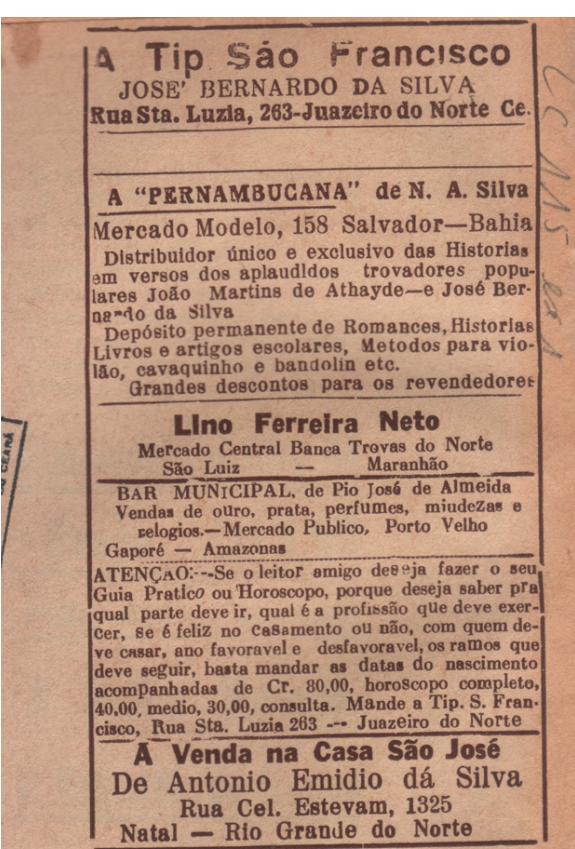
4 agentes (sem contar com Juazeiro) em: *A candidatura de Getúlio Vargas, 1950* (0134)



4 agentes em: *Romance de um Sentenciado, 1951* (0137)



5 agentes em: *O Perdão de Dulcinéia, 1954* (0129)



4 agentes em: *História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio, 1954* (M0017)

Sentido horizontal é o que predomina nas quartas-capas da São Francisco, entre fins da década de 50 e primeira metade da década de 60. O nome da editora tinha maior destaque do que as listas de agentes.



1 agente em: *História de um homem que teve uma discussão com Santo Antônio*, 1954
(0117)

Publicações do início da década de 60



2 agentes em: *Rosa de Milão*, 1961 (0007-e)

Na década de 60 as listas oscilam entre 1, 2, 3, 4, 6 e 7 agentes.

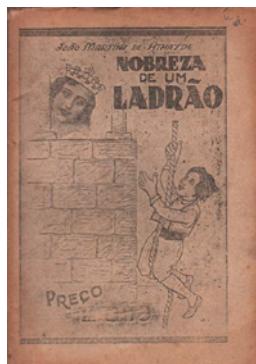


5 agentes em: *Um amor impossível*, 1962 (0225)

Ainda primeira metade da
década de 60:



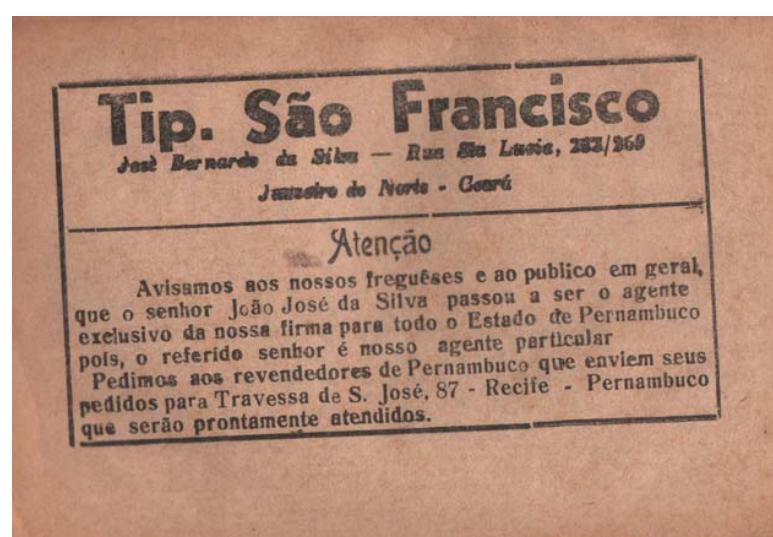
1 agente em: *Descrição das mulheres conforme seus sinais, 1963* (0244)



Mudança de agente:

Avisamos aos nossos freguêsas e ao público em geral que o senhor João José da Silva passou a ser o agente exclusivo da nossa firma para todo o Estado de Pernambuco pois o referido senhor é nosso agente particular.

O ano marca para João José uma mudança ainda maior: vende a Luzeiro do Norte e passa a ser agente da Prelúdio.

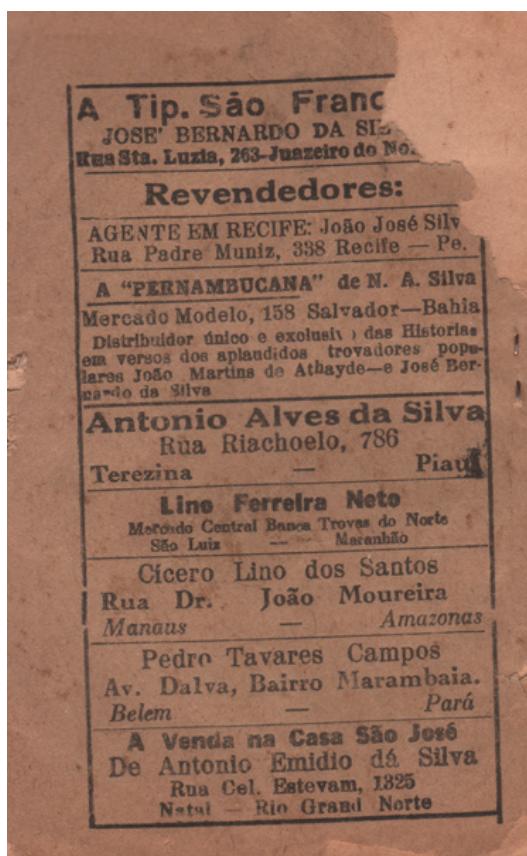


1 agente em: *Nobreza de um ladrão, 1964* (0242)

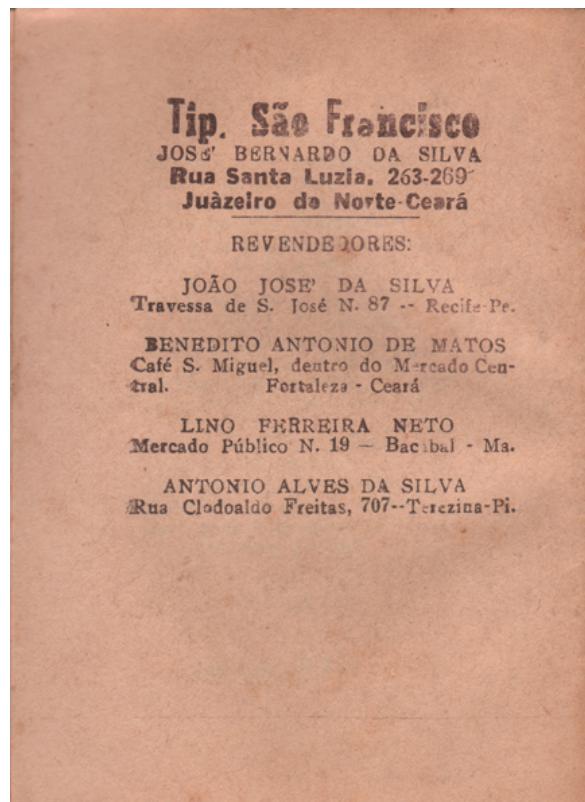


3 agentes em: *Romance de um sentenciado, 1964* (0138)

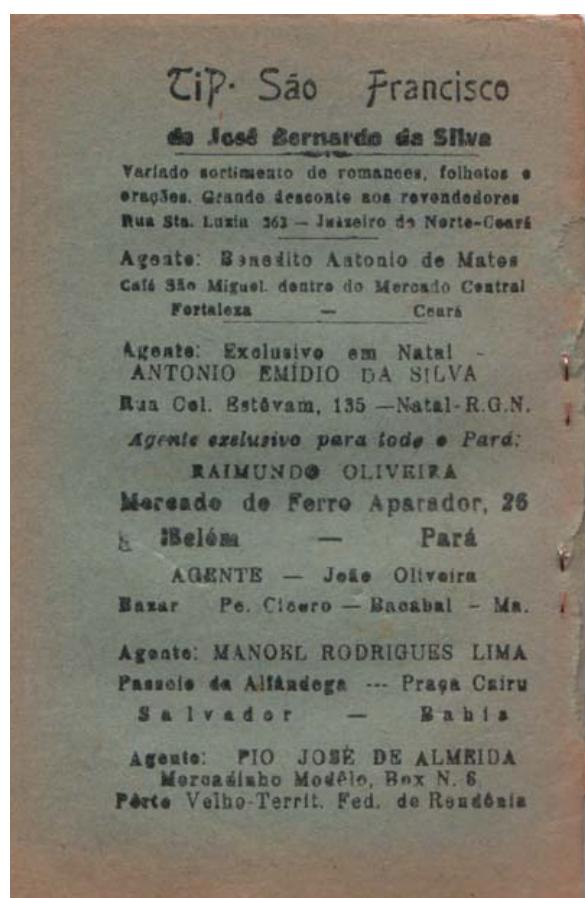
Segunda metade da década de 60:



7 agentes em: Manifestação ao Padre Cícero Romão Batista pelo povo de Juazeiro, 1965 (0116)



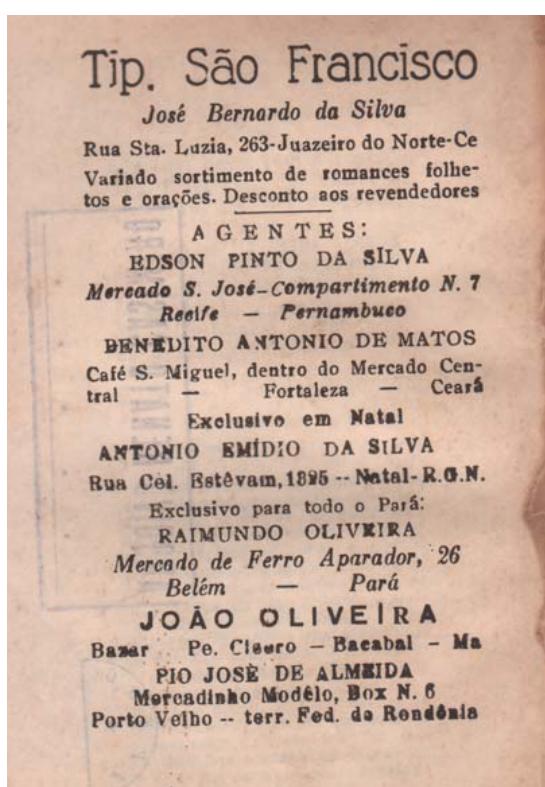
4 agentes em: Discussão de um praciano com um matuto, 1965 (0136)



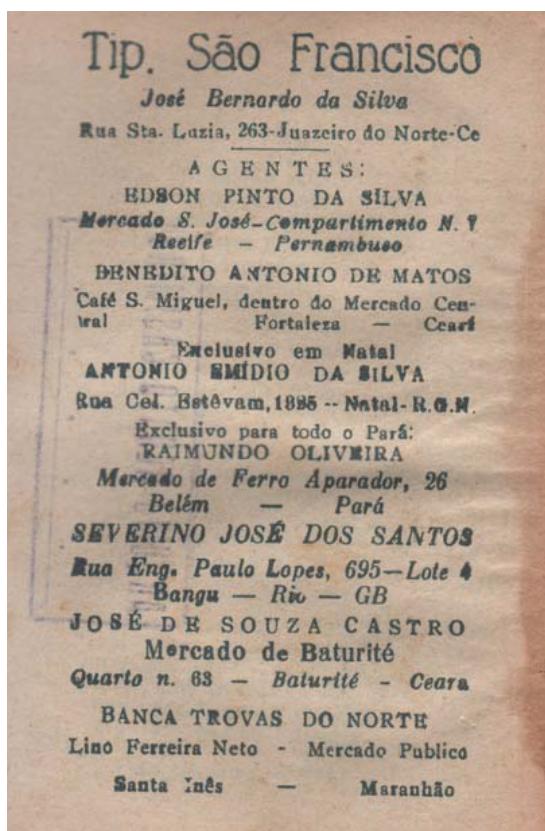
6 agentes em: Peleja de José Gustavo com Maria Rôxinha da Bahia, 1966 (0016)

Publicações da década de 70 (primeira metade):

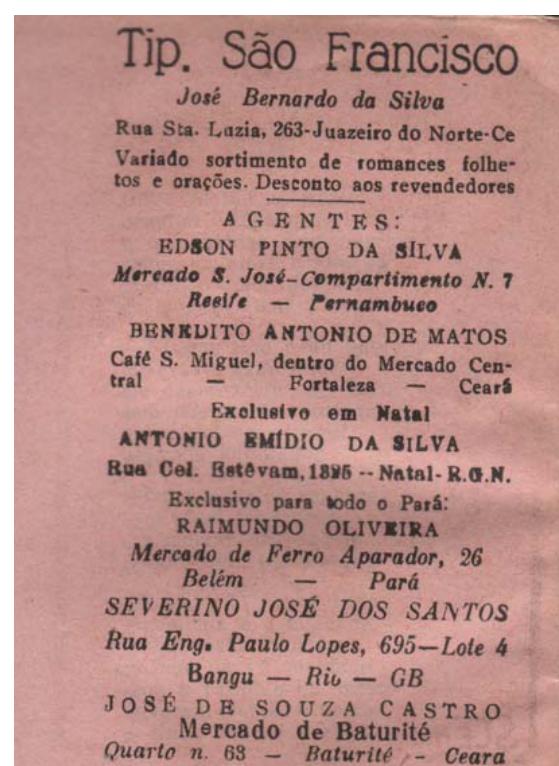
De 70 a 74, o nome estampado ainda é Tipografia São Francisco.



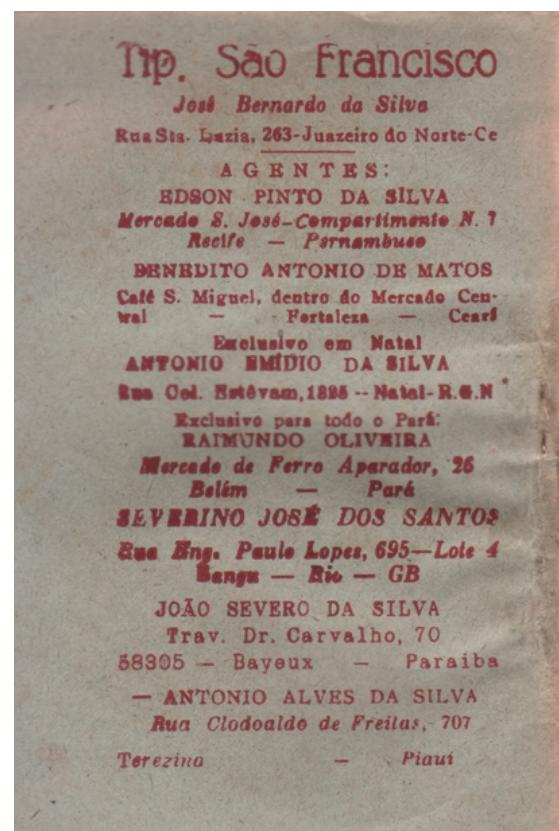
6 agentes em: *Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho, 1973* (0200)



7 agentes em: *João de Calae, 1974* (0199)



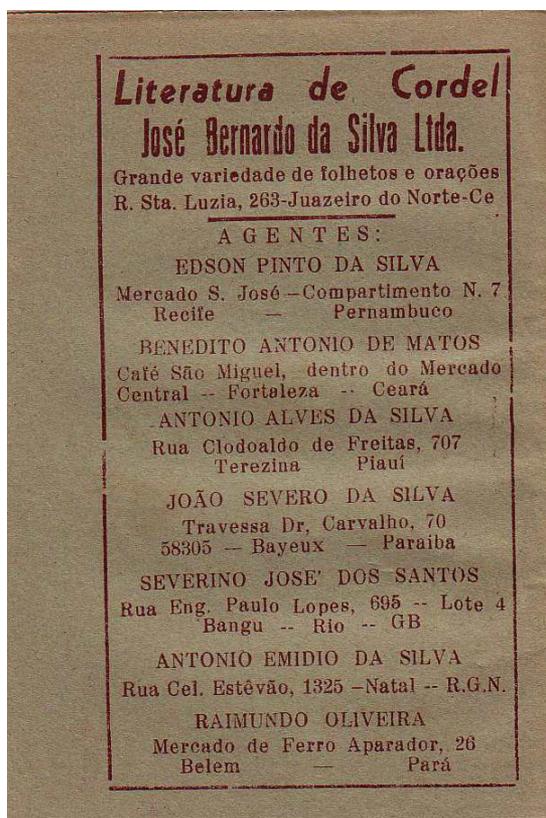
6 agentes em: *História do Papagaio Misterioso, 1973* (0210)



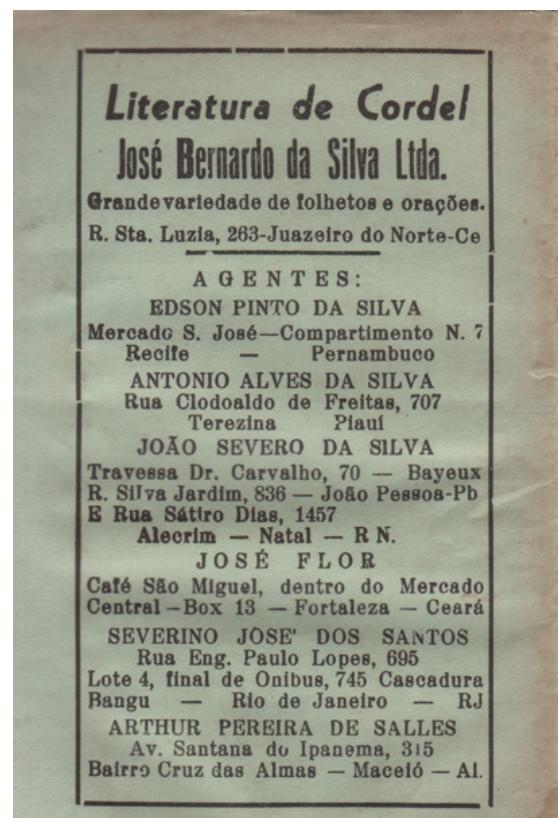
7 agentes em: *Perseguições de Lampião pelas Forças Legais, 1974* (0135)

Publicações da década de 70 (segunda metade):

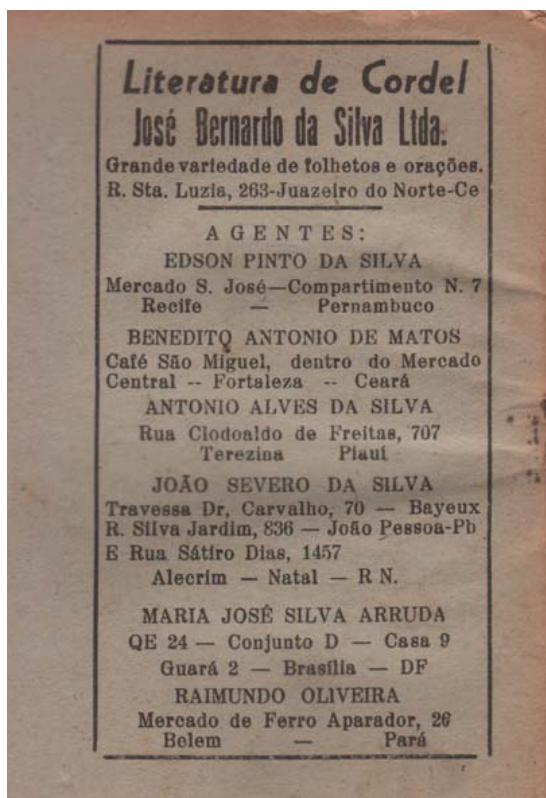
Depois da morte do editor, de 75 em diante o nome estampado nas quartas-capas é Literatura de Cordel José Bernardo da Silva.



7 agentes em: *Peleja de Pinto com Milanês*, 1975 (0273)



6 agentes em: *História de colatino e o Carranca do Piauí*, 1978 (0252)

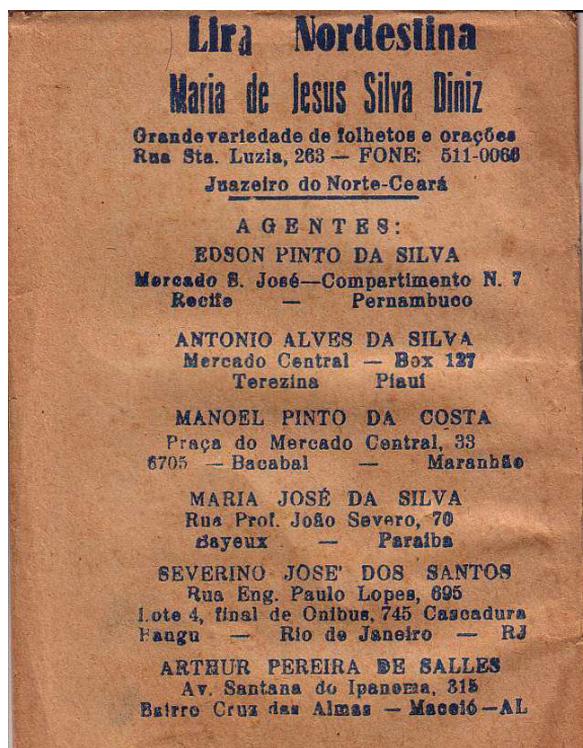


6 agentes em: *História de Roberto*, 1976 (0196)

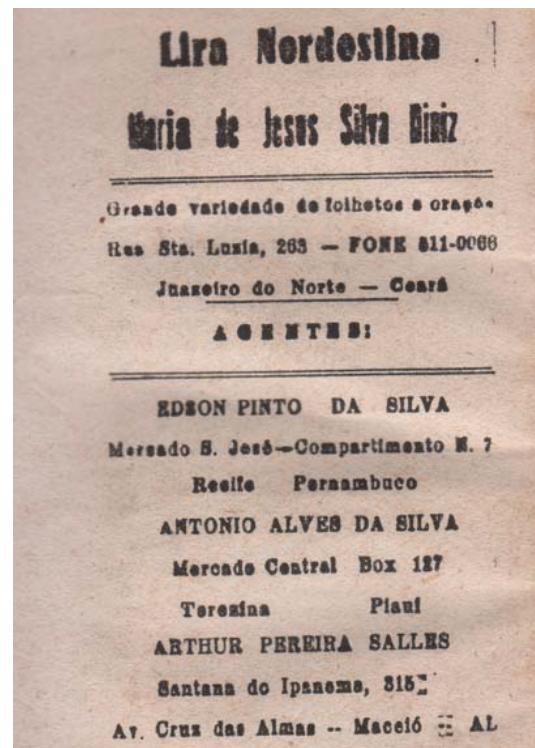


6 agentes em: *Debate de Lampião com S. Pedro*, 1978 (0271)

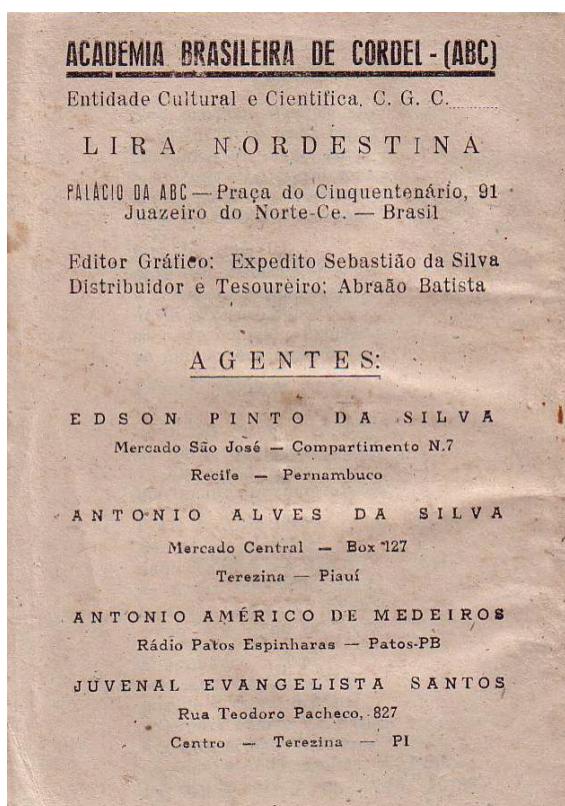
Publicações da década de 80



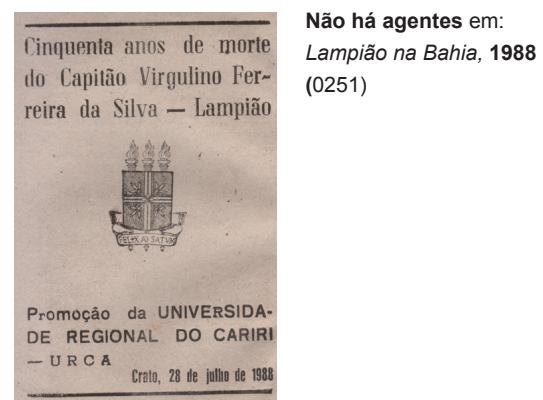
6 agentes em: *Estória das três princesas encantadas, 1980* (0400)



3 agentes em: *Perseguição de Lampião Pelas Forças Legais, 1982* (0135-e)



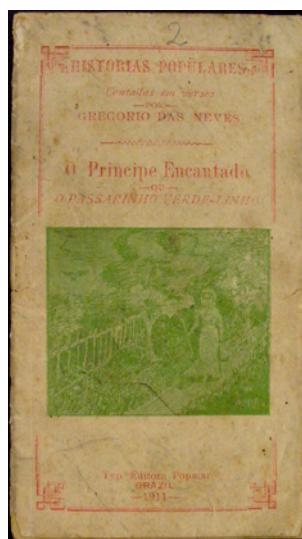
4 agentes em: *O Príncipe Ribamar e o Reino das Cinco Pontas ou a origem das Amazonas, 1983* (0750)



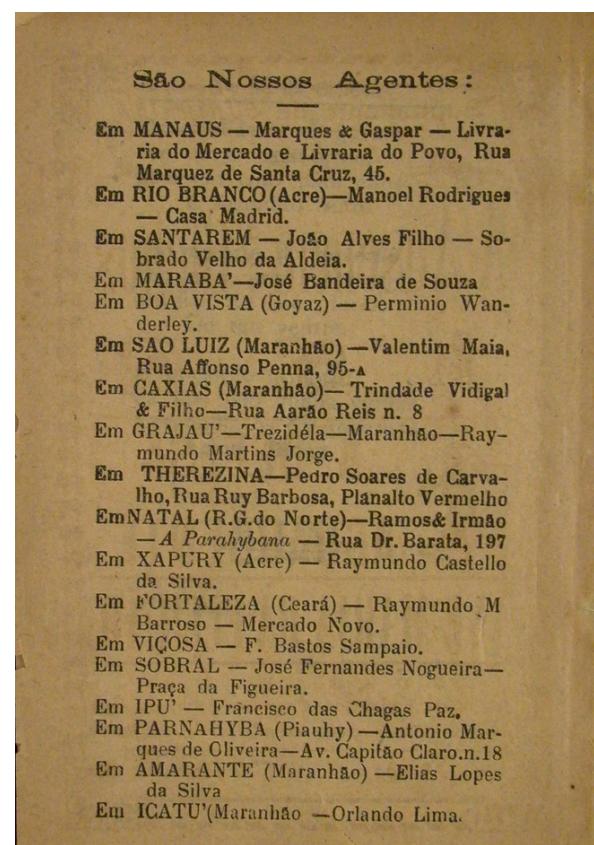
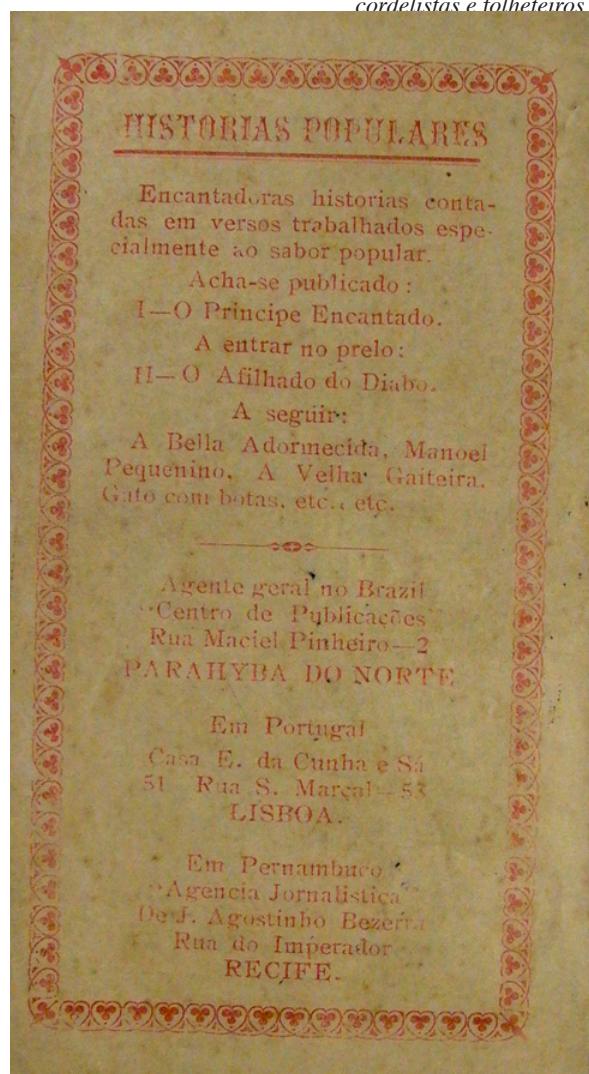
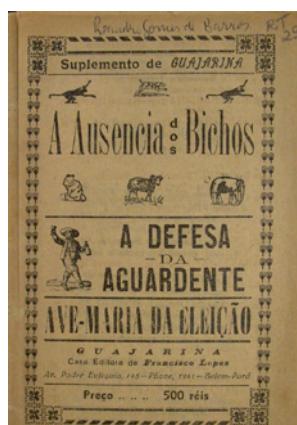
O nome da tipografia agora é Lira Nordestina e Maria de Jesus da Silva Diniz (uma da filhas) é a editora. Mantém 6 agentes na quarta capa dos folhetos, depois 3 nomes. Por um curto período é tocada por Abraão Batista e Expedito Sebastião da Silva. Com a compra da Lira pelo Estado, a lista de agentes tende a desaparecer. Daí as informações tornam-se mais institucionais.

José Bernardo e seus herdeiros não foram os únicos a estampar listas e agentes. Leandro Gomes de Barros já o fazia, como fez Chagas Batista, e depois Francisco Lopes e João Martins de Athayde. Entre os contemporâneos de José Bernardo, ainda o costume se propagava.

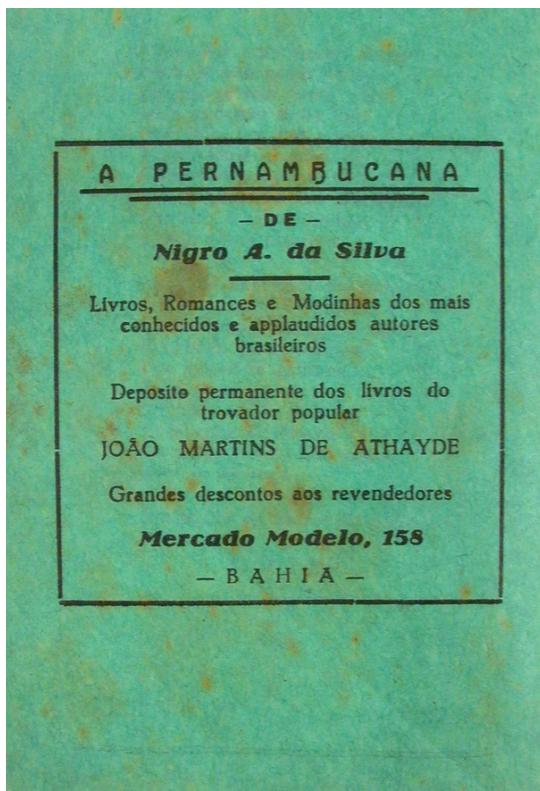
*O Principe Encantado
O Passarinho Verde Linho,
1911 (MA02)*
Typ.Editora Popular,
Parayba-PB.
Acervo do IEB:
Col. Mário de Andrade.



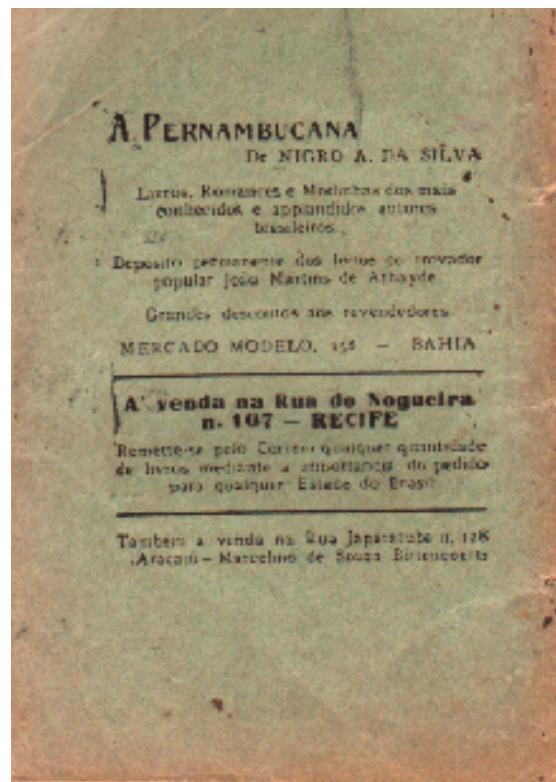
*A Ausência dos Bichos
A defesa da aguardente,
Ave-maria da eleição,
1939 (RT-29)*
Guajarina, Belém-PA.
Acervo do IEB: Coleção
Rute Terra.



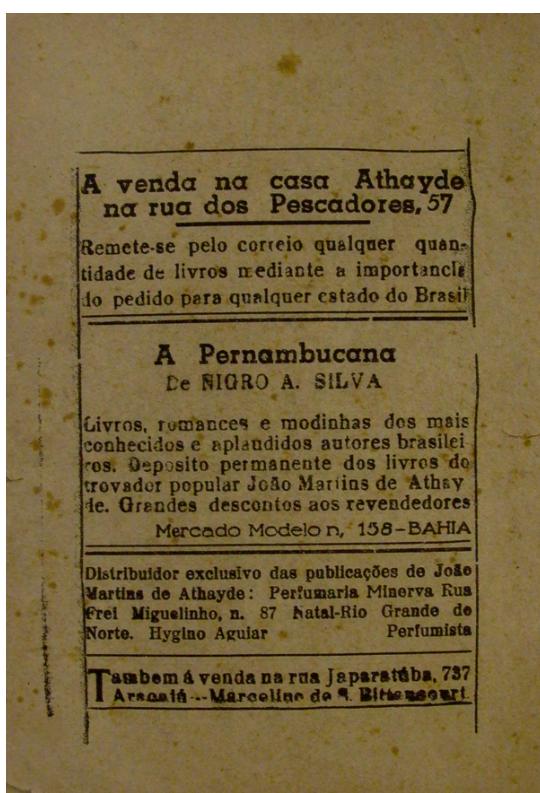
Quartas capas da tipografia de João Martins de Athayde (Recife-PE: 1911-49)



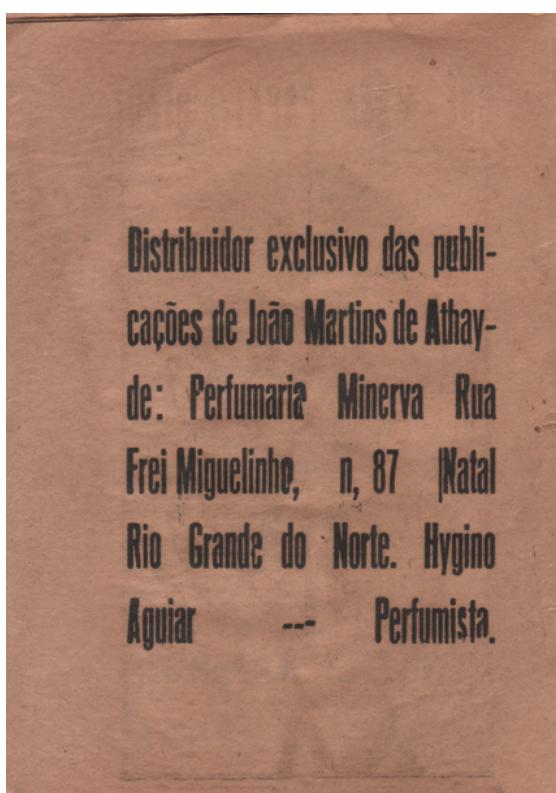
3 agentes em: *Como se Amança Uma Sogra / Zé do brejo e Chico da Rua glosando, 1934* Tip. de João Martins de Athayde. IEB (MA-90)



2 agentes em: *Os Martyrios de Genoveva, 1936* Tip. de João Martins de Athayde. (EM-0070)



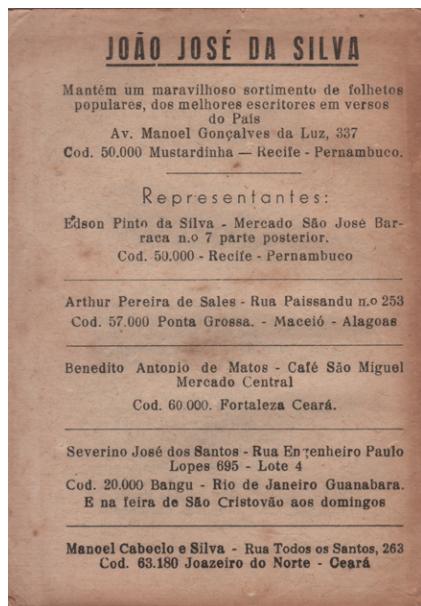
3 agentes em: *O Boi Misterioso, 1945* Tip. de João Martins de Athayde. Acervo do IEB (jac-10)



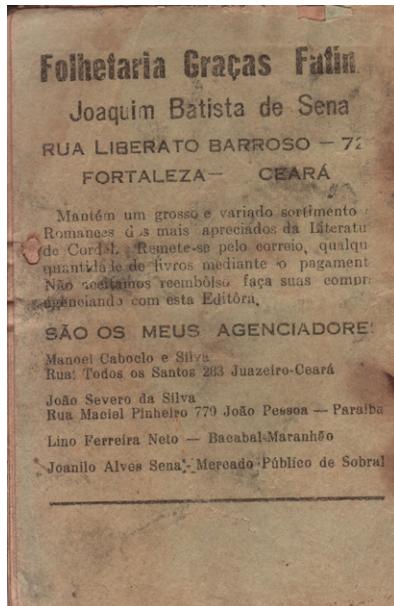
1 distribuidor em: *QUÉ MATÁ PAPA! OIÃO! 1945.* Tip. de João Martins de Athayde (0121)



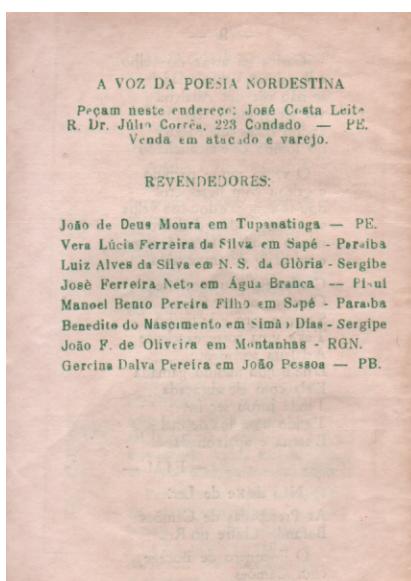
13 agentes: s.d. Luzeiro do Norte (0104)



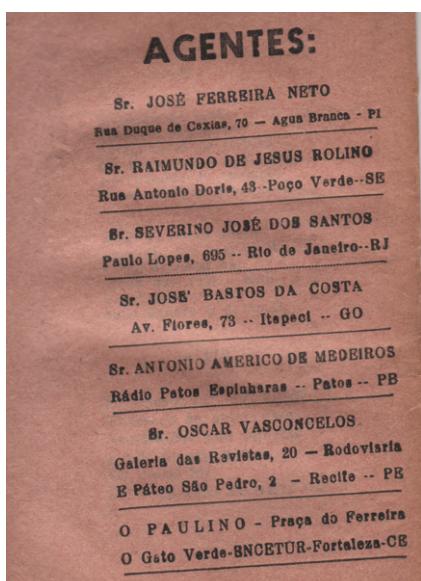
5 agentes: s.d. João José da Silva. (0144)



4 agentes: s.d. Graças Fátima. (0139)



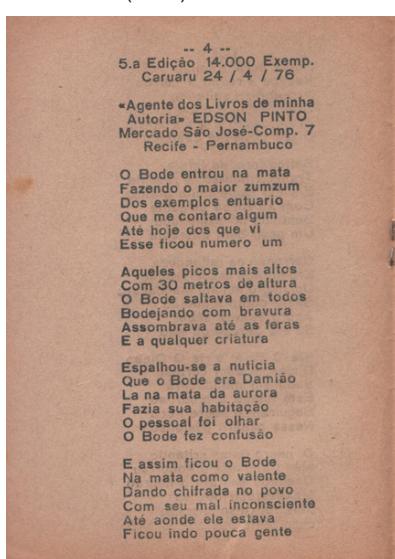
8 agentes em: s.d. A Voz da Poesia Nordestina (0092)



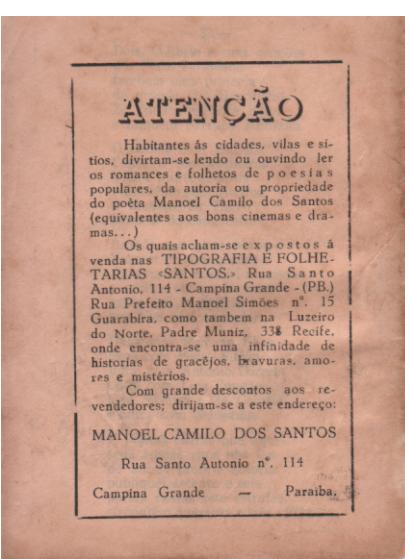
7 agentes em: 1982. Abraão Batista (0151)



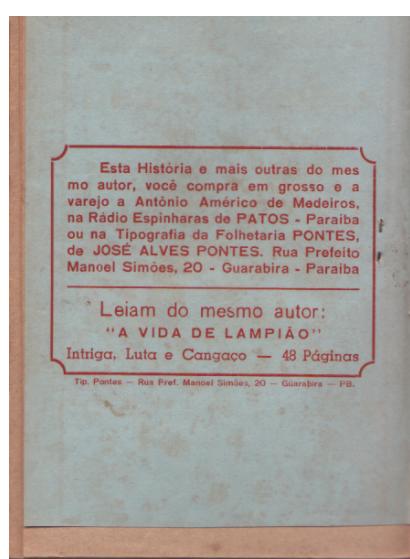
4 agentes: s.d. Folhetaria Borges (0152)



O nome do agente Edson Pinto da Silva aparece na página 4 em folheto de 1976 da So-Cordel São José (0261).



Revenda na Luzeiro, s.d. da Santos (0090)

revenda: Radio Espinharas de Patos-PB,
s.d. Folhetaria Pontes (0152)

Grandes estrelas e redes mínimas

grafos de relações

Da teoria das redes e grafos (Rosenthal, 1988), temos que as redes são modelos abstratos formados por nós e suas conexões. A vantagem do grafo⁸ como formalização de uma rede, está na possibilidade de tornar as relações visíveis e assim, seu entendimento é mais sensível, mas todas as formalizações tratam de entender as redes em seu conjunto. O grafo de relações, como representação de um coletivo, escapa das descrições que operam divisões por classes ou da imagem de massa uniforme.

Tomados em cortes de tempo, os grafos revelam o que na Teoria Geral dos Sistemas chama-se estrutura⁹. Nesta abordagem se ignoram as características já sabidas inerentes dos nós, sejam indivíduos ou grupos, que redundaria na separação em classes, para observar as conexões entre eles e assim revelar suas propriedades de relação¹⁰.

Neste quadro, não se fala mais em papel, mas em posição na rede. Uma vez que para cada grafo as ligações representam relações de um único tipo, as posições dos nós não são absolutas, mas relativas à relação inquirida. Os grafos, mais que apontar indivíduos, revelam configurações de conjunto. Se observados em séries históricas, podem revelar diferentes graus de organização assim como funcionalidade.

Das teorias estrangeiras se volta para a sabedoria paraibana. Por volta do período entre os séculos XIX e XX, o cancionero do boi e a influência de romances de origem européia, notadamente ibérica, que há tempos eram conhecidos no Brasil, encontra no ambiente o espalhamento das oficinas tipográficas no Nordeste. Deste encontro ganham matéria em forma de impressos em papel barato, narrativas em verso. Primeiro pela mãos de uns poucos pioneiros na passagem da cantoria para a impressão de folhetos. Editores ensaiavam os formatos que tomariam as narrativas orais passadas para papel, seus tamanhos e suas formas de distribuição. Uma constelação de pontos se espalhou e prossegui alternando, neste último século, tanto a importância de seus difusores como a localização de suas agências.

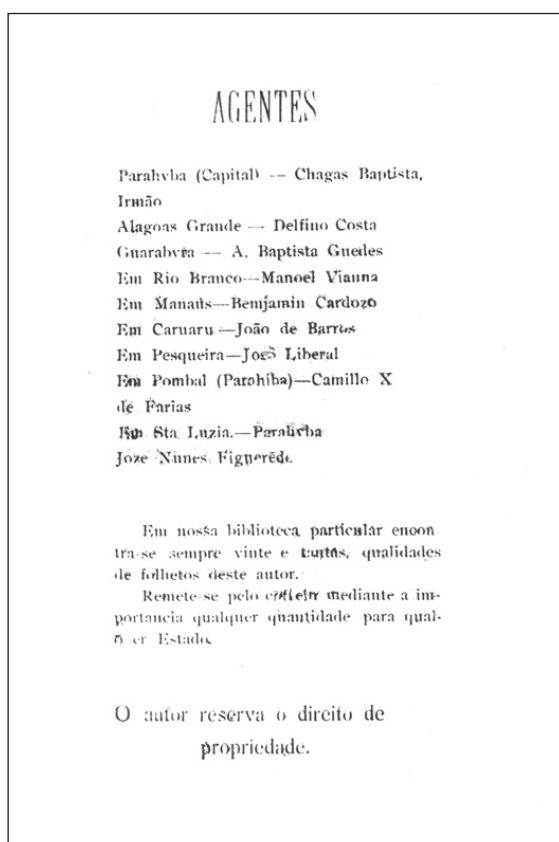
8. Além dos grafos, matrizes e pares ordenados também podem descrever redes. Ver definição de grafo no capítulo I.

9. De uma rede potencial total apenas algumas ligações acontecem, sua cardinalidade seria a estrutura. Da estrutura podem emergir organizações, integralidade, funcionalidade (cf. Vieira, 2003:345-348).

10. Sobre a aplicação do estudo das redes operada pelo recente ramo da sociologia que se ocupa das redes sociais, chamada Análise Estrutural, ver Wellman e Berkowitz, 1991; Wasserman e Faust, 1999; Degenne e Forsé, 2004.

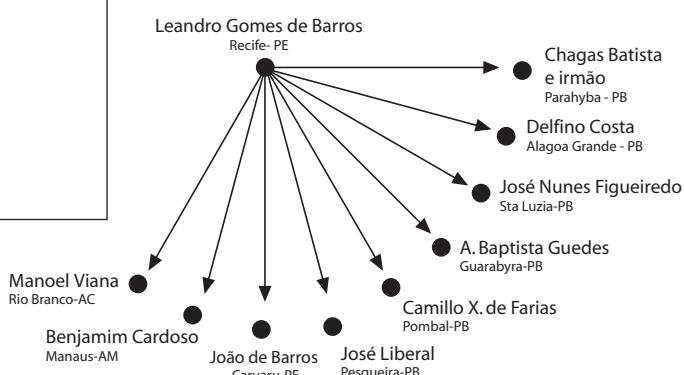
Dadas as evidências de conexões, este sistema foi percebido como uma rede. A palavra rede aparece com freqüência para explicar o fenômeno do cordel. Embora se tenha reconhecido que o movimento do cordel apresenta uma lógica de rede, pouco do seu funcionamento é explicitado nas descrições feitas. Não era esta a intenção dos trabalhos anteriores. Aqui, esta será uma questão chave: Se o cordel se estabelece em rede, de que tipo de rede se trata?

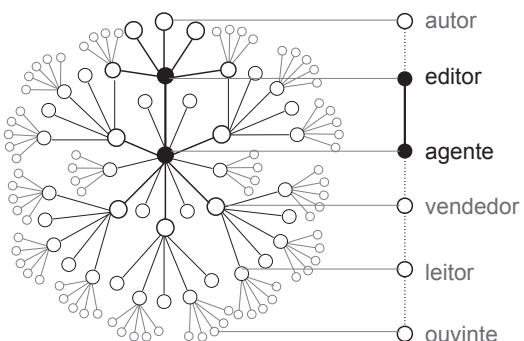
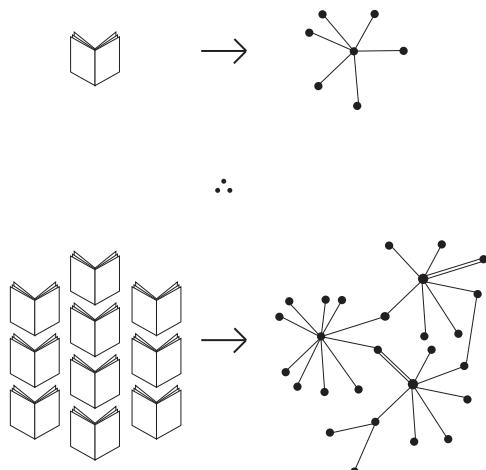
As formalizações ajudarão a responder. Nos folhetos, nas quartas capas apresentadas, cada lista pode ser desenhada como um grafo. A primeira configuração de rede que se revela é de uma estrela. O nó central localiza a editora que produziu o folheto. As pontas indicam as agências que o distribuíram. Cada nova lista deesenhára uma nova estrutura radial. Ao acompanhar as listas de uma editora no tempo, se percebe o movimento de sua rede de distribuição. Ao juntar os grafos em estrela de grupos de editoras contemporâneas, irão coincidir pontos pela repetição de nomes citados. O que vai resultar em outras formas, onde, pela combinação das estrelas podem surgir outras configurações, como estruturas em ávores e ciclos combinados com árvores.



Lista de agentes em folheto *A alma de um fiscal/continuação da Vingança de um filho*. Publicado por Leandro Gomes de Barros. O endereço rua do Alecrim 34 (impresso na capa) indica que o folheto foi publicado entre 1911 e 1914 (cf. Terra, 1983:146). Cópia fac-símile em LITERATURA, 1976.

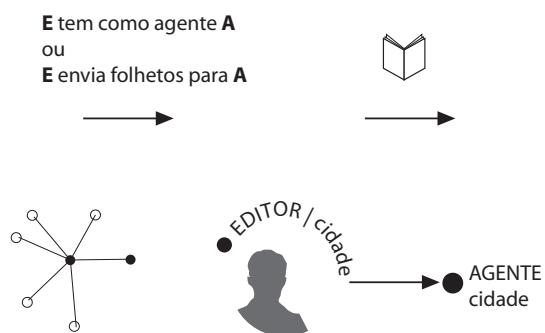
A lista pode ser representada como uma rede de distribuição, que apresenta uma estrutura radial, como uma estrela:





modelo imaginado da rede de distribuição do cordel com todos os papéis envolvidos.

Relação:



O cadastramento dos folhetos, com as informações de editores, agentes, datas e cidades, alimentam os desenhos que seguem. Depois foram feitas as buscas de relação por década. As relações inquiridas foram as de agenciamento. As setas indicam a direção do caminho dos folhetos (de editor para agente).

Observa-se que alguns editores são também reconhecidos na rede como agentes, podendo variar seus graus de emissão e recepção conforme se dá o balanço entre os papéis.

Há uma capilaridade que escapa à pesquisa, pois os agentes, assim como a própria editora, repassavam folhetos para ambulantes, que não figuram nas listas, e eles, obviamente, não têm endereço único. Os grafos obtidos correspondem à parte mais estável de uma rede, que conecta ainda um grande número de poetas a um incontável número de leitores e ouvintes. Esta informação mínima tomada a partir de folhetos de editoras diferentes, em uma seqüência de intervalos temporais, mostra as mudanças na estrutura de distribuição, no que compete à relação editor x agente.

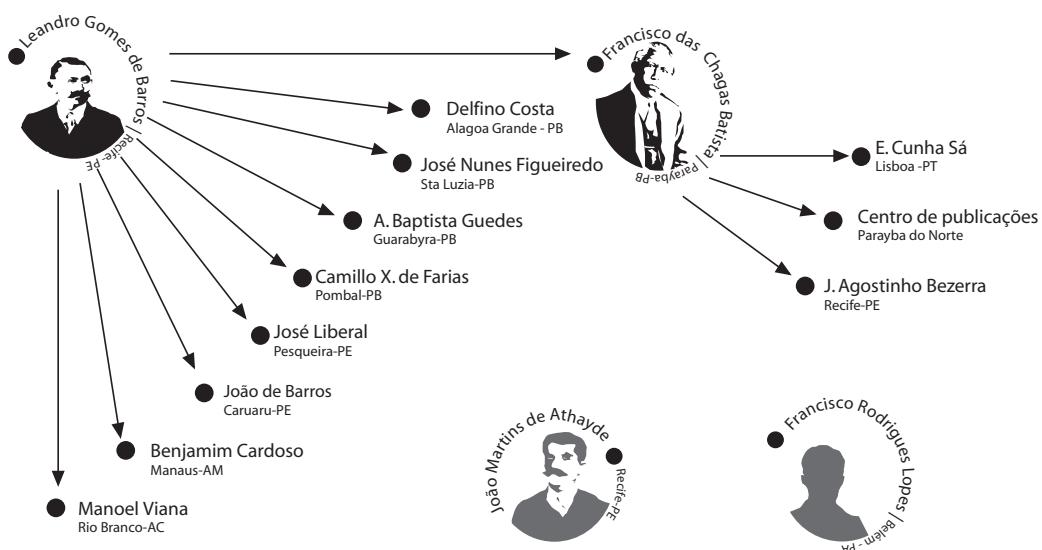
Na construção dos grafos, a metodologia da análise estrutural recomenda que sejam ignorados aspectos conhecidos ou inerentes aos componentes da rede, afim de que se tornem evidentes suas características de relação. As representações que seguem não obedecem à rigidez exigida na metodologia. Não se deveria, por exemplo, distinguir editores de agentes, mas preferiu-se, fazê-lo. Em um segundo momento se apresentarão grafos mais abstratos como proposta de leituras mais gerais sobre as redes.

Relação: editores x agentes

sentido de distribuição de folhetos por agenciamento ou revenda.

Anos 10

No início da década, Leandro Gomes de Barros e Chagas Batista estão imprimindo seus folhetos. Apenas nos primeiros anos, Leandro tenta fazê-lo em prelo próprio. Batista tem sua Popular editora na capital da Paraíba. João Martins de Athayde inicia as atividades como editor em 1911, em Recife. Em Belém, Francisco Lopes abre sua Guajarina em 1914. Além da relação de agente, Chagas Batista e Leandro cultivam laços de amizade. O irmão de Chagas Batista, Pedro, casa-se com a filha do amigo. Depois da morte de Leandro (1918), suas obras continuam sendo editadas pelo genro, Pedro Batista, em Guarabira (cf. Antologia 1977).

**Desenho da rede a partir das listas de agentes em 2 folhetos:**

Leandro Gomes de Barros: Impresso estimado entre os anos 1911-1914

Francisco das Chagas Batista: Impresso de 1911

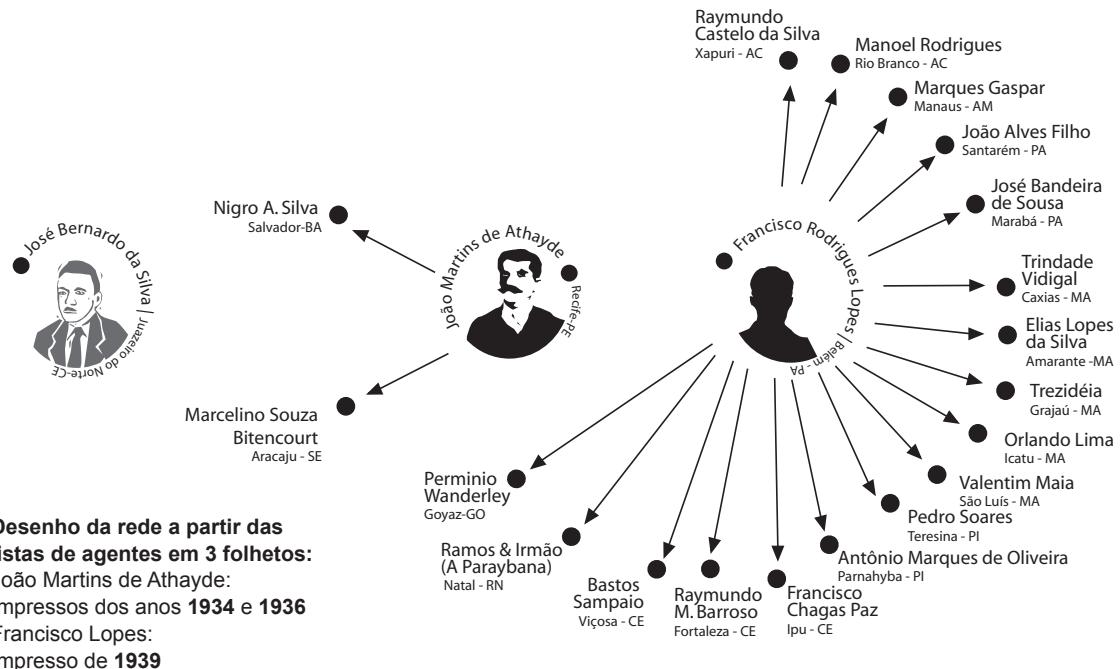
Anos 20

Esta pesquisa não localizou listas de agentes da Popular editora de Chagas Batista na década de 20. Em 1921, João Martis de Athayde compra os direitos de reprodução da obra de Leandro Gomes de Barros. Existiu uma conexão entre Athayde e Francisco Lopes. No folheto *O poder do dinheiro ou a carestia da vida*, de Leandro editado por Athayde sd, está anunciado: “a venda na casa do autor e na Guajarina, casa editora de Francisco Lopes em Belém do Pará” (cf. Terra, 1981:32). Não se pode precisar se a conexão se estabeleceu nessa década, mas deve ter ocorrido em algum momento entre 1914 (início da Guajarina) e 1930 (data limite da amostra estudada por Terra). Como esta ligação não se confirma em outras quartas capas, deve ter sido efêmera. Francisco das Chagas Batista morre em 1930.



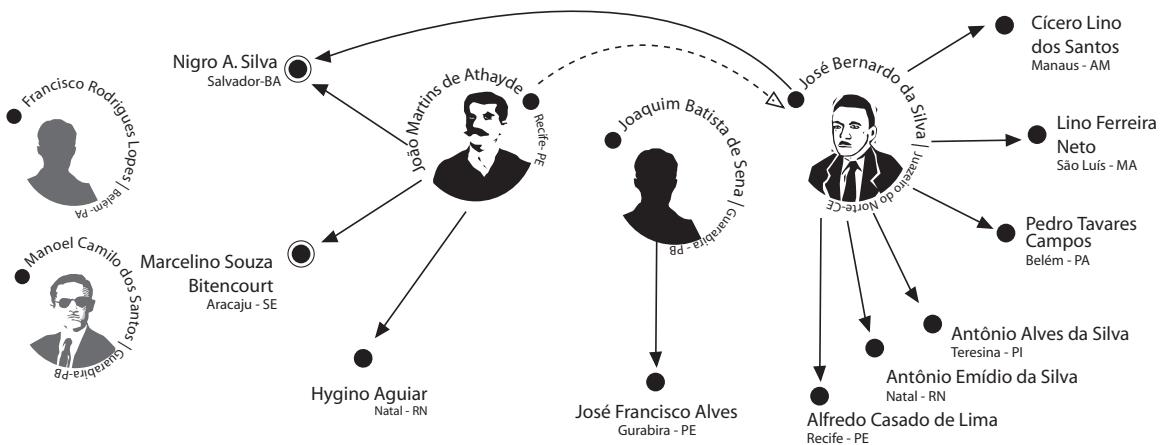
Anos 30

Dada a quantidade de agentes, Francisco Lopes (da Guajarina) aparece como o maior emissor. É interessante notar que João Martins de Athayde se tornou mais conhecido. Não há coincidência entre agentes, sequer de cidades. Parecem redes independentes. José Bernardo da Silva está em Juazeiro desde 1926, e montou sua casa editora em meados dos anos 30. Conta-se que foi representante de Athayde (cf. Halewell, 1985: 539).



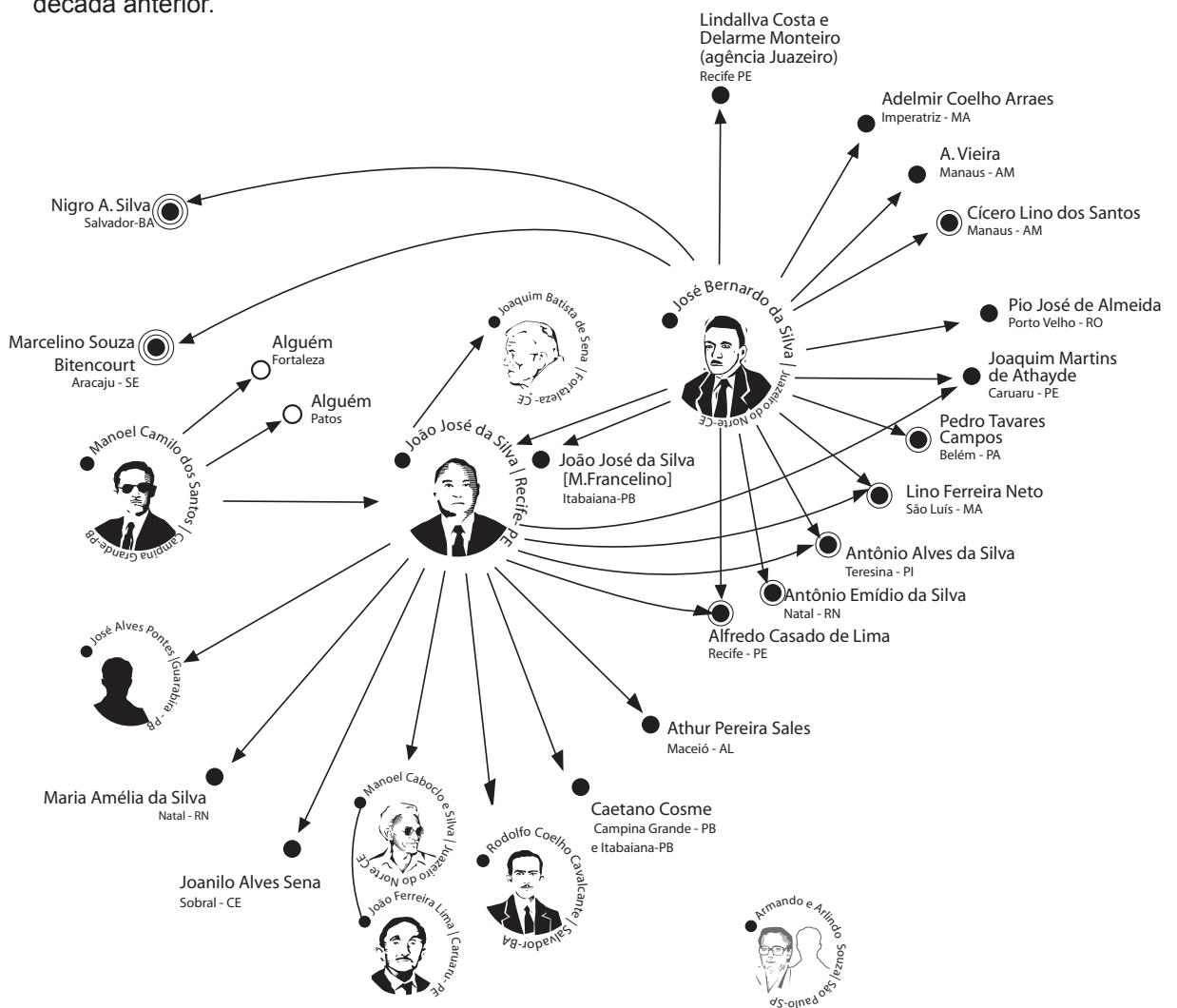
Anos 40

Francisco Lopes vende a Guajarina em 1947. Com sua saída da rede, saem também seus agentes. Em 1949, João Martins de Athayde vende máquinas, matrizes e direitos sobre seus títulos (e de Leandro) a José Bernardo. Em 1947, José Bernardo da Silva já estampa lista com 5 agentes. Nigro, em Salvador, agencia Athayde e José Bernardo. Joaquim Batista de Sena está em Guarabira desde, pelo menos, 1930, com a tipografia São Joaquim (cf. Hallwell, 1985: 541). Em Guarabira, por volta da década de 40, se encontra também a Tipografia Santos, de Manoel Camilo.



Anos 50

Com a saída de cena de Athayde, dois de seus agentes continuam na rede, agora com José Bernardo. João José da Silva torna-se o grande editor de Recife. Ele e José Bernardo chegam a compartilhar 4 agentes. João José é também agente de Manoel Camilo. Batista de Sena, agora em Fortaleza, é editor da Graças Fátima e também agente de João José. O editor de Recife é agente de Manoel Camilo, agora em Campina Grande. Deixa a Tipografia Santos para seu genro, José Alves Pontes. Rodolfo Coelho Cavalcante está em Salvador com sua agência, Casa do Trovador, revende e edita folhetos. Manoel Caboclo aparece na rede como agente de João José. Ele, que trabalhou para José Bernardo de 1938 a 1948 (cf. Carvalho em Caboclo, 2000), irá se tornar editor nas próximas décadas. A sociedade de Manoel Caboclo com Ferreira Lima começa em 1952. No mesmo ano, os irmãos Arlindo e Armando de Souza, herdaram a tipografia Souza, agora Prelúdio, em São Paulo. Os pontos circulados representam agentes que já apontados na década anterior.



Desenho da rede a partir das 8 listas de agentes em 17 folhetos (alguns folhetos repetem uma mesma lista)

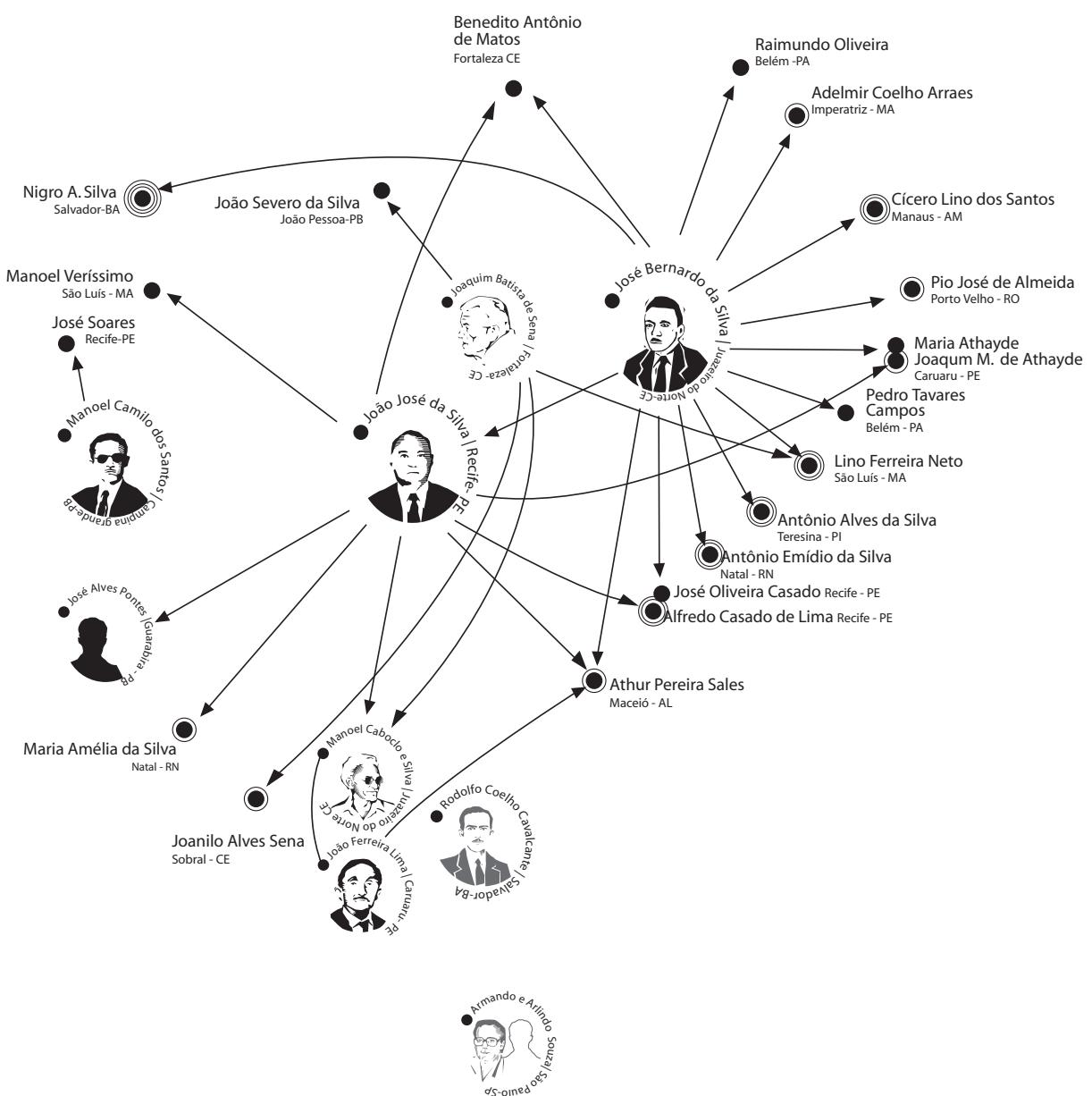
José Bernardo da Silva: Impressos de 1951, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958

João José da Silva: Impressos da década de 50

Manoel Camilo dos Santos: Impresso de 1958 e outro da década de 50

Anos 60

José Bernardo e João José são os maiores emissores, mas não é grande a diferença dos graus de emissão para os outros editores. Notar que os grafos dos anos 50 e 60 se assemelham, o que pode significar um período de estabilidade nas relações. De fato, alguns agentes irão permanecer décadas na rede, às vezes mantendo uma relação de agenciamento com o mesmo editor, ou seus herdeiros. Em 1964, João José vende sua oficina tipográfica. Depois vende direito de reprodução dos títulos para a Prelúdio de São Paulo. A sociedade de Manoel Caboclo com Ferreira Lima dura até 1962. A Tipografia Santos de José Alves Pontes, muda de nome para Tipografia Pontes. Os pontos circulados representam agentes que já apontados na década anterior. Alguns , cículados duas vezes estão presentes desde os anos 40. A Pernambucana, agência de Nigro A. Silva está no Mercado Modelo desde, pelo menos, 1936.



Desenho da rede a partir das 9 listas de agentes em 35 folhetos (alguns folhetos repetem uma mesma lista)

José Bernardo da Silva: Impressos de 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966

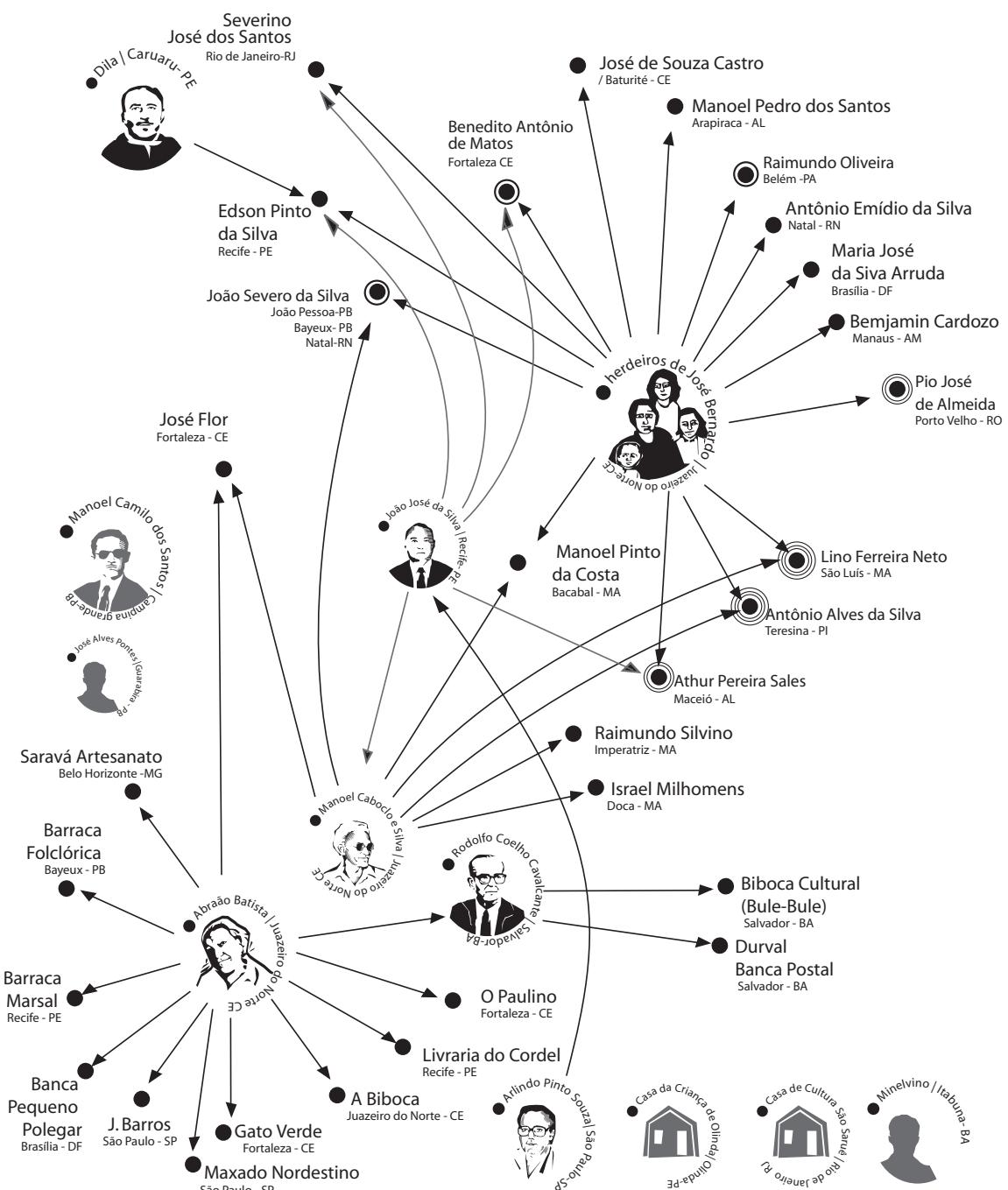
João José da Silva: Impressos da década de 60

Joaquim Batista de Sena: Impressos da década de 60

Manoel Camilo dos Santos: Impresso da década de 1960

Anos 70

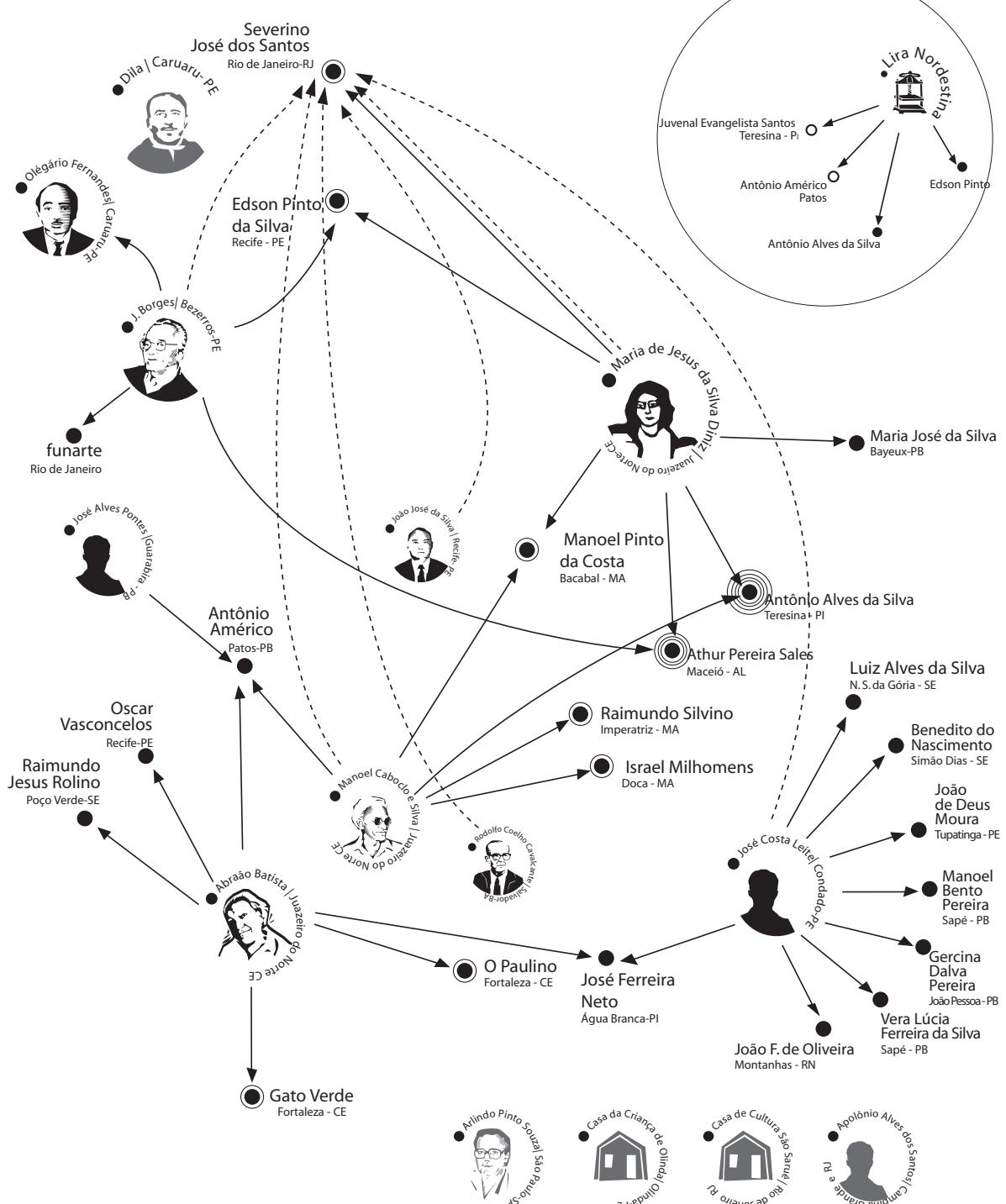
Com a morte de José Bernardo, no início dos anos 70, a viúva, depois os filhos, depois as filhas, continuam o trabalho da São Francisco. Alguns agentes continuam (circulados), e são conectados novos agentes. Nessa época, outros editores se tornam fortes em Juazeiro, Manoel Caboclo e Abraão Batista. João José edita seus novos títulos e os de outros poetas, mas, não mais com a mesma força da antiga Luzeiro do Norte. A nova Luzeiro é de Arlindo Pinto souza, desde 1973, de quem João José é agente. Na década, os agentes mais antigos eram Antônio Alves e Lino Ferreira Neto.



Desenho da rede a partir de 13 listas de agentes em 89 folhetos (alguns folhetos repetem uma mesma lista)
 Herdeiros de José Bernardo da Silva: Impressos de 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979
 João José da Silva: Impressos da década de 70; Dila: Impresso de 1976; Abraão Batista: Impresso de 1975;
 Joaquim Batista de Sena: Impressos da década de 60; Manoel Caboclo: Impresso de 1977, 1978, 1979.

Anos 80

A Tipografia São Francisco muda o nome para Lira Nordestina, no início dos anos 80, quem toca a Lira é Maria de Jesus da Silva Diniz. Alguns agentes ainda continuam, entre tantos que se desconectaram. Depois da venda da Lira, sob a administração de Abraão Batista e Expedito da Silva, aparecem dois novos agentes (no destaque). Costa Leite está em Condado. Com ele, surgem novos nomes de agentes. J. Borges, que produz desde os anos 50, estampa sua lista entre agentes já conhecidos. As linhas tracejadas correspondem às conexões apontadas pelo agente Severino José dos Santos, que em folheto sem data (ver página 55), mas identificado como dos anos 80, aponta suas conexões.



Desenho da rede a partir de 8 listas de agentes em 43 folhetos (alguns folhetos repetem uma mesma lista)

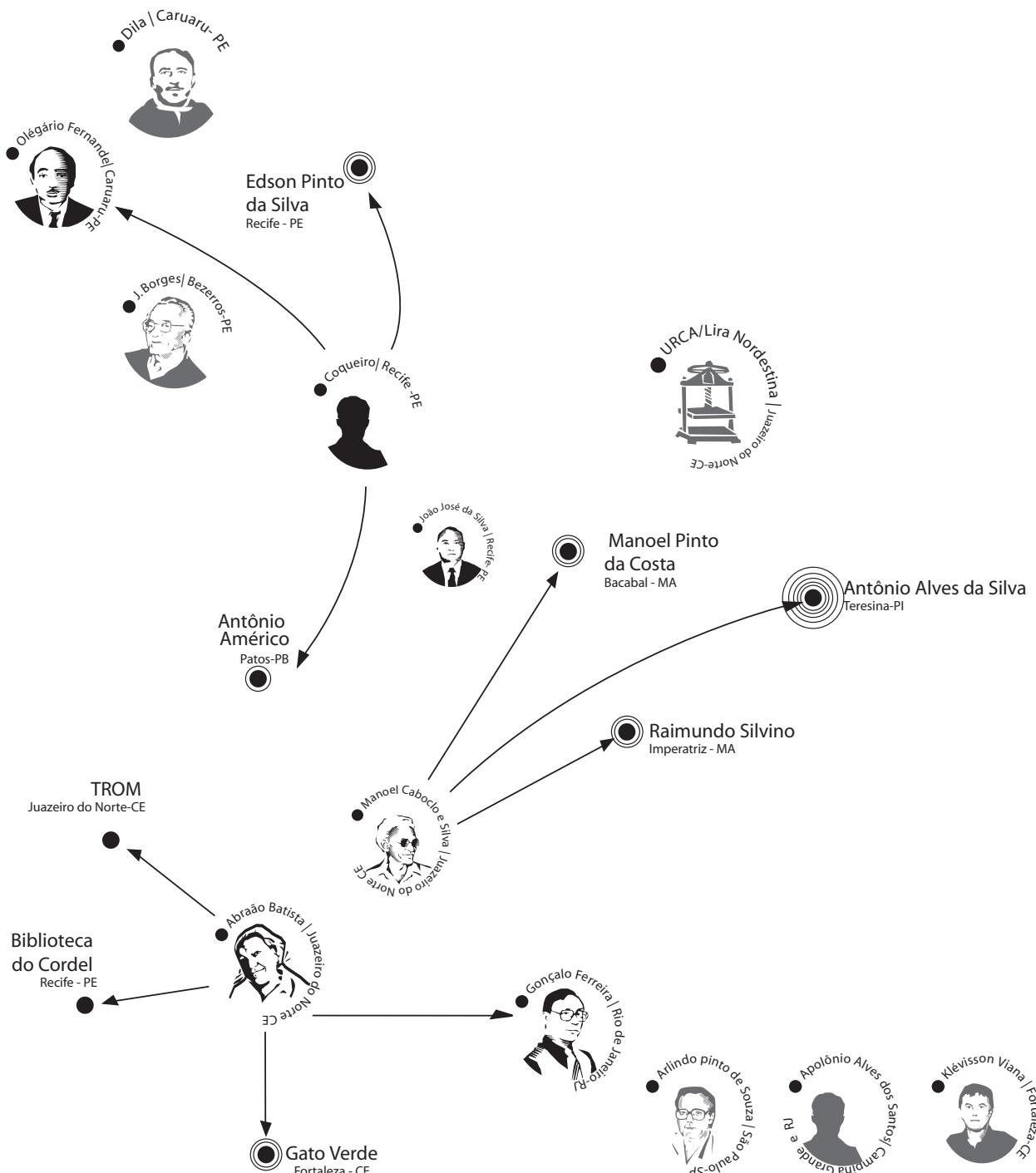
Maria de Jesus da Silva Diniz: Impressos de 1980, 1981, 1982; Abraão Batista: Impresso de 1982;

J. Borges Impresso: da década 80; José Costa Leite: Impresso da década 80;

Manoel Caboclo: Impresso de 1980; José Alves Pontes: Impresso da década 80;

Anos 90

A Lira Nordestina pertence à URCA. De um modo geral o número de agentes e laços diminui muito. O maior grau de emissão é Abraão Batista. A rede parece desmembrada em três estrelas independentes. Em 105 folhetos da década de 90 cadastrados, apenas três se reportam a agentes ou revendedores. João José volta a editar. Antônio Alves da Silva ainda aparece nas listas de Manoel Caboclo.



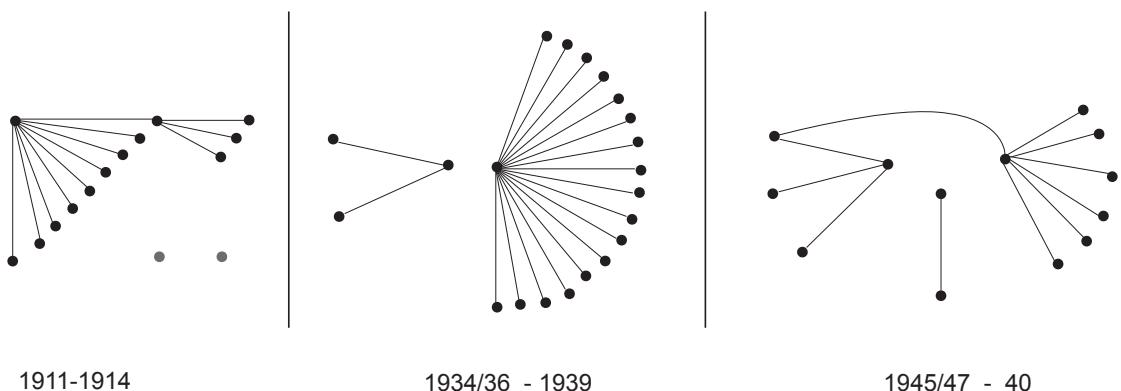
Desenho da rede a partir de 3 listas de agentes

Abraão Batista: Impresso de 1992;

Coqueiro: Impresso da década 90;

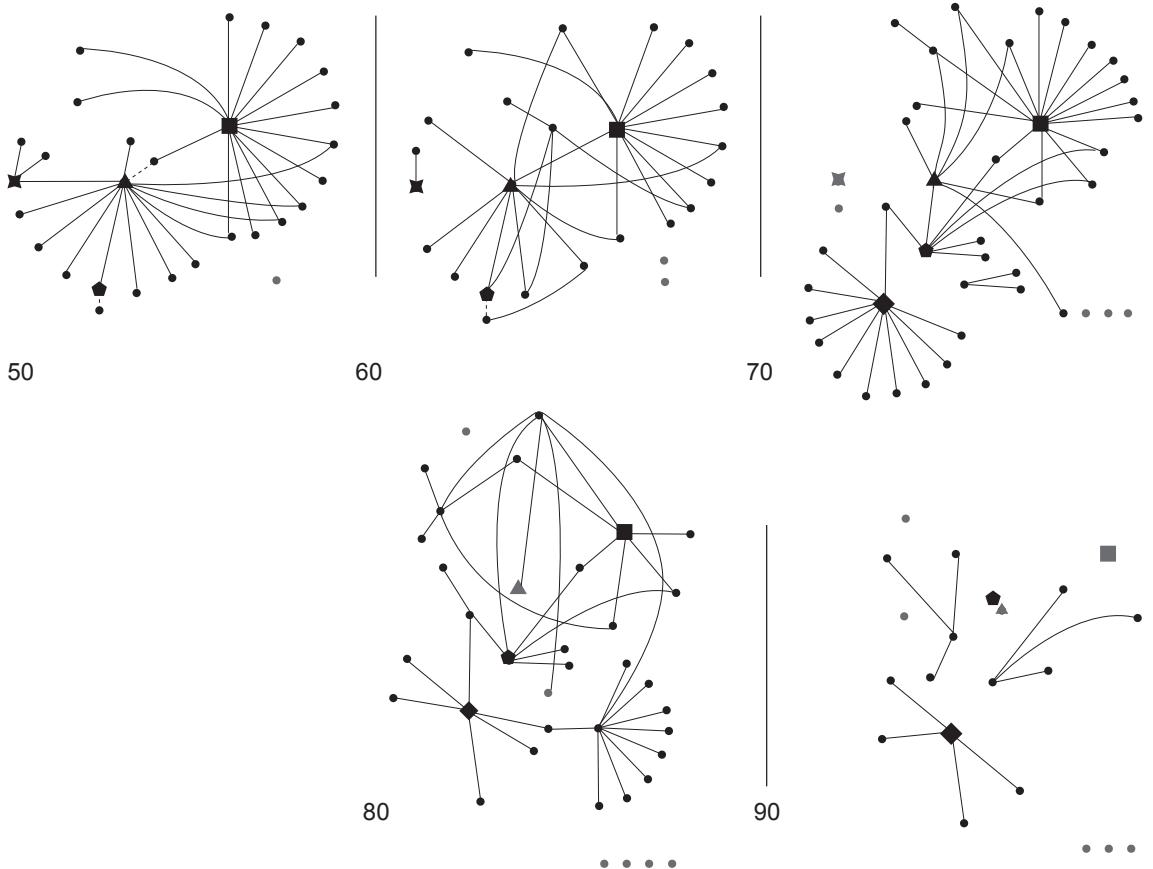
Manoel Caboclo: Impresso de 1991.

As representações propostas anteriormente para a rede de relação de agenciamento fogem um pouco do que seriam as formalizações em grafos. Houve um cuidado em tornar as informações mais evidentes para melhor acompanhar a trajetória de alguns pontos. Nomes e papéis dos componentes serão esquecidos para reduzir as informações em pontos e linhas e enfatizar as configurações gerais encontradas. Agora, as relações vão ser tomadas como recíprocas para observar as relações de troca entre dois pontos, sem considerar a direção.



O que parece mais evidente é que os grafos da primeira metade do século são bastante diferentes uns dos outros. Mostram, embora a pouca informação, que a relação de agenciamento existe desde pelo menos os anos 10. Ao que parece, o papel de editor é mais consolidado que o de agente. Nas representações anteriores, a maior parte dos agentes não se mantêm na saída de seus editores da rede. Também não se conectam a outros editores. Embora, propositadamente, não se revelem as direções das conexões, os editores são identificáveis, pois a maior parte deles têm maior número de linhas incidentes. Nas primeiras décadas, tudo é muito novo em termos de papéis na literatura de folhetos e as primeiras redes parecem estar experimentando possibilidades.

As configurações que se formam dos anos 50 em diante parecem relativamente mais estáveis. Alguns editores se mantêm por até 3 décadas, e cultivam relações mais demoradas. Alguns agentes, ao conectarem-se com mais de um editor, tornam-se mais fortes. Estes não se desligam da rede, em caso de falta de uma casa editora.



Foram assinalados alguns dos pontos para que se observe a sua permanência nos grafos. A rede aprende, cultiva hábitos e ganha alguma estabilidade entre os anos 50 e 60. Época de reconhecimento. A partir dos anos 70, o movimento se intensifica com o aparecimento de novos pontos. É uma época que a rede experimenta novos destinos. Dos anos 80 em diante, a rede parece voltar para a situação das estrelas isoladas.

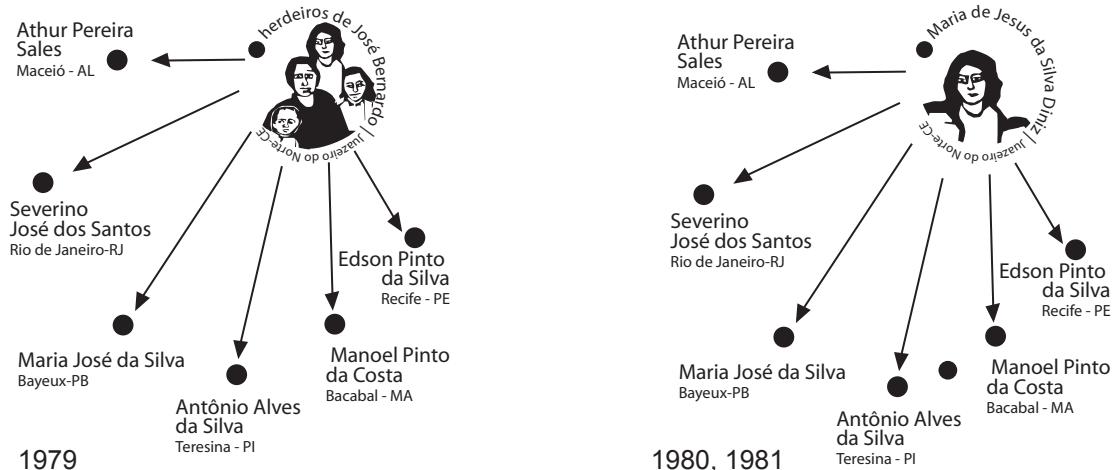
A maturidade da rede não está na idade de editores e agentes, mas em sabedoria e reconhecimento herdados de pelo menos meio século de práticas de editoração e distribuição. As condições de ambiente também contribuem na estabilidade, como será visto adiante. Por outro lado, outras forças, alheias às sociais, podem empurrar a rede para o movimento.

Uma das medidas propostas para avaliação de redes corresponde à densidade. Esta é dada pela proporção entre relações possíveis e relações existentes na rede. Os grafos aparentam redes com densidade relativa baixa para a relação de agenciamento. Caracteriza a rede de distribuição do cordel a formação de grandes estrelas. Deste modo a comparação recorrente nos anos 70, com os meios de comunicação de massa, por esse ponto, se justificaria. Porém, a analogia é questionável quando se pensa em termos de reciprocidade

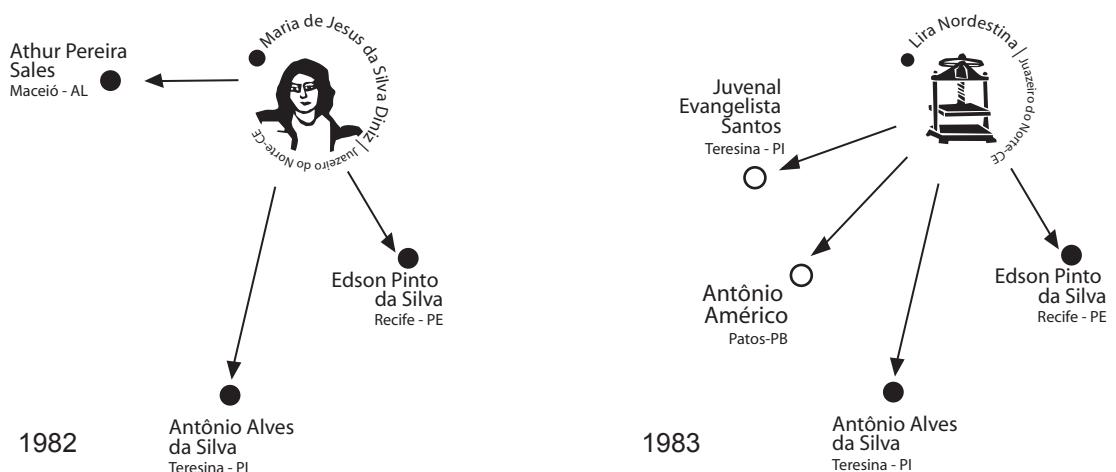
ou permeabilidade da rede. A densidade deve ser maior se fosse considerada a diversidade das relações que se estabelecem entre os pontos.

Cada grafo não representa exatamente um corte no tempo, mas uma sobreposição de anos. São mais consistentes aqueles feitos a partir de maior número de anos por década, portanto aqueles tomados a partir da década de 50 até 80. Os grafos dos anos 10, 30 e 40 podem ser considerados como intervalos dentro da década, e é provável que tenham existido mais relações do que foi reportado.

O que aparece na seqüência de grafos o movimento da rede de distribuição do cordel. Processos podem aparentar períodos longos de pouca mobilidade e, em um intervalo curto, sofrer várias transformações. Os intervalos compassados servem para confirmar isso. Poderíamos descrever um período menor de modo mais detalhado.



Entre 1979 a 1980 a *Tip. São Francisco* vira *Lira Nordestina* e passa a pertencer a uma única das filhas, entre os herdeiros de José Bernardo. A configuração da rede permanece estável até fevereiro de 1982



Em 1982, proprietária Ma. de Jesus Diniz, ainda mantém 3 agentes. Em 1983, agora sob administração de Abraão Batista e Expedito da Silva a *Lira* estampa 4 agentes: 2 mantidos, 2 novos. Nomes que desaparecem nas edições que seguem

Não é possível, todavia, trabalhar todos os grafos com cortes temporais com esta precisão, pois não há como recuperar ano a ano cada uma das estrelas de difusão de todas as editoras. Para desenhar a rede de João José da Silva, por exemplo, não se conta com a informação das datas de edição nos folhetos que traziam listas de agentes. Porém, através da comparação de endereços¹¹ e da coincidência de agentes, é possível estimar se os folhetos eram da década de 50, 60 ou 70.

De toda forma, o exemplo da Lira Nordestina serve como mote para reflexão sobre as configurações gerais da rede e suas traduções em grafos. Se há quem acredite que os números não mentem, as representações que se fazem a partir deles, são como todas as representações, incompletas. É recomendado pelo método que após a formalização se volte à semântica: confrontar os grafos gerados, com as histórias contadas. Poderia se dizer que em 1982, o número de agentes da Lira Nordestina cai para 3. É mais correto dizer que Maria de Jesus da Silva Diniz ainda mantém 3 dos 6 agentes nomeados nos anos anteriores. Embora a conta resulte no mesmo, no sentido é diferente. Maria de Jesus, depois da morte dos pais, enfrentou problemas como a inflação e “a crise do papel” (c.f. Carvalho, 1987: 43). Pelo menos do ponto de Juazeiro do Norte, a rede de distribuição sofrera uma grande redução. Enquanto isso, as capas dos folhetos revisados e com fichas catalográficas, da Luzeiro de São Paulo, espalham as cores dos anos 80.

É preciso lembrar que a construção do grafo irá depender da formulação de uma pergunta, e que se aconselha tomar um tipo de relação de cada vez. Para construir os grafos década a década a pergunta foi: quem agenciava quem. Como resposta, foram consideradas preferencialmente as relações documentadas nas quartas capas. Isto porque não poderíamos formalizar declarações vagas ou supostas. Também não foram reportadas sociedades¹², relações familiares, encontros ou amizades, nem a questão de quem trabalhou para quem.

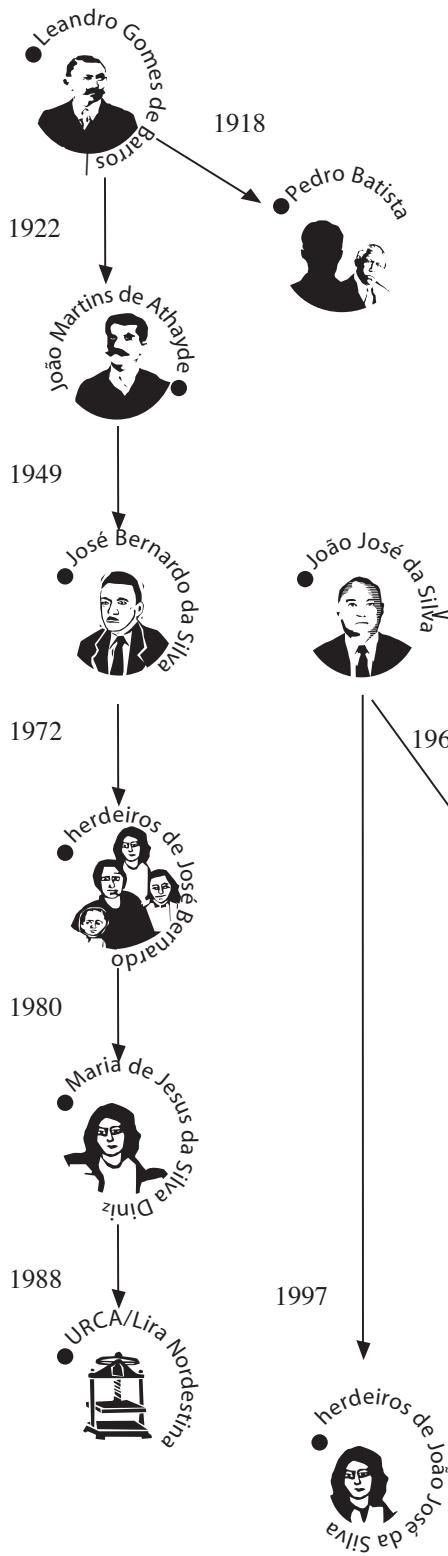
No caminho inverso das precisões, ainda se pode propor grafos gerais que representem outros tipos de relações, como as trocas entre editores que atravessam o tempo. As passagens de títulos (às vezes junto com máquinas), por venda ou herança, mostram caminhos pelos quais escoaram romances e folhetos do início ao fim do século.

11. Endereços de João José, conforme folhetos e carta da Luzeiro. Antes de 60: rua Padre Muniz 338 e rua de São José 138. Depois de 60: rua de Santa Rita, 217, bairro de São José. Por volta de 1975: Manoel Gonçalves Luiz Mustardinha. Década de 90: rua Otilia Farrias.

12. Exceto no caso de Manoel Caboclo, que foi sócio de João Ferreira Lima, seu agente no comércio de folhetos, como se pode conferir na quarta capa do folheto de João de Cristo Rei, publicado pela Tipografia Lima sobre a morte de Getúlio Vargas (GC 0124).

Relação entre editores:

Troca de direito de propriedade dos títulos por venda ou herança (diversas fontes).



A sucessão de Leandro Gomes de Barros, até a Lira Nordestina, como uma linha, garante passagem da memória pelas reedições. As passagens não precisam ser tão lineares. Quando se pergunta sobre o que se perdeu em memória, como no caso de Francisco Lopes da Guajarina, a falta de sucessores pode apontar uma direção de resposta.

Pontos identificados, alinhavados, ainda sobram muitos fios perdidos. Entre pontos, interrogações. Como se apresentariam os grafos se fosse dado saber de todas as relações de autores, passando por seus editores e agentes, até leitores e ouvintes?



Autor "Incógnita" de *Josué e Geraldina*, s.d.
(0253).

O impreciso, o incontável, o ignorado

Capa perdida: folheto sem data, sem indicação de autor, e editora não indicada, precisa de agentes.

As memórias do codel são partilhadas na vasta bibliografia que se vem produzindo sobre o assunto, desde antes de *Vaqueiros e Cantadores*, de Câmara Cascudo, publicado pela primeira vez em 1938, até depois do catálogo *Du marché au marchand: la gravure populaire brésilienne*¹³. Entre uma e outra publicação, uma vasta bibliografia. Mas para esta pesquisa a maior fonte estava nos folhetos em profusão. Coleções de folhetos, catalogação, matriz e grafo. Sem tais auxílios não haveria como vislumbrar padrões que podem ser claros àqueles que contam com a vivência e muitos anos de estudos, viagens e encontros. Mas, se fosse apenas para confirmar papéis já percebidos pela sensibilidade dos numerosos estudiosos do assunto, de que adiantariam tais instrumentos?

Também, estas ferramentas não são objetos mágicos, e se um potente banco de dados se diz um oráculo, é porque permite organizar e consegue apresentar como informação o que é dado aparentemente disperso.

Na base de informações Baú-folhetos, o excesso de informação é conjugado com a falha, a falta, o não indicado. Existem folhetos sem data, (mais de 250). Entre estes, pode-se estimar pelo menos a década de alguns, pela coincidência de listas de agentes, pelo endereço da editora ou de algum agente em particular, pelo fato narrado (no caso dos folhetos sobre acontecimentos de época). O estado da matéria pode dar pistas falsas. Quem sabe os caminhos, quantas mãos, por onde passou o folheto antes de ser acondicionado

13. Catálogo da exposição em Paris do *Musée du dessin et de l'estampe originale* por ocasião do ano do Brasil na França, no ano recém passado.

em um envelope para ser guardado? Romances ficam bem curtidos, aparentando datarem do início do século, quando nas mãos de leitores.

A falta recorrente gerou algumas obsessões. A primeira, foi encontrar um folheto da Guajarina. Um folheto com data e lista de agentes “A Ausência do Bicho” consta da coleção de Rute Terra do acervo do IEB/USP. Existem folhetos da mesma época no acervo particular de Roberto Benjamin (Recife-PE). Em outras buscas não houve tanto sucesso. Encontrar uma lista de agentes de João José da Silva, com data no mesmo folheto, por exemplo. Manoel Camilo deixou pistas vagas, para que se possa desenhar seu grafo de difusão. Em um folheto de 1958: “reiniciadas as agências de Patos e Fortaleza”, escreve o editor sem deixar nomes ou endereços mais precisos. O nome de José Soares é citado como seu agente de Recife, 1960. A referência da Luzeiro do Norte como agência, em publicação da Tipografia Santos, portanto, provavelmente da década de 50, quando Camilo ainda estava em Guarabira.

Algumas faltas de informações são, em si, significativas. A falta do nome do autor, quando ficou de uso ser tomado pelo editor proprietário. A falta de editora, quando o folheto é custeado pelo autor, em uma gráfica não especializada (em 900, são 156 os folhetos editados pelo próprio autor). A falta das listas de agentes nos folhetos da Lira Nordestina, quando seu caráter se tornou menos comercial.

No rol dos dados inacessíveis, há o aspecto invisível de ramos inteiros dos grafos. Nas listas das quartas capas, não são nomeados folheteiros ambulantes, vendedores de feira sem barraca nem toda sorte de mascates que podiam juntar um punhado de impressos às suas outras mercadorias. Biografias deles, só se algum chega a autor ou editor. Isso para não falar em editores que não imprimem nenhuma lista de agentes.

Sem falar da multidão de leitores e sua multiplicação em ouvintes. Se não tem nome, tem número, e é ao seu comando que se faz uma produção que é enxame. Coletiva, em vários aspectos.

Um último dado quase ignorado, este propositalmente, o território. Na construção dos grafos de relações embora tenham sido informadas as localidades dos agentes, não foram consideradas distâncias geográficas nem proximidades, nem a coincidência de cidades. Pouco se explicitou a localização das casas editoras e suas mudanças. Tratava-se de uma estratégia para dar ênfase às relações entre aqueles que se fazem editores e que apontam seus agentes.

Nesse ponto, as redes sociais vão para segundo plano. Em primeiro plano será observado como as redes distribuição espalharam os folhetos e romances pelo país. Outras redes estruturam o território. Depois, as redes sociais e de trocas voltarão a ser observadas. Que se adiante: as distâncias terão influência não só na distribuição do cordel, mas também, na tomada de papéis. E distância, em rede, não se mede em léguas.



Conexão

(...) seria preciso meditar conjuntamente a possibilidade da estrada e da diferença como escritura, a história da escritura e a história da estrada, da ruptura, da via rupta, da via rompida, varada, fracta, do espaço de reversibilidade e de repetição traçado pela abertura, pelo afastamento e pelo espaçamento violento da natureza, da floresta natural selvagem, selvagem (DERRIDA, 1999:133).

O sertão não existe mais.

A gente assistia pela televisão a uma reportagem sobre a missa do vaqueiro. Diante da imagem dos velhos vestidos de couro, aboiando as preces, Vivi disse, entre queixa e desdém: o sertão não existe mais. Não, Vivi? Sem querer explicar muito, concluiu: hoje tudo tem tecnologia. É.

Lembrei que no dia anterior havia conhecido dois rapazes que contavam ter instalado uma antena para conexão de internet via satélite em Quixeramobim. Não na cidade, onde se plantou o marco do centro geográfico do Estado, mas em alguma fazenda afastada, no sertão central do Ceará. O que é o sertão?

ser.tão [pl.: ões] s.m.1 região agreste, afastada do centro urbano e das terras cultivadas. 2. o interior do país.

No Dicionário do folclore brasileiro, se encontra o debate sobre a origem da palavra. Forma contrata de *desertão*. Ou , sugestão de Morisot¹⁴: “*Le Certan est une contrée particulière dans le Continent, qui est derrière Pernambuque. Ce mot signifie Bouce D'Enfer, à ce que m'a notre traducteur*”. A informação pouco esclarece, e não foi mantida na edição contemporânea do dicionário, revista e ampliada. Permanece o mais simples:

14. Segundo Cascudo: Morisot, comentando a relação de Rolox Baro em Pierre Moreau (*Relations Veritables et Curieuses de L'Isle de Madagascar et du Brésil*, ed. Augustin Courbé, págs 266-267, Paris 1651).

sertão é o interior. Mas não se chama o interior do Rio Grande do Sul de sertão, ressalva Cascudo. O nome se fixou muito mais no Nordeste e Norte que no Sul (1972:822). Diria que mais ainda se fixou no Nordeste, considerando que o sertão de Minas Gerais é sua continuação.

Tanto em *sertão* como em *nordeste* se atrelaram imagens, que pertinentes ou não, acompanham as palavras qual um tema audio-visual. É ouvir uma ou outra, e pronto: pigmentos ocres, cores quentes, tocam chocinhos de boi e uma imagem de luz satura a retina, pra quem viu e pra quem só viu em tela de cinema ou fotografia. Até reportagem pra TV, que no seu trabalho cotidiano devevia conectar, confirma o pretensamente sabido. Imagem de aridez, de lonjura.

O longe se estabelece em relação. Um lugar não tem como propriedade inerente ser distante. Longe das capitais litorâneas, portanto dos portos, logo de outras cidades do mundo. Terras que foram mais tardivamente colonizadas.

Contrário ao mar, o sertão é a parte mais interna do território, nesse sentido, interior. Na praia, os pescadores dizem: ir lá fora, o que no nosso dizer é *entrar* no mar. E as pessoas dizem, de uma forma sentimental, quando da capital retornam para as cidades de origem: *vou para o meu interior*.

Para deixar de ser interior do país é preciso que se cumpra a profecia. O sertão virar praia, ou volver ao fundo do oceano que foi, como as pedras do Cariri se lembram. Como o dia virar noite, virar o mundo do avesso: previsões escatológicas, portanto, fim. Mas, para deixar de ser afastado, não precisa que o mundo se acabe nem que saia do mar Dom Sebastião, com seu exército. Basta que se mude a forma de medir a distância.

Em rede, vizinho é o imediatamente conectado.

Não deixa de ser uma forma de domínio estender estradas, fios, ondas e conectar o que antes era tido como distante. Houve um tempo que longe das terras cultivadas e centros urbanos morava o desconhecido, a terra sem a lei da cidade, as vezes, nem mesmo a ordem do proprietário rural. A *terra ignota*, como chamou Euclides da Cunha (2001:80). Esse oceano de terra, não era ignorado de todo, suas referências habitavam os mapas mentais dos que percorriam pelos próprios pés ou de animais.

As estradas de ferro cortaram caminhos de tropeiros, certamente estabeleceram outros. Como as histórias de bois perdidos fizeram poeira no sertão, seguindo do oeste para leste, dos pastos para as cidades litorâneas, as mesmas narrativas voltaram impressas e acompanhadas de outras, algumas vindas do outro lado do Atlântico. A literatura de fo-

lhotos se justifica nestes deslocamentos entre cidades e povoados.

Muita carona de trem pegaram os vendedores de romances e folhetos. Leandro Gomes de Barros vendia folhetos no percurso do trem da linha sul de Pernambuco¹⁵. Francisco das Chagas Batista trabalhou na construção da Estrada de Ferro de Alagoa Grande, na Paraíba¹⁶. Isso foi antes de 1902, quando publicava seu primeiro folheto. Ainda em 1932, o garoto Rodolfo deixou Maceió e seguiu o trilho do trem. Destino: Recife¹⁷. Na segunda metade do século XX os destinos se estenderam e, para a próxima safra de folheteiros, eram as autovias os canais preferidos. Depois do último pau-de-arara, veio o ônibus.

Caminho do gado, caminhos de ferro, automóvel e rodovia. Cinema, rádio, depois e televisão. Não é só o incremento da indústria gráfica que vai se misturar com a história do cordel. Outras economias, outras tecnologias vão ajudar a desenhar os mapas onde a conexão é a linha que vale, não a fronteira.

Todas as cidades

Para uma viagem de reconhecimento, é bom ter um mapa rodoviário do Brasil. Cidades que possuem ou possuíram editoras e agências recebem um círculo, de lapis de câra. Melhor marcar aquelas que a base de dados acusa atuante até os anos 90. O que parecia uma grande quantidade nos pequenos mapas quase desaparece na constelação de pontos possíveis. Algumas escolhas são claras. Todas as capitais dos estados do Nordeste estão circuladas. Se não há ou houve editoras em todas, houve, pelo menos, uma agência em cada uma. Também se nota uma concentração de pontos nos estados da Paraíba e Pernambuco, juntando essa região com o sul do estado do Ceará.

Para um roteiro perfeito, seria necessário cruzar também o tempo. Desde os anos 30, que a Parahyba, da Popular Editora, se chama João Pessoa. Não é mais possível a qualquer brasileiro atender à recomendação de Mario de Andrade¹⁸. Não adianta mais procurar a Guajarina em Belém, nem se encontrará João Martins de Athayde, nem a Luzeiro em Recife. José Bernardo, Manoel Camilo, e na década passada, Manoel Caboclo

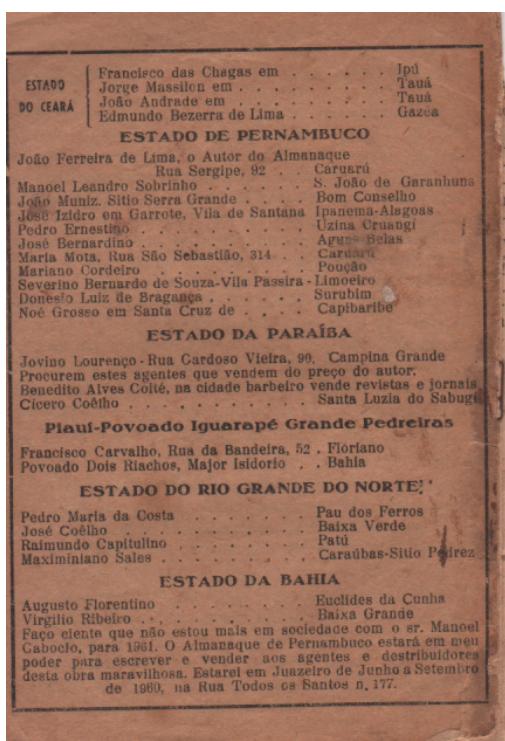
15. Cf. Terra, 1983: 30

16. Cf. Literatura Popular em Verso, Chagas Batista: Antologia, 1977.

17. Ver “Introdução” de Wanke, T. em Cavalcante, 2000: 13.

18. Mário de Andrade escreveu da Paraíba, 29/01:“Existe aqui na Paraíba uma tipografia que estava na obrigação de ser célebre no país tudinho, se fôssemos patriotas de verdade. É a tipografia Popular Editora, de F. C. Baptista e irmão.” (1983: 275).

As listas de almanaques revelam uma maior capilaridade que as listas dos folhetos e romances. O que faz pensar que a função do seu conteúdo, mais relacionado à agricultura, possa ter solicitado outra rede de distribuição.



Almanaque de Pernambuco 1961

Quarta capa: Ipu, Tauá, Gazea, Caruarú, S. João de Garanhuns, Bom Conselho, Ipanema, Uzina Curangi, Aguas Belas, Poução, Limoeiro, Surubim, Capibaribe, Campina Grande, Santa Luzia do Sabugi, Iguarapé Grande, Pedreiras, Povoado Dois Riachos, Pau dos Ferros, Baixa Verde, Patu, Caraúbas, Euclides da Cunha, Baixa Grande.

e João José, foram encontrar Leandro Gomes de Barros. As editoras desse período, caracterizadas como empreendimentos familiares e fortemente atreladas a um nome, quase não resistem à morte de seus proprietários. E se resistem, pelas mãos de herdeiros ou instituições, certamente não são mais as mesmas. No movimento das cidades, perderam seus endereços originais, no processo de atualização da indústria, apesar de terem máquinas de impressão tipográfica.

Não deixa de ser interessante pensar em uma viagem arqueológica. Buscar vestígios, fragmentos, tentar juntas as peças, imaginar as partes que estão faltando. Repetir entre gente o que tem sido feito, na luta com os folhetos. Sempre há a possibilidade de encontrar alguém que ainda se lembra de uma história pra contar de quem já se foi. Melhor é a possibilidade de se encontrar herdeiros, de sangue ou não, exercitando a memória de forma produtiva. Coisa que acontece em Juazeiro do Norte, pela criatividade e persistência de José Lourenço, José Airton, Cícero, Jussiê, Francorli, no trabalho da Lira Nordestina.

Eles mesmos contam de outros que ainda têm com o cordel, e a informação casa com folhetos atuais, reportagens sobre o assunto, livros mais recentes. Existem muitos continuadores espalhados. Em Pernambuco: Recife, Bezerros, Caruaru, Timbaúba e Condado. Na Paraíba: Guarabira e Campina Grande. Para um lado, pode se encontrar algo em Natal e, certamente, em Fortaleza. Para outro lado, tem cordel gravado em CD em Sergipe e em Salvador ainda está Antônio Ribeiro da Conceição, o Bule-bule. Das outras regiões, os pontos fortes são Rio de Janeiro e São Paulo. Isto considerando apenas os centros mais recon-

nhecidos de produção. Caso somasse os pontos de revenda, seria uma quantidade muito maior de cidades.

O número de cidades anotadas é superado pelo número de cidades que não constam nas listas das quartas capas. Porque uma cidade e não outra? O que fazem cidades abrigarem editoras, enquanto outras não apresentam sequer agências? É claro que não ter agência não significa não ter sido atingida pela rede de cordéis. Vendedores ambulantes não deixam rastros nas quartas capas. Contudo, ter agência, é sinal certo de folheto na praça. As escolhas se estabelecem no território, e se desenrolam também no tempo. O encontro agora é entre grafos e mapas, estabelecidos em intervalos de décadas. Para entender a seleção de cidades e a hierarquia de distribuição, é preciso, mais uma vez, considerar as relações, tratar de conexões e atentar para os caminhos.

Dos grafos aos mapas

Sempre se souberam ler mapas geográficos que, cheios de convenções, oferecem uma grande riqueza de detalhes ao longo do trajeto percorrido. Mas o homem rede poupa os detalhes inúteis, só toma em consideração algumas conexões, a rede de conexões úteis ao seu problema; joga com as alternativas de caminho, com a comutação, como dizem os telefonistas. E pode ignorar tranquilamente que um vôo Paris-Argel sobrevoa o Mediterrâneo (Rosenthal, 1988:229).

As análises de redes não costumam comungar com os mapas e as suas fronteiras. Para a rede de distribuição do cordel, porém, vale considerar o território e os caminhos que se desenham sobre ele. Na construção dos grafos de relações, o objetivo era verificar a coincidência de papéis tomados e posições de rede. Embora tenham sido informadas as localidades dos editores e agentes, não foram consideradas distâncias geográficas, nem proximidade, sequer coincidência de cidades. Algumas medidas poderiam descrever a rede em termos de sua dimensão, e, uma vez descobertas centralidades, descrever os nós em termos de proximidade do centro. Em rede, a distância se mede pelo número de conexões intermediárias entre dois pontos¹⁹. Se há mais de um caminho entre eles, a distância é tomada pelo menor caminho. De posse destes conceitos, poderia-se dizer que os grafos de relação entre editores e agentes apresentam diâmetros relativamente curtos, variando

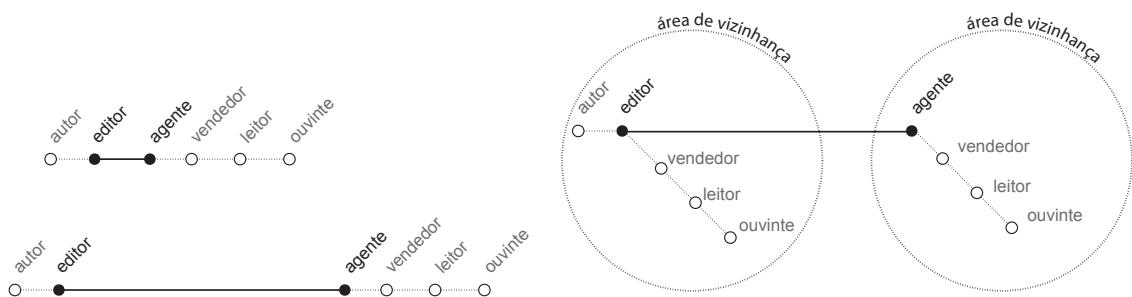
19. Existem medidas de distância relacionadas à rede, como distância geodésica e diâmetro, este último é que é a maior distância em um grafo, considerado todos os nós. O diâmetro pode ser uma forma de se estabelecer a extensão da rede. Sobre medidas em grafos ver artigo “Grafos e Matrizes” (Iacobucci em Wasserman. e Faust. 1999: 110-111).

de década a década entre 1 e 2. É 1 quando as relações existentes são sempre diretas (editor conecta agente). Chega a 2 quando existem nas rede pontos que são agentes e editores, o que implica que estes pontos podem receber informação de um anterior e repassar a outro. É possível o repasse, para outro agente, é bem mais comum o caminho que leva à mão de um revendedor ou ao leitor, diretamente.

Afirmar que as distâncias na rede de distribuição do cordel são curtas é enganoso. Embora se saiba que eram numerosas as relações entre agentes e revendedores, elas não eram documentadas nos folhetos. Se fosse possível computar estas conexões, o diâmetro da rede aumentaria em uma unidade a cada repasse. Ainda seria possível considerar que a rede começaria no autor, que também pode ser alguém que ouviu a história.

Mesmo acordado que, para a teoria das redes, as distâncias não se contem em quilômetros, mas em números de ligações intermediárias entre dois pontos, para entender a rede de comunicação do cordel não se podem ignorar totalmente as condições geográficas. Tanto a vizinhança como a distância entre cidades vão implicar na necessidade de constituição dos papéis, dos agentes fixos e dos vendedores ambulantes.

Considerando os pontos atingidos, vê-se quanto se estica a rede, abarcando quase todo o país. Dada a dimensão, as linhas alcançam variadas condições de ambiente. Enquanto em um lugar não chove, noutro há enchente. Se a vegetação fica seca, mais em cima é abundante e fornece a borracha. E se falha a agricultura, há sempre onde buscar trabalho, construindo outras cidades, ou caminhos entre elas.



A distribuição dos folhetos, principalmente nas primeiras décadas da sua história, irá confluir com as redes de transporte. Uma vez que não se abrem estradas para circulação de folhetos de cordel, os rios de narrativas irão correr nas calhas de outros movimentos, redes de trocas de mercadorias, atratores econômicos e fluxos migratórios. Ainda que, por ser esta rede também uma rede social, se estabeleçam laços mais duradouros que driblem as condições geográficas e as constrições econômicas.

Ao voltar dos grafos aos mapas, novos grafos são propostos. Agora, as relações são tomadas entre cidades. Agências ou editoras presentes em uma mesma cidade foram sobrepostas em um único nó. As informações são da mesma fonte dos grafos de relações entre editores e agentes: as listas de agentes anotadas nos impressos. Para facilitar a comparação, cada grafo social correspondente é reproduzido, ao lado. Alguns acontecidos vão ser lembrados, não como explicação, mas como contextualização. O objetivo é observar o movimento da rede no território, relacionando a estrutura da rede com o incremento dos meios de transporte e comunicação na história recente do país. Entre um acontecido e outro, muito não foi lembrado. São consideradas, como sugere Rosemthiel, as conexões úteis ao problema da pesquisa.

A escrita alinhada de fatos díspares, acontecidos em uma mesma década, porém espalhados num vasto espaço, pode lembrar os “Almanaques de Juízo para o ano”. Não é fácil antever o futuro olhando os sinais presentes na natureza. Olhar pontos em mapas e fazer algo como previsões do passado pode parecer bem mais fácil. Não é tanto.

As décadas foram descritas pelo incremento dos meios de transporte e meios de comunicação. São movimentos que na maior parte dos casos não se limitam ao período recortado. O movimento do trem vem desde a metade do século XIX, mas é nas primeiras décadas do século XX que ele irá se encontrar com o movimento da literatura de folhetos. O movimento de construção das rodovias não se limita aos anos 50, mas é nesse período que se acelera e se destaca. Os meios de comunicação não se sucedem, nem se somam simplesmente, mas se justapõem e se adaptam uns aos outros na convivência. O reconhecimento que explode depois dos anos 60, vinha se anunciando de muito antes, ainda que por um número menor de vozes.

Nem tudo se explica, o que leva a questionar se a aposta devia ser apenas nas listas de agentes. Contudo, antes de fazer as críticas e propor outros modelos, o profeta às avessas, procura ver nos sinais, pontos, configurações formadas por estrelas de disseminação espalham seus raios na terra as razões do passado.

Muito pasto e pouco rastro²⁰

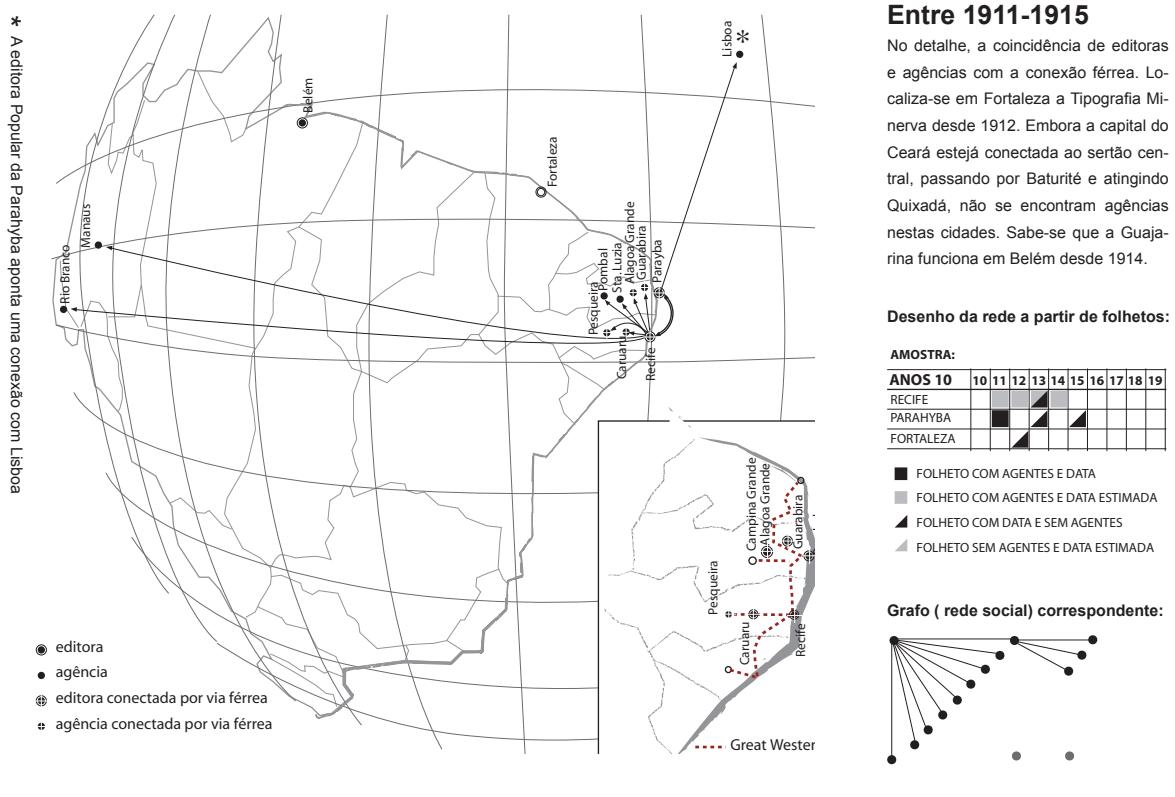
Enquanto a ocupação do litoral, margeava a costa, Recife acima, a pecuária extensiva irradiava o povoamento dos colonizadores, do Rio São Francisco para o norte até o rio Parnaíba e de lá se espalhava para as terras mais a oeste, e sertão leste. O que viria a ser o Piauí, o Maranhão e o Ceará. Até os primeiros anos do século XIX, era aboio e verbo solto.

As prensas tipográficas eram proibidas na colônia. Os registros descontínuos e incertos de existência de prelos e tipos, ficam por conta das apreensões. Manuscritos e impressos circulavam, trazidos sabe-se lá de onde. Com a vinda da Família Real (1808) veio seu equipamento burocrático, máquinas impressoras e bibliotecas. Entre as obras da Impressão Régia, se conta de um exemplar da *Princesa Magalona* e de uma *História da donzella Theodora*, ainda em 1815 (cf. Ferreira, 1977: 81 e 124). Narrativas cruzam o oceano, chegam pelas cidades portuárias e se interiorizam. Quando impressas aqui, seguem o mesmo caminho, e encontram as histórias de boi dos tropeiros, do sertão para o litoral. Há resistência de lendas, dos que puderam sobreviver ao movimento colonizador. Por certo, nessa terra, se misturaram narrativas apuradas em vários continentes.

Os ditos em versos não surgem criados fruto natural da terra e ficam naquele canto, mas já começam de cruzamentos de gente que vem dum canto pra outro. Sobre o início da publicação destas narrativas no Brasil, também não se deve acreditar na localização de um ponto só, ou data precisa. O consenso circunscreve uma área de concentração inicial de publicações, de onde a coisa se espalhou. Atinge um raio imediato de vizinhança, depois segue os movimentos de migração até alcançar pontos mais distantes.

Para produção dos primeiros folhetos, bastaram tipos e vinhetas decorativas e algum tempo ocioso em gráfica de jornal. Um caminho certo seria a capital de Pernambuco. Recife, cidade portuária. A condição de conectividade faz que cheguem primeiro os equipamentos. Outras condições irão se somar para que o desenvolvimento desta cidade se acelere em relação às outras da mema região. Entre as funções administrativas e a de centro de ensino médio destacou-se na distribuição de serviços e bens. Era um bom lugar para as narrativas que vagavam soltas ganharem o comércio do texto impresso. É preciso adiantar que foi partindo de Recife que se iniciou a segunda estrada de ferro do Brasil.

20. Entre as profecias de Antônio Conselheiro, anotadas em pequenos cadernos encontrados em Canudos e reescritas por Euclídes da Cunha, encontra-se: “Em 1897 haverá muito pasto e pouco rastro.” (2001: 277). A nota do editor, Leopoldo M. Bernucci, explica: Haverá tanto pasto que cobrirá as trilhas, caminhos.



Juízo para os anos 10 e 20: trem e tipografia

Em 1912, em seu *Terra de Sol*, Gustavo Barroso lamentava o desaparecimento da atividade do passador de gado. Dizia também que os fazendeiros deixaram de ir, eles próprios negociar as reses, costume que, outrora, conferia uma maior importância às feiras. “Hoje em dia, a estrada de ferro modificou as comunicações” (Barroso, 2003: 139). A implantação das estradas de ferro no Brasil se inicia na segunda metade do século XIX, cruza o Segundo Império e continua se desenvolvendo depois da Proclamação da República (1889). Depois da Estrada de Ferro Mauá (1852-1854), as próximas iniciativas partiram de Recife em 1858 e de Salvador em 1860. Ambas tinham entre suas metas alcançar o Rio São Francisco.

Em Pernambuco, a estrada de ferro seguiu dois sentidos: um para sul, até o estado de Alagoas; outro para o Rio Grande do Norte, paralelo à linha do litoral. O propósito seria facilitar escoamento de produtos, entre eles cana-de açúcar, pelo porto de Recife. A diferença desta estrada de ferro em relação as demais linhas brasileiras, é que desde logo ela atravessou limites entre estados. A zona de influência da capital pernambucana já então se estendia pelas cidades da Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e sul do Ceará.

No início do século XX, quando se nota a emergência da literatura de folhetos, as relações de Recife com Caruaru e Bezerros, em Pernambuco, e com a capital da Paraíba,

Entre 1911-1915

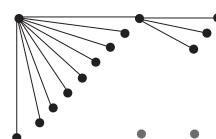
No detalhe, a coincidência de editoras e agências com a conexão férrea. Localiza-se em Fortaleza a Tipografia Mínerva desde 1912. Embora a capital do Ceará esteja conectada ao sertão central, passando por Baturité e atingindo Quixadá, não se encontram agências nestas cidades. Sabe-se que a Guajárina funciona em Belém desde 1914.

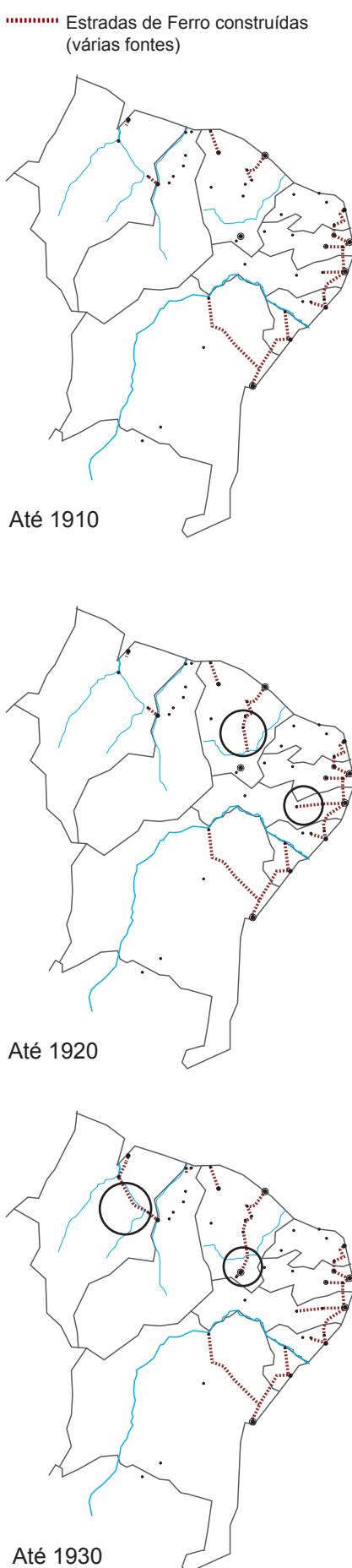
Desenho da rede a partir de folhetos:

ANOS	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
RECIFE				■	■	■	■	■	■	■
PARAHYBA				■	■	■	■	■	■	■
FORTALEZA										

■ FOLHETO COM AGENTES E DATA
■ FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
△ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

Grafo (rede social) correspondente:





Campina Grande e Guarabira, se tornam mais rápidas com a conexão férrea de carga e passageiros. Ao mesmo tempo que a conexão vai contribuir no desenvolvimento destas cidades, irá atenuar a importância das outras capitais litorâneas, tanto na função portuária como no fornecimento de serviços.

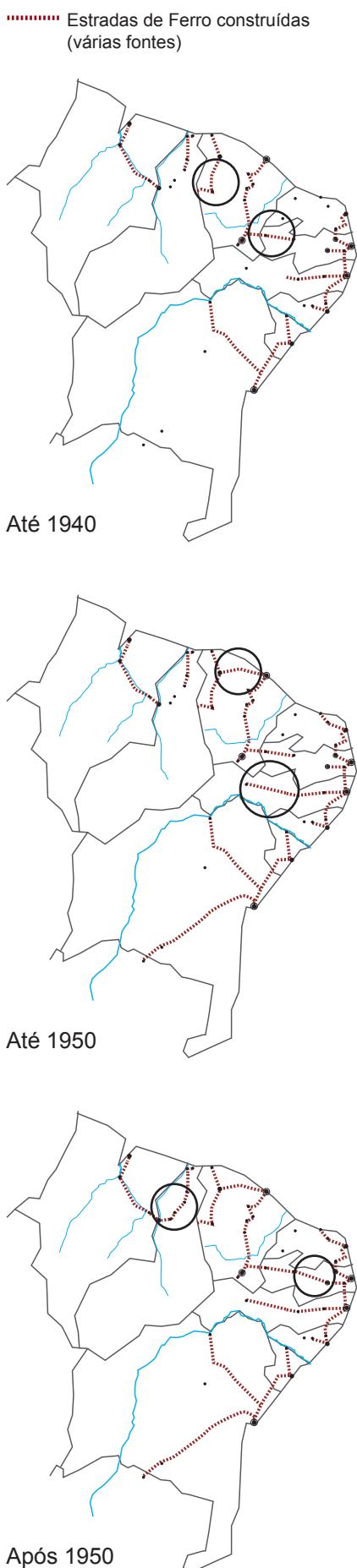
Entre a capital e o sertão, Caruaru, por exemplo, era ponto de comercialização de milho, café, feijão, algodão, queijo e couro de gado. A chegada do trem, em 1895, potencializa sua posição de entreposto comercial. Linhas desenhadas à ferro estruturam um território, varrido a pé ou montaria. Reforçam pontos de encontro e definem outros, nas pontas de trilhos.

A partir de 1896, as diversas ferrovias do Nordeste foram resgatadas pelo Governo Federal, e depois arrendadas à Great Western. Em contrapartida, a empresa inglesa comprometeu-se em construir ramais e prolongamentos para reunificar as diversas estradas. Até 1915 foram concluídos os prolongamentos de Timbaúba a Pilar, e de Independência a Pilar, ligando Recife a capital da Paraíba e a Natal. Também, de Antônio Olinto a Pesqueira e o ramal de Campina Grande a Itabaiana, na Paraíba²¹. Portanto, até o início do século XX, as capitais do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas já estavam bem articuladas.

Em fins dos anos 20, Mário de Andrade faz sua viagem etnográfica pelo Nordeste:

Podem falar o que quiserem desta Great Western of Brasil (com s) Railway Company Limited, porém o certo é que ela anda no horário. Fiz hoje de Recife a Guarabira, viagem de 11 horas quentes, no princípio divertido, depois vendo sem pensar, depois interessado outra vez quando a fresca da tardinha me renovou.”(1983: 201).

21 . Cf. Teles, 1993: 90. Também sobre a Estrada de Ferro Recife ver Geografia do Brasil Vol 2. Região Nordeste. (1977: 213-214)



A percepção das distâncias irá mudar pela velocidade e freqüência de conexão. Mário de Andrade conta que, desde o primeiro dia de 1929, a viagem de Recife a Natal dura apenas um dia (1983: 253).

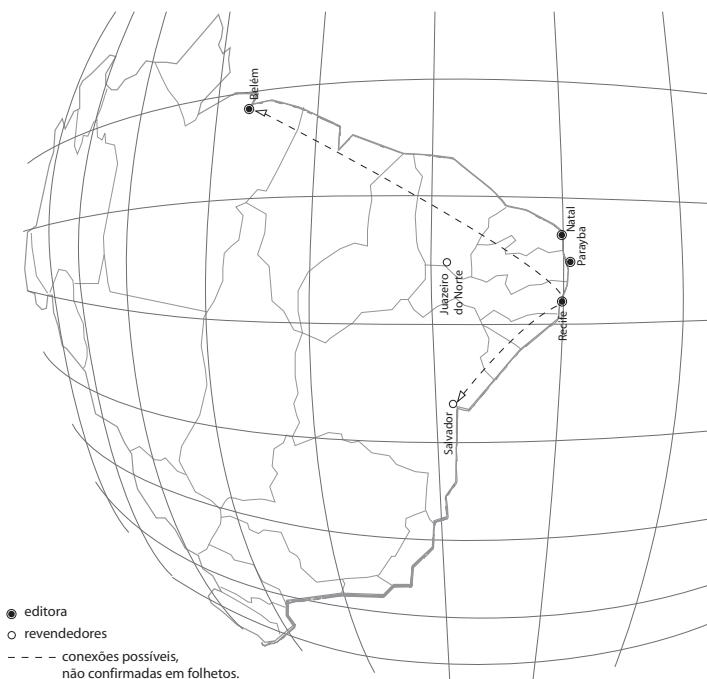
A quantidade de referências ao trem, nos primeiros depoimentos da história compilada da literatura de folhetos, provocou a desconfiança que o desenho das vias férreas poderia ser uma pista para a escolha das cidades. O que, de certa forma, se confirmou para as primeiras décadas da atividade.

É preciso considerar que a conexão férrea é regida por outros fatores. A escolha das cidades que puxam a estrada de ferro tanto decorre da economia, como é influenciada por vontades políticas. Embora não se possa ignorar que cidades possam abrigar estações, por se localizarem no meio do caminho entre um porto e um vale. Mas, seja em relação aos ciclos econômicos, ou vias de conexão, não se deve apostar em uma relação do tipo causa seguida de efeito. Melhor pensar na concorrência de diversos fatores e na inteligência para tomar partido deles.

Vejamos o caso do trem em Juazeiro do Norte, outro polo de distribuição de folhetos.

As obras da estrada de ferro no Ceará têm início em 1870, com a concessão para obra da Estrada de Ferro Baturité²², aquela da qual se queixou Gustavo Barroso, ter modificado o caminho do gado. O trem chega àquela cidade que emprestou nome à estrada em 1882 (antes da conexão entre Recife e Caruaru). O motivo era, como em outras linhas férreas brasileiras, o café. Antes do fim do século XIX as obras alcançam o sul do estado, atraídas pela produção de algodão,

22. Sobre a estrada de Ferro Baturité ver: Ferreira, B. G.: 1989.



Nos anos 20 funcionava em Belém a Guajarina, de Francisco Lopes, e ainda havia a Popular Editora, de Chagas Batista, na Paraíba. Em Recife conta-se com a tipografia de Athayde. Isso pra ficar com as que deixaram história, entre as vinte tipografias especializadas ou não, que Rute Terra contou até 1930. Terra conta que Athayde possui revenda em Salvador desde 1925 e que também foi seu agente Francisco Lopes, a conexão em folheto sem data (1983: 32). Desde 1926 que o alagoano José Bernardo está em Juazeiro do Norte.

Desenho da rede a partir de folhetos:

AMOSTRA:

ANOS 20	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
RECIFE							■			
PARAHYBA							■			
NATAL							■	■	■	

- FOLHETO COM AGENTES E DATA
- FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
- ▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
- ▲▲ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

no sertão central. Juntam-se às cidades ligadas pelos trilhos, Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu. Embora não se duvide que possa ter chegado folheto nestas paradas, nenhuma destas cidades desenvolveu editoras reconhecidas ou agências de folhetos. Apenas Juazeiro e Crato, só conectadas anos depois.

Por uma série de fatores climáticos e condições econômicas, pela posição central em relação a Região Nordeste, por estar no caminho que ligaria o porto marítimo de Fortaleza ao Rio São Francisco, a ligação do Vale do Cariri ao porto de Fortaleza, era certa. A ligação com o São Francisco, que também motivara Recife e Salvador, não veio a acontecer no estado do Ceará, por essa via. Mesmo assim, a perspectiva da integração das redes ferreas Nordeste e Sudeste pela calha natural que se forma em Minas Gerais e rasga até Penedo, cruzando o estado da Bahia, funcionou como ponto de atração. O que acabou por acontecer, bem depois, foi a conexão rumo às linhas do leste, pelo estado da Paraíba.

Na segunda década do século XX, os trilhos chegam à Missão Velha, Juazeiro e Crato. Não sem antes sofrer interrupções e revisões nos planos. Não sem suscitar as disputas entre cidades que almejavam a chegada do trem, por tudo que ela implica. Apenas em 1926 é inaugurada a estação de Juazeiro do Norte, que não constava no plano inicial de prolongamento da Estrada de Ferro Baturité (cf. Ferreira, 1989: 41).

O crescimento da região do Cariri se intensificou “em 1926, pela chegada a Juazeiro e Crato da linha da estrada-de-ferro pela qual Padre Cícero batalhou desde 1910 e para cuja construção forneceu o maior contingente de mão-de-obra” (Della Cava, 1976:

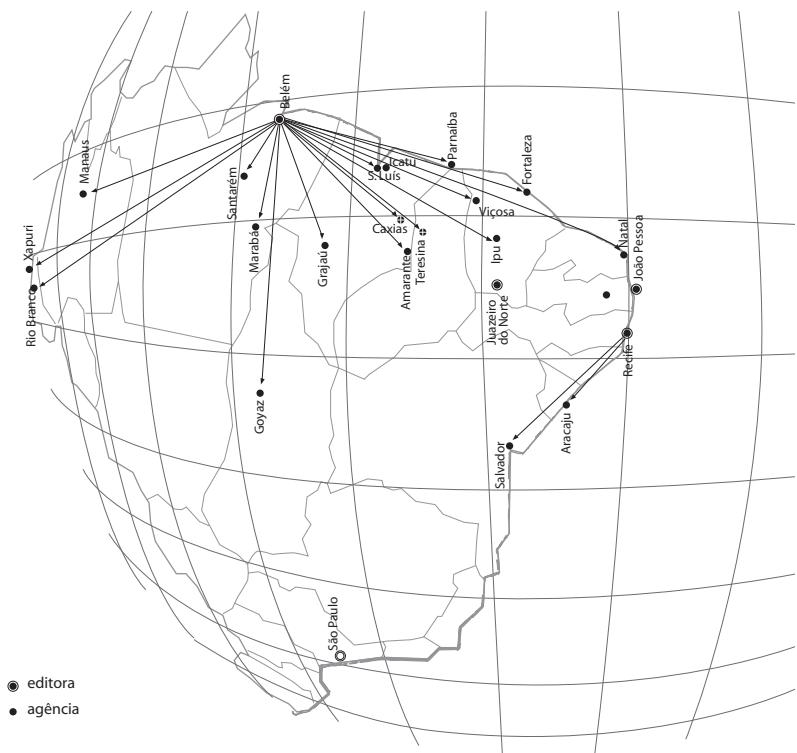
219). Também em 1926, temos *A Entrada de Lampeão [sic] acompanhado de 50 cangaceiros na cidade do Padre Cícero*, folheto de 16 páginas, publicado por João Martins de Athayde em 12 de março do mesmo ano em Recife. A notícia da chegada de Virgulino Ferreira a Juazeiro e “como ofereceu seus serviços à legalidade contra os revoltosos”, nas palavras de João Martins de Athayde, correu por Recife. Por essa época, Athayde era um dos maiores editores de folhetos e romances do Brasil. Talvez a ausência de grandes listas de editores nas quartas capas dos folhetos de sua editora, se justifique pela suficiência que o comércio das cidades, conectadas imediatamente pelo trem, proporcionava. A região do sul do Ceará correspondente ao Cariri, estava também na zona de influência da capital pernambucana. A estrada de ferro no Ceará estabelece a conexão do Cariri com o porto de Fortaleza. Apenas na década de 50, irá se unir, pelo ramal que se estende no sertão da Paraíba, à rede ferroviária que inclui Recife e outras capitais.

Juízo para os anos 30 e 40: migração e romaria

Com trem ou sem trem, raro é o poeta que permanece na cidade em que nasceu. Cada um sai procurando sua *São Saruê*. Na cidade inventada, vertida em poesia por Manuel Camilo dos Santos, a abundância transborda para o fantástico. Quem deixa a própria terra procura cidades mais prósperas que as de origem. Há os que vão e não tornam.

Entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, “agentes da borracha” recrutavam contingentes sempre maiores de homens para o trabalho nos seringais. Um pernambucano foi a Belém, não para extração da borracha, mas para montar gráfica de modinhas e folhetos. Espantoso é o grau de emissão que alcançou Francisco Rodrigues Lopes (1870-1947), na Guajarina, em comparação com os poucos agentes nas listas de Athayde. De fato, o endereço da Guajarina é Belém, mas seu público vem de toda parte do Nordeste: “São eles que vão constituir o grande mercado consumidor, disseminar o gosto entre os locais por essa nova literatura acessível ao povo” (Barbosa, 1996:10). Muitas das narrativas publicadas têm os pés na Paraíba e Pernambuco.

O primeiro período da grande migração para a Amazônia se dá entre 1850 até 1915. Entre 1942 e 1945, há um segundo período devido ao acordo Brasil- EUA, na formação do Exército da Borracha, no contexto da II Grande Guerra. Ainda houve outro fluxo migratório intenso, na construção da Belém-Brasília, mas a divulgação do cordel no norte do país ficou, a partir de então, a cargo dos agentes.



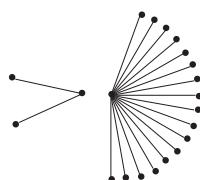
1934-1939

A capital do estado da Paraíba se chama João Pessoa, onde a Popula editora ainda resiste dois anos após a morte de seu proprietário em 1930. Em Recife, Belém e Juazeiro do Norte funcionam editoras especializadas na literatura de folhetos.

Desenho da rede a partir de folhetos

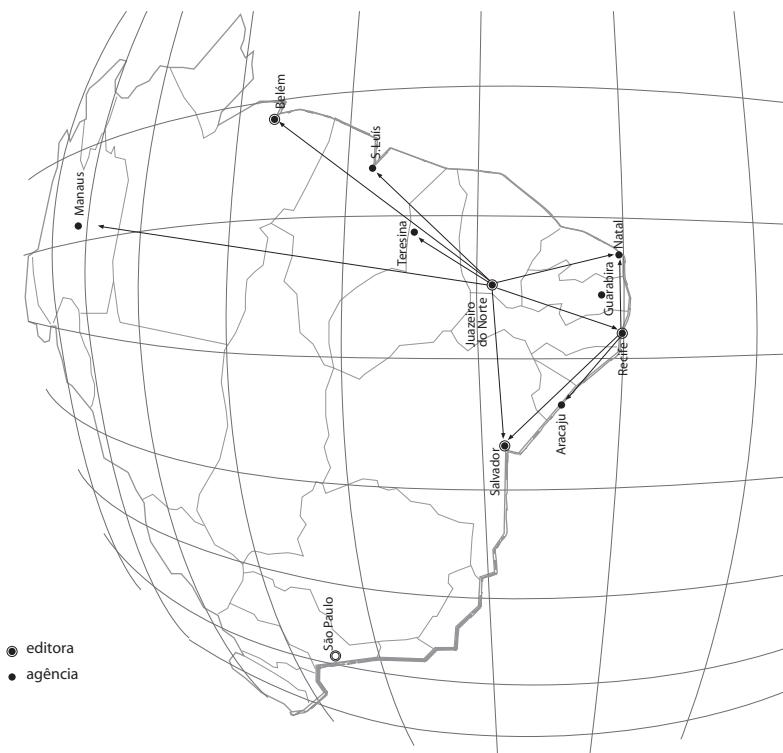
- FOLHETO COM AGENTES E DATA
- FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
- ▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
- ▲ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

Grafo (rede social) correspondente:



A Guajarina tem início em 1914 e dura até 1949. Embora tenha vindo em larga escala com a migração nordestina, a poesia tradicional da Amazônia permitiu o aparecimento local de consumidores e até criadores de literatura de cordel, como Zé Vicente (cf. Salles, 2003). Na mistura das culturas, é difícil propor que a produção de romances e folhetos não tomasse, no Pará, ao menos um gosto local. Depois da morte de Lopes (1947), a Guajarina ainda publicou folhetos por mais dois anos.

No ano da morte de Francisco Lopes, o alagoano José Bernado da Silva, instalado em Juazeiro do Norte, conta com agente em Belém (entre os anos 50 e 70, folhetos impressos em Juazeiro do Norte também serão distribuídos em Manaus, Rio Branco e Porto Velho). Na década de 40, Juazeiro do Norte começa a despontar como polo produtor na literatura de folhetos, se aproximando de Recife e das cidades Paraibanas. Segundo Ralph Della Cava, durante a década de 1920-1930, o Cariri havia sido cenário de mudanças econômicas. Ao espalhar-se o sistema de trabalho assalariado em todo o Nordeste, o preço da mão de obra no Vale (e em todo o Ceará) subiu. Da mesma forma, aumentou o preço das terras menos férteis, situadas na chapada do Araripe. Foi essa região retalhada e vendida em pequenos lotes, passíveis de utilização por pequenos agricultores para a produção de alimentos, especialmente mandioca, feijão, arroz e milho. Maiores mercados consumidores para esses produtos foram criados em outras partes do Nordeste, pela grande força de trabalho engajada na construção de ferrovias e açudes. A rapadura como

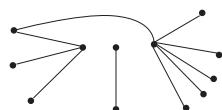
**1945-1947**

Em Recife, Belém, Juazeiro do Norte e Guarabira funcionam editoras especializadas na literatura de folhetos. O fim dos anos 40 marca o crescimento de Juazeiro do Norte na impressão e difusão de folhetos.

Desenho da rede a partir de folhetos**AMOSTRA:**

ANOS 40	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49
RECIFE							■			
BELEM										
JUAZEIRO								▲		■
GUARABIRA										

- FOLHETO COM AGENTES E DATA
- ▨ FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
- ▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
- ▢ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

Grafo (rede social) correspondente:

a mandioca, alimento básico dos trabalhadores em frentes de serviço, eram produtos de exportação de Crato e de Barbalha, que eram os centros tradicionais de cana-de-açúcar do Vale (cf. Della Cava, 1976: 219).

No caso do Cariri, a conexão férrea tem sua importância diluída em outros fatores. A importância da cidade de Juazeiro do Norte está intrincada com a história do Padre Cícero Romão Batista²³. A cidade contou com o movimento de romaria em busca das bênçãos do padre. As levas viriam a pé, a cavalo, de caminhão. A morte de Padre Cícero, em 1934, não estancou a peregrinação. Seu Antônio, agente em Teresina, conta que as visitas de devoção que o levavam duas vezes por ano à Juazeiro, serviram ainda para estreitar os laços com José Bernardo, editor da São Francisco.

Já foi dito que no ano de 1949, morre o principal editor de Belém. No mesmo ano, o nome forte de Recife vende máquinas e direitos para um editor alagoano que se estabeleceu em Juazeiro. Com a saída de cena de Athayde, Recife não perde o posto entre as cidades grandes difusoras. A oportunidade abre espaço para João José da Silva, que começa sua Juazeiro do Norte. Em Guarabira, cidade no meio da conexão férrea entre a capital da Paraíba e Nova Cruz no Rio Grande do Norte, Joaquim Batista de Sena e Manuel Camilo

23. A fazenda Taboleiro Grande, entre Missão Velha e Crato, era parada de tropeiros. Na sombra das árvores começa o povoado de Joazeiro. Padre Cícero chega ao povoado em 1872. O povoado torna-se vila em 1911, e cidade em 1914.

dos Santos, montam suas editoras, a São Joaquim e a Tipografia Santos, respectivamente. Por essa época Campina Grande, ainda não tinha ligação ferroviária com Patos. O trecho ausente entre o litoral leste e o Cariri era completado de caminhão. Mas, a posição de ponta de trilho era vantajosa. Desde o século anterior a cidade era entroncamento de estradas sertanejas e a principal praça comercial de feira de gado e de cereais do interior da Paraíba. Na outra ponta as cidades do sertão da Paraíba que ficaram conectadas com a Estrada de Ferro Baturité, se tornaram, por essa época, mais influenciadas pelo Cariri e Fortaleza que por João Pessoa. Apenas em 1957, se conclui a conexão férrea Campina Grande-Patos. No mesmo ano se constitui a RFFSA – Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima²⁴.

Ainda nos anos 40, era construída a rodovia Rio-Bahia, cuja chegada no Campo de São Cristóvão vai repetir, no sudeste, a posição que era antes tomada pela ponta de trilho: porta do sertão.

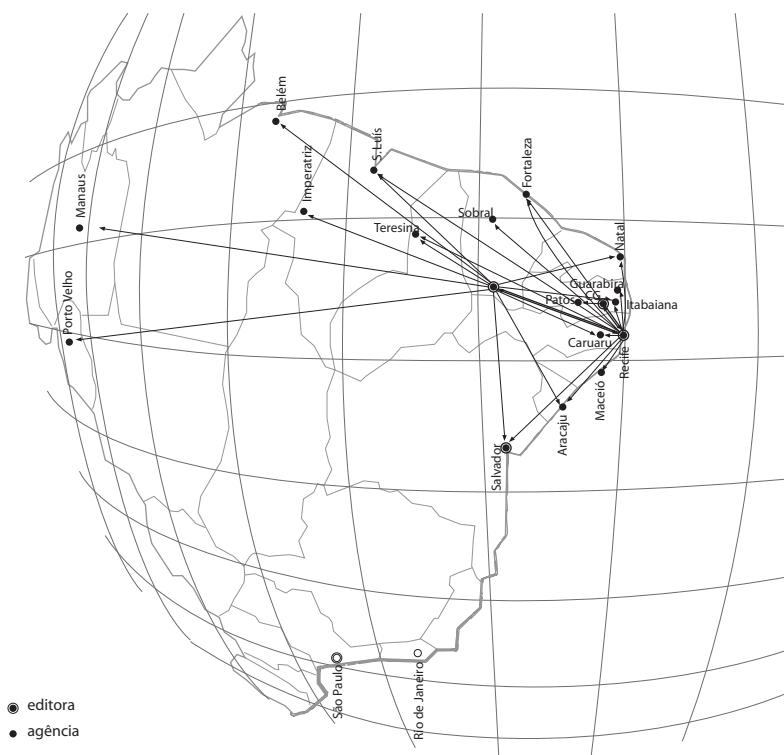
Juízo para os anos 50 e 60: rádio, televisão e rodovia

Outra vez, o diário de viagem de Mário de Andrade, informa: “Todo o Nordeste, devido às condições de terreno, com trabalho fácil já está percorrido pelo automóvel. Mesmo, devido à elevação quase proibitiva das tarifas ferroviárias, muito transporte de carga é feito em caminhões” relata o turista aprendiz, diretamente de Bom Jardim, em janeiro de 1929 (1983: 239). Continua contando que as estradas são muito boas, um bocado estreitas em alguns trechos mal cabem dois automóveis. A construção das rodovias segue e aumenta nos períodos de seca. Na década de 50, período de secas contadas na literatura de folhetos, a malha de estradas teve um grande impulso.

Também é da década de 20 a primeira transmissão de rádio no Brasil, mas é principalmente entre os anos 40 e 50, seu período de maior popularidade. O rádio vai desenvolver uma boa convivência com poetas e cantadores. Entre os que se tornarão célebres pelas ondas, Luís Gonzaga alcança fama no país. No auditório da Rádio Nacional, ele se apresenta de *summer*, mas não tarda a poder assumir jibão e chapéu de couro²⁵. Na década

24. Até então as estradas de ferro eram construídas por sociedades particulares, muitas vezes com capital estrangeiro, no mais das vezes, inglês. As empresas obtinham concessão para construir e explorar as vias férreas. Não tinham portanto um plano comum.

25. O chapéu de couro seria aceito no início dos 50, quando o pernambucano da cidade de Exu já tornara-se conhecido como “rei do baião” (cf. Saroldi, L.C. e Moreira, S. V. 2005: 86).



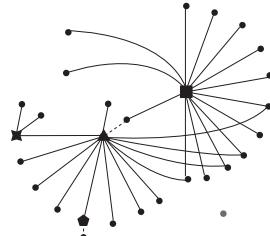
Anos 50

Em Recife e Juazeiro do Norte encontram-se as editoras com maiores listas de agentes. Fortaleza e Campina Grande canham casas especializadas na edição de folhetos.

Desenho da rede a partir de folhetos

- FOLHETO COM AGENTES E DATA
- FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
- ▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
- ▲ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

Grafo (rede social) correspondente:



de 50, a televisão ainda não está totalmente disseminada no país. Em São Paulo é presente desde 1951, com a Tupi. Apenas em 1960 chegam em Recife a TV Rádio Clube, em Salvador a TV Itapoã, e a TV Ceará em Fortaleza. Em Juazeiro do Norte ela vai chegar em 1966, quando as imagens da Televisão Ceará, canal 2, de Fortaleza atingem o Cariri²⁶.

Um acontecimento encontra uma rede de divulgadores já bem articulada, um assunto de comoção nacional, e um campo ainda não totalmente dominado pela televisão. Para o cordel, o grande fato da década é o suicídio do presidente Getúlio Vargas (1954). O fato desencadeou as edições únicas mais numerosas da edição de folhetos. O folheto era o veículo com a rapidez necessária à notícia e com liberdade para dar vazão ao potencial emotivo do ocorrido.

Na metade do século a coisa está bem espalhada. Fora as cidades de Recife, Campina Grande, Guarabira, Caruaru e Juazeiro do Norte, essa época conta com a Graças Fátima em Fortaleza, e a Casa do Trovador em Salvador. A capital do Ceará não chegou a abafar Juazeiro do Norte, e permanece com agências de José Bernardo. Pela década de 60. Tem cordel feito e espalhado, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Na Bahia, tem Cuíca de Santo Amaro, Rodolfo Coelho Cavalcante, e fora da capital, está Francisco Minelvino, com seu pequeno prelo em Itabuna, desde 1949. O alagoano

26. Cf. Carvalho 1998:30.

Rodolfo chegou a Salvador na década de 40, como já foi dito, vai organizar os congressos de trovadores, de 1955 (Salvador) e de 1960 (São Paulo). Sem listas de agentes nas quartas capas a produção de cordel na Bahia devia ser, na sua maior parte, consumida no próprio estado. Todavia, Severino José dos Santos, agente do Rio de Janeiro deixou escrito em folheto, vender folhetos de Rodolfo na feira de São Cristóvão, aos domingos.

No capítulo das migrações, a construção de Brasília (1957-1960) desenha no mapa mais um ponto consumidor de folhetos para as próximas décadas. Depois dos anos 50, a maior interligação rodoviária facilita os grandes deslocamentos. O primeiro destino das migrações é o sudeste. No Rio de Janeiro a migração vai movimentar a feira de São Cristóvão, que desde 1965 será atendida pela Rodoviária Novo-Rio .

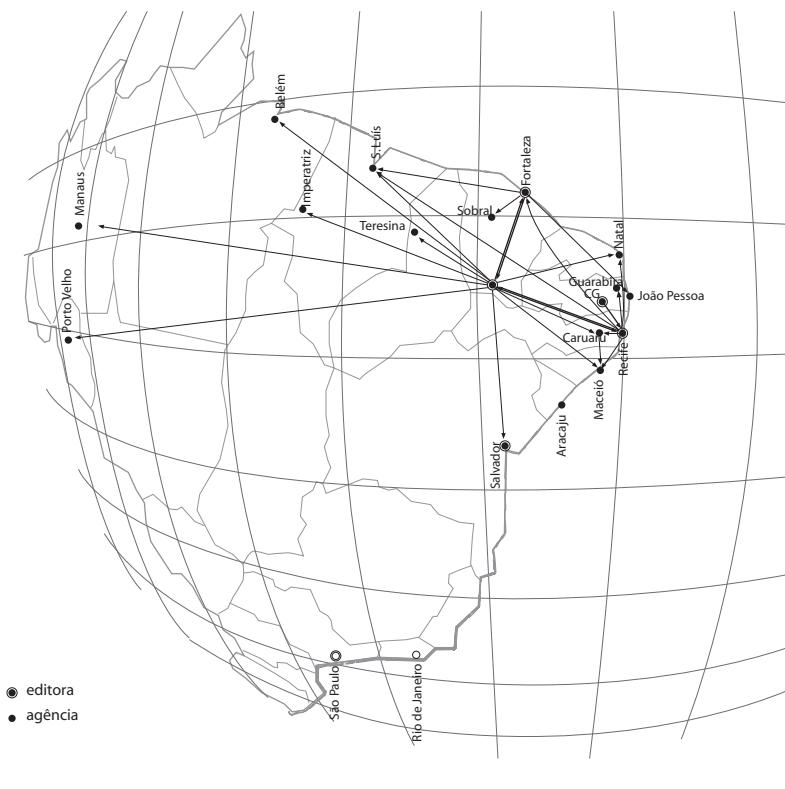
Se João José pressentiu ou não uma chegada de vacas magras, não se pode assegurar. Fato é que, desde meados da década de 60, foi se desfazendo da sua Luzeiro do Norte. Vendeu o equipamento para um, parte dos direitos pra outro. O outro era Arlindo, da Prelúdio de São Paulo. João José tornou-se agente da Prelúdio e da São Francisco, fazendo chegar a Recife, folhetos impressos em São Paulo e Juazeiro do Norte. A Prelúdio mudou o nome para Luzeiro em 1973.

A ausência da estrela de disseminação da Prelúdio/Luzeiro de São Paulo precisa ser corrigida. Apenas não se têm quartas capas que listem os agentes, porém consta a informação: “pedidos pelo reembolso postal”, junto à lista de títulos para os pedidos. Os pontos de agenciamento em São Paulo informados são poucos. Talvez porque os vendedores da praça da República não tenham chegado a estabelecer algum ponto fixo.

O país torna-se mais urbano, com o movimento para as cidades em todas as regiões. Nas cidades, ainda na década de 60, pode-se observar o que se deu na literatura de folhetos no que tange à conquista de espaços de divulgação.

Juízo para os anos 60 e 70: mercado, museu e livraria

Por essa época faz-se notar uma movimentação dos espaços habitados pela literatura de folhetos nos espaços das próprias cidades. O movimento é invisível na escala do mapa. Os folhetos de feira são organizados em antologias e começam a ganhar as livrarias. As xilogravuras das capas vão parar em museus. O fluxo de narrativas, que vinha há tempos migrando do cinema para folheto, agora faz caminho inverso. Personagens e temas vão parar na tela de cinema.



Anos 60

As grandes editoras e a distribuição permanecem relativamente estáveis, com relação à década anterior. Notam-se conexões recíprocas entre Juazeiro e Fortaleza e Juazeiro e Recife.

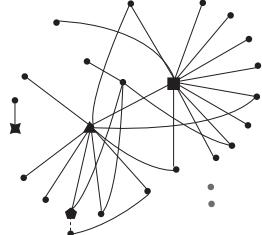
Desenho da rede a partir de folhetos

AMOSTRA:

ANOS 60	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69
RECIFE	■									
JUAZEIRO		■	■	■	■	■	■	■	■	
CAMPINA G.	■					■				
FORTALEZA		■								
SALVADOR	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
CARUARU			■	■	■	■	■	■	■	■

- FOLHETO COM AGENTES E DATA
- FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
- ▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
- ▲▲ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

Grafo (rede social) correspondente:



Da Bahia para Cannes, Glauber Rocha, com *Deus e o diabo na terra do sol* (1963), fez cordel no Cinema Novo. Teve também o olhar de Lina Bo Bardi, sua preocupação com os rumos da industrialização no Brasil, com o *design*, e os caminhos de produção que encontrou no nordeste. As xilogravuras ganharam o museu pelos cartazes. Lina não pretendia molduras suntuosas para as imagens dos folhetos.

Mas, os caminhos da xilo cruzariam a fronteira utilitária. Imagens que foram desenvolvidas por precisão, na falta da oficina de zinco tipia, conquistam um número crescente de admiradores. Movidas pelo reconhecimento, migraram das capas para o formato álbum. Em 1961, o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, recém aberto, começa a constituir um acervo de tacos que se tornou um dos mais representativos da técnica no Brasil (cf. Carvalho, 1998: 204). O que importa notar é que a história da xilogravura é outra, e que o braço que vem do cordel, por méritos que são sobretudo de quem faz, conquista caminho próprio. Não tardam as estampas serem reconhecidas também no mercado de arte²⁷.

Na década de 60, o reconhecimento dos folhetos de cordel tem alcançado a academia. Em 1961, é lançado o *Catálogo da Literatura Popular em Verso* da Fundação Casa de Rui Barbosa, seguido do volume de *Antologia*, em 1964. O volume de *Estudos* viria

27. As xilogravuras são *arte* no sentido do trabalho bem feito. Sobre este entendimento de arte ver “A arte e o artista” (Alegre, 1994: 33-38). O que conquistam é o *mercado de arte*, que é outra coisa.

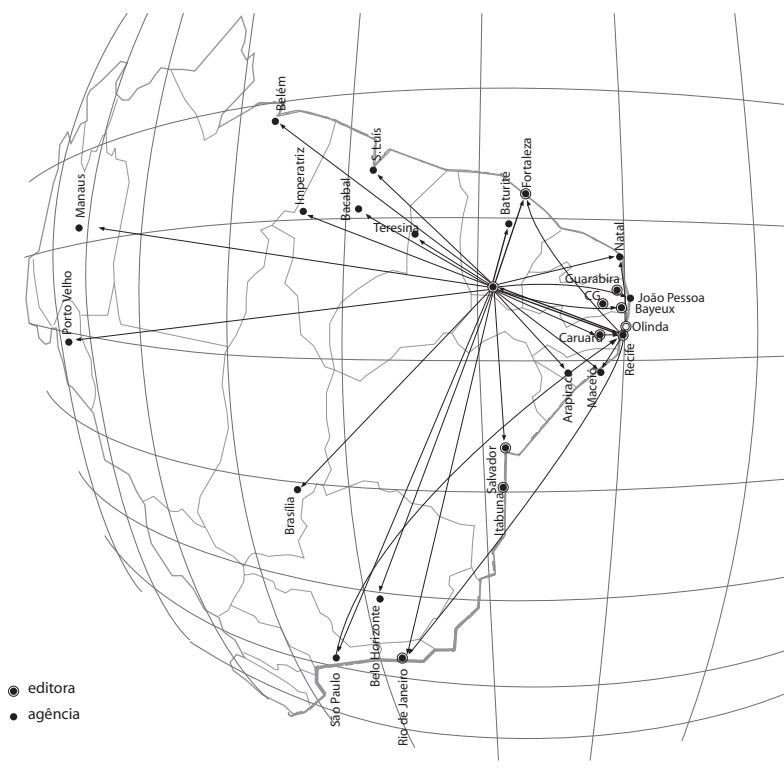
em 1973. Embora se possa lembrar que *Cinco Livros do Povo*, de Câmara Cascudo, é de 1953, e, ainda mais antigo *Vaqueiros e Cantadores* de 1938, as publicações da FCRB merecem destaque por tomar por objeto especificamente os folhetos e romances da “Literatura Popular em Verso”. Merecem também atenção por reunir uma rede de estudiosos e escritores como, Ariano Suassuna, Manuel Diegues Júnior, Sebastião Nunes Batista, Mark Curran e Raquel de Queiroz. Não parou aí. A FCRB foi organizar acervo e publicar antologias de Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, depois uma série de livros menores, não em importância, mas em formato. Entre eles, *A Voz dos Poetas* (1984), de Orígenes Lessa, no qual o escritor conta seu encontro com outros escritores, fazedores do cordel²⁸. O grafo-mapa do fluxo do cordel precisaria ser estendido, a partir de então, incluindo o professor Raymond Cantel, considerando a sua coleção na Universidade de Poitiers, na França.

Entre as décadas de 60 e 70, antigas cadeias das capitais são transformadas em centros de comercialização de artesanato e da chamada arte popular. Valeria a pena pensar o que isso reflete das mudanças da estrutura urbana, aumento das cidades, tanto populacional como espacial. A distribuição dos equipamentos urbanos tem relação com o automóvel. Os novos equipamentos comerciais têm também relação, embora menos evidente, com outro meio de transporte: o avião. O avião transporta gente que precisa se deslocar por um motivo ou outro, gente que vem fazer turismo. O turista é um romeiro de fé volátil, que tem entre seus ritos a compra. Entre as relíquias adquiridas, leve que é, lá vai o folheto de cordel.

As formas de reconhecer e emprestar atenção ao cordel têm sutilezas, e ressalve-se que é impossível enfeixar todas as atenções numa só corrente. Cada uma vai preferir um aspecto, uns olham as capas, outros as tramas dos textos, outros atentarão para os temas, as formas de produzir, e isso parece não ter fim.

Mesmo com a conquista dos novos espaços, o cordel permaneceu nos mercados públicos. Em 1975, o Mercado São José de Recife completa um século. Ganha uma publicação comemorativa e Liêdo Maranhão apresenta aqueles que povoam a praça entre eles alguns folheteiros que se tornarão famosos (cf. Souza, 1975). No mesmo ano, o agente Antônio Alves diz que as coisas começaram a melhorar com a construção do Mercado Central de Teresina. O cearense que estabeleceu-se na capital do Piauí em 1952, permanece no Box 127 até, pelo menos, os anos 90 (cf. Carvalho, 2001: 2003).

28. Sobre este e outros encontros entre poetas, gravadores e pesquisadores, que desde então se intensificaram, comentamos no primeiro capítulo desse volume.

**Anos 70**

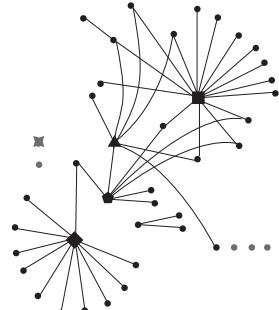
Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e até Belo Horizonte fazem parte da rede.

Desenho da rede a partir de folhetos
AMOSTRA:

ANOS 70	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79
RECIFE										
JUAZEIRO										
CAMPINA G.										
FORTALEZA										
SALVADOR										
CARUARU										
OLINDA										
ITABUNA										
BAYEUX										
SAO PAULO										
RIO DE JANEIRO										

- FOLHETO COM AGENTES E DATA
- FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
- ▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
- △ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

Grafo (rede social) correspondente:



Cientes da nova atenção, os editores adotam o nome “Literatura de Cordel”, como aparece nas quartas capas da São Francisco entre 1975 e 1980. A atenção começa a sofrer uma mudança na quantidade. Em 1979, Manoel Camilo dos Santos sintetiza a situação: o cordel ganha terreno em literatura e perde em leitura (Lessa, 1984: 76).

O Pavão Misterioso, vôa na música de Ednardo e, em 1976, vira tema de novela (Saramandaia). A TV assistida na praça, na casa dos vizinhos, não tarda a ocupar quase todas as casas, distribuindo narrativas. Atribuir a diminuição no consumo de folhetos à televisão, é tentador, mas não é suficiente. Por coincidência, o modelo radial da televisão coincide com uma aparente concentração na emissão do cordel. Embora existam grandes emissoras como a São Francisco e a Luzeiro, os pequenos continuaram produzindo e se não estão nos grafos e mapas, é porque suas formas de distribuição não aparecem nas quartas capas.

A morte de José Bernardo da Silva não tira Juazeiro do Norte da rede. Além da continuação da São Francisco como Lira Nordestina, somam-se Abraão Batista e Manoel Caboclo. A existência de três editores fortes é um índice e não uma explicação.

Juazeiro foi tão atingida pelas idéias desenvolvimentistas como as outras cidades. Mas o progresso, que era a palavra de ordem, nos anos 60 e 70, em Juazeiro, não foi capaz de ocupar por completo o lugar de uma tradição. Por uma ação não coordenada e

coletiva, Juazeiro do Norte continuou sendo “sitiada” (Carvalho, 1998: 89) por romeiros, pelo menos quatro vezes por ano. O fluxo constante se acentua nos aniversários de nascimento (24 de março) e morte do Padre Cícero (20 de julho), no dia de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro), e na procissão de Candeias (2 de fevereiro). Os romeiros chegam de toda parte e instalaram-se provisoriamente na cidade alimentando um comércio de miudezas, lembranças e folhetos de orações. Os romances e folhetos com conselhos do Padre Cícero incluem-se nessa leva²⁹. Títulos como: *A Pranteada Morte do Padre Cicero Romão*, de José Bernardo, continuam sendo impressos por décadas depois do ocorrido. Outros como: *Manifestação ao Padre Cícero Romão Batista pelo povo de Juazeiro* (publicado pela São Francisco, sem indicação de autor), *Juazeiro!...Juazeiro!... A Terra do “Padim Ciço”* (Edson Massilon Mathias), *Pe. Cícero e Juazeiro Ontem e Hoje* (Jackson Barbosa), contribuem na perpetuação da imagem do padre e a ligação de seu nome ao nome da cidade.

A outra maior fonte de emissão não aparece no grafo. A presença da Luzeiro de São Paulo se estende nos pontos de venda de cordel espalhados no país. Seu nome aparece nas entrevistas tomadas na época. Sua influência se revela na tricromia das capas de folhetos publicados em Salvador pela Tipografia e Livraria Baiana, e nas experiências cromáticas das capas da Socordel São José, em Caruaru, pela inventividade de Dila. E embora não se tenham cuidado em preservar tanto estas publicações nos acervos, encontram-se folhetos da Luzeiro nas mãos de leitores.

Juízo para os anos 80 e 90: *offset* e *inkjet*

Nos anos 80, a visita do Papa João Paulo II ao Brasil e as mortes de Tancredo Neves e Luiz Gonzaga, foram motivos propícios para produção de folhetos. Todavia, não chegaram a se aproximar do acontecimento da morte de Getúlio Vargas, em números. A televisão distribui o mote para o cordel, mas dá conta também da necessidade de fabulação.

No início da década, a Lira Nordestina (novo nome da Tipografia São Francisco), ainda distribui os clássicos, inclusive os de Leandro Gomes de Barros. O interesse dos pesquisadores toma ares de preocupação e irá refletir na criação de editoras menos comerciais. Não se trata mais de recolher, catalogar, constituir acervos, mas na intenção de

29. Sobre “o mito Padre Cícero na literatura de folhetos” ver Carvalho 1998:45-85.

Anos 1980

Desenho da rede a partir de folhetos

AMOSTRA:

	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89
JUAZEIRO	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
BRASÍLIA										
GUARABIRA	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
TERESINA	■									
CONDADO	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
CARUARU	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
BEZERROS	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
OLINDA	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
SALVADOR	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
ITABUNA	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
SÃO PAULO	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
RIO de JANEIRO	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

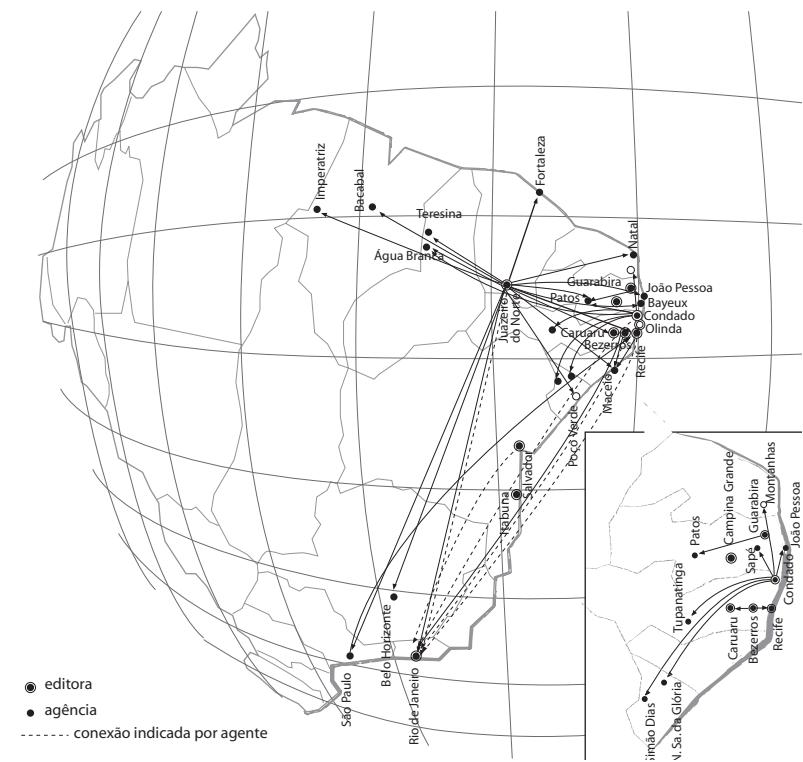
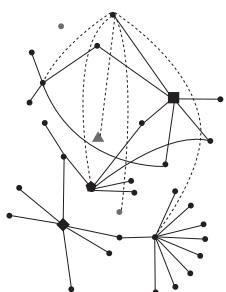
■ FOLHETO COM AGENTES E DATA

■ FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA

▲ FOLHETO COM DATA SEM AGENTES

■ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

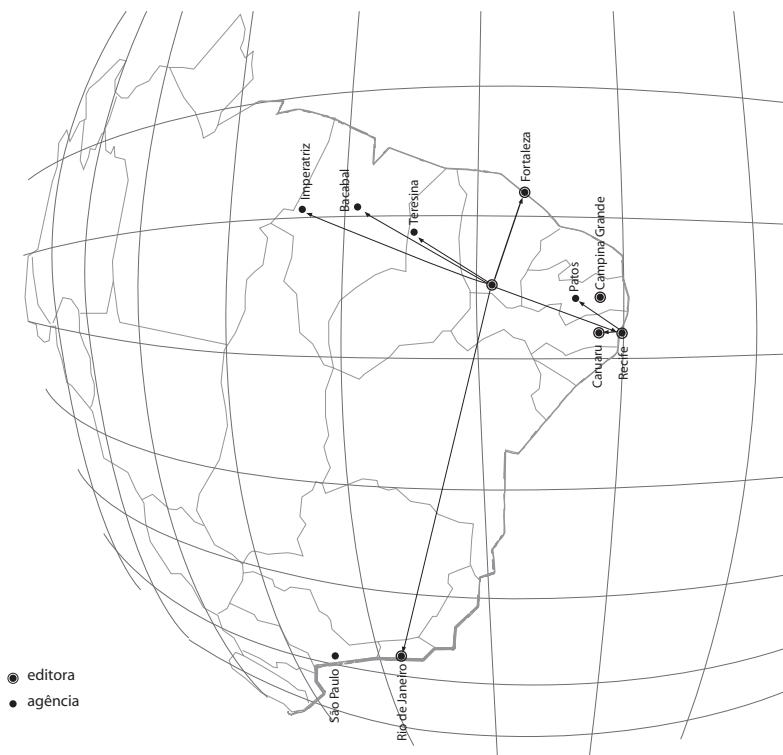
Grafo (rede social) correspondente:



manter viva a memória do cordel na sua prática. É com esse propósito que se estabelecem a Casa da Criança de Olinda em Pernambuco, e a Casa de Cultura São Saruê (criada em 1978) no Rio de Janeiro. É também para não deixar que a venda disperse máquinas e matrizes de gráficas menores, que o Governo do Estado do Ceará acaba por comprar a Lira Nordestina.

Um dos resultados das novas formas de organizar a produção é que irão desaparecer pouco a pouco as listas de agentes das quartas capas. Apenas alguns editores continuam divulgando suas agências, como Manoel Caboclo, sustentado em seus quatro ou cinco agentes, e Abraão Batista, a experimentar novos destinos. Os locais das agências também refletem algo da época. Muitos são pontos comerciais ligados ao turismo. Alguns trazem o nome da loja, no lugar do nome do agente. Reflexo de uma relação mais comercial, menos social, diferente da que caracterizava a rede do cordel em sua formação. Também a pluralidade de meios de comunicação interpessoal vai balançar a forma de comunicação entre distribuidores: lista de títulos, lista de agentes e carta de pedidos. A comunicação das trocas pode se dar por outros meios. As quartas capas se ocupam de publicidade e apoio institucional.

Por volta dos anos oitenta, o incremento da indústria gráfica que vem ocorrendo no mundo desde os anos 70, se torna mais presente no Brasil. A disseminação dos prelos

**Anos 90**

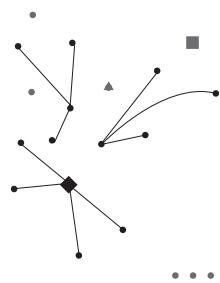
Dois dos editores que apresentam listas estão em Juazeiro do Norte. o outro em Recife.

Desenho da rede a partir de folhetos AMOSTRA:

ANOS 90	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99
RECIFE										
JUAZEIRO	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
CAMPINA G.										
CARUARU										
FORTALEZA	■									
RIO de JANEIRO										
BRASÍLIA										

- FOLHETO COM AGENTES E DATA
- FOLHETO COM AGENTES E DATA ESTIMADA
- ▲ FOLHETO COM DATA E SEM AGENTES
- △ FOLHETO SEM AGENTES E DATA ESTIMADA

Grafo (rede social) correspondente:



de matrizes planas, vai mexer na estrutura das empresas familiares. Uma tipografia comporta várias dimensões: Da caixa única de tipos e prelo manual em um único quarto, às prensas de jornais, às impressoras elétricas, cavaletes de tipos. O incremento dos prelos, do manual ao elétrico, não descarta as matrizes acumuladas com o tempo. O sistema do ofsete, com todas as suas vantagens (policromia, maiores tiragens, rapidez), pede um investimento de capital só justificável para grandes tiragens.

A passagem para o sistema ofsete seria o próximo passo para grandes editores como foram José Bernardo e João José, não fosse, nas décadas anteriores, a vida de um ter terminado e a de outro recomeçado. Cabe perguntar por que não foi o caminho adotado por Maria de Jesus, em Juazeiro do Norte, ou outros, herdeiros de sangue ou ofício, continuadores da indústria de folhetos. Há quem fale em crise do papel ou em crises mais amplas, como inflação. Trata-se de uma crise de adaptação. Enquanto os demais produtores insistiram em suas prensas tradicionais e outros aderiram a terceirização da impressão, a Prelúdio, desde 1975, chamada Luzeiro, continua ocupando seu espaço.

Por essa época o cordel já tem passado pelo período de grande valorização por parte da academia, e a sua forma tradicional de se apresentar tem seus defensores cativos. É assim que, se do lado do grande público, se acolhem as capas coloridas em papel couchê, por outro se recolhem as estampas monocromáticas em papel ordinário.

O grafo descontínuo que se apresenta pode dar uma idéia de desaparecimento da literatura de folhetos. De fato, folhetos não desaparecem, mas, parece ter havido uma dissolução de um tipo de rede de distribuição dos mesmos. Uma rede que, considerada a conexão entre editor e agente, embora impressione dado seu alcance, nunca chegou a ser densa.

A produção local dos autores autônomos, que se valem do acesso às pequenas gráficas, é uma constante. Sem potência para alimentar uma rede de distribuição, suas publicações se restringem à divulgação pelo próprio punho e garganta. J. Borges, da geração dos que nasceram na década de 30, conta³⁰ que escolheu morar em Bezerros (em 1967) pela facilidade que teria em se deslocar pelas feiras da região. Sábado, em Caruaru, Bezerros e Gravatá; domingo Sairé e Cortez; segunda-feira, Camocim e Belo Jardim. E por aí ele vai. Dila, seu contemporâneo, conta da “permuta” que é a troca que se faz entre os poetas para garantir a variedade de seus lotes³¹.

Na segunda metade dos anos 90, em Recife a Coqueiro, em Fortaleza a Tupynanquim, vão escrever outro capítulo da história do cordel. São grandes editores que têm acesso as impressoras contemporâneas e podem repetir as grandes tiragens. Cultivam o formato tradicional de 11 X 16 cm, algumas vezes, guardam referência às capas xilografadas, seja na reprodução ou na imitação. O que é mais interessante, pelo menos para esta pesquisa, é que, a partir de 2000, suas publicações voltam a estampar listas de revendedores.

Em 96, se dá a já comentada volta de João José da Silva. Embora ela não afete a rede de distribuição, seu significado é importante, principalmente no que ela instiga a pensar sobre a identidade do cordel e a sua relação com as tecnologias da informação. João José volta e imprime seus folhetos no prelo caseiro de sua *inkjet*. As capas são compostas com *cliparts* ou imagens recicladas de outras impressões. O resultado se apresenta em cores fortes, e, João José ainda estava experimentando as possibilidades gráficas quando foi interrompido. A rede aguarda que herdeiros continuem o trabalho.

Para o juízo do ano de 2000, Marcelo Soares, filho de José Soares – o poeta repórter –, continua em Timbaúba, Pernambuco, a experiência encampada por João José e seus herdeiros. Sua estratégia envolve computador e impressora a laser para produção, e-mail para pedidos e ajuda do filho, para que a história tenha continuação.

30. Encontro com J. Borges em 18/02/2006. Bezerros-PE.

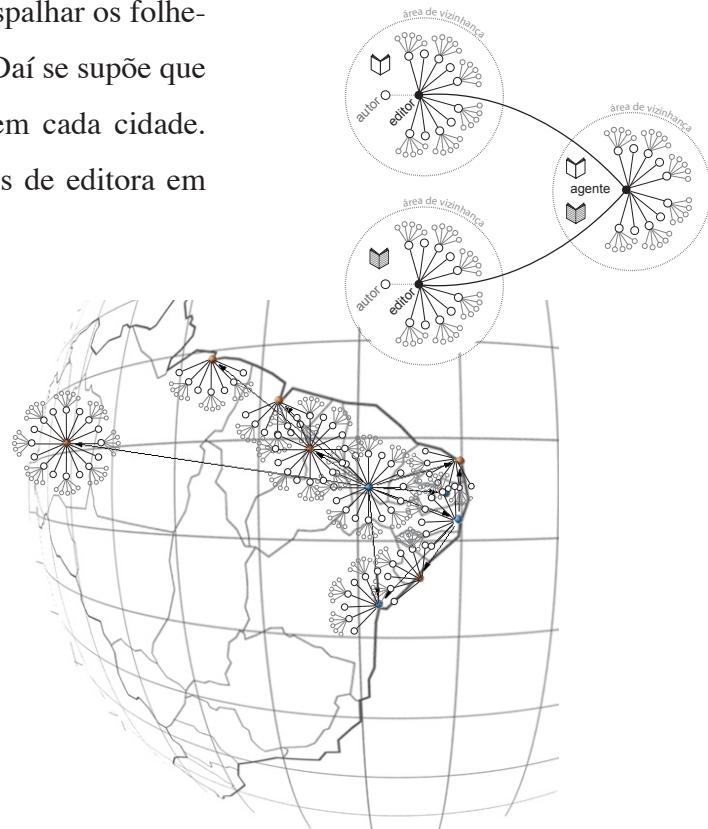
31. Em CD de Abdias Campos, Dila conta do sistema de permuta.

Dada a extensão do território e o intervalo considerado de cerca de um século, corre-se o risco de ser superficial nas relações estabelecidas entre grafos e mapas. Também não foram poucas as dimensões consideradas, entre redes de comunicação e transporte. Até agora, apenas se tangenciou o movimento das idéias quando se tocou no aspecto do seu reconhecimento, apenas para dizer dos espaços que a literatura de folhetos, suas capas e seus poetas, conquistaram mercado, museu, livraria. O risco da superficialidade foi assumido, pois não se podia continuar trabalhando com grafos soltos sem considerar as condições de ambiente. O risco foi assumido pois só uma observação no tempo pode inferir sobre lógicas de formação.

Como foi visto, nem tudo se explica pelas configurações dos pontos. É preciso lembrar que apenas as listas de agentes, por mais amplas que sejam as coletas, sempre dão conta de apenas parte da rede. As trocas que não são anotadas nas quartas capas podem ser vislumbradas por outros documentos: registros de compra e venda de direitos entre editores e autores, cartas de pedidos entre agentes e editores. Sempre sobrarão as lacunas do que acontece na rua, nas praças, nos mercados.

No mapa, pode ser imaginada uma disseminação que se estenda dos agentes aos vendedores, leitores e ouvintes que possam espalhar os folhetos em uma área de vizinhança. Daí se supõe que não é necessário uma agência em cada cidade. Uma agência pode repetir papéis de editora em um lugar remoto.

A cada ponto uma estrela,
simulação no grafo-mapa (anos
40) de uma das formas de distri-
buição dos folhetos.



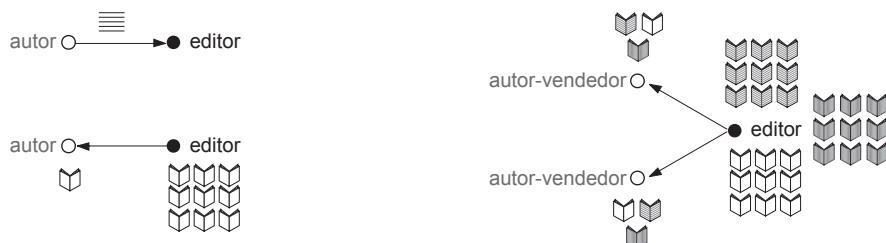
Embora a estrutura formada por editoras e agências seja hierarquizada (mais árvores do que ciclos), a escolha das posições de editoras e agências não foi previamente definida por algum plano geral, mas foi fruto, não da soma, mas da justaposição de escolhas locais, dadas as constrições de ambiente. E as constrições de ambiente mudam pela ação de vontades locais.

As mudanças de endereço de editoras, as mudanças de papel, as edições esporádicas de agentes, refletem experimentações tanto na troca e no acúmulo de papéis, como na adequação do papel em cada situação. Algumas cidades podem comportar a convivência de grandes editoras com fortes agências, como foi o caso de Recife. Outros lugares se caracterizaram mais pelo acúmulo de editoras, como foi o caso de Juazeiro do Norte. E em mais de uma cidade, uma agência forte atendeu às necessidades do público.

A agência é um braço estendido da editora em outra área de vizinhança. Podem ocorrer em torno de uma agência os papéis que desenvolvem-se em torno de uma grande editora. O entorno da cidade e da agência, também poderá dispor do acervo que circula a partir da editora. Um agente bem conectado apresenta como vantagem em relação a uma editora a possibilidade de uma maior variedade de acervo. Por isso também que seria vantagem para o editor acumular o papel de agente.

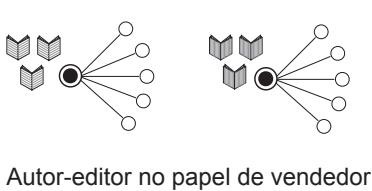
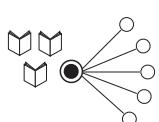
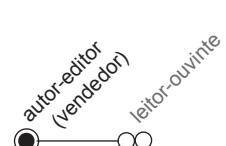
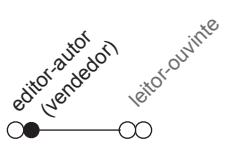
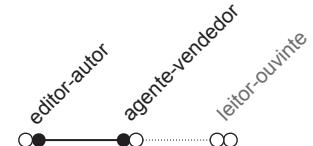
Redes de cooperação

Existem ainda outras relações, como a que acontece entre editor e autor. Nessa relação os poetas imprimem seus escritos e os editores completam seus acervos de títulos. Os originais, como são chamados os manuscritos dos poetas, são oferecidos ao editor para impressão. Quando são vendidos o editor passa a se dizer proprietário daquela história. É comum que a troca não seja em dinheiro, mas um original por um lote de folhetos já impressos da própria narrativa. A porcentagem que vai para o autor é chamada *conga*. Assim, de troca em troca, serão acumulados os títulos, que o editor estampará em forma de listas, nas quartas capas, aguardando pedidos.

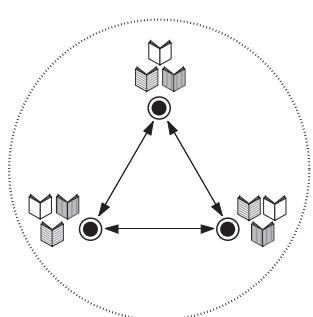


A grande quantidade de versadores e a inventividade dos mesmos, se reflete nas longas listas de títulos que as folhetarias exibem. Com milheiros de publicações entre o começo do século e seu fim, ainda se tem notícia de editores que guardam originais inéditos. Geralmente as vendas de obras completas de autor para editor ou entre editores são sinais de crise para o que vende e crescimento para o que compra.

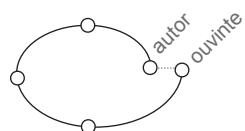
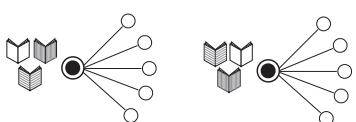
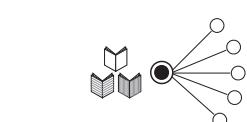
Nas grandes trocas, como a aquisição da obra completa de um autor ou editor, as listas de transferências de títulos aparecem em documentos, às vezes junto com máquinas e matrizes. Aí a transação é documentada em cartório. Mas, a permuta pode ser apenas de um original ou alguns poucos, e reflete um sistema sem cortes bruscos. E o autor que aceita permitar é um autor que vende no varejo, o que já é outra acumulação de papéis. Por isso irá interessar a este autor-vendedor a permuta de um original por um lote de títulos variados, as vezes, na pressa de atender à feira e garantir seu sustento imediato, prefira folhetos já impressos.



Autor-editor no papel de vendedor



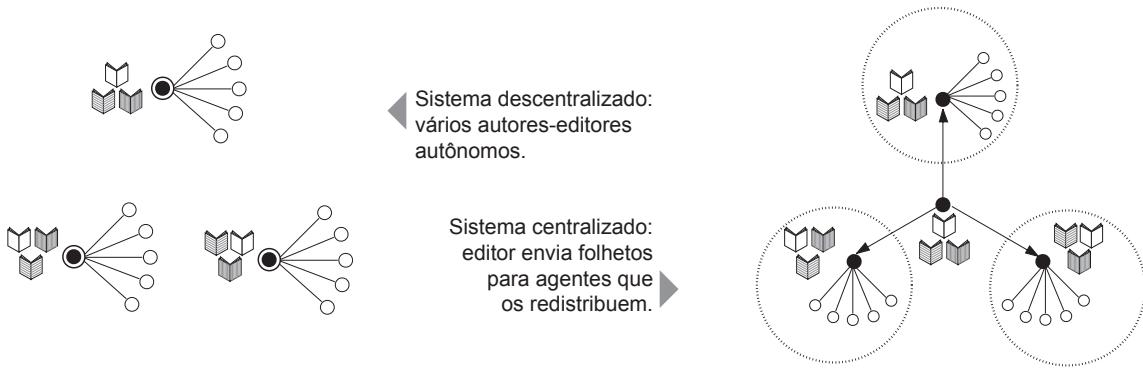
Permuta autor-editor X autor-editor



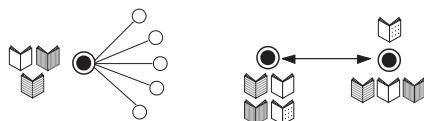
Para tornar mais claras as considerações que seguirão, é preciso fazer algumas distinções sobre o acúmulo de papéis. Na combinação entre autor e editor existem, pelo menos, duas possibilidades. A primeira é o grande editor, geralmente com oficina gráfica própria, que também publica seus próprios textos. A segunda é o autor que edita prioritariamente seus próprios folhetos, com prelo próprio ou valendo-se de gráficas não especializadas em folhetos. Entre um e outro modelo não há um abismo. Alguém pode passar de um modo a outro. Existem muitas nuances entre um pequeno editor que ganha peso de grande, ou um grande editor que volta ao modelo mais leve (o que é mais raro). O ambiente pode sugerir as transformações, melhor, a própria rede de relações tende a constrangê-las.

Ambos, o editor que é autor e o autor que se edita seus títulos, são também vendedores. A diferença é que o autor-editor não costuma manter relações de agenciamento, mas vende diretamente sua produção.

Assim como o editor, o autor-editor-vendedor se interessa em ter um lote variado de títulos. Uma região bem povoada de feiras, propicia a prática da *permuta*. No fim das feiras, folheteiros trocam exemplares de seus acervos, antes de seguirem caminho. Em suas cidades de origem, ou em outras feiras, podem voltar a vender, com estoque mais heterogêneo.



Uma vez estando os estoques idealmente misturados, seguem os folheteiros para outras cidades. De uma forma descentralizada, conseguem realizar uma distribuição de conteúdo semelhante a de um editor com suas agências. É como se, por um momento, fossem uma casa editora, ou uma rede de autores. Logo esta unidade irá se desmanchar, pois após as vendas locais, sempre há a possibilidade de novas permutas, novas combinações em redes.



Estes últimos desenhos foram feitos a partir de conversas com produtores e distribuidores, e, como não se tratam de relações anotadas, não se pode garantir que sempre existiram, nem onde nem com que freqüência. Viagens são dispendiosas. Pode-se inferir que este modo compensaria mais em regiões mais densas em cidades e feiras, de forma que sejam percorridas sem precisar cruzar grandes distâncias. O modelo pode explicar a omissão de listas de agentes em áreas sabidas povoadas de cordel.

De toda forma, a mobilidade dos autores-editores é notadamente maior que a dos editores-autores. Estes últimos, principalmente os que possuem casa tipográfica própria, vão precisar dos agentes para alcançar outras praças. Os sistemas não se excluem. Na disseminação das narrativas devem ter acontecido em diversas combinações. Para projetar o processo de disseminação, além da alternância das estrelas da relação editores-agentes, além das ramificações invisíveis dos repasses nas árvores de distribuição, existe o movimento incontável dos que andaram por aí na troca de folhetos, romances e almanaques. Aqueles que fazem a rede trocam, acumulam, inventam papéis. Autores e editores, editores e agentes, vendedores e autores. Impressores e gravadores. Eles foram folheteiros, hoje são cordelistas.

Agora, pode-se juntar o que foi visto em termos de rede social com as redes de trocas estendidas no território. A estrutura apresentada nos grafos da rede de tocas, pouco vai diferir da relação entre cidades. Embora a mudança dos nós de pessoas para cidades tenha fundido alguns pontos, os grafos são elaborados a partir do mesmo conjunto de documentos, e de formulações de perguntas muito próximas.

Por um lado, as redes entre agentes e editores são quase mínimas. Tais estruturas se sustentam quando as distâncias a atravessar são consideráveis. Na falta de um sistema que reproduza a interação possível em uma feira, ou em encontros presenciais contínuos, a economia se vale de alguns laços fortes, “agentes exclusivos”, centralização na edição. Pontos fortes, redes nem tanto. Concentração torna redes vulneráveis, na eventual perda de alguma conexão.

Por outro lado, aparecem a todo tempo, índices de conexão que vão além das relações de troca formais. A rede de conhecimentos, vai prover o sistema de uma capacidade de regeneração eficiente que põe em questão a importância dos pontos centrais. A rede de conhecimentos é alimentada pelo movimento no território. Agentes, folheteiros ambulantes, poetas, editores, circulam. Circulam muito. Vão aos mercados, hoje freqüentam as feiras dos livros. Se conhecem, e verso vai, gracejo vem, se reconhecem.

Conhecimento, reconhecimento e confiança vão alimentar a rede de trocas que não deixa de ser uma rede social, também com o que ela implica em acolhimento e restrições. Os grafos e o rigor do método, deixam escapar muita informação. Informação que se percebe nas conversas. Na forma com que as pessoas se recordam das outras.

D. Cidinha é viúva do poeta, editor e agente, João José da Silva. Com ela, procuro saber de datas que ela pode lembrar, pessoas que ela pode ter conhecido na convivência com o poeta. Quando pergunto se conheceu Artur Pereira Sales, agente de Maceió, ela responde com uma pergunta admirada: o compadre Artur?

O fio da confiança

Os “mestres do povo” são aqueles possuidores de uma habilidade. Mestres artífices, mestres barqueiros ou boiadeiros. Mestres na arte e na lida, pouco se diferem. A lida é arte se é trabalho bem feito. Também não há variações no nome “mestre” para dizer se aquilo que a mão ou voz faz é material ou imaterial. Ou, se material, diferenciar os graus de utilidade do objeto feito. A “mestre” se ajunta o nome do sujeito, de modo que lhe fica colado o título, atribuído aos homens. Mas também aparece o título implícito, no “Dona” de umas tantas mulheres, loiceiras, rendeiras, doceiras, benzedeiras. O prenome não é conferido por exame, nem necessita de chancela de instituições, embora estas possam lhes conferir prêmios e títulos. Mas o reconhecimento oficial é posterior ao reconhecimento da comunidade. O que vem antes é o que mais importa.

As vezes é esse reconhecimento que bota comida em casa, as vezes apenas ajuda, combinado com outro trabalho. As vezes o reconhecimento faz parte de outra economia diferente das trocas materiais. Uma economia do próprio reconhecimento na qual se recebe um papel na comunidade e, em contra partida, se contribui no significado daquele grupo. As vezes o conhecimento é passado pro filho, sobrinho, algum descendente. As vezes não. Morre com o sujeito aqui, e vai nascer noutro distante. Mestre Azulão Pequeno, não tem parentesco com Mestre Azulão. Mas em ambos se reconhece o pássaro.

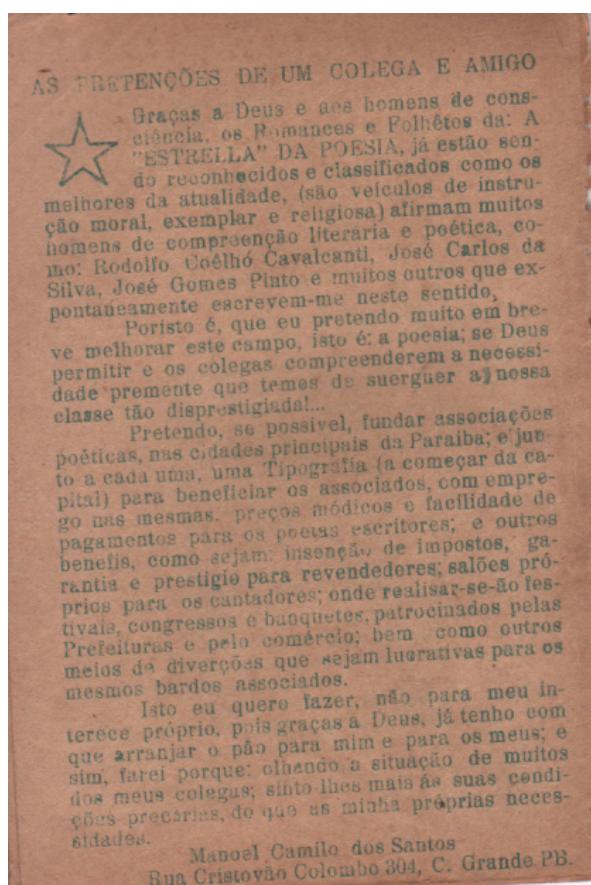
Na rede de prestígio e de constrições sociais se busca o reconhecimento da capitalidade mais fina e numerosa da rede. Aquela que não conta com nomes mas tem a força do número. O que é representado da rede social em cada corte temporal é a cardinalidade das relações existentes, para Teoria Geral dos Sistemas, a estrutura (Vieira, 2003:347). A conectividade, ou seja, a capacidade de estabelecer laços, está na confiança e no reconhecimento. Confiança é a matéria que faz toda rede mais próxima, autores, editores, agentes. Todos buscam atenção do leitor e do auditor.

De tanta informação que se pode elaborar das listas de agentes, algo não pode ser visto diretamente, a qualidade das relações. Algo que não se traduz em números.

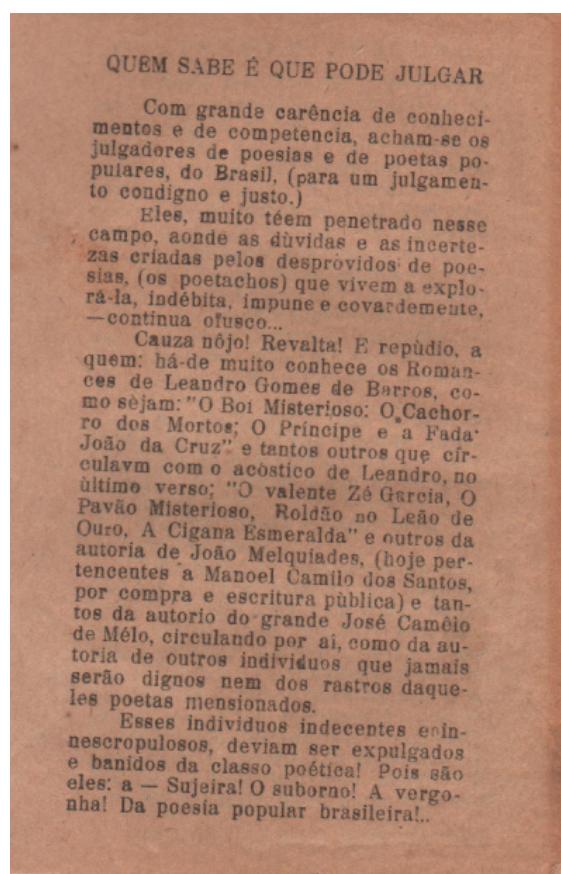
Um editor, dos grandes, no auge da rede de distribuição, pouco deixou de suas listas de agentes. Porém, ele foi um dos que mais deixou outros tipos de índices que permitem acompanhar o estabelecimento de uma rede de confiança – Manoel Camilo dos Santos. Deixou a Tipografia e Folhetaria Santos em Guarabira. Instalou-se com a Voz da Poesia, em Campina Grande, onde Orígenes Lessa o visitou pela primeira vez em 1954. O nome

já era outro na segunda visita. Foi com A “Estrella” da Poesia que Manoel Camilo se tornou um dos maiores pontos produtores de cordel, entre as décadas de 50 e 70. A “Estrella” não deixou muitos nomes de agentes impressos nos folhetos. Porém, Camilo fez das quartas capas seu espaço de comunicação deixando avisos, escritos sobre “religião, moral e pobreza”, pretensões e reclamações. Entre as pretensões, por exemplo, temos em folheto de 1960, a de “fundar associações poéticas, nas cidades principais da Paraíba; e junto a cada uma Tipografia a começar da capital) para beneficiar os associados com emprego nas mesmas”. Isto, defende, não seria em próprio benefício, mas “olhando a situação de muitos dos meus colegas; sinto-lhes mais as condições precárias, do que as minhas próprias necessidades”.

No rol das reclamações, temos em folheto de 1965: “Quem sabe é que pode julgar”. A revolta de Manoel Camilo mira naqueles que assumem a autoria de romances famosos, ou deixam de informar autor:



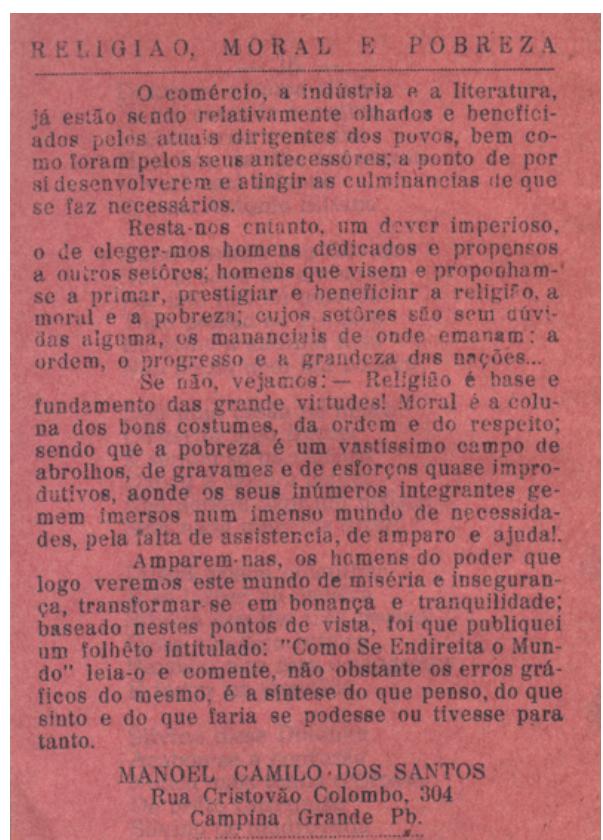
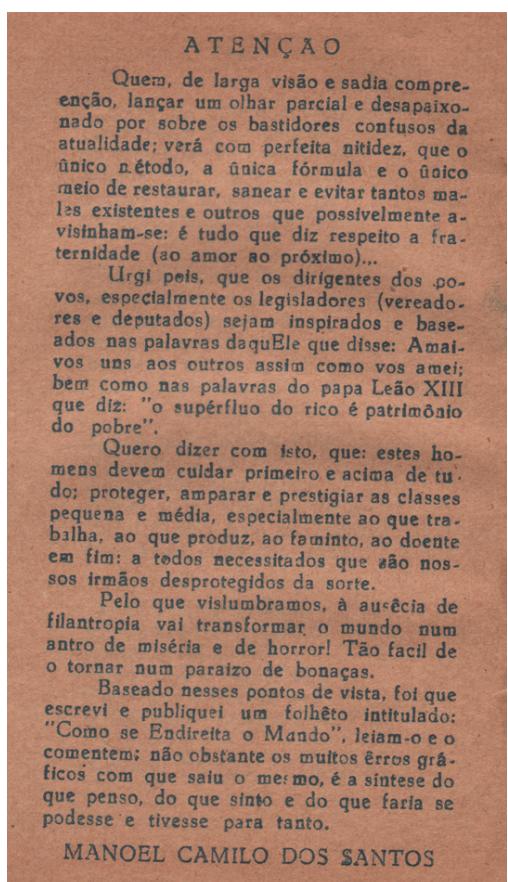
Romance de Antônio Eugênio da Silva, publicado em 1960 pela A “Estrella”da Poesia (MAUC).



Folheto de Manuel Camilo dos Santos, publicado em 1965 (col. GC 0089)



Luciléia e Borbolêta no
Reino Misterioso, s.d.
(Mauc 0015)



O filho de Garcia, 1959
(Mauc 0019)

A questão também é esclarecer que ele teria os direitos de propriedade dos romances de Melquíades. Rute Terra acredita que “o público desta literatura manifesta preferência por algumas histórias_ que são constantemente reeditadas, sem as relacionar a um determinado autor” (1983: 37). Camilo tenta sensibilizar os leitores para o reconhecimento da autoria. O problema não mais ocupa tanto os estudos literários. Hoje, se atenta para as continuidades entre textos e suas relações com outras matrizes. Interessa mais, observar que Camilo usa os espaços vagos do folheto como canal de comunicação entre outros autores, editores e seus revendedores. Nesse canal, entre um e outro anúncio de novo título, propõe discussões de problemas da própria rede de distribuição.

Avisos e reclamações de propriedade estão presentes desde as primeiras impressões de Leandro Gomes de Barros, e não são continuados apenas por Manoel Camilo dos Santos. Da agência de folhetos Casa do Trovador, Rodolfo Coelho Cavalcante avisa aos “fregueses, amigos e confrades” a mudança de endereço; em 1962, Manoel Caboclo, editor da Casa dos Horóscopos, faz ciente “ao povo em geral”, a compra da Tipografia do Sr. João Ferreira Lima, e consequente fim da sociedade. Poetas também deixam seus recados. João Quinto avisa que pelo atendimento de uma promessa se chamará, a partir daquela data, de João de Cristo Rei. Em 1996, João José, antigo proprietário da Luzeiro do Norte até a década de 60, avisa que voltou para servir seus leitores, agora “com a utilização da tecnologia do computador”.

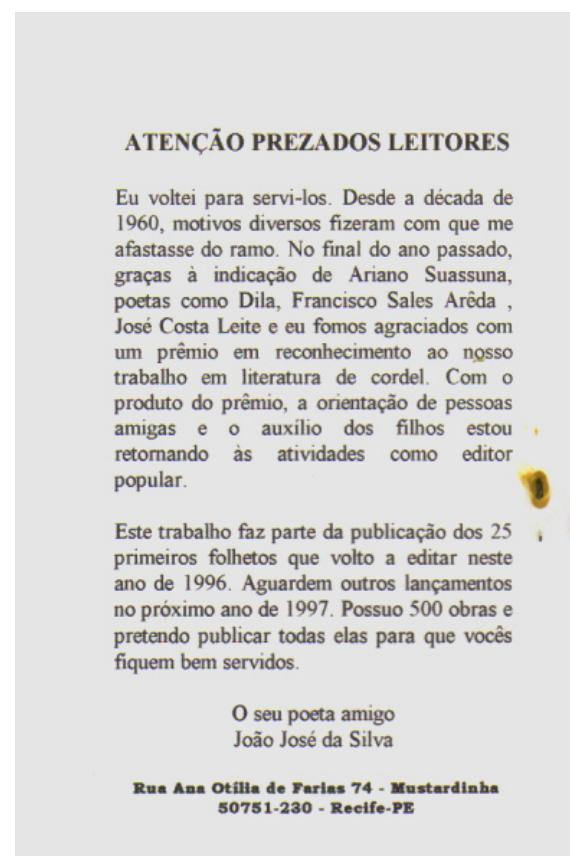
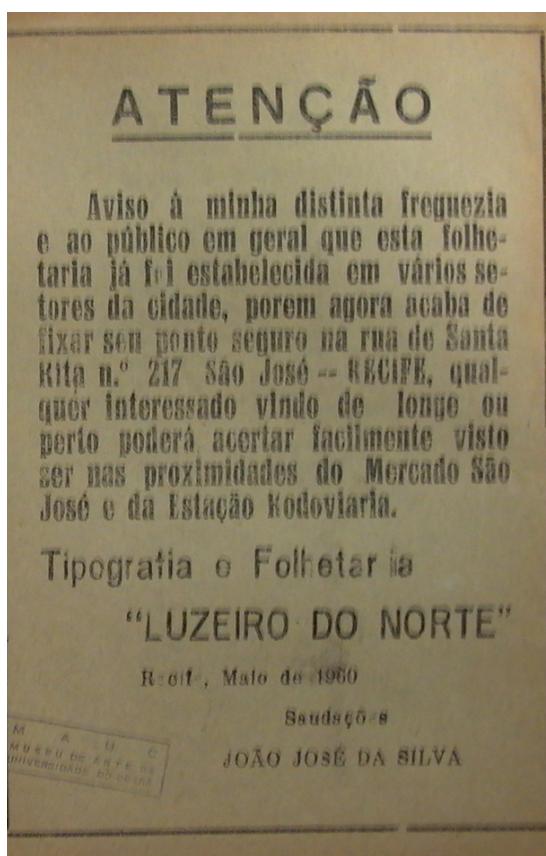
Cada mensagem tenta conquistar ou manter laços de confiança ou de reconhecimento. Elas dizem: mudei mas continuo sendo eu; voltei e sou aquele já conhecido. Elas também têm caráter prático, pois comunicam-se não só com o leitor, mas também com agentes e revendedores, daí a importância em assegurar a identidade entre mudanças de endereço e de nome comercial. Ainda em outro nível, acabam atingindo outros editores quando protestam por propriedade de títulos. Dessa forma, não deixam de buscar apoio dos leitores e ouvintes para essas disputas. Mesmo as listas de agentes distribuidores podem ser lidas como formas de apresentar prestígio na rede.

A importância do reconhecimento se traduz nas encomendas de folhetos e até romances, tendo por mote campanhas de saúde pública e educação. Também os folhetos de publicidade se valem da confiança que a literatura de folhetos conquistou. Estes folhetos diluem o caldo do acervo de narrativas, ditas clássicas, ou tradicionais. Por isso, há quem tema que o reconhecimento de outros públicos implique no afastamento do que seria o público dos folhetos de feira.



Quartas capas com avisos.

Acima: quartas capas da Bom Jesus, de Jonas Alves Crispim, e da tipografia de Manoel Caboclo (col. GC)



Abaixo: folhetos de João José da Silva, 1960 e 1996 (col. GC)

Muito há que se discutir ainda sobre confiança, reconhecimento e transformações. Capas e quartas capas, fazem parte das bordas. No miolo dos folhetos aguardam as redes de idéias.

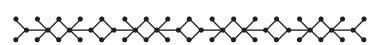
Foi por causa da Lira Nordestina, que fui a Juazeiro do Norte pela primeira vez, em 2000. Como interessava-me a produção do folheto, tornei à cidade ainda tantas vezes, sempre fugindo das festas e romarias. Quando o interesse migrou pra distribuição, uma romaria parecia ser um acontecimento imperdível. Fui no dia de Nossa Senhora de Candeias, 2 de fevereiro de 2004. Tinha esperança de encontrar um vendedor de folhetos.

Encontrei uma senhora que, entre muitos folhetos de oração, tinha alguns poucos de histórias. A barraca, em frente a igreja do Socorro, era uma entre tantas, e dada a situação de romaria, era natural a apostila nas novenas e benditos. Inúmeras barracas se espalham e os artigos ofertados escorregam na temática religiosa, mas não param por aí. Guardada a memória de Cícero, que tanto cuidou em ocupar o povo, não parece apropriado expulsar os vendedores dos arredores dos lugares de oração. Ainda mais no caso de Candeias. Reza a fala corrente que a procissão noturna foi inventada pelo padre para ajudar um fazedor de lamparinas sem sustento, chegado à cidade.

O mítico vendedor de folhetos, com todas a sua performance cantadas nos livros, não me apareceu por lá. O movimento da romaria não parece querer cessar, mas o comércio do folheto pouco se vale dessa correnteza de gente. O romeiro não mais procura pelo cordel?

Volto a barraca da vendedora de folhetos de oração. Enquanto garimpo os poucos romances que ela tem, aproxima-se um senhor magro, de chapéu, um romeiro. Pra ela: Tem folheto de história? Tem. Tem *Pedrinho e Julinha*? Tem não, mas tem esse, tem esse. Tem esse que fala da sogra, é muito engraçado.

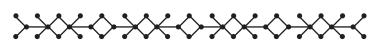
CAPÍTULO III



idéias na rede

e

rede de idéias



Capital Cultural, memória, autonomia

Até agora alguns aspectos de uma organização foram testados para certificar se ela pode ser chamada de uma rede e que tipos de configurações de rede que se formam pelas relações estabelecidas. Em termos de relações de trocas formais, a rede se mostrou econômica, até hierarquizada. Confirmando, em grafos, os papéis assumidos por seus promotores. Porém, a fina teia de contratos e nomes impressos em papel é parte de uma rede mais densa e movente de relações sociais. Essa rede, nem sempre documentada, conferiu alguma resistência à rede de trocas. Em momentos de perdas de conexões essenciais, conhecer outros caminhos de ligação pode ajudar a evitar desmembramentos.

Os caminhos conectam cidades, e a perda de um nó poderia significar o não acesso de um mundo de leitores e ouvintes a um mundo de folhetos. A rede de circulação do cordel se estende no território em consonância com outras redes de transportes e regida por outros movimentos, embora não se possa fechar os olhos para influência da vontade, ou teimosia, de alguns valentes. Valentes que varriam o território, na busca de um bom ponto de venda. Se o encontravam, fixavam em agências ou editoras, de onde estenderiam seus ramos de venda.

Dos valentes já eram sabidos nomes, endereços e histórias de vida. Até então nos desenhos de grafos, pouco se avançou em termos de reconhecimento de valores difusos, de uma organização não centralizada. Os movimentos observados tanto topologicamente como geograficamente acusaram a ocorrência de concentrações na emissão. A parte da rede que fica guardada em documentos de compra e venda, ou como marca impressa no produto diz respeito à parte mais volumosa de seu comércio. Os centros se formaram como nucleações de uma estrutura, cujo desenho preciso não foi anotado.

Sem dúvida trata-se de um comércio, com tudo que do comércio decorre, preço, anúncios, estoques, ofertas e listas de pedidos. Mas não teria sentido desenhar grafos de relações, confrontar com mapas observar os hábitos da rede, fosse ela uma rede de distribuição de uma mercadoria qualquer. Entre derivados do caju, da mandioca, da cana-de-açúcar, entre raízes e grãos, entre artefatos da palha, do barro, do algodão e do couro, são vendidos, nos mercados, os romances e folhetos. Nas feiras, nas praças, disputam atenção com as quinquilharias de metal, plástico, acrílico. Hoje, aqueles que resistem, têm que competir com as brinquedinhos chineses, incensos indianos, e bancas de CDs de todo tipo. Com estes últimos, talvez tenham mais afinidade.

Cordelistas, folheteiros, são um pouco heróis. O embate com o ambiente, as viagens e aventuras, os desbravamentos até as lutas com dragões (nas épocas de maior inflação) são, sem dúvida, atos corajosos. São um pouco anti-heróis, por viverem de invenção, contar de encontros nunca havidos, botar preço no que era onda sonora no ar e fazer comércio dos feitos alheios. Nesse enredo, Grilos e Malazartes adiam a morte¹. O truque é do conhecimento de todos: enganchar uma história ao cabo da outra. A rede de distribuição de folhetos é apenas a face mais tangível de uma estratégia desenvolvida para disseminação de uma rede de histórias, de memórias e de idéias embaladas em narrativas.

Em tal perspectiva, outras redes de comunicação poderiam ser estudadas. Todavia, há na rede do cordel algumas particularidades que contribuem para esta pesquisa. Preço e peso fazem do folheto um inseto do mundo editorial. Como tal, possui ciclo de vida acelerado e em cem anos pôde experimentar variadas mutações. Também, como em sistemas de colônias, chama atenção seu caráter coletivo.

Embora sejam enumeradas as grandes editoras, elas são ditas grandes porque o ambiente comporta inúmeros poetas que se auto-editam. Para tanto, contaram outrora com prelos manuais. Hoje, podem se valer das impressoras a jato de tinta e laser.

Embora alguns poetas acumulem títulos e mereçam antologias, o sistema de produção comporta muitos autores pouco conhecidos. Estes podem se valer de permutas para se engajar na rede, experimentar o papel de poeta e, quem sabe, conquistar outros papéis.

Embora se apontem clássicos, os folhetos são entendidos em conjunto. Tornam-se clássicos aqueles mais reeditados em meio a uma profusão de folhetos que não sobrevivem a primeira edição. Entre folhetos menos conhecidos algum poderá ser alçado a posição dos clássicos, por vontade coletiva.

1. No capítulo “O que é um autor”, do livro homônimo, Foucault, a propósito da relação entre escrita e autoria, recorda as *Mil e uma Noites* que tinham como pretexto o adiamento da morte (2002: 36).

Até então, com todas as especulações feitas, folhetos examinados, principalmente, pelas informações de capa e quarta capa, pouco se falou nos seus conteúdos. Houve quem identificasse nos conteúdos temas recorrentes ou ciclos, o que redundou em classificações. Os critérios lembram ainda a biblioteca chinesa² pois categorias de tábuas diferentes se misturam. Não se duvide do saber dos que escreveram as classificações. O coletivo de idéias que habitam a literatura de folhetos pede que se aposte em sistemas de tábuas que cruzem os planos convencionais.

Das classificações, interessa apenas perceber que o que circulam são idéias, e de uma forma ou de outra elas são identificáveis. Idéias que migram de uma narrativa para outra não iduzem apenas às abordagens taxonômicas. Estudos literários anotam as conexões entre títulos, considerando sobretudo universos mais extensos que o da produção de literatura de folhetos brasileira. Pesquisas semióticas investigam as metamorfoses das narrativas nas passagens entre meios, movência das idéias. Sem falar nas abordagens mais sociais que procuram o reflexo do ideário de um tempo, de uma conjuntura, deixados nos folhetos de cordel. Ou ainda se a literatura de folhetos desenvolve um repertório próprio de idéias que vão migrar e povoar o ambiente.

Não é novidade também que as idéias fazem cultura.

Pela origem no latim, cultura tem sentido de cuidar, tratar venerar³. Do cuidado, vem o cultivo das plantas, dos alimentos. Da veneração, vem a atenção às coisas menos tangíveis. Cultura, no dicionário⁴, entre outros significados: “patrimônio, literário, artístico, científico de um grupo social(...)”. A palavra freqüentou outros campos e deles foi juntando outros sentidos a ponto de quase perder o cheiro de terra. Mas não perdeu. Acumulou-se de significados na convivência com outras palavras. E cultura é do feijão e do milho, e não deixa de ser alta cultura, cultura popular, cultura de massa, contracultura, cultura digital. É melhor falar de uma cultura quando se tem uma em vista.

2. A “biblioteca chinesa” de Jorge Luís Borges, lembrada por Foucault, a propósito do pensamento taxonômico, em *As palavras e as coisas* (1999) conforme foi comentado no capítulo I desta tese, p. 26.

3. Dicionário Houaiss da língua portuguesa- Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001.

4. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Acadêmia das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Verbo, 2001.

A cultura do cordel conjuga várias sabedorias. Desde saber histórias, a saber cantá-las, ao domínio dos prelos, das máquinas de reprodução, ao conhecimento dos caminhos de seu comércio, ao reconhecimento dos mestres. Saber também das dificuldades e principalmente das formas para contorná-las. Daí se tenta uma formulação geral: Dada uma comunidade, um grupo, suas necessidades e seus problemas, o que é sua cultura se não um estoque de soluções eficientes que este grupo elabora e dispõe?

A formulação envolve algumas questões.

Primeiro, não é fácil circunscrever um grupo, detentor de uma cultura, como se fosse isolado. As culturas se encontram, se confrontam se misturam. O que leva a segunda questão, que diz respeito à mudança. Por isso, *estoque* talvez não seja a melhor palavra, pois induz à idéia de estático. Por fim, como aferir eficiência?

As questões não se resolvem uma a uma, mas em conjunto. Quanto ao isolamento, delimitação de um grupo, é melhor pensar em sistemas abertos, interfaces de troca, e percebendo-se, ainda assim, pela persistência de costumes, hábitos, a formação de identidades. As soluções eficientes seriam as mais adequadas num certo ambiente e num dado momento. Quanto ao estoque, esta pesquisa optou por trabalhar o conceito de capital, no sentido do que circula, o que se troca. Em trocas o conjunto de soluções cultivadas é solicitado constantemente a se atualizar.

O marco desta pesquisa identificou Capital Social e Capital Tecnológico como, respectivamente, conexão estabelecida entre indivíduos ou grupos pelas idéias partilhadas, formas de incremento das trocas de idéias. Portanto, com o incremento do conjunto de capitais, circulam idéias que fazem o Capital Cultural.

O que se troca é mais que folheto impresso e papel moeda. Mas é conhecimento constantemente reelaborado. Trocam-se soluções e reconhecimento. Memórias dão a ligação da continuidade, a base para que se experimentem novas idéias. No exercício da troca, se renovam as soluções.

Os saberes estão todos intimamente entrelaçados, e quando se abordou os aspectos sociais e as tecnologias que promovem conexão, já se falou em cultura. De uma forma ou de outra, idéias estavam presentes. Ao falar em cultura não se pode deixar de lado que suas formas de propagação são mediadas por técnicas. Principalmente, não se pode desconsiderar os aspectos sociais envolvidos. Ao contrário, ao puxar os fios da rede de idéias encontraremos aqueles que acolhem as idéias, que correspondem às redes sociais mais numerosas.

Na proposta de entender uma inteligência que aflui (cf. Costa: 2004), não se trata, unicamente, de medir os capitais envolvidos, mas de como relacionar capital social tecnológico e cultural de forma coerente. Capital Social é confiança, portanto baseia-se na em interrelação e reconhecimento. Negociar preferências, crenças, valores. A negociação vai depender de como idéias afuem e transitam, o que depende, em parte do Capital Tecnológico. O Capital Cultural é disseminador das inovações. Para Rogério da Costa: “Ele é uma energia disponível no ecossistema das idéias” (*ibid*).

O que parece sustentar o jogo entre capitais é uma base de memória em movimento. Entre as formas de entender a memória, o marco da pesquisa destacou a autonomia, conforme a Teoria Geral dos Sistemas. Desta forma, nos grafos das redes de troca e social do cordel, apareceu sua estrutura e se pode observar a rede variar sua integralidade. Este último capítulo, a propósito alcançar redes mais amplas, irá especular sobre a potência de conexão: conectividade.

Idéias conforme seus sinais

Por um tempo, se resolveu etiquetar aquelas brochuras como folhetos de cordel. Assim se distinguem de outras publicações, como livros, revistas, jornais. Impressos que também guardam e divulgam idéias. Mas não da mesma forma, embora as vezes com o mesmo formato. A identificação permite também relacioná-los com o variado campo da literaturas baratas que surgem com a disseminação da tecnologia da impressão. Pois surgem também em outras línguas e outras terras, com temáticas mais ou menos próximas.

Com algum convívio com o assunto, vê-se que existem diferenças internas que subdividem o grupo que se pretendia homogêneo. E a cada aproximação aumentará o número de linhas de divisão. Com o aumento do campo de conhecimento, podem aumentar também o número de linhas que conectam cada exemplar a um sem número de outras referências, sobretudo fora de seu plano de identificação primeiro.

As classificações ou mapas também surgem de um encontro particular do pesquisador com o universo da literatura de folhetos. Esta chega ao pesquisador com seu emaranhado de narrativas, histórias, memórias, imagens, recortadas e remontadas. O pesquisador confrontado com tal pluralidade, vai tentar entender, identificar gerais, e aí entra seu próprio repertório. Cada cartografia poderá desenhar uma maior precisão em determinado tema, em cada caso. Às vezes é o interesse do pesquisador que o faz chegar a um maior

detalhe num aspecto. Às vezes é fruto do material coletado, que por um recorte temporal apresenta mais um assunto, ou um assunto novo que pode não prosseguir. Mas as classificações, ou temas, ou assuntos, ou ciclos, surgem do encontro.

Em *Memória de Lutas*, Rute Terra chamou os folhetos de “suporte de uma memória” (Terra, 1983: 23). O seu recorte enquadra os primeiros trinta anos de narrativas impressas (1893-1930). Situa o momento econômico social e político de quando surge a produção de folhetos no nordeste no seguinte quadro: Fins da escravatura, transformações na auto-representação dos trabalhadores, substituição do engenho pela usinas, introdução das culturas de algodão e café. Época em que as histórias contam de revoltas contra as oligarquias⁵. Época de Antônio Silvino e posteriormente Lampião: cangaço organizado. (Terra, 1983: 15-16). Lutas pressupõem revolta, desejo de mudança, inovação.

Entre os entendimentos gerais sobre as idéias do cordel, em *A vida no Barbante* Candace Slater julgou que as idéias do cordel eram sempre julgamentos. Os personagens seriam santos ou pecadores, haveria testes de caráter, e os castigos poderiam até paracer engracados, ou obscenos, mas “quase todos têm uma mensagem explícita que é simultaneamente solene e sem ambigüidade” (Slater, 1984: 14). Estas idéias teriam origem no exemplário medieval. Haveria portanto um apelo moral.

As abordagens de Terra e Slater falam de um objeto comum, a literatura de folhetos, mas há diferenças de focos. Não se pode escapar da perspectiva que tanto as épocas observadas quanto as épocas de onde se observa irão interferir nos quadros gerais propostos. Quando estendemos as redes de distribuição nos mapas e pelas décadas muito pouco falamos das idéias de que se ocuparam a cada fase. Talvez a literatura de folhetos tenha se instalado em um clima de mudanças, com a virada do século XIX, e tenha atingido uma maturidade com tendências à tradição, na segunda metade do século XX. Provavelmente, no correr do tempo, ela nunca tenha parado de sofrer adaptações.

O que cada uma das abordagens identificou foram idéias. Luta e Julgamento não foram as únicas idéias identificadas no cordel. Rute Terra quando escolheu trabalhar as memórias de lutas correspondentes às primeiras décadas de folheto impresso, destacou o conjunto entre desafios, compreendendo marcos, descrições geográficas, ABCs, assim como romances e histórias e entre os poemas de época, além daqueles que eram seu objeto, se encontravam o que ela denominou de “queixas gerais” (Terra, 1983:59). A pesquisadora admite não ter pretendido uma classificação, contudo, ao delinear os limites

5. Famílias que se perpetuavam no poder, ou detinham controle político através da eleição de homens da sua confiança (cf. Terra, 1983:109).

do *corpus* estudado, enfrentou os problemas de pertencimento de qualquer classificação, como ela revela: “Incluí os poemas sobre animais entre os romances ou entre críticas de costumes” (*ibid*).

As idéias são diversas e na falta de uma memória total se apela para faculdade de reconhecer semelhanças ou padrões. Desde os padrões em motivos gerais do Index de Thompson, que veio a ser referência para os estudos do conto popular no mundo. Padrões de tantas subdivisões em temas e ciclos. Padrões também se reconhecem nos estudos morfológicos, pelas estruturas comuns nos diversos textos. Os padrões tentam desenhar quadros gerais, organizar e reconhecer as idéias que passam pelo cordel.

As classificações concordam e discordam. É difícil supor que cada narrativa traga uma apenas idéia ou preocupação. Além de serem variados os folhetos têm cada um uma variedade de idéias. Pode-se argumentar que as histórias de amor e encantamento, trazem lutas contra obstáculos e que castigam-se os antagonistas. Pode-se dizer que muitas histórias de rir têm fundo moralizante. Todavia, é da natureza da classificação apartar ao invés de conectar. Do conhecimento das classificações se conclui que podem ser apontadas idéias gerais que cruzam folhetos, e de certa forma, estabelecem vínculos entre eles. Uma idéia leva à outra, que puxa uma terceira, que remetem a uma ainda, que pode lembrar a primeira. Talvez não seja por acaso que algumas classificações se denominem ciclos.

Em verdade, são muitos temas como sugerem as classificações mais detalhadas. Nos ecossistemas de idéias, também vale a preservação da diversidade. É porque seus temas são variados que o cordel permaneceu.

Do encontro do conhecimento das redes com o universo do cordel deveria surgir algo diferente dos mapas de classificação. Como propor uma cartografia das idéias que privilegie suas conexões antes que suas fronteiras? Com desenhar um grafo a partir de encontros, ao invés de um mapa classificatório? Como acompanhar as idéias que, em sua mudança contínua, vencem o tempo e se espalham?

A proposta que se apresenta é seguir o caminho de algumas idéias no correr destes anos de folhetos impressos. Em um primeiro momento pode-se observar algumas narrativas recorrentes que foram selecionadas pelo coletivo, e que são identificadas por suas constantes reedições. Estas, chamadas pelos pesquisadores de “os clássicos”, são simplesmente conhecidas por seus fazedores por serem sempre de venda certa. Narrativas que são reconhecidas pelo público, pelos nomes ou estampas de seus personagens .

Insistência das Idéias

A história, segundo os eruditos, seria a coleção das coisas mais célebres. Nós diremos antes: das coisas mais conseguidas, quer dizer, das iniciativas mais imitadas (Tarde, 1978: 166).

As repetições existem pelas variações (*ibid*: 27).

A Lira Nordestina vai reeditar os clássicos da literatura de folhetos. Não confundir os clássicos com os folhetos herdados da tradição recebemos impressas há séculos. reimpressões brasileiras e que têm origem erudita na Novelística francesa, espanhola, italiana e portuguesa (cf. Cascudo, 1953:13). Não que *Roberto do Diabo*, *Donzela Teodora*, *Imperatriz Porcina*, *Princesa Magalona*, *João de Calaes* e a *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*, não sejam clássicos. Eles são, e já eram clássicos em outras formas. Alguns em narrativas orais já há muito repetidas, alguns em forma de prosa escrita, já publicadas em outras línguas.

Mas existem os que se tornaram clássicos no último século, como *O Pavão Misterioso*, que, se tem parte com outras narrativas tradicionais (como irão comprovar os estudos morfológicos) por outro lado, tem seu bocado de invenção. E não são apenas os Romances que se tornam clássicos, nem só histórias de heróis. A *chegada de Lampião no inferno*, folheto de 16 páginas, de José Pacheco, é sempre lembrada entre risos. Também nem só na fantasia habitam os clássicos. A série de folhetos versando os embates de Antônio Silvino com a lei, ultrapassaram o interesse circunstancial ou histórico e continuaram ganhando edições muitos anos após o desenrolar dos “acontecidos”. Até pelejas se tornam clássicas como a de *Romano Teixeira com Inácio da Catingueira*.

E como, ou por que tornaram-se clássicos? E afinal, quais são os clássicos?

Qualquer um que seja um pouco familiarizado com literatura de folhetos pode desfiar de memória uma série de títulos. Estes títulos não foram eleitos por comissões literárias, mas sim apurados pela procura coletiva. Os clássicos vendem mais e, dada a precariedade material do folheto, são sempre reeditados.

Maria de Jesus da Silva Diniz, que foi editora da Lira Nordestina, lembrou algumas das publicações com maior saída: *Pavão*, *José de Souza Leão*, *Zé Garcia*, *Escrava Guiomar*, *O Segredo da Princesa* (cf. Carvalho, 1987: 46-50). Antônio Alves da Silva, agente de Teresina, considera os clássicos: *Zé Garcia*, *Zezinho e Mariquinha*, *Souza Leão* “e não pode deixar de se referir ao *Pavão Misterioso*, *Cachorro dos Mortos*, *João Grilo*

como grandes instantes da poética popular nordestina”⁶.

O tempo passa e os clássicos persistem. Em Bezerros, recentemente, J. Borges respondeu entre outras indagações dessa pesquisa, que as histórias mais procuradas são: *Pavão, João Grilo, Chegada de Lampião no Inferno, José de Souza Leão, João de Calaes*. Na mesma época, Marcelo Soares, de Timbaúba, lembrou: *João Grilo, Chegada de Lampião no Inferno, Pavão Misterioso, Cachorro do Mortos, Sidrão e Helena, Zezinho e Mariquinha*. Também lembrou, entre os títulos de seu pai, José Soares, as muitas reedições de *O futebol no inferno*. Em Recife, a viúva do poeta e editor João José da Silva recordou que conheceu *O macaco misterioso* bem antes de ter conhecimento do autor, que viria a ser seu companheiro.

Tomadas uma a uma, as listas tem algumas variações devido às preferências pessoais. Se tomadas em grande número, alguns títulos estariam presentes em quase todas as relações. Os títulos são lembrados de pronto. Se for preciso consultar algum catálogo ou antologia, para procurar algum título, provavelmente, não se trata de um clássico.

Os clássicos podem ser encontrados em instituições junto com exemplares raros. A diferença é que dos clássicos se encontrarão muitas reedições. Também é comum se encontrarem clássicos nas pequenas coleções dos leitores, em edições mais recentes. Papel novo, capa com imagem reelaborada. Com D. Maria, uma ouvinte atenta, encontrei: *Príncipe do Barro Branco e Princesa do Reino do Vai Não Torna, Mulheres de Pedra, Donzela Teodora e A Louca do Jardim*.

Se ainda houver dúvida, um bom índice para saber se um folheto tomado ao acaso é ou não um clássico, é pronunciar, em certas rodas, seus dois primeiros versos. Se alguém continua, de memória, por mais algumas estrofes há uma grande chance de se ter na mão um clássico do cordel.

A importância de se verificar a ocorrência dos clássicos, ou títulos que se tornam memoráveis, não mora no desejo de avaliar obras nem eleger uns poucos talentos. O interesse pelas escolhas operadas coletivamente se justifica pela seguinte hipótese:

A rede de produção e divulgação se sustenta em relações de troca e laços sociais. As conexões se tornam viáveis à distância graças a uma estrutura de meios de comunicação e transporte. Embora se estenda sobre redes de tecnologias da informação, e se sustente nos laços entre indivíduos, sobretudo a rede vai se viabilizar pela aceitação das idéias. Como tal, tem nas idéias recorrentes, os clássicos, a parte mais estável dessa rede intangível. Os clássicos, com suas constantes reedições garantem a permanência dos pontos de

6. Em entrevista a Gilmar de Carvalho, publicada em 25/01/1987 “Seu Antônio Alves da Silva, O agente de cordel no Piauí”. Jornal da Manhã, Teresina.

produção, divulgação e as vias que se estabelecem entre eles, por onde irá correr também a novidade. No caminho, alguma novidade pode ser capturada para compor a corrente de clássicos. Quando alguém chega perguntando por *Pedrinho e Julinha*, ou reconhece uma estampa na capa de um folheto, procura estabelecer um primeiro contato, através de algo já conhecido. Se o vendedor têm boas histórias, pode-se aventurar a aceitar uma sugestão de compra de um folheto, ainda desconhecido.

A necessidade de reconhecimento pode levar os escritores a propor títulos que pareçam com os já existentes. Uma fórmula certa é a repetição dos nomes já conhecidos, nas continuações, novas versões, filhos e netos de personagens famosos, chegada no céu, de quem já havia baixado pelo inferno. Pode se repetir um substantivo comum, como o “sofrimento” que pode ser de *Lindóia*, de *Alzira*, de *Aulina*, de *Elisa* ou de *Mariza no reino das 7 espadas*. Podem ser, ainda, os sofrimentos do camelô ou dos aposentados. Às vezes é uma qualidade que se repete: *O boi misterioso, o pavão misterioso, o papagaio misterioso, o macaco misterioso, Luciléia e Borboleta no Reino Misterioso*.

Em grande parte das vezes a referência é mais sutil, quando apurando a percepção se percebem como se assemelham os títulos entre si. Como nas construções: *O prêmio do sacrifício ou os sofrimentos de Lindóia; O balão do destino ou a menina da ilha; O assassino da honra ou a louca do jardim, o amor de uma estudante ou o poder da inteligência; Lágrimas de amor ou a vingança de um condenado; As quatro órfãs de Portugal ou o valor da honestidade*. Existem variações próximas à forma anterior, como: *Ronaldo e Susana no Rio Miramar, Gilvâ e Ricardina no Reino das violetas*.

Isso para não repetir a recorrência dos temas, o que alimentou as taxonomias, ciclos, classificações. Nem voltar a adoção das estruturas narrativas, filão intensamente explorado pelos estudos morfológicos. Assuntos já comentados.

Na convivência com os impressos, ainda se notam as repetições de imagens e suas recombinações, sempre operando no reconhecimento. As imitações não conhecem fronteira de técnica, é bem comum a versão xilográfica das zincofototipias. É digna de nota a recente procura em reproduzir em desenho aspectos da xilogravura, aí tentando um tipo de reconhecimento mais qualitativo que de conteúdo. Para quem vai pensar em uma filiação absoluta à tradição, que fique a ressalva: tratam-se de repetições sempre diferentes.

E embora a repetição de algum elemento possa garantir alguma simpatia do público, tornam-se mais memoráveis as histórias que apresentam algum grau de originalidade. Estas, se caídas no gosto, têm uma maior chance de se tornarem novos clássicos. Não se

exclua a possibilidade de uma idéia ter freqüentado a rede discretamente, depois sendo retomada com maior maestria por outra mão, e só então ter seus méritos reconhecidos.

O que significam as recorrências na prática?

Para que folhetos sejam aceitos, se apostam tanto em estratégias de conservação (memória, repetição dos clássicos ou das estruturas narrativas) como continuidades (como continuações), adaptações (retomadas de personagens e temas introduzindo elementos novos), até inovações ou experimentações. De certa forma, são todas estratégias de adaptação.

Apostar apenas na reedição de clássicos seria um congelamento. Desconsiderar as memórias selecionadas pelo coletivo, seria uma quebra de continuidade que traria riscos a identidade. Se fosse para apostar em uma só palavra diria que as histórias são sempre continuações. Diria que elas procuram não quebrar uma expectativa, como uma forma de repetir aquilo que é aceito, mas que tentam dar prosseguimento na corrente de narrativas adicionando elementos de novidade experimentando. Em que proporção se conserva e se inova, é de cada história.

Na continuação, estão embutidas: imitação, adaptação, inovação. Entre as três há um movimento, uma função que é de luta, de peleja, de embate de encontro. E os três modos pelejam entre si. A peleja tem algo em comum com a discussão sobre a conectividade. Ela é um elemento que atravessa as redes, tanto nas relações de troca em que se tenta estabelecer os limites do comércio dos folhetos, como na seleção do seu imaginário. No embate das idéias as formas que são escolhidas foram selecionadas pelo coletivo.

Este sistema foi capaz de selecionar uma memória coerente. Mesmo que feita por muitos e apartados geograficamente, conquistou identidade e reconhecimento. Essa memória conjuga aspectos de tradição e inovação, e confia à capilaridade mais fina da rede sua seleção. Na sua emergência conheceu períodos de maior experimentação, em forma e assunto. Depois ganhou mais estabilidade e estendeu sua rede de distribuição.

Edilene Matos (1986) argumenta que entre os casos de metamorfose, na literatura de folhetos, existe tanto encantamento como punição. Nas metamorfoses experimentadas como propostas de novas narrativas, quem decidirá o que decorre em encantamento ou punição é o coletivo de leitores e ouvintes.

Cartografia de idéias

Na Base Baú folhetos, as maiores recorrências aparecem não em títulos completos, mas com relação a alguns nomes, como Padre Cícero, Lampião, Frei Damião e Antônio Silvino, Tancredo, Vargas, Luís Gonzaga. Entre eles, Padre Cícero e Lampião foram os nomes mais encontrados nesta pesquisa. A ocorrência da palavra Cícero (referente ao Padre Cícero) chega a 94 títulos. Enquanto as ocorrências da palavra Lampião: 52 títulos. Para verificar se havia alguma distorção na amostra foi feita uma consulta ao acervo do professor Roberto Benjamin⁷. Em seu catálogo a palavra Lampião aparece em 128 títulos, enquanto Padre Cícero corresponde a 47 títulos. Note-se que coletas diferentes apresentam variações em seus números absolutos. O que interessa, por enquanto, é que, pela quantidade, os títulos que se referem a Padre Cícero e de Lampião são passíveis de serem observadas pelo seu movimento no espaço e tempo.

Cícero Romão Batista nasceu no Crato, na região do Cariri cearense em 1844, chegou no povoado que viria a ser a cidade de Juazeiro do Norte em 1872, onde faleceu em 1934. Virgulino Ferreira da Silva, nasceu em 1898 no estado de Pernambuco, por volta de 1918 ingressou no cangaço e, na luta do cangaço, foi morto em 1938, em Angicos, Sergipe. Os personagens da literatura de folhetos, Padre Cícero e Lampião, estão vivos até hoje, e figuram em narrativas novas e recriadas.

O primeiro título que tem o nome de Padre Cícero na base Baú-folhetos é de 1926, e trata de um encontro histórico: *Entrada de Lampeão [lampião] acompanhado de 50 cangaceiros na cidade do Padre Cícero* – publicado em Recife, por João Martins de Athayde. Podem existir outros títulos versando sobre os acontecimentos da vida do padre de Juazeiro, que antes da virada do século XIX ao XX, já havia sido protagonista de um polêmico milagre, e, no começo do novo século, estava envolvido com outras questões políticas. Seu encontro com Lampião é tomado como um ponto para acompanhar as trajetórias destes dois homens, tornados personagens, pela literatura de folhetos. Na mesma base e década⁸, Lampião aparece em mais títulos, além do já citado: *Os Decretos de Lampeão [lampião]*, publicado na Parahyba em 1925. *O assalto de Lampeão [lampião] a Mossoró onde foi derrotado / A morte de Colchete e Jararaca*, impresso em Natal, em 1927.

7. O acervo do professor Roberto Benjamin, em Recife, conta com uma coleção de cerca de 3000 folhetos e romances de cordel, já catalogados.

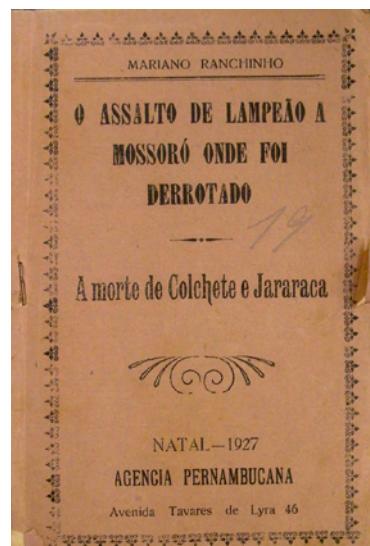
8. A antologia de Chagas Batista da FCRB repete os seguintes títulos da Popular Editora: *Os Decretos de Lampeão , História Completa de Lampeão*, e *Conselhos do PadreCícero a Lampeão*, todos seriam anteriores a 1930, fim da editora.



1925.
A Popular Editora, Parahyba-PB
(IEB- MA73)*

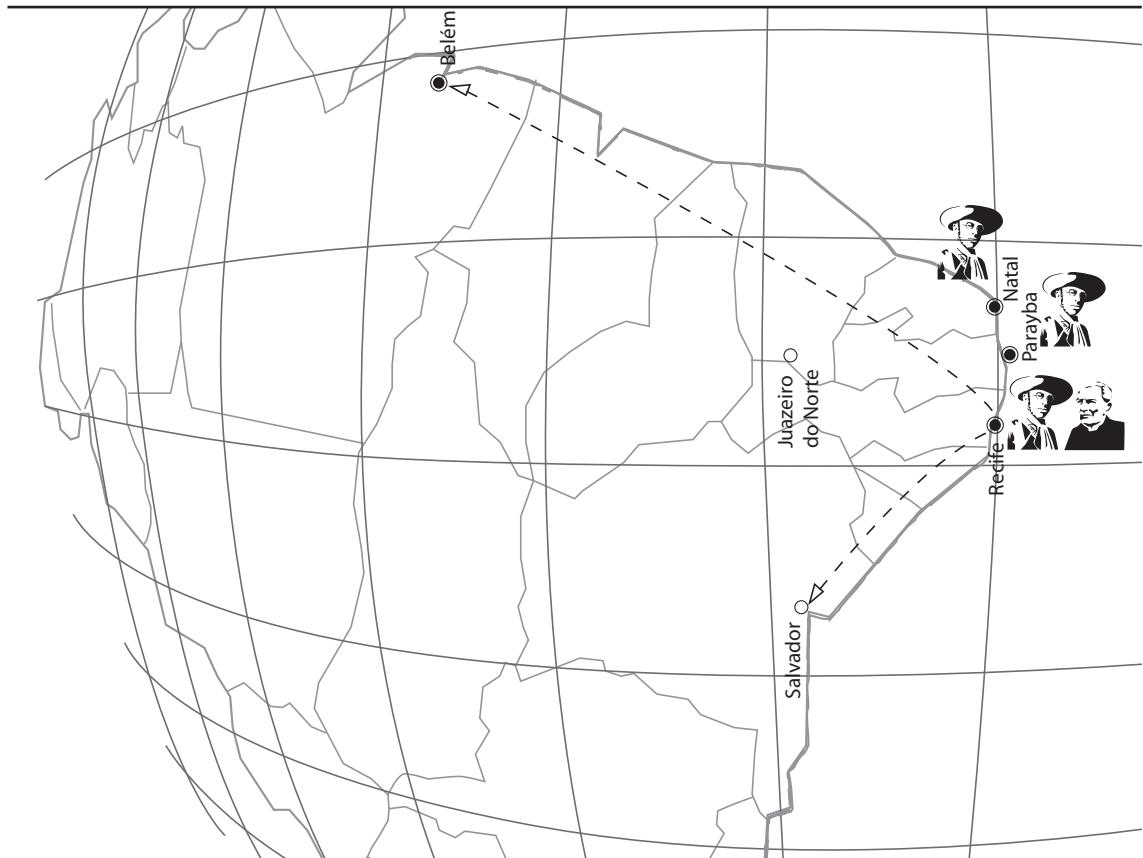


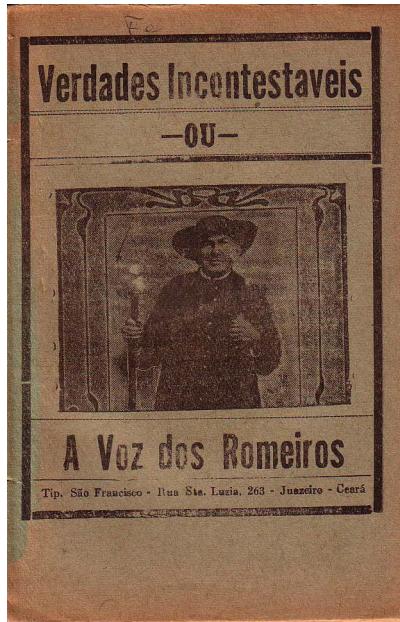
1926.
João Martins de Athayde, Recife-PE
(IEB- MA76)



1927.
Natal-RN (IEB- MA19)

Os títulos da década de 20, envolvem acontecimentos, e embora em versos, pretendem algo como uma reportagem, ainda que com possíveis liberdades. Os exemplares relacionados acima não apresentam listas de agências. Pode-se, contudo, localizar as cidades de suas editoras na rede potencial da década de 20.





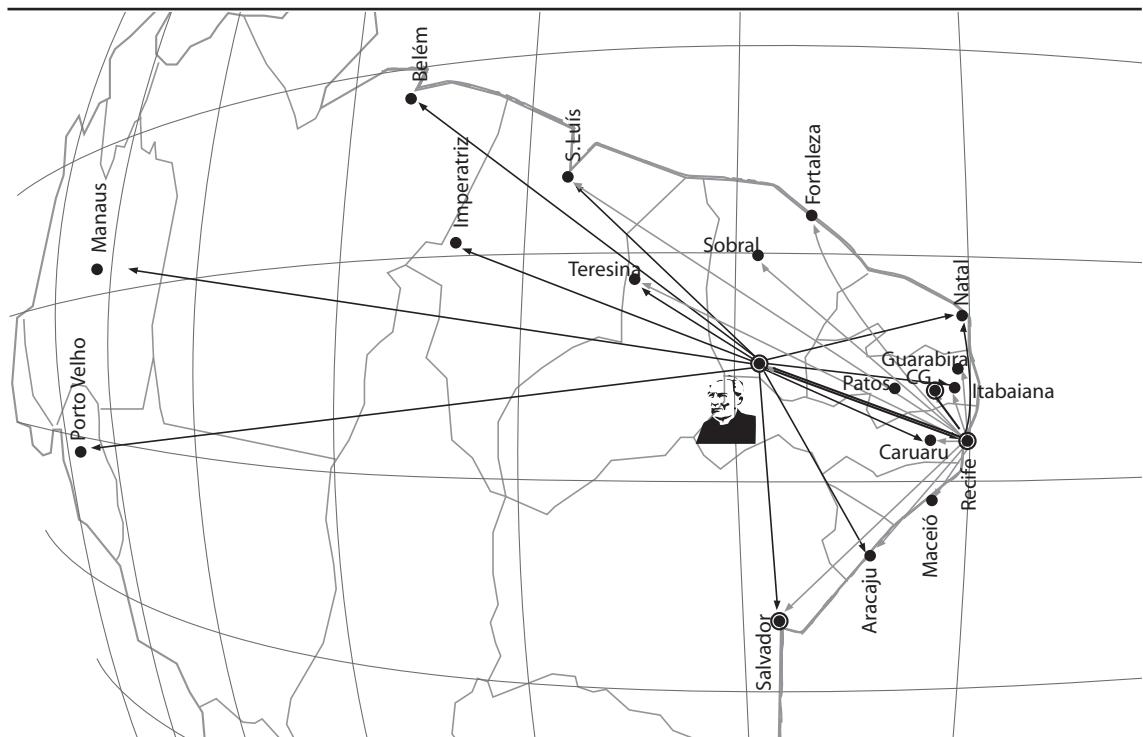
1956.

Tipografia São Francisco,
Juazeiro do Norte-CE (GC- 0882).

Embora o folheto não apresente listas de agências. Pode-se, imaginar que além da divulgação promovida pelo movimento da romaria, o título possa contar com a rede estabelecida por José Bernardo no mesmo período.

Durante a década de 30, embora não constem referências em Baú-folhetos, sobre Lampião, sabe-se da existência dos títulos: *O Ataque de Lampeão a Mossoró*, *Lampeão no tiroteio de Guaribas*, *Lampeão em Vila Bela*. Todos de Athayde, e que correspondem a mesma época⁹.

Na década de 50, se encontra na base Baú-folhetos o folheto: *Verdades Incontestáveis ou A voz dos Romeiros*. Na primeira página, consta o aviso: “A pedido dos romeiros da terra do Pe. Cícero, fomos forçados a publicar novamente este tôscio livreto, rebatendo dentro da norma ‘O apostolado do embuste’ defendendo assim uma sagrada memória”. Pelo visto, o assunto Padre Cícero era apurado pela rede, e se não há registro de folhetos sobre Padre Cícero nas décadas de 30 e 40 na base dessa pesquisa, pode ser pela raridade dos folhetos dessa época, ou por se tratar de folheto sem data.



9. Títulos reportados na base de dados de Roberto Benjamin, com a referência: in João Martins de Athayde - O trovador do Nordeste. Comentários e notas de Waldemar Valente. Recife. 1937.



1961.
Recife-PE (GC- 0956)

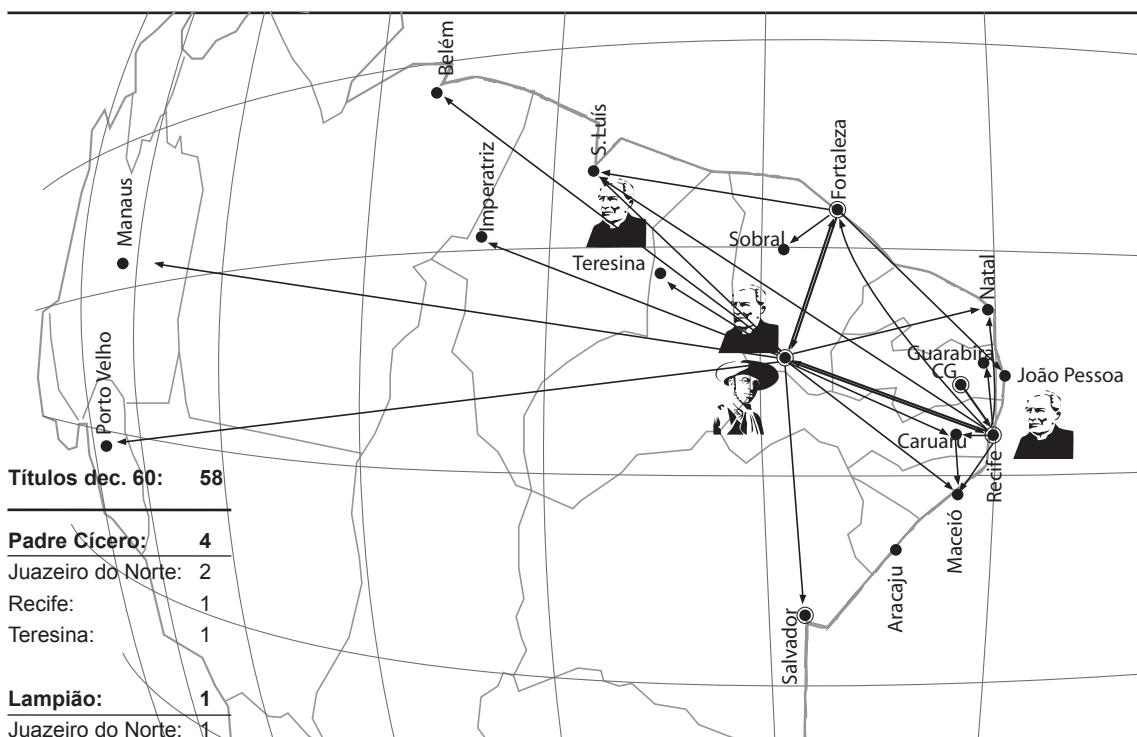


1966.
Teresina-PI (GC- 0903)



Década de 60
Juazeiro do Norte (GC- 0901)

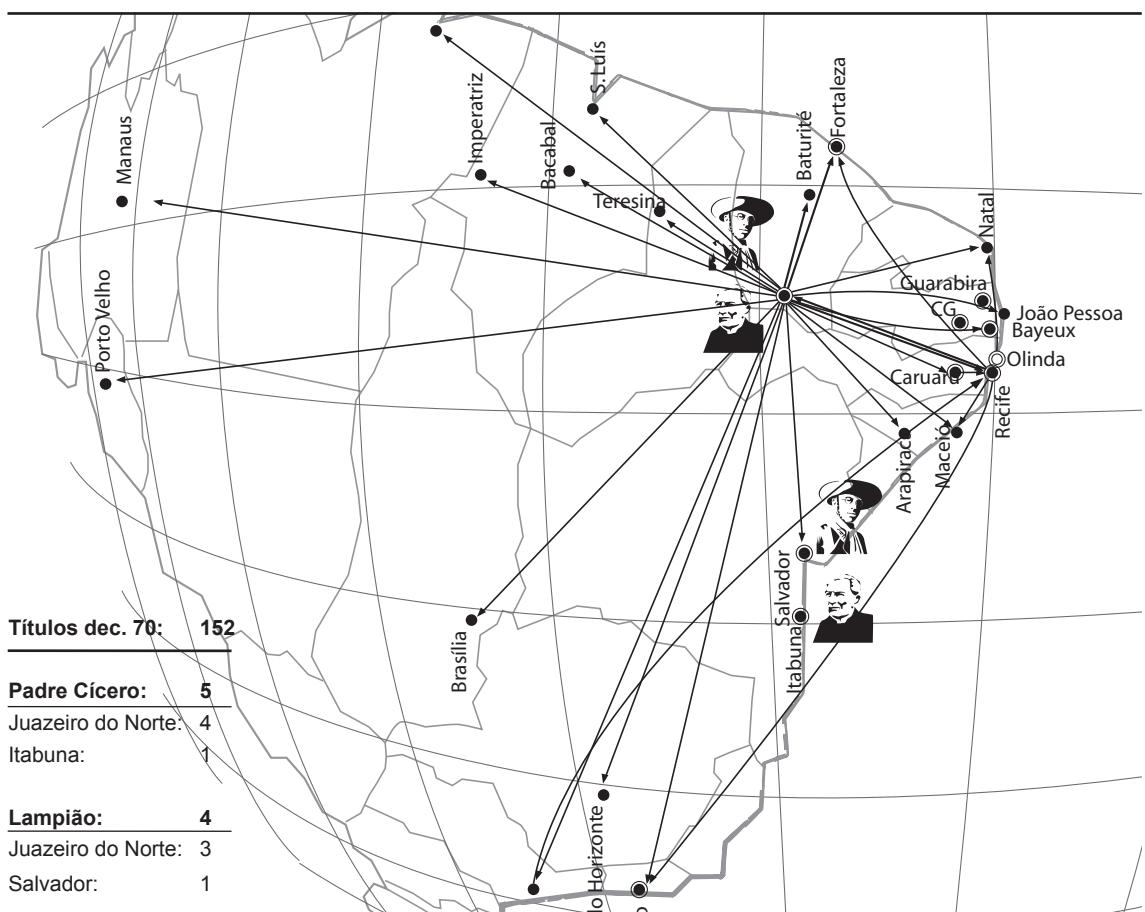
Juazeiro do Norte continua produzindo títulos que louvam a memória do padre, como: *Manifestação ao Padre Cícero Romão Batista pelo povo de Juazeiro*, impresso em 1965 (cuja quarta capa aponta agentes em Recife, Salvador, Teresina, São Luís, Manaus Belém e Natal); em *A Vida e os Antigos Sermões do Padre Cícero Romão Batista*, a lista de agentes inclui Recife, Belém, Bacabal e São Luis. Em Recife, pela pena de João José da Silva, o padre se manifesta contra a guerra “nuclear”, em 1961. De Teresina, João Vicente avisa sobre os castigos reservados para quem “zomba do padre do Juazeiro”. Entre os títulos de Juazeiro, se encontra *Lampião e a velha feiticeira*.

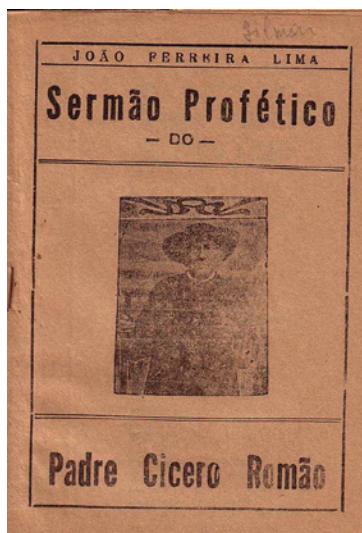


déc. 70. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0952)1970. Itabuna-BA
(GC- 0881)1974. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0135)

1976. Salvador- BA (GC- 0109)

Perseguições de Lampião pelas Forças Legais, 1974; *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus Cangaceiros*, 1976; *Debate de Lampião com S. Pedro*, 1978; *O último dia de Lampião*, 1979; são os títulos que trazem narrativas sobre o cangaceiro. Há um balanço entre reportagem e fabulação. Quanto ao Padre Cícero, Juazeiro do Norte continua sua divulgação. Na quarta capa do folheto *A guerra do Juazeiro e o poder do Padre Cícero*, de Itabuna, Minelvino conta ter conhecido José Bernardo, o editor da São Francisco.





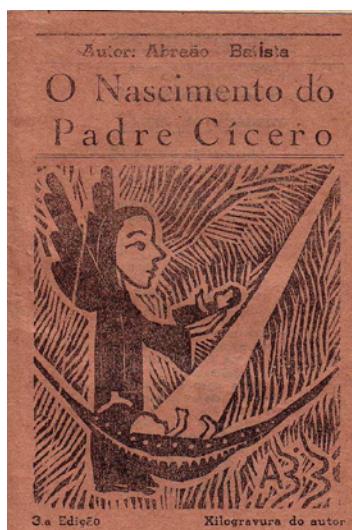
1982. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0886)



1986. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0894)



déc. 80. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0893)



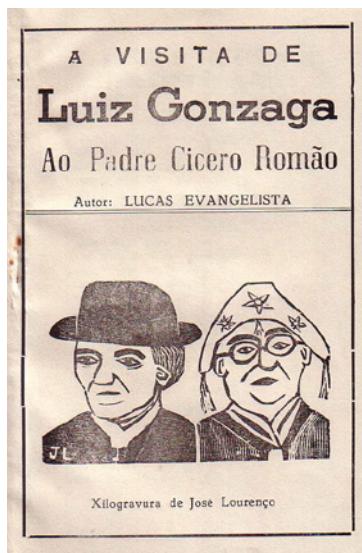
1983. Rio de Janeiro-RJ / Guarabira-PB
(GC- 0497)



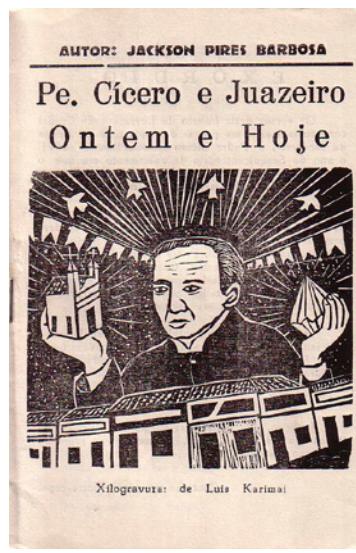
déc. 80. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0898)



déc. 80. Rio de Janeiro-RJ / Guarabira-PB (GC- 0885)



déc. 80. Juazeiro do Norte-CE (GC- 0883)



déc. 80. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0917)



1985. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0902)



1982. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0135-e)

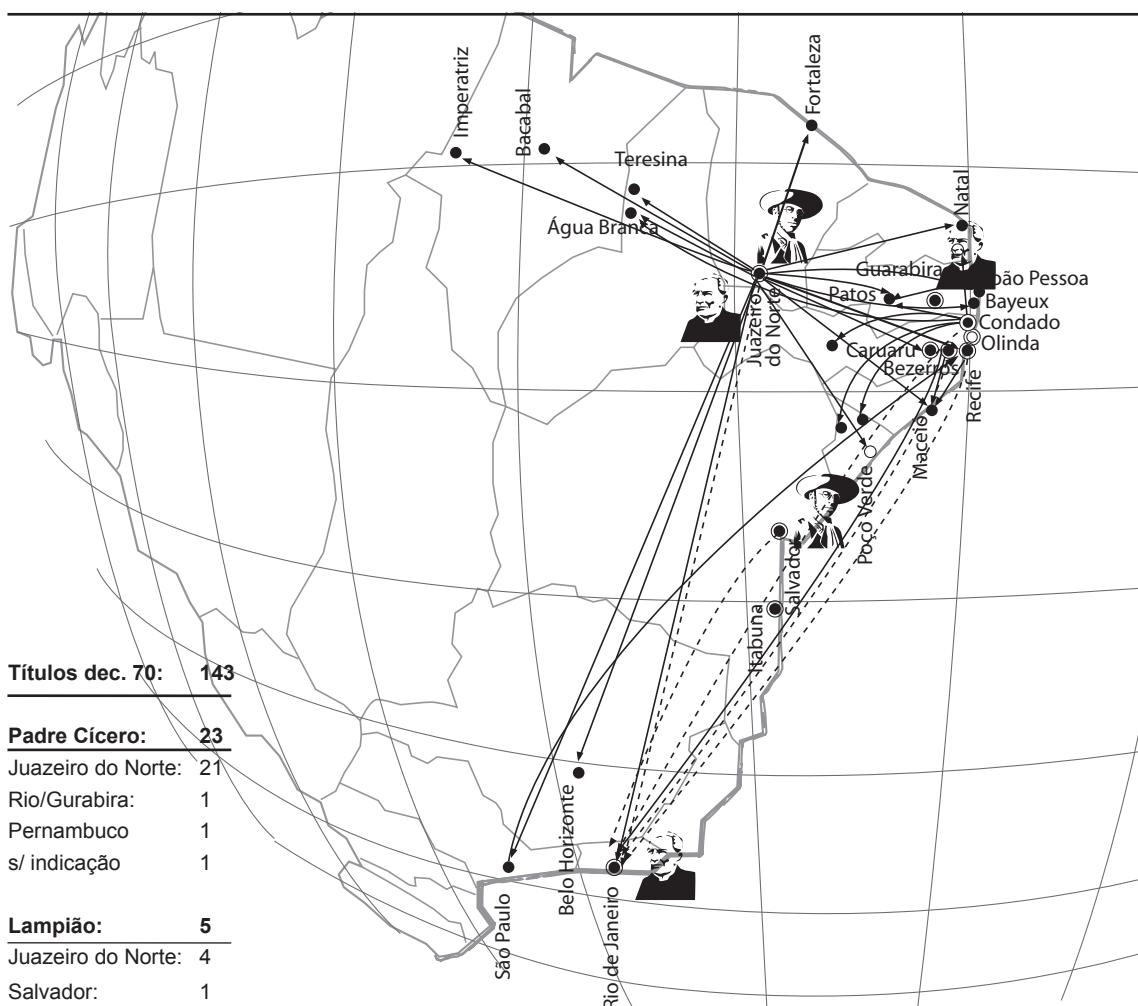


1983. Salvador-BA
(EM- 0061)



1988. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0251)

Na página anterior, entre os títulos que reportam ao Padre Cícero, encontram-se entre os títulos que alimentam a sua devoção, encontros com Luiz Gonzaga, o rei do baião, e Tancredo Neves, presidente da República. A imagem do padre divulgada em cordel, se mistura com personagens veiculados por outros meios de comunicação.

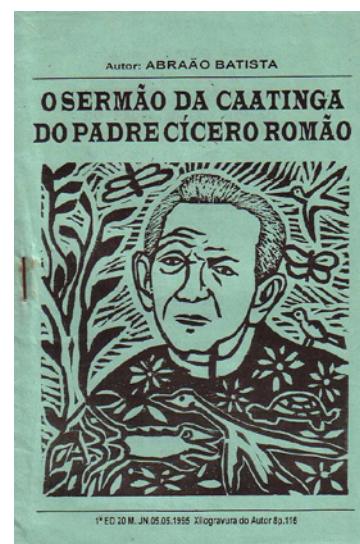




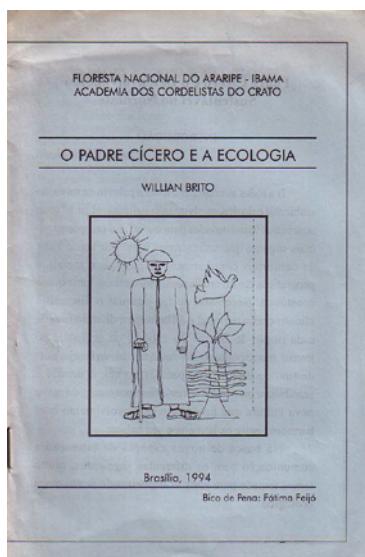
1991. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0947)



1991. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0900)



1995. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0936)



1994. Brasília-CE
(GC- 0911)



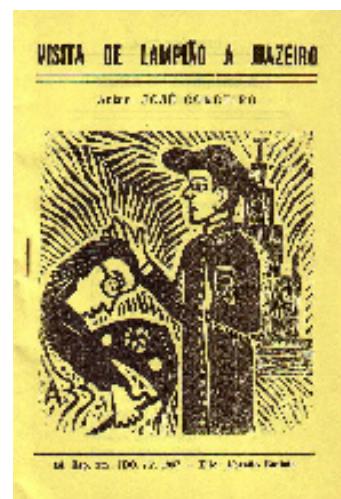
1997. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0208)

Dos folhetos que falam em Padre Cícero, nos anos 90, também a grande maioria é de produção do Cariri. Entre eles, se encontram desde reproduções de imagens e narrativas tradicionais, como a associação da figura do Padre com temas da atualidade.

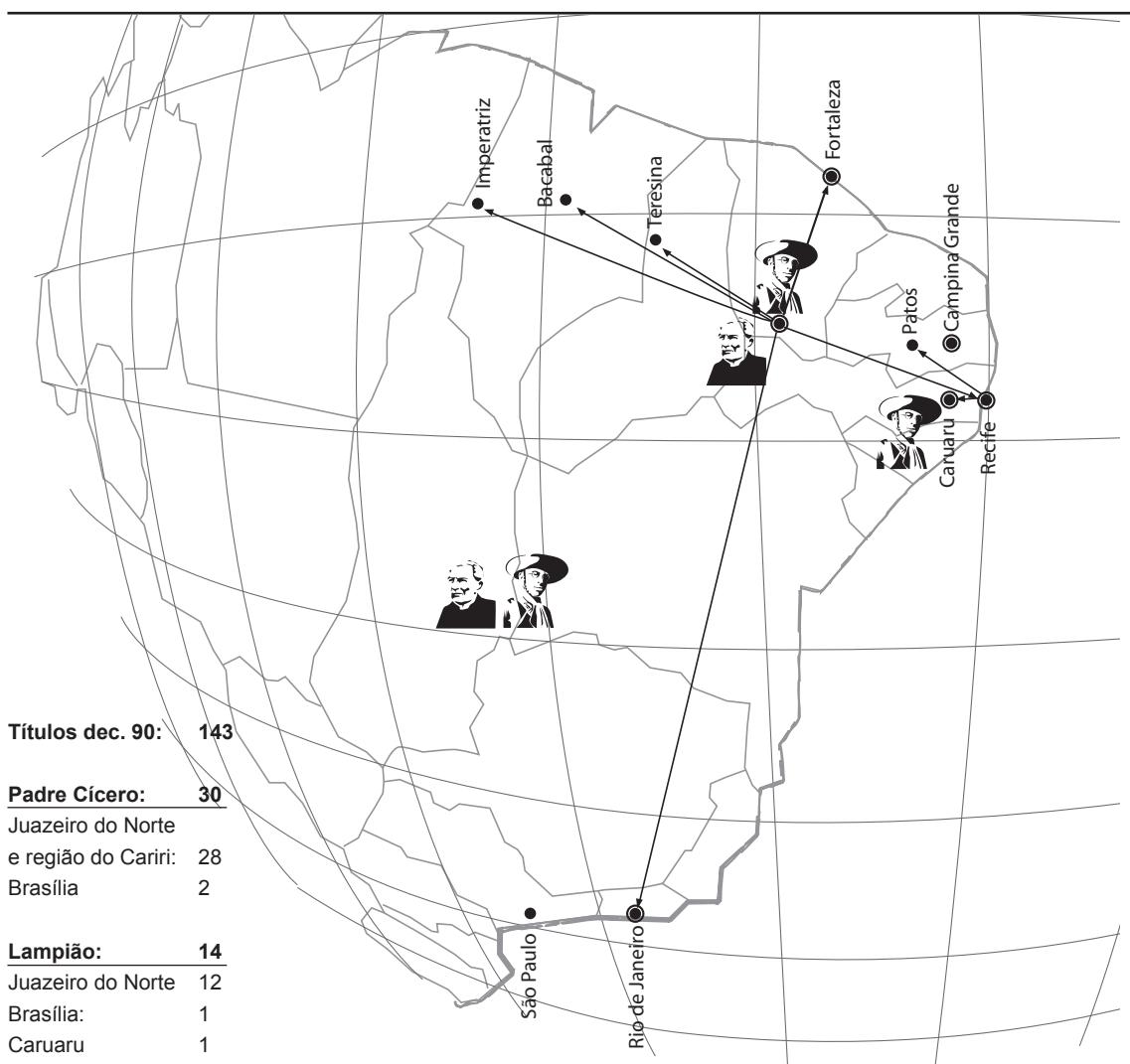
Na mesma década, Lampião encontra Kung Fu em Juazeiro do Norte. Entre os anos 70 e 90 é grande a produção de Dila, de Caruaru, que cruza o cangaço. São títulos que se referem não só a Lampião, mas a Maria Bonita, Pilão Detado, Antônio Silvino ou que trazem a palavras derivadas de cangaço.



1997. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0815)



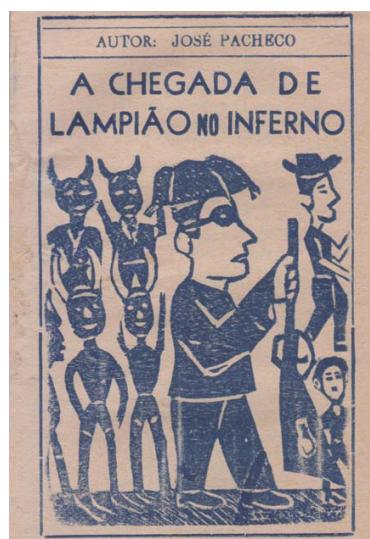
1997. Juazeiro do Norte-CE
(GC- 0512)



Mais de 40 impressos ficaram fora das cartografias apresentadas por não terem indicação de data da publicação.



Sd. Recife-PE
(GC- 0114)



Sd. e sem indicação de editora/cidade
(GC- 0195-a)



Sd. Pernambuco
(GC- 0904)

Qualidade das idéias

No dia 19 de Junho
 Quando a chuva no sertão,
 Caia forte allagando
 As grutas do socavão.
 Em busca de Mossoró
 Caminhava Lampião

O assalto de Lampião a Mossoró onde foi derrotado. Mariano Ranchinho.

E Virgulino invadiu Mossoró cantando *Mulher Rendeira*¹⁰.

Se o cangaceiro queria causar uma discrepância entre o dito e o ato; se, dado seu gênio, queria criar uma imagem bestial, conseguiu. O cangaço produziu de fato imagens que na ficção pedem plano aberto e estereofonia. A saga de Corisco deu mote à Glauber Rocha, virou Cinema Novo, e alcançou Rosemberg Cariri. A performance de Lampião no assalto de Mossoró, por certo, faria inveja a Tarantino.

É sabido que o capitão e seu bando apreciavam a música, a festa, os enfeites, a própria imagem, filme e fotografia. Lampião ficaria satisfeito com a repercussão que alcançou sua história. Bem antes de tomar de assalto os meios audiovisuais, a fama de cangaceiros já corria em voz: “Quando esses tipos ficam célebres por sangrentas façanhas, os cantos rústicos dos menestréis do sertão perpetuam-nos” (2003:145) escreveu Gustavo Barroso, em 1912, quando Virgulino Ferreira da Silva ainda era um desconhecido rapaz de 14 anos. Os célebres da época eram Rio Preto, Víriato, Cabeleira, Jesuíno Brilhante e o alto da escala do cangaço era dominado por Antônio Silvino .

Foi em mil e oitocentos
 de setenta e cinco o ano
 na data dois de novembro
 no sertão pernambucano
 nasceu Antônio Silvino
 cangaceiro veterano

A vida do cangaceiro de nome Antônio Silvino. Antônio Américo de Medeiros.

O juiz lhe perguntou
 _Qual é o nome seu?
 Manoel Batista de Moraes
 Silvino lhe respondeu.

Antônio Silvino no Juri.

Manoel Batista de Moraes (1875-1944), ganhou fama como cangaceiro Antônio Silvino nos fins século XIX. No Brasil já havia sido proclamada a República. Em Recife,

10. Cf. Cascudo, verbete “Lampião” em *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

o paraibano Leandro Gomes de Barros começava a publicar folhetos e romances. O rastro de Silvino virava notícia, narrativa, folheto. Preso de 1914 a 1937 em Recife, Leandro e Francisco das Chagas Batista noticiaram em versos seus julgamentos e debates de advogados. Muito depois, já distante da novidade do ocorrido, estes folhetos continuaram a ser reeditados, pela Prelúdio de São Paulo, por José Bernardo em Juazeiro do Norte. Mais folhetos, de outros autores, continuaram reinventando suas façanhas.

Que renda se faz a fio de faca?

A emergência do cangaço, sua organização, seu espalhamento no território, suas formas de ser e de se mostrar, dá matéria para tantas teses em ciências sociais, tantas histórias de costumes, como pesquisas em comunicação e semiótica. Nesse tecido, os folhetos impressos são somente uma costura aparente. Os folhetos que versam o cangaço vão dos noticiosos sobre os feitos às mais livres narrativas guiadas pela imaginação, contando aventuras de Lampião e seus cabras, neste e nos outros lados da vida.

O que interessa à tese da rede de cordéis é a escolha do tema como memória, e o que implica essa memória em termos de conectividade para a rede. O que se reflete aqui é não apenas o surgimento dessas narrativas, como reportagens de época, mas, principalmente, a sua escolha pelo coletivo, que se percebe pelas reedições dos que se tornam clássicos.

É insuficiente apostar que a rede se valeu da agonia do cangaço para estabelecer seus laços na luta contra um mal comum. Uma intrincada teia de pactos temporários podem ser estabelecidos entre ameaça e proteção. Também é rasa uma idéia que se enalteça na figura de Lampião o bandido, como oposição a lei.

Lampião vivo, não é certo que fosse única a idéia em torno dele, mas um bando. Outras idéias vão se somar com o tempo. Considerem-se os tantos títulos menos assustadores, que trazem o nome Lampião, como *O apaixonamento de Maria Bonita por Lampião; Encontro de Lampião com um falso Lampião; Encontro de Lampião com Kung-Fu em Juazeiro do Norte, Lampião na China. No Debate de Lampião com São Pedro*, seguem-no mesmo impresso: *ABC do Amor*.

Os títulos com a palavra Lampião vão se multiplicar como se multiplicam as imagens de cangaceiros, junto com zincotipias de casais em pose de namoro, imagens de santos, xiros engracadas com animais ou híbridos. São imagens portadoras de idéias que têm potência de conexão. Resta saber quais dessas idéias serão escolhidas pelo coletivo. E entre aquelas que versam Lampião, temos *A chegada de Lampião no inferno* é o folheto

que encontra mais reedições na base Baú-folhetos. A escolha pode ser uma pista.

O folheto de 16 páginas, começa:

Um cabra de Lampião
por nome Pilão deitado
que morreu numa trincheira
um certo tempo passado
agora pelo sertão
anda correndo visão
fazendo malassombrado

Chegada de Lampião no inferno, José Pacheco

A introdução parece assustadora, mas é seguida por diabruras ilárias de Lampião infernizando a vida da capetada, que tem apelidos jocosos e costumes de gente viva. Tudo se passa como se fosse numa pequena cidade, com o incêndio do mercado, queima de livro de pontos, causando um absurdo prejuízo material. Faz rir também a teima, elemento das discussões e pelejas, no embate do cangaceiro com o vigia do portão do inferno. É notável que o Lampião de José Pachêco já não pode ser o mesmo dos folhetos-reportagem dos anos 20. Cruzam por essa curta narrativa elementos do logro, do debate, do picaresco. Por outras narrativas que versam Lampião vão cruzar ainda outras idéias de aventura, histórias de valentes, romance de cavalaria e imagens do velho oeste americano disseminadas pelo cinema.

E “nem tudo foi Lampião”, como escreveu Dila, em título de folheto.

Entre os nomes mais recorrentes temos também Padre Cícero. Figura cuja passagem se confunde com a história de uma cidade. O cordel resume:

Juazeiro era deserto
passou a povoação
já foi vila, hoje é cidade
do Padre Cícero Romão
não tarda a ser capital
e do céu uma estação.

Nascimento vida e morte do Padre Cícero Romão, Antônio Domingos dos Santos

A sextilha comprime o longo período entre a formação do povoado, a emancipação e o crescimento de Juazeiro do Norte. Deixa, por fim, uma alusão à conexão da estrada de ferro, atribuída aos esforços de Padre Cícero, como se fosse outra conexão.

Não é tarefa fácil resumir em um parágrafo os fatos da biografia de Cícero Romão Batista, que deu mote a muito folheto. Mas não interessa aqui o Cícero histórico. Justamente é a quantidade de títulos que o evocam que interessa à rede de idéias. É interessante notar que, como Lampião, Cícero aparece na literatura de folhetos em reportagem

de época, escrita em versos. Ele é apontado de Recife, por Athayde que escreve de seu encontro com Lampião. Depois de sua morte, vão contar sua vida, milagres profecias, vão encontrar cartas e avisos, vão lembrar, rezar e fabular a sua memória. Aí, grande parte das publicações terão origem em Juazeiro, ainda que se percebam relatos produzidos em outras cidades, reverberando a fonte mais constante.

A repetição dos relatos não abrange todas as dimensões do personagem. O Cícero político, que participou da emancipação de Juazeiro do Norte, que viveu a Guerra de 14, que foi prefeito, neste menos se fala. A escolha coletiva preferiu se deter no aspecto místico de sua vida (cf. Carvalho, 1998: 60). O que se guarda é uma imagem de acolhimento, como a da sombra dos Juazeiros que servia de pouso a tropeiros antes da fundação do povoado. À sombra do padre ainda descansam as levas de romeiros.

Hoje, passados mais de setenta anos de sua partida *A pranteada morte de Padre Cícero Romão*, continua sendo um dos folhetos mais reeditados. Os que choram a sua saudade, não conhecem em vida, mas o reconhecem em imagens cada vez mais distantes do caráter indicial das zincotipias. Imagens que vão perdendo aresta e detalhe, ficando redondas, como também se suavisa sua nomeação, que perde os sons rascantes, e se simplifica em “padim ciço”.

Como faz saber a hagiografia, São Pedro tem a chave do céu, São Miguel tem asas e espada, São Lázaro é acompanhado de um cachorro, Santa Luzia Carrega os olhos em um prato. Padre Cícero, não canonizado, mas eleito, é reconhecido pelo hábito preto, chapéu e bengala. Elementos que fazem quase prescindir suas feições. O rosto reaparece sisudo ou preocupado, é o padre fazendo advertências. Quem acolhe, também impõe restrições de comportamento. Padre Cícero, nos anos 90, estende seus conselhos à ecologia.

No caso do Padre Cícero, a vigília do seu exército de romeiros vai rejeitar títulos que possam ferir a imagem do padre. Mesmo assim, o personagem não está livre de viver outros encontros. O ano de 1926 marcou seu encontro com lampião, marca também a chegada do trem à cidade de Juazeiro do Norte. Como já se viu, conexões serão importantes no estabelecimento da literatura de folhetos. De Recife, o grande editor Athayde aponta a cidade ainda pequena, na região do Cariri. Talvez José Bernardo tenha lido os sinais. A cidade havia de crescer, por condições de ambiente, mas também por força de vontades e idéias. A idéia de acolhimento alimenta a cidade.

A maior qualidade nas idéias que passam por Padre Cícero e Lampião está na sua diversidade. A diversidade contribui para a adaptação e a permanência dos personagens, propostos em folhetos, apurados e selecionados pelo coletivo.

Vale observar no relatório de Baú folhetos, em anexo, a diversidade de temas em cada década. Se personagens sobrevivem pela qualidade e diversidade das idéias que encarnam, também a literatura de folhetos vai persistir pela sua permeabilidade à novidade e por contar, em boa parte da sua história com um sistema coletivo de apuração de sua memória.

Não se pode deixar de lado que o incremento das tecnologias de transporte e de comunicação não apenas vai interferir na disseminação, portanto na cartografia das idéias, mas também vai por em contato uma diversidade de produções. A literatura de folhetos que se forma por encontros, por passagens, uma literatura de levar no colo, no dizer dos franceses, tem cada vez mais meios de empreender suas viagens.

Os meios irão modificar as formas de organização, e nem tudo é ganho. Os agentes, solução de vencer distância e economia de meios, acabaram por se tornar nós preciosos na rede. Conseguiam estoques mais variados que a maior parte dos editores, operavam como compiladores das escolhas do coletivo. Agora, resta perguntar sobre o coletivo que acolhe as idéias.

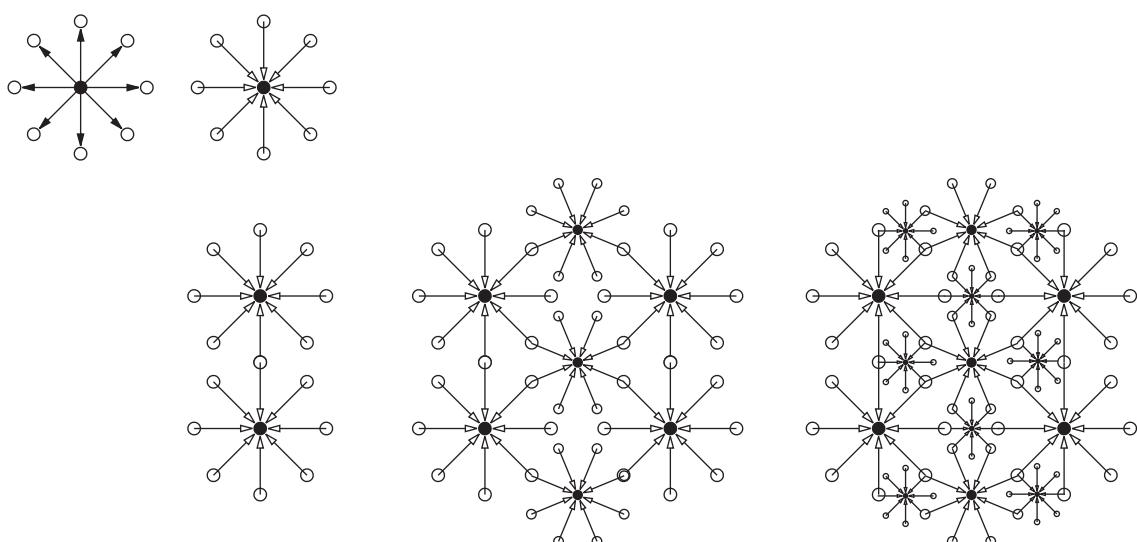
Cordel, rede e comunicação

Até agora descrevemos redes formadas pela relação entre elementos de uma mesma natureza, fossem pessoas, no caso das redes sociais e de trocas, fossem cidades, no caso da rede de distribuição no país. Os grafos estendidos sobre os mapas serviram para se especular sobre caminhos potenciais de algumas idéias em diferentes períodos. Observar sua persistência no tempo e seu espalhamento no território.

Ora, o que interessa nas idéias é que elas podem influir na potência de conexão entre as pessoas. Se fosse possível *ver* a predisposição à conexão não se trabalharia mais com estrutura, mas com conectividade. Não se trataria só de fatiar o passado, mas especular sobre tendências futuras.

É fato que a metodologia da análise estrutural cuida das estruturas, ou seja, da cardinalidade das conexões em cortes de tempo. Por consequência, trabalha com quadros passados. Pouco se atreve em aferir potência de conexão, embora exista na metodologia uma forma de especular sobre o assunto.

A maior parte das representações que propostas até agora mostram relações direcionais entre os editores e agentes. Numa simplificação pode-se propor como modelo uma relação entre centros emissores e público. O esquema confirmaria as grandes concentrações. Mas se a flecha da relação for invertida, os emissores de atenção aí já serão tantos, que os centros não se distinguirão claramente.

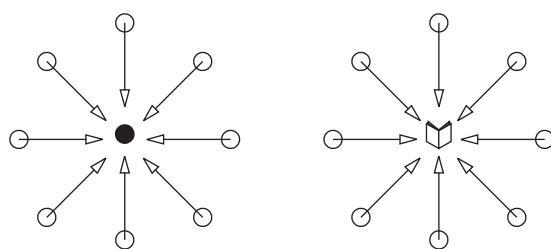


É de se considerar que os limites entre emissor e receptor, se são pouco confiáveis nas comunicações tomadas em rede, o são ainda menos em uma rede tão maleável quanto a do cordel em termos de trocas de papéis. Mas, agora, a proposta é considerar os emissores de atenção.

Por mais que os editores tenham buscado atenção e reconhecimento, é sabido que as pessoas darão mais importância aos heróis e anti-heróis dos romances que aos valentes do mundo concreto que foram lutar com tipografias no meio de tanta gente a fazer queijo, goma, rapadura. É também notório que o público pouco vai considerar as disputas entre editores, ou autores e se encantará mais pelas pelejas da ficção. As preferências se traduzem na seleção de folhetos que vão ser reeditados e se autores ou editores se tornam famosos, é pela fama de seus títulos e não o contrário. O folheto tido como o alvo da atenção.

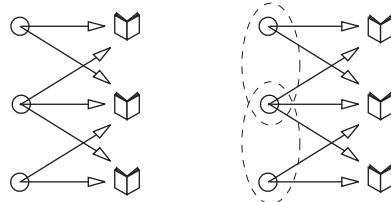
Um caminho para pensar a conectividade estaria na construção de uma *rede de dois modos*¹¹ ou uma *rede de afiliação*¹². Uma rede de dois modos relaciona elementos de grupos distintos. Não considera, por força do método, a conexão entre os indivíduos de um mesmo grupo, mas propõe que haja uma potência de conexão entre aqueles que atendem a um mesmo evento. Redes de afiliação são casos especiais de uma rede de dois modos, nas quais um grupo é de atores e o outro de eventos ou ocasiões sociais.

Uma rede de dois modos de fato, seria aquela estabelecida entre indivíduos ou grupos e folhetos. A seta corresponderia a conexão indivíduo folheto por meio da atenção.



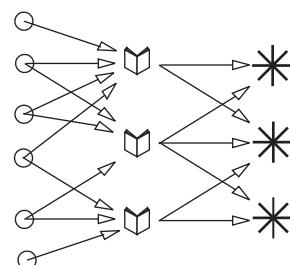
11. Modos são conjuntos diferentes de entidades para as quais as variáveis estruturais são medidas. (WASSERMAN e FAUST, 1999: 35).

12. Redes de afiliação também são chamadas de *hypernetworks* ou *membership networks*. (WASSERMAN e FAUST, 1999: 291-306).

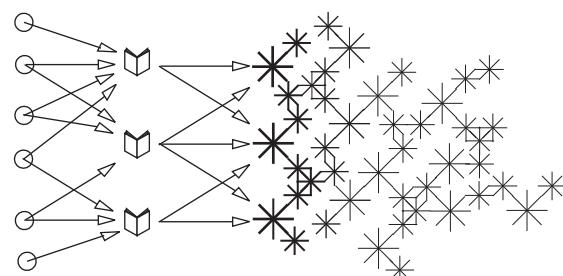


A conexão potencial representada pelo contorno pontilhado, indica que indivíduos têm potência de conexão por compartilhar um mesmo saber. Este saber pode ser uma língua comum, um gosto comum, um problema comum. No nosso caso é uma memória comum, materializada em folheto.

Vamos supor que esta atenção recai sobre um folheto, não por sua materialidade nem pela imagem de capa, embora ela possa dar a partida no processo de atenção, mas por algo imaterial que, pode estar na imagem ou em alguma palavra do título, e vai se confirmar no conteúdo, que corresponde a uma expectativa do indivíduo. Por enquanto, vamos identificar esse algo com aquilo que estamos chamando de idéia. Talvez não seja por uma idéia, abstrata que se curvem as atenções, mas por personagens que encarnam essas idéias. Mas as idéias estão lá, e tanto existem que algumas foram identificadas nas classificações.



No grafo um grupo corresponde as pessoas ou comunidades, outro grupo representa as idéias, um grupo intermediário estão os folhetos. A relação é que pessoas estão dispostas a dar atenção a estas idéias através dos folhetos.



Se folhetos trazem mais de uma idéia e as idéias fazem rede, indivíduos têm sua capacidade de conexão garantida, na rede, pelo conhecimento de apenas algumas idéias.

Para completar o grafo proposto, como exemplo, conforme modelo de relação pessoas, títulos, idéias, faltou apontar as pessoas que teriam escolhido tais títulos. Número e nomes de pessoas que nesses anos têm adquirido, lido, escutado esta história nos escapam completamente.

Contudo elas existiram e deixaram suas marcas na coleção coletada. Nem em nomes, nem em números, mas, através das escolhas operadas podemos garantir que conduziram a seleção de títulos para reedição. Caso o sistema não tivesse capacidade de expressar suas escolhas não haveria uma seleção de memória. Esta é a segunda hipótese: as idéias mais presentes na rede foram escolhidas pelo coletivo.

Só para recordar, a primeira hipótese proposta vem do modelo de redes de afiliação, e é que através do compartilhamento de idéias se aumenta a conectividade do grupo.

A segunda hipótese é que a seleção é índice de escolhas coletivas. Para completar veremos como as idéias permanecem, como novas idéias entram nas correntes de idéias já escolhidas, como elas se adaptam e se modificam para permanecer.

Sobre a qualidade das idéias escolhidas o que interessa à pesquisa é saber se elas interferem na capacidade de conexão entre pessoas. No que tange a qualidade não se questiona se as idéias escolhidas são “boas” ou “ruins” no sentido estético. No sentido estético é de supor que se foram escolhidas são boas, pois que foram aprovadas por audição e o ouvido é sensível aos lapsos de métrica. No sentido ético, sempre se corre o risco de fazer associações superficiais.

Interessa inferir, apenas, de que forma as idéias escolhidas como memória, que fazem um capital cultural, irão contribuir na conectividade do sistema, ou seja, no seu capital social. Para tanto se construiu um modelo baseado em outra lógica, diferente das classificações. Não se pode fugir do reconhecimento de padrões gerais, mas pode-se pensar em continuidades. Assim um folheto, título, romance, não conterá apenas uma e outra idéia por adição, mas uma com potência de vir a ser outra, no tempo. Para observar a atenção através dos folhetos deve-se percebê-los também coletivamente e a resposta encontra-se na permanência das idéias.

Idéias para mais cem anos de cordel

Cordel é nome que todo mundo entende. Mesmo que não concorde com o uso.

Cordel é linha, barbante cordão, embora não se chame assim, por aqui. Aqui cordel ficou sendo toda essa produção de folhetos de versos, e mais. É que as pessoas que pouco sabem do assunto costumam confundir cantoria e xilogravura também de cordel, e elas não estão de todo equivocadas. Muitas outras coisas que não é papel dobrado encadernando onde são impressas letras que formam blocos em versos, têm algo em comum com o que veio a se chamar cordel. Tem um modo de montar as narrativas que pode escapar pro cinema, pra série de televisão, pra história em quadrinhos, pro romance feito livro, que as vezes tem mais parentesco com o cordel que muitos folhetos impressos com vontade de serem de cordel.

Por outro lado nome cordel pode não ser bem aceito, sobretudo entre os que entendem mais do assunto. É que se sabe das nuances que produção carrega, e que o nome foi tardio, foi emprestado, e sua adoção coincide com determinado período que sua produção já teria acumulado transformações que a distinguiram do que foi em emergência.

É pra desconfiar que tudo que pareça com folheto ou literatura de cordel mereça este nome. Não por causa da duma ascendência européia, filiação portuguesa, com a possibilidade exótica de trazer memória dos povos mais a oriente que ocuparam a Península Ibérica. De fato, o cordel transparece traços de todas estas passagens e sobretudo não deixa de ser negro e índio. Tão índio e tão negro, de fato, na voz de tantos cantadores, que nem é preciso marcá-lo em tinta de livro. Índio e ibérico e árabe e negro. Combinado em tinta de vida, e nem sempre em relações cordiais. O cordel é mais um emaranhado de linhas, por isso se torna árdua sua definição.

É comum ouvir que o cordel é nordestino. O que se justifica pela sua produção de peso nos estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará, Bahia. Todavia, é da sua natureza se espalhar e como se viu, desde o início, alcançou outros estados e regiões do país, não apenas pela leitura, mas também pela produção. No Rio de Janeiro, contaminou-se de temas da urbanidade. Em São Paulo, se por um lado reproduziu as narrativas tradicionais da Luzeiro do Norte, por outro imprimiu a marca da indústria na sua forma de apresentação. Folhetos revisados e com ficha catalográfica.

O problema permanece se tentarmos descrever o cordel na sua materialidade. O que se fez cordel nasce ao pular os limites do oral ao escrito, sem contudo deixar de levar os

hábitos de um território para outro. No território do objeto material, o folheto de cordel não permaneceu totalmente homogêneo. Há um formato que tornou-se recorrente. Uma constrição econômica, em função do aproveitamento do papel; uma vantagem prática, a portabilidade no bolso. Mas não significa que impresso em tamanho mais generoso o faça menos cordel. Também caracteriza o cordel tradicional a impressão tipográfica, sobretudo a composição manual, que com seu faz-desfaz favorece as recriações do texto. Porém, um exemplar de “A chegada de Lampião no inferno” editado eletronicamente, e impresso em ofsete seria menos folheto de cordel? Vamos tentar inver a questão: qualquer texto escrito numa métrica tradicional, impresso em uma oficina tipográfica, ilustrado por xilo ou clichê, pode ser chamado, folheto de cordel?

Ainda se colocam à prova o saber de seus autores. Hoje, não são poucos aqueles com formação universitária. Em tempos de Leandro, a passagem da viola à prensa representou uma primeira tomada de território. Tanto se amplia alcance de uma voz pela posse do meio de reprodução, como se vê aumentada a notoriedade do poeta, que começa a chamar a atenção de outros públicos. A alcunha “poeta de gabinete” revela o valor conferido aos símbolos do saber institucionalizado. Por parte dos pares, o reconhecimento confere o prenome de “mestre” e é indistinto para letrados e iletrados. Mestres que não dependem de outro reconhecimento se não o social.

As variações são bem mais numerosas que esta dicotomia. Em vida os saberes não se adquirem em blocos fechados. Entre a carta do abc até a leitura dos livros fundamentais para o ofício, um de geografia, um de mitologia, uma história do Brasil e a Bíblia Sagrada, podem se misturar ainda tanto saber não sistematizado em livro. Que dizer de quando esta sabedoria já reconhecida torna-se objeto de tese de literatura? E já são tantas, em tantas áreas do conhecimento, inclusive esta.

Antes mesmo do alcance da academia, o sucesso comercial dos folhetos atraiu um crescente número de produtores, em um cenário onde as oficinas tipográficas tornam-se mais comuns. Era de se imaginar que a forma com “ó” aberto ganhasse força como forma, com “ô” fechado, e fosse usada tanto pelo escritor dito popular como o de formação universitária. Também não se deve ignorar que a produção de folhetos atravessa várias mudanças de políticas educacionais, e que as características dos papéis tomados, no fim do século XIX, não possam ser mais ser as mesmas, neste início de século XXI.

Misturado que é o cordel de muitas influências, pegar sua linha pra desenhar um contorno é luta sem fim. A linha do cordel é muito mais a que liga do que a que separa. É

a linha de dentro que estrutura e costura. Estrutura formas de produção e de distribuição. Costura confiança entre pessoas. E se esfiapa em todos os sentidos, no que foi e no que há de vir. E sempre que se tente propor um corte, pra mostrar uma seção plana, ela se desfiará em muitas dimensões.

Ao invés de definir, no sentido de delimitar estabelecer começo e fim do cordel, o objetivo desta pesquisa foi cruzar fronteiras. Por isso também não lidamos com ciclos, temas fechados, exceto pelo seu reconhecimento. A razão de ser do ciclo é estabelecer gerais, prática do pensamento taxonômico. Tentamos outro exercício: pensar por conexão. Isso não é novo, nem tão diferente, na verdade é bem parecido, mas ocorre uma mudança de operador lógico. Enquanto as classificações se valem do “ou”, as conexões se fiam no “e”. Desta forma não precisamos destruir o marco de ninguém, basta entrar na fortaleza e ir abrindo as portas entre as câmaras.

O recheio do baú de dados se deu, na prática, sem critério e qualquer coisa que parecia, ou se dizia folheto de cordel, e fosse possível de escaneamento entrava no baú, junto com romances reconhecidos como clássicos, produzidos pelas técnicas tradicionais. Não se sabe onde as idéias vão parar, e vemos melhor quais idéias ganham consistência em continuidade com experiências de menor sucesso.

A rede de idéias produziria grafos tão densos, que foi preciso abstraí-la ao máximo para explicitá-la.

Antes que a rede de computadores conectados pudesse cobrir o mundo com a sua malha, a fina estrutura de distribuição de folhetos já havia tecido muita renda. E a capilaridade incontável operava suas escolhas, elegia sua memória.

Sempre se pergunta sobre o futuro do cordel. Depois de observar os sinais deixados nos folhetos, arrisco algum juízo para os anos que virão. O futuro do que veio a ser reconhecido como cordel é continuar mudando. Mudando de prelo, mudando de tecnologia mudando de suporte. Se um dia mudará a ponto de merecer outro nome ou perder o nome ou ser esquecido, isso vai depender do coletivo. Para não perder o caráter coletivo é importante não deixar de fazer rede. O cordel não pode sobreviver à falta de atenção. Por isso, uma vez que se reconhece o que foi a literatura de folhetos em termos de uma produção emergente e autônoma, convém considerar a permanência de algumas de suas idéias e práticas. Daí a importância também da sua memória.

Para o futuro do cordel, ele produziu sua própria estratégia: continuação que envolve imitação, inovação e adaptação. Para conduzir o movimento, quanto mais plural e

ativa for a audiência, mais confiança, maior conectividade.

A importância da memória fica clara na observação do acervo recolhido e estudado nessa pesquisa. Muito do entendimento vem do convívio com os folhetos.

Mas hoje desconfio que as fontes possam me enganado, um pouco. Tomei coleções das mãos de outros pesquisadores. Encontrei folhetos raros em instituições. Só assim pude somar títulos, que talvez hoje estivessem por completo jogados no esquecimento, não fosse nossa complexidade ter possibilitado esta prótese da lembrança coletiva que são as instituições de memória e seus obsessivos arquivistas (entre os quais doravante me incluo).

Encontrei, fora dos centros de distribuição, em lugar remoto, uma praia não sertão, uma pequena seleção da memória.



Acervo vivo de Maria

Dona Maria pede para as netas lerem romances para ela. Guarda um bocado deles, e diz que tinha uma caixa cheia. De emprestar, perdeu muitos. Pelos nomes escritos nos seus, alguns parecem terem sido emprestados a ela. Os folhetos são a maior parte da década de setenta e oitenta. Devido a maresia e ao uso, aparecam mais idade. Alguns estão sem capa, com capa rasgada e remendada com fita adesiva. Muitos são da Luzeiro de São Paulo, com capas coloridas, em menor número tem da Lira Nordestina (*Príncipe do Barro Branco e Princesa do Reino do Vai Não Torna*), e um de Manoel Caboclo (*Mulheres de Pedra*). Entre os da Luzeiro uma *Donzela Teodora* e uma *A Louca do Jardim*. Alguns eu nunca havia visto, e ela guardou separado os que ela não gosta muito (agora me arrependo de não tê-los reparado com calma). Dona Maria esperava que eu lesse para ela. A neta havia lhe dito que eu gostava de romances. No que ela subentendeu *ler* romances. Afinal pra que eles são feitos? Então eu li pedaços de um que ela escolheu. Ela sabia uns pés decorados e completava. Quando comecei, se juntaram a nós, outros que estavam pela casa. A tarde já estava pro fim e apressei pulando umas partes pra terminar antes que anoitecesse. Coisa que não agradou muito. Pra compensar, prometi voltar com outros romances.

Dona Maria pede que eu procure um dos folhetos que emprestou e não teve volta:
“Índio Leão da Selva”.



Referências Bibliográficas



- ALEGRE, Sylvia Porto (1994). *Mãos de Mestre*. São Paulo: Maltese.
- ANDRADE, Mário (1983). *O turista aprendiz*: viagem etnográfica. São Paulo: Duas Cidades.
- ATHAYDE, João Martins de (2000). *João Martins de Athayde*. Antologia. Introdução e Seleção Mário Souto Maior.
- AZEVEDO, Jandira Carvalho de (org.) (1959). *Histórico da R.V.C.* (Rede de Viação Cearense). Fortaleza: Rede Ferroviária Federal S.A..
- ARAÚJO, Maria Celina Soares (2003). Capital Social. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed..
- BAKHTIN, Mikhail (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo : Huitec.
- BARAT, Josef (1974). *A evolução dos transportes no Brasil*. Rio de Janeiro. IBGE, IPEA.
- BARBOSA, Walmir de Albuquerque (1996). *O Cordel na Amazônia*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.
- BARDI, Lina Bo (1994). *Tempos de Grossura*: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.
- BARROSO, Gustavo (2003). *Terra de sol*. Introdução Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- BARTHES, R. e MARTY, E. (1987). “Oral/escrito” em *Oral/escrito, argumentação*. Enciclopédia Einaudi Volume XXI . Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- BATISTA, Francisco da Chagas (1929). *Cantadores e poetas populares*. Parahyba: Popular Editora.
- BERGSON, Henri (1979). *A Evolução Criadora*: Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- BERTALANFFY, Ludwig von (1975). *Teoria Geral dos Sistemas*. Tradução Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes.
- BOLLÈME, Geneviève (1988). *O povo por escrito*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- BORGES, José Francisco (sd) *Mémórias e contos de J. Borges*. Bezerros: Gráfica Borges.
- BRAUDEL, Fernand (org.) (1985). *La Méditerranée*: l'espace et l'histoire. Flamarrion.
- BRIGGS, Asa e BURKE, Peter (2004). *Uma história social da mídia*: de Gutenberg à internet. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BUNGE, Mário Augusto (1979). *Treatise on basic philosophy*. Vol. 4. Dordresh: Kluwer
- BURKE, Peter (2003). *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CANETTI, Elias (1983). *Massa e poder*. Tradução Rodolfo Krestan. São Paulo: Melhoramentos.
- CARVALHO, F. Gilmar de (1987) “Editoração de Folhetos Populares no Ceará” em *Revista de Comunicação Social*. Volume 17 no 1 e 2.
- CARVALHO, F. Gilmar de (1994). *Publicidade em cordel*: o mote do consumo. São Paulo: Maltese.
- CARVALHO, F. Gilmar de (1998). *Madeira matriz*: cultura e memória. São Paulo: Annablume.

- CARVALHO, F. Gilmar de (2000). *Poetas do povo do Piauí*: a mídia cordel. São Paulo: Terceira Margem..
- CARVALHO, F. Gilmar de (2005). *Artes da tradição*: mestres do povo. Fortaleza: Edições LEO.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1953). *Cinco livros do povo*: Introdução ao estudo da novelística no Brasil. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1959). *Rede de dormir*: uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1968). *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro Bloch editores.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1979). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos.
- CASCUDO, Luís da Câmara (2000). *Vaqueiros e cantadores*: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CASEMIRO, Renato (2001). *José Bernardo da Silva*: personagens do Juazeiro. Álbum de Xilogravuras, Vol. I. Juazeiro do Norte.
- Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, INEPAC Divisão de Folclore (1985). *O cordel no grande Rio de Janeiro*. Catálogo.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho (2000). *Rodolfo Coelho Cavalcante*. Antologia. Introdução e seleção Theodoro Wanke. São Paulo: Hedra.
- CEARÁ, Secretaria de Cultura e Desporto e Promoção Social.(1978) *Antologia da literatura de cordel*. Fortaleza.
- COLOMBO, Fausto (1991). *Os arquivos imperfeitos*: memória social e cultura eletrônica . Tradução Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva.
- COSTA, Rogério da (2002) *Cultura digital*. São Paulo: Publifolha.
- COSTA, Rogério da (2004) “Inteligência Afluente e Ação Coletiva: A expansão das redes sociais e o problema da assimetria indivíduo grupo” em *Razón y Palabra*. Disponível em <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/actual/rdcosta.html>. Acesso em 02 de dez. de 2004.
- COSTELA, Antônio (1984) *Introdução à gravura e história da xilografia*. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira.
- CUNHA, Euclides da (2001) *Os sertões*: Campanha de Canudos. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial.
- CURRAN, Mark (1973) *A literatura de cordel* . Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- CURRAN, Mark (1998) *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp.
- DEGENNE, Alain e FORSÉ, Arthur (2004) *Introducing social networks*. Tradução: Arthur Borges. Londres: Thousand Oaks, Nova Deli: Sage Publications.
- DELEUZE, G. (1974). “Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo” em *História da filosofia*: idéias, doutrinas . Vol.VIII O século XX. CHATELET, F. (org.). Tradução de Hilton F. Japiassu. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix (2000) “Rizoma” em *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto e Cecília Pinto da Costa São Paulo: Editora 34
- DELLA CAVA, Ralph (1976). *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yeda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- DERRIDA, Jacques (1999) *Gramatologia*. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva.
- DERRIDA, Jacques (2001). *Mal de arquivo: uma abordagem freudiana*. Tradução Cláudia moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- DIÓGENES, Germano Sanford (2002) *Uma contribuição ao Estudo dos Indicadores de Desempenho Operacional de Ferrovia de Carga: o caso da Companhia Ferroviária do Nordeste – CFN*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE.
- FENTRESS, J. e WICKHAM, C. (sd). *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Tradução Telma Costa. Lisboa: Teorema.
- FERREIRA, Benedito Genésio (1989). *A estrada de ferro de Baturité: 1870-1930*. Fortaleza: Edicões Universidade Federal do Ceará, Stylus Comunicações.
- FERREIRA, Orlando da Costa (1977). *Imagen e letra: Introdução à bibliologia Brasileira*. São Paulo: Edusp.
- FLOREZ, Juliana Emma Radvány (2004). *Comunicação e praxis: socionomia em sistemas complexos psicosociais*. Tese de Doutorado. Comunicação e Semiótica. PUC SP. Tese de Doutorado. Comunicação e Semiótica. PUC SP.
- FLUSSER, Vilém (1998). “Mémória” em *Ficções filosóficas*. São Paulo: Edusp.
- FOUCAULT, Michel (1999). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel (2002) O que é um autor? Tradução Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Vega.
- GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Fundação Instituto Brasileiro de. Diretoria Técnica (1977). *Geografia do Brasil*. Vol2. Região Nordeste. Rio de Janeiro, SERGRAF.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (2001) Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica.
- GORDON, Deborah (2002) *Formigas em ação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HALBWACHS, M. (2004). *A memória coletiva*: Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro.
- HALLEWELL, Laurence (1985) *O Livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria Penha Villalobos e Lílio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- KIDDER, Daniel P (1980). *Reminicências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil*. Traducão Moacir N. de Vasconcelos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- KUNZ, Martine (2001) *A Voz do verso*. Fortaleza: Museu do Ceará.
- LE GOFF, Jaques (1996) “Memória” em *História e memória*. Tradução Bernardo Leão et al., Campinas: Editora da UNICAMP
- LESSA, Orígenes (1984) *A Voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- LÉVY, Pierre (2001). *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola.

- LITERATURA popular em verso (1961). *Catálogo* Tomo I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- LITERATURA popular em verso (1973). *Estudos* Tomo I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- LITERATURA popular em verso (1976). *Antologia* Tomo I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campina Grande: Fundação Universidade Regional do Nordeste.
- LITERATURA popular em verso (1977). *Francisco das Chagas Batista. Antologia*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- LITERATURA popular em verso (1977). *Leandro Gomes de Barros. Antologia* Tomo III. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal da Paraíba.
- MATOS, Edilene (1986). *O imaginário na literatura de cordel*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Edições Macunaíma.
- MATOS, Edilene (2002). *A outra face dos Fundos Villa-Lobos*: a poesia popular. Pesquisa de pós-doutorado. IEB-USP.
- MATOS, Edilene (2004). *Cuíca de Santo Amaro*: o boquirroto demegafone e cartola. Rio de Janeiro: Manatti.
- MOREIRA, Sônia Virgínia (1991). *O Rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed..
- MORENO, J. L (1954). *Fondaments de la sociométrie*. Tradução H. Lesage. Paris: Presses Universitaires de France.
- MOTA, Leonardo (1962). *Violeiros do norte*: poesia e linguagem do sertão nordestino. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- MÜHLLHAUS, Carla (2004). “Para além da pedra e cal” em *Nossa História*. Ano 2 No. 13. Biblioteca Nacional. Editora Vera Cruz.
- ONG, Walter J. (1999). *Oralidad y escritura*: tecnologias de la palabra. Tradução Angélica Scherp. Colombia: Fondo de Cultura Econômica.
- PETITOT, Jean (1988). “Centrado/acentrado” em *Lógica combinatória*. Enciclopédia Einaudi Volume XIII. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PIRES FERREIRA, Jerusa (1993) *Cavalaria em cordel*: o passo das águas mortas São Paulo: Huitema.
- PIRES FERREIRA, Jerusa (1999). “Livros e editoras Populares” em *Livro editoras e projetos*. Jerusa Pires Ferreira (et al). São Paulo: Ateliê Editorial; São Bernardo do Campo: Com Arte, Bartira.
- PIRES FERREIRA, Jerusa (2003). *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia: Ateliê Editorial.
- PIRES FERREIRA, Jerusa (org.) (1995). *Editando o editor*: Arlindo Pinto de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- POMIAN, K. (1992). “Estrutura” em *Método- Teoria/modelo*. Enciclopédia Einaudi Volume XXI. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PROPP, Vladmir (2000). *Morfologia do Conto*. Vega.
- RAMOS, Everardo (2005) *Du marché au marchand*: la gravure populaire brésilienne. Catálogo. Musée du dessin et de l'estampe originale.
- ROSENSTIEHL, Pierre (1988) “Grafo” em *Lógica combinatória*. Enciclopédia Einaudi Volume XIII. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- ROSENSTIEHL, Pierre (1988) “Labirinto” em *Lógica Combinatória*. Enciclopédia Einaudi Volume XIII. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- ROSENSTIEHL, Pierre (1988). “Rede” em *Lógica Combinatória*. Enciclopédia Einaudi Volume XIII. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- SALLES, Vicente (1971) . “Guajarina, Folhetaria de Francisco Lopes” em *Revista Brasileira de Cultura* nº 9, jul./set.
- SALLES, Vicente (2003) “Introdução”em *Zé Vicente poeta popular paraense*. São Paulo: Hedra.
- SAROLDI, L.C. e MOREIRA, S. V. (2005). *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. rio de Janeiro Jorge Zahar.
- SERRRES, Michel (sd). *A comunicação*. Tradução Fernando Gomes. Porto: RÉS Editora.
- SILVA, Manoel Caboclo e (2000) *Manoel Caboclo*. Antologia. Introdução e Seleção Gilmar de Carvalho. São Paulo: Hedra.
- SILVA, Marcos(org) (2003). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto.
- SILVA, Minelvino Francisco (2000). *Francisco Minelvino da Silva*. Antologia Introdução e Seleção Edilene Mattos. São Paulo: Hedra.
- SLATER, Candace (1984). *A vida no barbante*: a literatura de cordel no Brasil. Tradução Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SOUZA, Liêdo Maranhão (1975). *O Mercado, sua presença e a cultura popular do Nordeste*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife.
- SOUZA, Liêdo Maranhão (1981). *O Folheto popular*: sua capa e seus ilustradores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana.
- TARDE, Gabriel (1978) *As leis da imitação*. Tradução Carlos Fernandes Maia e Maria Manuela Maia. Porto: Rés-Editora
- TELES, Pedro Carlos da Silva (1993). *História da engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro. Claveiro Edição.
- TELES, Pedro Carlos da Silva (1984). *História da engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro. LTC Livros Técnicos e Científicos Editora.
- TERRA, Ruth Brito Lemos (1981). *A Literatura de Folhetos nos Fundos Villa-Lobos*. São Paulo: IEB - USP.
- TERRA, Ruth Brito Lemos (1983). *Memória de lutas*: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global.
- VIEIRA, Jorge A.(2006) *Ciência*: Formas de conhecimento Arte e Ciência, uma visão a partir da Complexidade. Editora Annablume (no prelo).
- VIEIRA, Jorge A.(2006) *Teoria do Conhecimento e Arte*: Formas de conhecimento Arte e Ciência, uma visão a partir da Complexidade. Editora Annablume (no prelo).
- VIEIRA, Jorge de Albuquerque (2003). “Sistemas e significação” em *Produção de Sentido*: estudos transdisciplinares. FELTRES, H.P.M. (org.) São Paulo: Annablume.
- WASSERMAN, S. e FAUST, K. (1999). *Social network analysis: methods and applications*. New York: Cambridge University Press.

- WELLMAN, B. e BERKOWITZ, S. D.(orgs) (1991). *Social structures: a network approach*. New York: Cambridge University Press.
- YATES, Frances A. (1966). *The art of memory*. Chicago: The University of Chicago Press.
- ZUMTHOR, Paul (1993) *A letra e a voz: a literatura medieval*. Tradução Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras.
- ZUMTHOR, Paul (1997) *Introdução a poesia oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira. São Paulo : Huitema.
- ZUMTHOR, Paul (2000) *Performance, recepção, leitura*. Tradução Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Educ.
- ZUMTHOR, Paul (2005). *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. Tradução Jeruza Pires Ferreira e Sônia Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)

[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)

[Baixar livros de Literatura Infantil](#)

[Baixar livros de Matemática](#)

[Baixar livros de Medicina](#)

[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)

[Baixar livros de Meio Ambiente](#)

[Baixar livros de Meteorologia](#)

[Baixar Monografias e TCC](#)

[Baixar livros Multidisciplinar](#)

[Baixar livros de Música](#)

[Baixar livros de Psicologia](#)

[Baixar livros de Química](#)

[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)

[Baixar livros de Serviço Social](#)

[Baixar livros de Sociologia](#)

[Baixar livros de Teologia](#)

[Baixar livros de Trabalho](#)

[Baixar livros de Turismo](#)